

HEZARO VIANA

um sonho *de* amor

Quando a vida frustra os sonhos,
somente o amor pode restaurá-los.





Sonho de Amor

Quando a vida frustra os sonhos,
somente o amor pode restaurá-los.

Hezaro Viana

PERIGOSAS NACIONAIS

Para Kelly Cristine e Joana,
meu sonho de amor realizado

Minha Gratidão

...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Louise finalizou a maquiagem, colocou lente de contato escura e peruca em corte chanel também escura. Olhou fixamente para sua imagem no espelho e estava exatamente como queria: irreconhecível.

— Muito bem — disse baixinho para si mesma.

Levantou-se, arrumou o vestido curto e extremamente justo, equilibrou-se sobre as sandálias de saltos altos e ensaiou um desfile pelo pequeno quarto. Imaginou-se em seu primeiro trabalho como modelo, sendo fotografada e disputada por todos que admiravam sua beleza e, com o sucesso obtido, novas oportunidades para campanhas publicitárias e desfiles se abrindo no Brasil e até no exterior. Deu mais duas voltas pelo

PERIGOSAS ACHERON

cubículo pouco iluminado, parando em poses que ela tanto vira modelos famosas fazerem na televisão e, então, voltou curvada para diante do espelho.

Muito lentamente, foi levantando a cabeça até reencontrar os olhos nos quais nem mesmo as lentes conseguiam esconder a tristeza que se instalara. Observou o rosto estranho, que jamais reconheceria se a transformação com a maquiagem pesada tivesse sido feita por outra pessoa, e se sentiu sufocar. Parecia presa em um corpo que não era mais o seu. Cuidadosamente, retirou as lentes, revelando olhos azuis que insistiam em brilhar, ainda que pesados, com esperança de que tudo mudasse a qualquer momento, findando o terror no qual vivia.

Então, como que um túnel em espiral para o passado, seus olhos puxaram suas lembranças até o ponto onde começara seu pesadelo. Pôde ver os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pais dizendo para que não se aproximasse do rapaz recém-chegado à cidade – ele tinha cara de vigarista. Viu também o irmão. Ele dizia que se ela desse ouvidos à conversa do desconhecido, nunca mais deveria chamá-lo de mano. Viu parentes e amigos que tinham a mesma opinião e, em contrapartida, viu sua própria imagem dizendo que sabia que ele a amava e que prometia poder realizar seu grande sonho.

Com os pensamentos de volta ao quarto, teve ódio do homem que antes dizia amar e teve também ódio de si mesma. Respirou profundamente e abriu a boca o máximo que pôde para não chorar, técnica que uma amiga lhe ensinara num concurso de beleza. Depois achou que mesmo que quisesse chorar não conseguiria. Chorara toda lágrima que havia em seu corpo nas últimas semanas.

Mirela, sua colega de quarto, abriu a porta bruscamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está pronta? – perguntou.

— Nunca estarei pronta para isso – respondeu Louise, sentando na banquetta velha. — Sabe que estou sendo obrigada.

— É melhor relaxar e pensar na grana que pode ganhar se fizer tudo direitinho.

— Nunca vou relaxar. Você não entende? Levei um golpe!

— Eu sei – Mirela sentou na cama, jogou os longos cabelos negros para trás. — Levou um golpe do destino, do homem que amava e blá, blá, blá... Mas agora você tem uma dívida...

— Que não é real, espero que isso fique bem claro – Louise virou-se de frente para Mirela, completamente infeliz. — Não gastei todo esse dinheiro em quatro semanas!

— Eu sei, querida. Mas isso não interessa para eles. Terá de pagar. Agora vamos – Mirela se levantou e passou-lhe o batom. Louise retocou os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lábios e recolocou as lentes, e Mirela continuou: — Está linda! É só saber escolher e logo saldará sua dívida.

Na porta para o corredor, Louise parou:

— Não vou – falou, decidida.

— Como não vai?

— Não vou. Decidi agora.

— O pior é começar e você já começou, garota.

— E não quero continuar com isso.

Mirela chegou bem perto da colega.

— Louise, você não está em condições de escolher, de decidir se sim ou se não. Alguém já escolheu por você. Alguém que pode arruinar e muito a sua vida, caso tente dar uma de espertinha – Mirela ajeitou a bolsa no ombro de Louise. — Você é linda, pode conseguir pessoas que paguem bem e então sair daqui mais rápido do que imagina.

— Estou decidida: vou fugir hoje – Louise insistiu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está louca, Louise? Pegariam você antes que conseguisse um ônibus para casa. Você não está lidando com amadores. São todos profissionais aqui, uma verdadeira quadrilha.

— Posso fugir e avisar minha família...

— Uma família que não quer ver você nem pintada de ouro?! Se liga, garota. Não chegaria a lugar algum sem grana.

— Eu dou um jeito, me viro, mas fujo hoje.

— Fale baixo. Se uma das garotas ouvir o que você está dizendo, estará frita – Mirela a puxou de novo para dentro do quarto e fechou a porta. — Mostre que você é tão inteligente quanto bonita e vamos trabalhar. Anime-se, quem sabe você encontra seu queridinho, hein?

— Ele não é meu queridinho, e já estive com ele duas vezes. Não pretendo estar uma terceira.

— Okay. Mas agora vamos. Se você não precisa trabalhar, eu preciso. Quero comprar um carro –

PERIGOSAS ACHERON

Mirela abriu a porta e saiu na frente.

— Para quê? — Louise foi atrás dela. — Onde colocaria um carro se mora aqui? Eu no seu lugar pegaria esse dinheiro e sairia dessa vida.

— Enquanto não conhecer um homem lindo por quem me apaixone, um verdadeiro príncipe, fico aqui, ajuntando grana. Você devia fazer o mesmo.

— É insuportável estar aqui. Não sei como consegue.

— Quando a gente precisa, acaba se acostumando. Nos primeiros dias foi difícil, só quando a grana entrou foi que relaxei.

Louise completou o restante do trajeto do corredor imaginando como alguém conseguia acostumar-se àquela vida. Odiara aquele lugar assim que chegara ali com o homem que a enganara. Não sabia, até então, que fora vítima de um aliciador de mulheres, mas o aspecto do ambiente não era acolhedor, e depois que soube o

que teria de fazer para sobreviver e voltar para casa, passou a sentir nojo de tudo à sua volta e jurou sair dali o mais breve possível.

Ingênua, recusara-se a acreditar que estava em um antro de perdição e que aquilo não era uma lua de mel. Tudo bem que estranhara a partida do seu amado na manhã seguinte à sua chegada na casa, porém, ele dissera estar cheio de serviço fora, e ela, apaixonada, acreditou. Acreditava também que ele estaria de volta dois dias depois, então se casariam e ele a colocaria entre as melhores modelos do país, afinal, ele era um caça-talentos respeitadíssimo e faria dela uma estrela da moda como sempre sonhara. Mas o dia chegou e ele não apareceu. Quando completou uma semana trancada no quarto, recebeu a visita de Giovani, o grandalhão forte e barbado, que se apresentou como gerente da casa. Foi ele quem lhe disse que o namorado não voltaria mais e que ela teria de pagar pelos dias que estivera

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comendo e bebendo ali. Desesperada, chorou, implorou pedindo que Giovani a deixasse partir, porque não tinha dinheiro para quitar a dívida, e ele então lhe disse que desse um jeito.

Louise entendeu que ele falava de prostituição e que ela deveria vender o corpo para conseguir o dinheiro. Trancou-se no quarto e tudo o que fazia era chorar. Pedia apenas uma refeição por dia e só comia um pouco mais quando Mirela lhe dava uma fruta ou dividia uma marmita com ela. Enquanto isso, a conta só crescia, e precisava pagá-la se quisesse voltar a ser livre.

Quando fez o primeiro programa, teve desejo de morrer – depois tomava um banho seguido do outro –, e correu levando o dinheiro para Giovani. Ele disse que aquilo não era nem dez por cento do que ela devia. Injuriada, respondeu que não faria de novo e que se ele não quisesse o dinheiro era problema dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou indo embora – ela dissera, correndo para o quarto a fim de buscar sua mochila.

— Nem pense em sair daqui sem pagar o que deve – Giovani falara, chegando em seguida. — Você me pertence enquanto não pagar.

— Vou sair daqui e chamar a polícia – ela desafiou.

— Não seja tola. Acha que trabalho sozinho? Antes mesmo que a polícia me encontrasse, sua família estaria morta, e, você, vivinha para ser consumida pelo remorso.

— Você não faria isso.

— Então tente fugir.

Depois disso, Louise se trancou no quarto por mais dois dias e então foi transferida para o quarto de Mirela.

Mesmo sendo uma boa colega, Mirela a incentivava a comer e beber, e a dívida foi aumentando.

PERIGOSAS ACHERON

Giovani mais uma vez mostrou-se incomodado e, aos berros, avisou que Louise precisava fazer algo para pagá-lo, porque sua paciência estava esgotada.

Foi nesses dias, no salão da casa, onde funcionava um bar para clientes que queriam fazer os programas ali mesmo, que Louise conheceu Moriel, um jovem simpático e inteligente que gostou dela de imediato. Foi para ele que entregou seu corpo pela primeira vez por dinheiro. Na segunda vez em que esteve com Moriel, ele lhe deu uma boa quantia em dinheiro e novamente ela descobriu que não era suficiente para tirá-la do poder de Giovani. Passou mais alguns dias trancada no quarto até que Mirela conseguiu convencê-la a sair.

— A imaculada resolveu sair do quarto! — Giovani ironizou quando ela e Mirela chegaram ao salão principal. — Caramba, você está uma gata!

Eu já estava pensando em um jeito de você me pagar caso não saísse para trabalhar – ele a segurou pelo braço. — Eu a levaria para minha suíte e...

— Deixe ela em paz, Giovani – Mirela interveio.

— O quê? Virou a cafetina dela agora?

— Não fale bobagem. Ela está se esforçando e eu quero ajudá-la. Vou levá-la a um lugar onde ela fique mais relaxada.

— É bom mesmo que se esforce e traga bastante cliente e dinheiro para nós.

— E quando sair daqui, a primeira coisa que farei será chamar a polícia – Louise falou, corajosa.

— Se você conseguir sair daqui, nem pense em chamar a polícia. Por mais que eu vá preso, o que será muito difícil de acontecer, tenho outros... parceiros, essa é a palavra, que terminarão o serviço com sua família e torturarão você até que implore para morrer – Louise virou o rosto e Giovani a empurrou. — Vá, vá trabalhar, minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nova galinha dos ovos de ouro – ele gargalhou. —
Você é linda, vai me render muito dinheiro.

— Nunca fui tão humilhada – Louise falou chorando quando chegaram do lado de fora. —
Como ele pôde me chamar de... daquilo que chamou? Eu não sou o que ele disse que sou.

— Pare de chorar. Vai estragar a maquiagem –
Mirela olhou-a de frente. — Para ele você é, eu sou, todas na casa são. E você não pode se deixar afetar desse jeito.

— Tenho pedido tanto a Deus para me tirar deste lugar. Estou arrependida. Se tivesse ouvido meus pais, meus amigos, nada disso estaria acontecendo... – Mirela a abraçou. — Como consegue aturar Giovani? Se bem que ele parece diferente com você, mais tolerante.

— Giovani é um idiota. Se você o enfrenta sem ameaçá-lo, ele começa a tratá-la como gente. Ele só não gosta de ser contrariado, na verdade.

PERIGOSAS ACHERON

— Acha mesmo que ele mataria minha família se eu fugisse? – Louise perguntou, afastando-se de Mirela para olhá-la nos olhos.

— Ele mesmo não, mas mandaria alguém.

— O que eu faço se ele continuar dizendo que devo mais dinheiro do que realmente devo?

— Tente mais alguns dias, se não conseguir, posso lhe emprestar alguma grana.

Elas começaram a caminhar.

— Faria mesmo isso?

— Claro. Desde que promettesse me pagar.

— Eu prometo, eu prometo – Louise se animou.

— Por que não me empresta hoje?

— Não tenho essa grana hoje, não mesmo. Por isso deve trabalhar, se em alguns dias não conseguir toda a grana, juntaremos o que temos para ver no que dá.

— Agradeço desde já.

— De nada, querida. Agora tire a cara de choro

porque vamos num lugar chique.

— Que lugar?

— Um bar. Chama-se Pertur'Bar. O mais elegante da cidade, só vai grã-fino. E você, do jeito que é bonita, não terá problemas em arranjar um bom programa lá. Pode ser seu dia de sorte.

— Pertur'Bar – Louise repetiu, pensativa. — Não parece trazer sorte um lugar com esse nome.

— É apenas um nome, Louise. Não pense que tudo e todos são como seu... Ah, desculpe.

— Está tudo bem. Já quanto a arrumar um bom programa, não tenho a menor vontade. Estou tão desanimada!

— Mas você precisa. Se quiser sair dessa, tem de pagar Giovani.

— Nem me lembre disso – Louise ficava extremamente triste sempre que falava de Giovani.

— Já pensou se você conhece um bacana e se apaixonam? – Mirela tentou animá-la. — Ele tiraria

você da casa e estaria tudo certo.

— Jamais me apaixonaria por alguém que conhecesse nessa vida — Louise falou com ar decidido.

— Nem mesmo se ele tivesse grana? — Mirela perguntou.

— Dinheiro é bom, mas não traz felicidade, Mirela. Aprenda isso. Você mesma disse que no Pertur'Bar só vai grã-fino. Quantos deles têm compromisso ou são casados? No entanto, não são felizes com o que têm e buscam aventuras para se sentirem completos.

— Nossa, hoje você realmente está invocada, mas concordo com você — Mirela parou e olhou Louise da cabeça aos pés. — Você está ótima. Mantenha essa postura elegante porque o bar é logo ali na frente. E como eu disse ainda há pouco, não é um bar qualquer, daqueles que você conheceu no interior. É coisa chique.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ignorando os comentários de Mirela, Louise apontou para o outro lado da rua.

— Um telefone público ali na frente. Vou até lá, quero falar com meus pais – Louise saiu andando rapidamente.

— Espere, vou com você. O que pretende dizer a eles?

— Sei lá. Ainda vou ver se me atendem.

Mirela ficou um tanto afastada do telefone que Louise usava e quando viu a colega discando, retirou da bolsa seu telefone celular.

— Oi, sou eu – falou baixo quando alguém atendeu do outro lado. — Estou ligando porque ela parou num telefone público e está tentando falar com os pais – houve uma breve pausa e Mirela falou em seguida: — Não sei, me afastei para avisar você – nova pausa. — Não sou burra, Giovani. Apenas me afastei dela para avisar você, não entende?

PERIGOSAS ACHERON

— Descubra o que ela falou com os pais e me avise se Louise estiver armando.

Mirela desligou e esperou Louise parada no mesmo lugar.

— Eles não querem falar comigo, nem sequer me ouvir – Louise estava triste.

Mirela pegou Louise pela mão.

— Venha, nada que conhecer alguém interessante não resolva.

O ambiente do Pertur'Bar era realmente sofisticado. Desde a fachada às mesas bem colocadas, o balcão onde as bebidas eram servidas até a pista de dança, tudo fora decorado com muito bom gosto e estilo próprio. A iluminação era suave e os atendentes extremamente educados.

— E aí? O que achou do lugar? Lindo, não? – Mirela estava animada, mas percebeu que falava sozinha. Olhou para trás e Louise estava parada na entrada. Foi até ela e perguntou baixinho: — O que PERIGOSAS ACHERON

está fazendo parada aí com essa cara de suburbana?

— Nunca vi um lugar como este! — Louise estava encantada.

— Acredito. Só não precisa fazer essa cara de pobre. Este é um lugar fino e os clientes querem ver gente elegante.

— Tão bonito e tão feio — Louise falou alto.

— De quem está falando? — Mirela olhou em volta.

— Este lugar... É bonito, mas é um caminho para a perdição.

— Louise, pare de dar uma de Imaculada Conceição porque você está longe disso. Na verdade, está mais perto é de conseguir um bom programa. Repare em quantos homens já estão de olho em você!

Louise ajustou a postura e caminhou lentamente ao lado da colega. Observou discretamente os homens ao redor e constatou que muitos deles

olhavam insistentemente para ela. *São todos uns bobos*, pensou.

— Não me interessa por nenhum deles – falou para Mirela.

— Pense na grana que você precisa ter.

— Isso me dá angústia.

— Mas também pode lhe dar a liberdade.

— Sou obrigada a concordar com você.

Mirela chegou ao balcão e apoiou-se tentando ser notada, porque a maioria dos homens olhava para Louise.

— Oi, gato! – ela cumprimentou o *barman*.

— Oi. O que vai querer? – perguntou o rapaz que já a conhecia.

— O que vai querer? – Mirela repassou a pergunta para Louise.

— Eu? Hãn... um pouco de água – Louise respondeu, inocente.

— Água?! – scandalizaram-se Mirela e o
PERIGOSAS ACHERON

barman, e Louise não entendeu o espanto deles.

— Precisa de alguma coisa mais forte. Hoje a noite será longa – falou a colega.

— Prefiro água mesmo.

— Okay. Enquanto você bebe *água mesmo*, vou dar um *rolé*. Isso aqui *tá* muito parado pro meu gosto – Mirela afastou-se e voltou depois de alguns passos. — E vê se fica esperta. Tem um grã-fino lindo, à sua direita, babando por você.

Louise esperou que Mirela se afastasse e só então, lentamente, olhou na direção indicada. Seus olhos encontraram os do estranho que a olhava sem expressão, mas com firmeza. Louise rapidamente desviou o olhar e saiu sem destino pelo salão. Quando encontrou uma porta, abriu-a e saiu no banheiro. Parou trêmula, diante do espelho, relembrando os olhos negros que a observavam no salão e teve medo. *Sou uma boba, mesmo. Ele é tão bonito e certamente é gente boa*, assegurou a si

PERIGOSAS ACHERON

mesma, se lembrando da barba por fazer e da pele bronzeada do homem.

Voltou para o salão e percorreu todo o ambiente. Assustou-se com o que viu. Garotas se ofereciam aos homens na pista de dança, outras se aproximavam de rapazes e em seguida saíam abraçados, certamente para algum motel na região.

Isso é um lugar chique e fino para Mirela, pensou com pesar.

Sentindo o estômago se contorcer, voltou para o seu lugar no balcão. Com o canto do olho, reparou que o desconhecido estava ainda no mesmo lugar e que voltou a encará-la. Fingindo-se alheia, passou a brincar com sua taça de água. Já estava sonolenta quando Mirela reapareceu.

— Ainda está plantada aí? Desse jeito só vai conseguir arrumar raízes e nem um centavo sequer!

— Não consigo fazer isso.

— Não seja boba. Está de costas para o povo!

Vire-se para o salão. Não precisa fazer muito. Olhe para alguém e sorria, ou corresponda intensamente a um olhar que receber, faça caras e bocas... então *ele* virá até você e em minutos terá dinheiro nas mãos.

— E se o homem que vier até mim for casado? — Louise parecia apavorada.

— Saia com ele. Até porque se a mulher do cara fosse boa, ele certamente não estaria aqui — Mirela colocou as mãos na cintura. — Louise, não é hora de pensar em honestidade, santidade, seja lá o que for que você tenha aprendido na igreja. Aqui é outra história, você precisa de grana. Depois que estiver livre, peça perdão — Louise não respondeu. — Isso mesmo, garota, você precisa de grana, grana, entendeu? — tão de repente quanto chegou, Mirela voltou a desaparecer em meio às pessoas que agora lotavam o bar.

Mais uma vez sozinha, Louise se esforçou para

PERIGOSAS ACHERON

não olhar na direção do homem que a media. Viu que ele se moveu em seu lugar e cruzou as pernas que, mesmo sem olhar diretamente, Louise percebeu serem longas. Depois, o homem se levantou e ficou fora do alcance da sua visão. Quase sem querer, ela também se levantou e, quando se virou, viu que o estranho estava a poucos metros dela e ainda a observava.

Novamente seus olhares se encontraram.

Olhe para alguém e sorria, ela se lembrou das palavras de Mirela e, como o homem a olhava insistente, Louise baixou o olhar, temerosa. Lentamente virou-se e tornou a se sentar.

— Olá! – alguém a cumprimentou.

Louise olhou para o lado, o coração aos pulos.

— Oi! – respondeu para o estranho que finalmente se aproximara.

— Posso pagar uma bebida para você? – ele perguntou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim – Louise estava tímida e trêmula.

— Do que gostaria?

— Água, por favor – ela se arrependeu tão logo respondeu.

— Água? – ele olhou-a, e ela sentiu que enrubesceu.

— Não bebo álcool – explicou.

O homem olhou-a cuidadosamente e depois chamou o *barman*. Enquanto ele pedia, Louise observou-o de perto. *Como ele é bonito! Por que está num lugar como este?* – indagou consigo mesma.

— Como se chama? – ele perguntou, sério, a voz grave.

— Luíza – ela mentiu sem saber por quê.

— Bonito nome, Luíza. Prazer em conhecê-la. Eu sou Olavo – ele falou sem estender a mão para cumprimentar e Louise deu um meio sorriso. — Você é maior de idade? – ele a olhou intensamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim — ela respondeu percebendo que havia gostado de ele se preocupar em não sair com uma menor.

Por que ele não me chama para sairmos? Assim acabaríamos logo com isso, pensou.

— O que acha de sairmos daqui e você me fazer companhia esta noite? — Olavo perguntou como se conhecesse seus pensamentos.

— Tudo bem — respondeu baixinho, querendo saber como ele adivinhara seu pensamento.

— Ou você não faz programa?

Louise percebeu um tom de ironia na pergunta dele.

— Tudo bem — Louise repetiu e se levantou.

Olavo pagou a água e a chamou.

Quando Louise virou-se para segui-lo, viu Mirela, que de longe sorria e fazia um sinal de positivo. Assim que Louise e Olavo saíram, Mirela correu para a rua, sinalizou para um táxi e

embarcou:

— Por favor, siga aquele carrão prata — falou, apontando para o carro de Olavo.

Capítulo 2

Durante o curto trajeto até o hotel, Louise nada falou. Limitou-se a responder às perguntas de Olavo, que não tinha a intenção de interrogá-la, apenas deixá-la à vontade.

Quando chegaram ao hotel, ele reparou que os olhos de Louise se encantaram com o lugar suntuoso. Ela olhava para os lados, admirada, e só abaixou a cabeça quando reparou que muitos à sua volta estavam curiosos em relação a ela e Olavo. No elevador, Louise se escondeu atrás dele, envergonhada, pois recebia olhares como se estivesse nua.

— Tudo bem? — Olavo perguntou quando chegaram à luxuosa suíte onde ele estava hospedado e notou que novamente os olhos de

Louise brilharam.

— Sim, estou bem. Obrigada.

— Parece assustada – ele comentou.

— Sou do interior e nunca estive numa situação como esta. Nem num lugar como este.

— Entendo. Nem eu – ele falou, pensativo.

Louise olhou-o desconfiada.

— Pode acreditar. Sou casado.

Só então Louise viu a bela aliança em sua mão esquerda.

Ai, meu Deus, não acredito.

— Então... Por que procura garotas?

— Não procuro. Como eu disse, preciso de companhia *hoje* – ele falou, tirando o paletó.

— E então, podemos...? – Louise tentou falar.

— Sente-se – ele a interrompeu indicando o sofá. — Antes de mais nada, preciso dizer que não quero um programa, Luíza.

— Então é melhor eu ir. Preciso do dinheiro, e

PERIGOSAS NACIONAIS

já que não iremos...

— Estou disposto a pagar para ter sua companhia.

— Está? – ela franziu o cenho. — Não entendo.

— É simples: não quero sexo. Preciso de companhia, alguém que me distraia.

— Devia ter contratado um palhaço – Louise falou e riu em seguida. — Desculpe, não resisti à piada – falou, tentando ficar séria.

— Tudo bem. Já está começando a me distrair – ele deu meio sorriso.

Louise teve pena do homem que aparentemente era rico e também solitário.

— Estou com problemas – ele contou.

Louise imaginou que tipo de problema um homem bonito e rico como Olavo poderia ter.

— Nem me fale em problemas – ela se sentou.

— Tenho um gigantesco problema para resolver. Ou pelo menos tentar resolver.

PERIGOSAS ACHERON

Olavo pediu licença para se retirar. Quando voltou do quarto, vestia calça de agasalho e camiseta. Sentou em uma poltrona e começou a mexer em seu *notebook*.

Louise achou-o ainda mais bonito em roupas casuais. Reparou no cabelo bem cortado e no perfil extremamente masculino.

— Ham... O que quer que eu faça? — perguntou depois de um momento de silêncio.

— O que quiser. Pode conhecer a suíte, por exemplo — ele parou o que fazia para olhá-la. — Ainda é cedo, mas logo pedirei o jantar.

— Tenho medo de me perder aqui dentro — ela se levantou. — Como pode uma única suíte ser maior que a minha casa inteira? E muito mais bonita também, claro.

Olavo apenas movimentou a cabeça afirmativamente.

— Desculpe, estou falando demais — ela deu

PERIGOSAS ACHERON

dois passos para trás. — Vou deixar você trabalhar. Com licença, seu Olavo.

— Fique à vontade, Luíza — Olavo acompanhou-a com o olhar enquanto ela se afastava relutante.

Ainda bem que a encontrara. Achava que não existiam mais garotas como Louise no mundo. Quando decidiu procurar por alguém para conversar naquela noite, não sabia exatamente aonde ir. Por acaso entrou no Pertur'Bar e observou as mulheres ali presentes. Ninguém o interessava. Depois de um tempo, estava distraído, pensando em seus problemas, quando Louise entrou, e achou-a linda. Daí em diante, foi só comparar seu comportamento ao das outras e Louise era mesmo diferente. Havia algo nela que ele não seria capaz de decifrar, ainda assim percebeu, através do olhar da jovem, que ela estava amedrontada, deslocada talvez fosse a palavra que se encaixasse perfeitamente ao que via na expressão dela.

Demorou a convidá-la a passar a noite com ele porque queria ter certeza do que estava fazendo. Teria controle suficiente sobre si mesmo para estar a sós com uma garota que vendia o corpo e não se envolver intimamente com ela? Não estava ali para trair a esposa, afinal a amava, queria somente um tempo para se esquecer dos problemas que enfrentava havia alguns meses. Também precisava analisar o projeto para a construção da nova filial da rede de hotéis para a qual trabalhava e em casa estava impossível se concentrar. Encontrar uma companhia foi o que lhe pareceu mais adequado, pois queria sentir a vida. Vida. Ele buscava exatamente aquilo que estava lhe escapando das mãos.

— Seu Olavo, isso aqui é demais! — Louise apareceu gritando feliz e tornou a desaparecer em sua missão de desbravar a suíte.

Sem ter tempo para responder, Olavo apenas deu

PERIGOSAS ACHERON

um leve sorriso, depois colocou o *notebook* de lado e resolveu ver o que estava deixando Louise tão entusiasmada. Surpreendeu-a rolando sobre a cama, apreciando a maciez, como uma criança, e se recostou no batente, sem interrompê-la. Assistiu-a por um instante até que ela o viu.

— Desculpe, seu Olavo — ela disse, sentando-se encabulada. — Atrapalhei seu trabalho?

— Não. Meu serviço está atrasado, sim, mas não é sua culpa — Olavo entrou no quarto e sentou na cama. — Você disse ter um problema enorme para resolver e está tão feliz com o que vê aqui... Não consigo agir da mesma forma.

— O que está acontecendo, seu Olavo? Por que está aqui? Você parece ser legal.

Olavo contemplou-a por um momento, seus olhos percorreram lentamente o corpo de Louise e ele não pôde negar que estava diante de uma mulher absolutamente linda. Nesse momento, ele se

PERIGOSAS ACHERON

convenceu de que ela o atraía mais do que estivera disposto a admitir desde que a vira entrar no Pertur'Bar. Ele se levantou numa tentativa de interromper seus pensamentos.

— Por que não descemos para jantar? — perguntou.

— Hum... Estou mesmo faminta, mas não estou vestida apropriadamente para jantar num restaurante fino como deve ser o do hotel.

— Não deve se importar com essa gente. São todos muito hipócritas. Vi que você temeu os olhares na entrada e no elevador... Bem, deixemos isso de lado. Vou pedir o jantar aqui na suíte e, enquanto esperamos, tentarei adiantar meu serviço.

— Precisa de ajuda? — Louise perguntou disposta a ajudá-lo e, diante do olhar que Olavo lhe lançou, concluiu: — Certo. Não entendo nada de negócios... Mas eu sei ler — ela riu, graciosamente.

Olavo sorriu ante a brincadeira da moça e

PERIGOSAS ACHERON

agradeceu a intenção. Pediu licença e voltou ao trabalho após pedir o jantar.

Louise considerou que a comida estava divina e, sem problemas, confessou para Olavo que nunca comera nada daquilo e que não tinha curso de boas maneiras à mesa. Ele, simpático, disse que não dava a mínima para noções de etiqueta e que gostava mesmo era de comer sem que ninguém à sua volta estivesse se incomodando com o que fazia ou não com os talheres, principalmente.

— Quer saber? — ele falou, cheirando os alimentos em seu prato. — Vamos apenas comer. Que se danem as formalidades.

Louise comemorou e passou a comer com vontade, mas educadamente. Enquanto se alimentava, sentiu que gostava de Olavo. Tudo nele era bonito. A pele bem tratada, as unhas cuidadosamente aparadas. E ele usava uma loção

pós-barba que ela, ao sentir o bom cheiro, aprovou e soube que estava diante de um homem elegante, o tipo que ela sempre sonhara que seria seu marido quando fosse uma modelo internacionalmente reconhecida.

— Em que está pensando? — Olavo a trouxe de volta à realidade.

— Em você — Louise falou sem querer.

Passaram-se alguns segundos durante os quais eles apenas se entreolharam calados.

— Aliás, estava pensando no quanto você pretende me pagar pela noite — Louise se apressou em reformular a resposta e sentiu que corou.

— Entendo — Olavo tinha os olhos parados nos lábios de Louise, pensando que gostou da primeira resposta dela. Por fim, perguntou: — Quanto acha que deve receber?

— Desculpe. Acho que não deveríamos discutir isso à mesa. Meus pais me ensinaram que é um

PERIGOSAS ACHERON

lugar sagrado.

— Gostaria de entender o que uma mulher linda como você faz aqui – Olavo falou quando se sentaram no sofá.

— Já sabe que faço programas. Na verdade, não faço – Olavo franziu o cenho sem entender. — Sou obrigada a fazer.

— Obrigada? – ele desconfiou.

— Sim. Fui enganada – Louise colocou as pernas sobre o sofá. — Conheci um cara lindo... Ele disse que era um olheiro e tinha bons contatos no mundo da moda. Disse também que eu era bonita e que tinha porte de *top model*... Fui para casa radiante. Imagine, meu grande sonho poderia se realizar! Mas meus pais foram contra e ainda me proibiram de voltar a vê-lo. Porém, no dia marcado,

PERIGOSAS ACHERON

lá estava eu, na praça da cidade, esperando por ele. Logo ele ganhou a minha confiança. Conversamos muito e ele me elogiava a todo momento.

— Qual era o nome desse rapaz? — Olavo perguntou.

— Oh, sim... Dominique. Foi com esse nome que se apresentou, mas nem isso eu sei se é verdade — ela esperou e Olavo fez um sinal com a mão para que Louise continuasse. — Na terceira vez que eu liguei para ele, levei um susto, porque Dominique dizia que não poderia voltar a me ver. Fiquei angustiada e ele explicou que se apaixonara por mim e que isso estava errado, pois não devia misturar as coisas. Eu contei que também estava apaixonada por ele e Dominique me convidou para ir para a capital. Mesmo com medo, considerei seriamente fugir de casa — Louise riu, tensa. — Apesar dos conselhos dos meus pais, irmãos, amigos e até do reverendo da igreja, assim que

PERIGOSAS ACHERON

Dominique disse que tinha uma vaga para mim, fugi com ele. Viemos para cá numa sexta-feira e ele me disse que na semana seguinte iríamos para a capital, mas isso nunca aconteceu. Assim que chegamos, liguei para meus pais e minha mãe disse que eu deveria esquecê-los, que não eram mais minha família... Porém, o pior de tudo, foi quando descobri que havia sido enganada e que fui aliciada para uma casa de prostituição. No começo, Giovanni, um dos donos da casa, foi legal. Agora me obriga a pagar uma dívida que cresce sem parar, para então eu poder sair da casa. Mas nunca consigo! – seus olhos encheram-se de lágrimas. — Eu me recusei a fazer programas o quanto pude, mas tinha que comer e beber, por isso existe a dívida. Já dei dinheiro a ele, de dois únicos programas que fiz, e Giovanni disse que não é suficiente. Estou na casa há pouco mais de um mês e, mesmo odiando vender meu corpo, sei que terei

PERIGOSAS ACHERON

de fazer isso se quiser ser livre de novo – Louise fez uma pausa durante a qual olhou para fora, pela enorme janela, depois, voltou a olhar para Olavo e as lágrimas já saltavam dos seus olhos. — Custe o que custar, ainda vou me vingar de Dominique – prometeu.

Olavo se levantou da poltrona e sentou ao lado de Louise.

— Não pense nisso. Vingança não faz bem a ninguém, é um caminho sem volta – ele estava comovido, no entanto, ainda duvidava de que ela estivesse dizendo a verdade.

— Ah, seu Olavo! – Louise segurou as mãos dele ao mesmo tempo em que sentia seu coração acelerar. — Fico tão infeliz quando relembro tudo isso.

Olavo retirou as suas mãos de entre as de Louise porque apreciou o toque macio dela.

— Minha história também é triste – falou,
PERIGOSAS ACHERON

depois de limpar a garganta.

— Pode dividi-la comigo — Louise se aproximou um pouco mais dele e se preparou para ouvi-lo.

— Só se você prometer não me chamar mais de seu Olavo. Somente Olavo basta — ele riu, afetuosamente.

— Sim, claro. Mas é que mesmo sem você dizer, sei que é rico e poderoso...

— Nada disso. Bem, sou rico, sim, trabalho muito para isso, mas não sou poderoso. Se fosse, certamente não estaria aqui — ele respirou fundo. — Beatriz e eu nos casamos há onze anos, quando ela engravidou da nossa primeira filha. Eu a amava e, como estava em uma boa empresa, não tive problemas em assumir uma família. Na verdade, casar com Beatriz era meu sonho. Hoje sou mesmo rico, sou executivo de uma grande rede de hotéis, tenho uma vida boa, amo minha esposa e meus filhos — Olavo hesitou antes de prosseguir. — Mas há alguns meses, recebemos a triste notícia de que

PERIGOSAS ACHERON

Beatriz tem um tumor no cérebro, em questão de dias ela ficou muito debilitada e só tem piorado.

— Sinto muito, Olavo — Louise tocou novamente a mão do homem. Ela estava realmente triste por ele.

— Não tem sido fácil — ele retirou a mão. — Moramos na capital e estou aqui para resolver assuntos da empresa. Beatriz está internada sob cuidados constantes e meus filhos estão com a avó.

— Sei que não sou a pessoa mais indicada para dizer isso, mas ainda assim vou dizer: devia procurar alguém que fizesse uma oração por ela. Sou de família cristã, sei que somente Deus tem o poder de curar.

— Também acredito em Deus, apesar de não ter muito tempo para igrejas ou religiões.

— Se acredita nEle, então já é meio caminho andado.

— Receio não ter mais tempo. O câncer já se

PERIGOSAS ACHERON

alastrou pelo cérebro. Eu costumava ficar com ela no hospital, o problema é que já não estava mais suportando ouvi-la gritar de dor. Chegava a doer em mim. As pernas travaram e a coluna... comprometida... — Olavo esforçou-se para não chorar.

De repente, ficaram de frente para o outro. Suas emoções afloravam e não tinham com quem desabafar. Medo, carência e dúvida quanto ao futuro se misturavam e tornavam-se sentimentos praticamente possíveis de serem tocados, de tão reais que eram os problemas que os originavam. Sem muito pensar, abandonaram-se num abraço tocante e sôfrego que era mais um grito de socorro pelas dores que compartilhavam. Choraram com facilidade e Olavo se controlou primeiro.

— Está tão difícil para nós dois! — Louise exclamou. — Mesmo assim, saindo daqui, procure uma igreja. Deus poderá surpreender você.

Olavo fitou os olhos de Louise e limpou uma lágrima com os dedos, gentilmente. O beijo que veio a seguir, acompanhado por suspiros e abraços apertados, foi inevitável, e ambos não tinham certeza do seu motivo real.

Olavo afastou-se.

— Me desculpe, por favor, me desculpe – pediu, levantando-se.

— Também peço desculpas, não sei o que deu em mim.

— Eu sei. Estamos carentes e você é linda – Olavo foi até a janela. — É melhor dormirmos. Amanhã meu dia será cheio. Deixarei sua diária paga até o meio-dia.

— Obrigada – Louise foi até ele. — Não precisa me pagar, Olavo. Foi um prazer conhecê-lo e posso me virar depois, nem que fique uns dias a mais na casa.

— Eu disse que pagaria – ele pegou sua carteira

PERIGOSAS ACHERON

na pasta e deu uma boa quantia em dinheiro para Louise.

— Obrigada — Louise segurava o dinheiro, porém seus olhos estavam presos em Olavo.

— Eu fico com o sofá — ele desviou o olhar depois de segundos e desapareceu no quarto, quando retornou, trazia travesseiro e cobertor. — Fique com a cama. Quero que tenha uma noite se não de princesa, ao menos agradável.

— Obrigada. Posso dar um abraço em você?

— Um abraço? — Olavo pareceu preocupado, quase em pânico, sem saber qual era a pretensão de Louise.

— De gratidão — ela explicou.

Olavo largou o cobertor sobre o sofá e sorriu concordando.

Com o coração em descompasso, Louise caminhou para ele admirando o sorriso que a encantava e o abraçou, recostando sua cabeça no

peito forte, coberto apenas pela camiseta branca. Pôde sentir quando o coração do executivo acelerou e então apertou as mãos em suas costas.

Olavo correspondeu ao abraço de maneira que Louise se sentiu acolhida por ele. Após alguns segundos, ele a afastou, gentilmente.

— Obrigado pela companhia, me fez muito bem.

— Digo o mesmo. Boa noite, Olavo – Louise sorriu e afastou-se lentamente.

Olavo se sentou colocando a cabeça entre as mãos. Os últimos dias de luta contra a doença da esposa lhe vieram à mente. Sentiu-se mal por estar longe da mulher que amava. Aos 36 anos, considerava-se realizado em todos os aspectos da sua vida. Adorava o trabalho e os amigos, mas era na família que realmente encontrava o sentido da sua vida. Nem o câncer de Beatriz fora capaz de desanimá-lo ou de fazê-lo perder o compromisso que assumira, anos atrás, de cuidar dos seus, no

PERIGOSAS ACHERON

entanto, ultimamente sentia-se cansado e abalado psicologicamente após os médicos confirmarem que Beatriz teria pouco tempo de vida. Quase desistira de viajar a trabalho, queria mesmo era estar com a esposa, mas os médicos e sua mãe o convenceram de que precisava se afastar, ainda que por um dia, do sofrimento que enfrentava. Relutante, ele aceitara a sugestão.

Agora, ali sentado, estava grato por ter encontrado Louise. Parecia que seu problema tomara uma proporção um pouco menor ao saber que ela também vivia um drama. Sem que quisesse, ao menos conscientemente, pegou-se pensando na jovem com quem compartilhava o mesmo espaço. Lembrou do cheiro do seu perfume e da pele macia que tocara. Lembrou também da voz que era agradável e do sorriso arrebatador. Quando pensou no corpo perfeito de Louise, considerou que sim, ela tinha porte de modelo, e das mais bonitas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nesse momento, sentiu o desejo acender e correr em ondas elétricas pelo seu corpo e quis vê-la.

Perguntando a si mesmo se estaria muito errado em envolver-se com Louise, levantou-se sem resposta. Sabia somente que até ali tinha sido fiel a Beatriz, mas, desde que a doença da mulher se manifestara, não tiveram mais relacionamento íntimo e, justamente por não costumar traí-la, empregava toda sua energia trabalhando na empresa e em casa. Com a imagem de Louise povoando seus pensamentos, foi até a porta do quarto.

Louise estava ajoelhada à beira da cama e apoiava o queixo sobre as mãos cruzadas. Ele percebeu que ela chorava. Ele a observou e depois voltou para o sofá. Assim que deitou, adormeceu, como não acontecia havia muitos dias.

PERIGOSAS ACHERON

Louise acordou pouco depois das dez horas da manhã. Esticou o corpo e relutou em abrir os olhos e descobrir que a noite agradável que tivera ao lado de Olavo não fora mais que um sonho. Então, lembrou-se que Olavo estava no sofá e deu um salto para sair da cama. Correu até a sala e ela estava em perfeita ordem, sem o menor sinal de que alguém estivera ali. Triste, voltou para o quarto e deparou-se com uma mesa repleta de frutas, frios, pães e sucos, tudo da melhor qualidade. Um pouco mais animada, foi até ela e escolheu uma maçã. Ao sentar-se, reparou que havia uma espécie de carta sobre a mesa. Nela, Olavo agradecia e dizia ter sido muito bom conhecê-la, ao final, chamou-a de linda e desejou sorte. Seus olhos encheram-se de lágrimas. Louise se levantou, foi até o banheiro, retirou a maquiagem da véspera e a peruca, então sentiu-se péssima ao constatar que as horas de PERIGOSAS ACHERON

sonho estavam acabando e que, em poucos minutos, estaria de volta ao seu pesadelo. Resolveu que passaria o resto da manhã na cama, curtindo os últimos instantes daquela vida que, até então, só tinha imaginado que existisse.

Foi quando se aproximou da cama que Louise viu o volume sob o lençol que jogara de lado, minutos antes, quando levantara. Desconfiada de que Olavo tivesse esquecido algo ao sair, rapidamente ela puxou o lençol e, depois de segundos de choque, sem acreditar no que seus próprios olhos estavam vendo, desatou a chorar.

Capítulo 3

— Louise, você enlouqueceu? O que houve? Por que demorou tanto? Pensei que fosse morar no hotel – Mirela esperava pela colega na saída do hotel. — O que são essas sacolas?

Louise rodopiou duas vezes, gargalhando. — Você não vai acreditar. Olavo não era apenas um homem, era um príncipe encantado.

— E você quase ficou encantada, também. Quer que Giovani mande matá-la, é isso?

— Giovani acabou! Estou dando adeus àquele bandido – Louise abraçou Mirela sem desgrudar das sacolas. — Consegui a grana.

— Conseguiu? A grana toda? O que teve de fazer?

— Tive sorte, querida. Aliás, Deus teve compaixão de mim. Não disse a você que estava PERIGOSAS ACHERON

arrependida e orando? Deus me respondeu – Louise estava com um semblante feliz.

Ainda no quarto do hotel, quando Louise ergueu o lençol, havia três pacotes de tamanhos diferentes debaixo dele. Ao lado dos pacotes, um bilhete que dizia:

“São para você, o anel também. Ele seria para minha esposa, mas duvido que ela teria tempo e ocasião para usá-lo. Espero realmente que logo se livre de Giovani.

Beijos, Olavo.”

Emocionada, Louise abriu o primeiro pacote e encontrou um belo vestido de noite, preto. O segundo pacote continha um par de sapatos também pretos e, ao reparar que Olavo comprara os presentes no tamanho certo, Louise ficou tocada com a sensibilidade do homem que pouco conhecera. O terceiro pacote era o menor e nele

PERIGOSAS NACIONAIS

estavam um belo anel de ouro com pequenos diamantes cravejados e mais quatro mil em dinheiro.

— E o melhor é que não tive de fazer nada para ter os presentes. Absolutamente nada.

Mirela, desconfiada, colocou as mãos na cintura e perguntou:

— O que você realmente fez, Louise? Ninguém dá nada a ninguém hoje em dia.

— Fui sincera. Disse que não fazia programa e contei a minha história. Olavo foi maravilhoso. Me tratou como uma dama. Sabe, nem em casa eu fui tão bem tratada quanto fui por ele.

— É melhor irmos andando – Mirela não parecia contente pela colega. — Giovani está uma fera comigo e a culpa é sua.

— Não se preocupe. Estarão livres de mim ainda hoje.

PERIGOSAS ACHERON

Giovani olhou sem expressão para o dinheiro que Louise colocou sobre o balcão. Mesmo estando do outro lado, ele ainda era imenso e provocava medo com suas expressões carrancudas, porém, Louise estava mais confiante e esperou pela reação do cafetão, olhando diretamente para ele.

— Acha mesmo que três mil quitam sua dívida?
— ele falou mais calmo do que costumava falar com as meninas da casa.

— Estou certa que sim.

— Pois eu vou refazer as contas para ver o quanto ainda me deve.

Louise sentiu uma tristeza tão profunda que quase a fez desfalecer ao ouvir tais palavras. Sem deixar transparecer, reagiu:

— Melhor aceitar esse dinheiro porque eu não fico aqui nem mais um minuto – Louise saiu em
PERIGOSAS ACHERON

direção ao corredor que levava para seu quarto.

— Espere, mocinha. Vou falar com meu sócio, ele sabe exatamente quanto você tem de pagar.

Louise estremeceu ao ouvir a palavra sócio. Estaria Giovani falando de Dominique? Precisava sair dali antes que ele aparecesse e pusesse tudo a perder.

— Esperei por você o dia todo, Giovani, para poder pagá-lo. Agora preciso ir, porque logo vai anoitecer e devo encontrar um lugar para passar a noite. Isto é, estou indo embora.

— Você não sairá daqui mesmo! – Giovani olhou diretamente para Mirela, que assistia a tudo da entrada do corredor.

Como se lesse algum tipo de código no olhar de Giovani, Mirela se retirou sem que Louise percebesse e colocou a chave do quarto pelo lado de fora da porta.

— É melhor você me deixar sair. Ah, é muito

PERIGOSAS ACHERON

melhor – Louise deu a impressão de estar falando de algo além da incerteza quanto à sua liberdade.

— Está me ameaçando? – perguntou Giovani.

— Ainda não. Por enquanto é só um conselho – sem mais palavras, Louise se dirigiu ao seu quarto e entrou sem reparar na chave. Enquanto ajeitava seus pertences, Giovani apareceu na porta seguido por Mirela.

— Eu disse que você não sairia daqui – ele trancou a porta por fora.

Louise correu, mas não teve tempo de impedi-lo. Mesmo que tivesse tido tempo, não era forte o suficiente para lutar com Giovani. Esbravejou, deu socos e pontapés na porta. Quando chamou por Mirela, Giovani fez sinal para que ela não respondesse.

Algumas garotas apareceram nas portas dos outros quartos, atraídas pelos gritos de Louise, e assim que viram o grandalhão no corredor,

PERIGOSAS ACHERON

voltaram a se trancar.

— Vai se arrepender, Giovani. Você não perde por esperar. Se você soubesse...

Giovani não ouviu mais. Saiu puxando Mirela pelo pulso e a levou até seu escritório.

— Do que ela está falando? – perguntou, assim que bateu a porta.

— Não sei. Passei a noite toda em frente ao hotel esperando por ela...

— E ela não saiu?

— Em nenhum momento.

— Então é bom que saiba que se ela estiver armando, você sofrerá as consequências, saiba disso. Agora saia.

— Giovani, sobre o assunto que iniciamos ontem, eu não estou conseguindo me concentrar... – Mirela falou, levantando-se. — Gostaria que você trouxesse...

— Esqueça! – ele ordenou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por favor, então me leve... Queria muito vê-lo...

— Esqueça! — Giovani trovejou. — Bastou você ter passado a noite em frente ao hotel de Louise sem ganhar um centavo sequer... Não precisa me encher com suas neuras. Saia! — ele fez um gesto com a cabeça.

Mirela obedeceu e saiu após pedir licença. Segundos depois, reabriu a porta e colocou a cabeça para dentro.

Giovani ainda estava na mesma posição. A cabeça um pouco mais curvada.

— Sabe, Giovani? Nem tudo é prejuízo.

Giovani grunhiu e não se moveu.

— Ela ganhou presentes — Mirela entrou de vez na sala.

Giovani ergueu a cabeça e, mesmo sem dizer nada, seus olhos revelaram seu interesse pelo assunto.

PERIGOSAS ACHERON

— Além da grana, a *sortuda* ganhou um vestido de grife, caríssimo, um par de sapatos, idem, e o melhor, um anel de ouro e diamantes — Mirela começou a caminhar em passos sensuais até ele. — Louise é realmente a sua galinha dos ovos de ouro, Giovanni.

— Tem certeza disso? — ele quis saber, desconfiado de que alguém desse presentes tão bons para uma garota de programa.

— Vi tudo com meus próprios olhos.

— Se é verdade, não podemos perdê-la — o grandalhão falou, pensativo. — A imaculada é lucrativa então!

— Concordo com você.

Apressadamente, Giovanni deu a volta em sua mesa e de uma das gavetas retirou um molho de chaves. Com uma delas, abriu a terceira gaveta de um armário de metal que ficava na outra extremidade da sala. De uma pequena caixinha de

PERIGOSAS ACHERON

madeira escura, que estava em seu interior, no canto superior direito, retirou um pequeno pacote.

— Dê isso a ela — ordenou, jogando o pacote sobre a mesa.

Mirela olhou para o pacote e de novo para Giovanni.

— Isso não, Giovanni!

— Isso, sim! Se ela tem o poder de tirar tanto assim dos clientes, não podemos deixá-la ir. E a melhor maneira de mantê-la conosco, é fazendo com que fique viciada, dependente.

— Cocaína, Giovanni? Não quero mais essa culpa sobre meus ombros.

— Dane-se a sua consciência — Giovanni praguejou por entre os dentes. — Dê um jeito de viciá-la. Você é esperta, saberá como fazer. Até porque você sabe que, quanto mais ela trazer, mais rápido você terá o *carro* que tanto quer — Giovanni voltou ao armário para fechá-lo e falou de PERIGOSAS ACHERON

longe: — Vá e pense como fará. Falarei com Dominique e em seguida irei abrir a porta do quarto dela para você.

Mirela pensou nas palavras de Giovani e na responsabilidade que teria quanto a viciar Louise em cocaína e decidiu que não faria. Gostava de Louise e via nela mais do que uma oportunidade de lucrar, na verdade, a considerava quase uma amiga. Quem sabe um dia isso pudesse ser realidade, o que seria maravilhoso, porque tinha uma vida triste e solitária. Não confiava em ninguém e, desde que entrara para a *casa*, vivia em função de economizar o máximo que pudesse de dinheiro. Em mais de dois anos sob o domínio de Giovani, Louise foi a única pessoa da casa com quem ela realmente se entendeu. Considerava-a simpática e honesta.

Não, não farei o que Giovani me pede, pensou, decidida.

Porém, quando Giovani recolheu o pacote de

PERIGOSAS ACHERON

cima da mesa, dizendo que iria guardá-lo porque ela já fizera sua escolha, Mirela rapidamente colocou na balança sua amizade de pouco mais de um mês com Louise e comparou-a ao seu objetivo, tendo o resultado em segundos. Estendeu a mão para Giovani, disposta a seguir em frente.

— Sei que se eu não fizer, você fará e ficará com toda a grana da qual eu também preciso. Se ela tem ouro para dar, é ouro que eu quero ter.

Giovani soltou o pacote na mão de Mirela balançando a cabeça afirmativamente e sorrindo de satisfação.

— Isso, garota. É assim que se fala – Mirela saiu em seguida e ele trancou a porta. — Vadia, me traga bastante ouro. Logo estarei satisfeito e então me livrarei de você também.

Depois da ligação para Dominique, Giovani seguiu direto para o quarto de Louise.

Desconfiada de que isso pudesse acontecer, ela o esperava armada com vidros de perfume e sapatos, disposta a atacá-lo, caso o homem tentasse contra ela.

— Não seja tola, Louise. Poderemos nos dar bem se não for teimosa – Giovani falou assim que ela o ameaçou.

— Já falou com seu sócio? – ela ignorou o comentário. — Nunca pensei que um homem do seu tamanho precisasse dar satisfações a um moleque.

— Você não sabe de nada, garota... Quero saber com quem esteve.

— Não interessa, porque nem eu mesma sei.

— Por que me ameaçou?

— Porque você vai se arrepender se não me

deixar sair daqui ainda hoje.

— Você não pagou tudo o que deve.

— Não devo mais nada. Todo o dinheiro que já lhe dei é suficiente para pagar por duas pessoas.

— Sei que ganhou presentes, se me entregar tudo, poderá ir.

Louise riu sem vontade.

— Por quê? Vai usar vestido e sapatos femininos agora?

— Quero o anel. Onde está?

Louise se perguntou por que Mirela tinha falado para Giovani sobre seus presentes.

— Se gosta tanto de dinheiro, por que você mesmo não vai fazer programas? Pode fazer melhor ainda, arrume um emprego digno, porque de mim, não terá mais nada.

— Eu, no seu lugar, não teria tanta certeza — Giovani avançou para a mala de viagem de Louise, abriu-a e começou a vasculhar seu interior, jogando

as roupas no chão. — Onde estão os presentes? — ele gritava.

— Deixe-me sair, Giovanni. Pago mais quinhentos se me deixar sair com minhas coisas.

— Não quero só o dinheiro. Quero o anel... e você — um brilho diferente apareceu nos olhos de Giovanni.

Com medo, Louise tornou a pegar os sapatos que deixara sobre a cama.

— O quê? — perguntou, subindo na cama.

— Desde que chegou aqui que sonho em possuí-la — ele agora estava de frente para ela.

— Giovanni, é melhor ficar onde está — Louise advertiu.

— Por quê? Nunca desejou estar comigo? — ele se aproximava lentamente. — Mesmo sabendo que sou eu quem decide sua vida, nunca quis se entregar a mim?

— Prefiro a morte. Você é nojento, além de
PERIGOSAS ACHERON

bandido.

— Sua raiva me fascina ainda mais.

— Pegue o dinheiro e me deixe ir.

— Primeiro quero você.

Giovani se aproximou da cama e Louise o acertou com o sapato. Ele praguejou e puxou-a pela mão, fazendo-a descer da cama.

— Pela última vez – ele esfregava a testa atingida. — Onde está o anel?

— Você nunca o terá – Louise tentou mordê-lo e por pouco não conseguiu, mas o arranhou.

— Vadia! – Giovani berrou e desferiu-lhe um tapa no rosto, fazendo Louise cair sentada sobre a cama. — Você será minha, querendo ou não – ele jogou-se sobre ela, que lutava para escapar do ataque do grandalhão.

— Giovani, pare! Eu imploro, pare! – ela empurrava o peito largo e malhado dele com as mãos, sem sucesso.

Com uma rapidez incrível, Giovani rasgou a camiseta de Louise, revelando o quanto era forte, e apalpou-lhe os seios por sobre o sutiã. Enquanto ele liberava o desejo contido, ela reuniu toda sua força e tentou empurrá-lo, arranhando-o mais uma vez. A consequência desse ato foi um novo tapa na face, desta vez bastante forte, e Louise tonteou.

— Você é minha! — Giovani berrou. Com uma mão imobilizou os braços de Louise e com a outra percorreu o espaço entre seus seios e a barriga. Depois, começou a erguer a saia da jovem, tocando em sua coxa e devorando-a com os olhos.

Jesus, me tira dessa, Louise pediu em pensamento e começou a debater-se.

— Fique quieta e vai acabar gostando — ele começou a beijar o pescoço de Louise e procurou seus lábios. Ainda debatendo-se, ela gritou que não beijaria um estuprador. — É o que vamos ver — Giovani a segurou pelos cabelos e aproximou a sua

PERIGOSAS ACHERON

boca da dela, mas Louise escondeu os lábios. —
Vadia! Me obedeça ou vai se arrepender.

— Socorro! — Louise gritou.

— Não adianta gritar. Não há mais ninguém na casa — novamente ele a apalpou nos seios e sua mão voltou a erguer a saia de Louise. — Como eu te desejo, imaculada! — a mão de Giovani atingiu a intimidade de Louise e ela estremeceu de terror.

— Ah, Jesus, me ajude! — ela exclamou em voz alta.

— E também não adianta gritar por santo nenhum.

Louise ouviu o que ele disse e em seguida ele se moveu sobre ela. Sentindo o terror crescer, Louise ouviu quando ele desatou o cinto e abriu o zíper da calça. Ela fechou os olhos dizendo a si mesma que estava perdida.

— É isso aí. Relaxa e aproveita.

Foi então que, após a voz dele, Louise ouviu
PERIGOSAS ACHERON

outra voz que gritou:

— Larga ela! Larga ela!

Giovani se contorceu quando sentiu suas costas serem golpeadas algumas vezes, voltou-se e também gritou:

— O que deu em você? Ficou louca?

— Larga ela – Mirela ainda gritava. Ela tinha nas mãos dois cabos de vassoura e uma grande faca estava presa na ponta de um dos cabos. — Deixe ela em paz. Estou pronta para atacá-lo de novo – Mirela orientou a Louise que saísse enquanto Giovani se arrumava dizendo palavrões e ameaças.

— Não se atreva – ele vociferou para Louise.

— Não se atreva você, Giovani. Deixe ela ir.

— Você vai se arrepender, Mirela. E isso é uma promessa.

— O que está esperando, Louise? Vai logo! – Mirela apontou para a porta.

Rapidamente, Louise pegou sua mala com o
PERIGOSAS ACHERON

restante das roupas que estavam dentro, e enquanto Giovani era mantido parado por Mirela, ela foi até a primeira gaveta da penteadeira e pegou um pacote.

— É aí que está o anel, não é, vadia? — Giovani tentou andar, mas Mirela o ameaçou balançando os cabos de vassoura a sua frente.

Louise colocou o pacote na bolsa e parou na porta.

— Você não vem? — perguntou para Mirela.

— Ainda não. Agora vá.

— A porta está trancada, suas imbecis — Giovani falou caminhando para Mirela. — Não tem como sair. A chave está comigo.

Louise quase desanimou, mas Mirela pensara em tudo.

— Tem mais dois cabos de vassoura aí no corredor, Louise. Pegue. Se Giovani não abrir a porta, nós o atacaremos — Louise hesitou e Mirela

PERIGOSAS NACIONAIS

tornou a gritar: — Rápido!

Louise atendeu e agora as duas ameaçavam o grandalhão, que se contorceu sentindo dores nas costas atingidas.

Mirela ordenou que ele abrisse a porta, e como Giovanni se recusasse, ela avisou que quanto mais ele se demorasse, mais ele perderia. Ante o olhar de Giovanni, demonstrando que não fazia ideia do que ela falava, Mirela explicou:

— Botei fogo em seu escritório. Vai perder tudo se não der a chave para Louise. Agora!

Ainda duvidando de que Mirela falasse a verdade, Giovanni sentiu cheiro de queimado e ficou preocupado. Pediu a Mirela que abaixasse as *armas* e jogou a chave para Louise, em seguida, saiu correndo para o seu escritório.

— Ande logo – Mirela empurrou Louise de leve.

— Venha comigo. Saia dessa também – Louise pediu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não posso.

— Ele vai matar você se ficar.

— Não vai, não.

— Você botou fogo mesmo?

— Claro que não. No escritório há coisas do meu interesse também. Queimei pó de café – Mirela riu de sua arte. — Agora vá e tente se esconder o máximo que puder. Direi a Giovani que se alguma coisa acontecer com a sua família, o seu cliente rico avisará a polícia.

— Obrigada, Mirela. Você me salvou – Louise chorou e abraçou a colega. — Vou orar por você.

— Okay. Chega de chororô. Boa sorte.

Louise correu até o portão e Mirela acionou o controle para abri-lo. Da rua, Louise acenou para Mirela e, depois de alguns segundos, saiu correndo, rumo ao desconhecido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

Passava das oito horas da noite quando Louise finalmente encontrou um lugar agradável para passar a noite. Depois que fugiu de Giovani, não se sentia totalmente feliz, porque o medo de que ele a encontrasse e também o medo de andar sozinha pela cidade eram maiores do que qualquer sentimento que a liberdade pudesse lhe trazer. Temendo pedir informação, porque carregava o restante do dinheiro e os presentes que Olavo lhe dera, ela caminhou por mais de uma hora à procura de um hotel, mas só encontrava lugares caros e, como sabia que precisava economizar, decidiu que procuraria um pouco mais.

Já estava cansada e com fome quando teve a ideia de perguntar em lanchonetes e postos de

combustíveis como faria para sair do centro da cidade e as pessoas foram gentis ao informá-la. Em um posto policial, indicaram um ônibus que a levaria até uma praça, no subúrbio, perto da qual encontraria pensões a preços acessíveis. No posto, depois de receber a informação, ela lutou contra o impulso de denunciar Giovani e o que acontecia na casa.

— Você está bem? — perguntou um jovem policial ao vê-la parada, sem expressão.

— Estou bem, obrigada — ela saiu prometendo a si mesma estudar um modo de denunciar o cafetão e proteger sua família ao mesmo tempo.

O ônibus no qual embarcou estava lotado e havia ainda um bom número de pessoas em pé. Louise ficou próxima à porta de saída para ser uma das primeiras a saltar quando chegasse ao seu destino. Reparou que não passava despercebida, nem havia como. Mesmo sem maquiagem e com os

PERIGOSAS ACHERON

cabelos desalinhados, chamava atenção pela altura e principalmente pelo belo rosto. Ignorou todos os olhares e completou a viagem de cabeça baixa, porém, estava atenta a tudo o que acontecia à sua volta.

Quando saltou na praça, Louise constatou que realmente havia muitos pequenos hotéis que poderia pagar e procurou por um que servisse refeições. Logo que se instalou, tomou banho, jantou e deitou-se para dormir.

— Obrigada, Deus, por ter me livrado daquele lugar — estava tão exausta que não conseguia orar, apenas repetia várias vezes a frase de gratidão.

Não demorou a pegar no sono, também não conseguiu que seu sono fosse contínuo. Sonhava que estava caindo ou sendo perseguida e acordava assustada, em seguida dormia para despertar com um novo susto, instantes depois.

Foi o sonho que teve com Mirela que a fez

PERIGOSAS ACHERON

acordar e se ajoelhar ao lado da cama para orar. No sonho, Mirela estava sendo torturada por Giovani por tê-la ajudado a fugir. Aflita, Louise chorou pela colega, depois pediu a Deus que tivesse uma boa noite de sono. Perto de uma hora da manhã, voltou a deitar e dormiu profundamente.

Louise acordou às oito e quarenta e cinco da manhã e, ainda na cama, agradeceu a Deus por ter permitido que tivesse uma noite de paz. Levantou-se e em poucos minutos estava pronta para o café.

No pequeno refeitório, serviu-se de pão com manteiga, uma fatia de bolo e café com leite. Comeu devagar, saboreando os alimentos e dizendo a si mesma que agora, em liberdade, tudo tinha um novo sabor. Mentalmente, repassava o que teria de fazer após o café: ir para a rodoviária, guardar seus pertences num guarda-volumes, ligar para os pais...

A dona da pensão, uma mulher baixa e gorda, passou por ela e sorriu, cumprimentando-a. Louise retribuiu o sorriso e perguntou que ônibus a levaria até a rodoviária, e a mulher, simpática, gastou alguns minutos explicando que três ônibus iriam para aquela região e o mais demorado valia mais a pena porque era o que chegava mais perto da rodoviária. Louise agradeceu e terminou seu café sem pressa.

A rodoviária era imensa e estava bastante movimentada naquele fim de manhã. Depois de percorrer vários corredores, Louise encontrou um guarda-volumes onde deixou sua bolsa contendo suas poucas roupas que sobraram, os presentes que recebera de Olavo e também algum dinheiro. Levou mais alguns minutos para encontrar o guichê onde as passagens eram vendidas, porque não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

queria perguntar nada a ninguém – seus pais sempre a ensinaram que era perigoso falar com estranhos, principalmente em uma cidade grande como era aquela onde ela estava. Quando encontrou o guichê, a fila estava gigantesca e Louise decidiu que não esperaria nela, então, dirigiu-se a um telefone público e ligou para casa. Sua irmã caçula foi quem atendeu ao telefone.

— Mamãe está? – Louise perguntou, após cumprimentar a irmã.

— Ainda não chegou da igreja – a menina de doze anos respondeu.

— Ah, sim – Louise se lembrou de que às terças-feiras a mãe passava a maior parte da manhã na igreja. — Estou voltando para casa – contou para a irmã.

— É? – a menina pareceu feliz. — Mas mamãe disse que você não será recebida aqui nunca mais.

— Disse? – Louise sentiu uma ponta de tristeza.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas vou pedir perdão e, quem sabe... — Louise secou as lágrimas.

— Espere um pouco, Louise. Mamãe acaba de chegar — Gabi a interrompeu e gritou: — Mãe, Louise está no telefone. Ela disse que vem nos visitar.

Josélia deixou a Bíblia sobre a mesa de centro em silêncio, depois lançou um olhar sério e intenso para a filha:

— Desligue esse telefone, agora!

Louise desligou o telefone quando ouviu a ordem da mãe para a irmã e mais lágrimas desciam de seus olhos azuis. Então, resolveu voltar para o guichê. Quando passava em frente a um dos banheiros, viu, com o canto do olho, que alguém acenava freneticamente em sua direção. Temerosa, levantou a cabeça e viu que Mirela a chamava e colocava o dedo indicador à frente dos lábios para que Louise a atendesse em silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mirela, o que faz aqui? O que aconteceu com seu rosto?

Mirela puxou-a para dentro do banheiro.

— O que faz aqui na cidade ainda? – perguntou.

— Eu não sabia onde era a rodoviária e...

— Você precisa fugir agora.

— Giovani bateu em você?

— Fuja, Louise. Giovani mandou dois bandidos atrás de você – Mirela esperou que algumas pessoas passassem por elas para então continuar. — Ele disse que não quer fazer mal a você, que quer apenas o dinheiro e os presentes que ganhou, mas estes homens, quando pegam alguém, acabam matando para não deixar rastros. E são torturadores.

— Por que você está aqui? Também fugiu da casa?

— Não. Estamos procurando por você desde ontem. Depois que você saiu, Giovani me agrediu, sim, mas já está tudo bem.

PERIGOSAS ACHERON

— Vai voltar para a casa?

— Eu preciso voltar.

— Por quê? Não entendo.

— Porque preciso. E você precisa ir embora já.

— Venha comigo, Mirela. Iremos até a casa dos meus pais, eles entenderão o risco, depois avisaremos à polícia...

— Esqueça isso. Não temos tempo. Eles estão pelos corredores. Vim com eles porque não conhecem você e, quando a vi no corredor, inventei que precisava vir ao banheiro. Se eu demorar aqui, eles vão desconfiar.

— Estou entrando em pânico com você falando desse jeito.

— Vou sair primeiro. Você sai em seguida e, não se esqueça, corra, fuja sem olhar para trás — Mirela abraçou a colega e saiu.

Minutos depois, Louise cuidadosamente saiu do banheiro olhando para os lados. Pensou em sair da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rodoviária e se esconder até a noite e então voltar para buscar seus pertences, mas resolveu fazer diferente. Retirou dinheiro do guarda-volumes e, quase correndo, entrou numa loja que viu em um dos corredores. Quando saiu, usava um boné preto escondendo os cabelos loiros e óculos de sol. Quando se dirigia ao guichê, viu Mirela em uma das saídas e a chamou, queria levá-la para longe da *casa*, salvá-la.

Junto com Mirela, dois homens se voltaram para ela e, percebendo que eram os homens de quem a colega falara, Louise correu em direção à estrada.

Um dos homens a alcançou após alguns metros e ordenou a ela que não gritasse nem resistisse, ou ele a mataria ali mesmo.

— Queremos o dinheiro e o anel, vadia. Giovani disse que tudo pertence a ele – falou o homem alto e magro, com a pele oleosa e marcada por acnes profundas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu escondi tudo.

— Onde?

— Na estrada, saindo da cidade.

Mirela e o outro homem os alcançaram.

— Entre no carro e nos leve até o local — ordenou o primeiro. — Se estiver blefando, eu mesmo a matarei.

O celular do segundo homem tocou e, enquanto ele atendia, Mirela entrou no carro com Louise.

— O que está fazendo? Ficou louca?

— Achei que estando na estrada seria mais fácil fugir.

— Se aqui, com toda essa multidão, já seria difícil... Louise, entregue tudo logo e tente escapar viva. Esses caras geralmente fazem mais do que Giovanni manda.

— Certo. Vou entregar. Mas venha comigo, Mirela. Deus tem o melhor para você. Não entendo como você e todas aquelas garotas gostam de ficar

PERIGOSAS ACHERON

nessa vida.

— A maioria delas gosta de estar na casa por dinheiro, mesmo repassando a maior parte para Giovani. Isso, para elas, é melhor do que ter de morar na rua ou em um lugar sujo, por exemplo.

— E você está na casa porque quer comprar um carro. Um carro vale esse sofrimento todo?

— Calem a boca – o homem que falava ao celular ordenou, colocando a cabeça para dentro do carro. — Mirela, saia. Giovani quer que volte agora.

— Entregue, Louise – Mirela falou e saiu do carro.

Louise saiu após Mirela, e quando os homens a viram fora do carro, ordenaram juntos para que entrasse de novo. Louise retirou do sutiã o anel e uma quantia em dinheiro e entregou para um dos homens.

— Agora me deixem ir. Já estão com tudo que

PERIGOSAS ACHERON

Giovani quer.

— Verdade. Deixem ela ir – interveio Mirela.

— Volte para o carro – ordenou de novo o homem magro a Louise. — Vamos buscar mais dinheiro no seu esconderijo.

— Não há mais dinheiro, está tudo com vocês.

— Entre no carro – ele a forçou, empurrando-a.

— Fuja – disse Louise para Mirela.

— Não posso. Tenho de voltar.

— Pelo amor de Deus, venha comigo, deixe aquela casa para trás...! – Louise gritou para a colega.

— Não posso, Louise. Giovani está com meu filho – Mirela enfim contou, com evidente tristeza.

— Seu filho? – Louise perguntou gritando de dentro do carro.

— Sim. Não quero um carro, quero meu filho de volta – Mirela aproximou-se da janela do veículo.

— Giovani não me deixará vê-lo enquanto não

atingir o valor estipulado por ele...

O segundo homem, branco e de cabelos castanhos lisos, deu a partida com o carro, interrompendo o que Mirela falava.

— Para onde vamos? — Louise perguntou, aflita.

— Por que não diz você? Onde é o esconderijo?

— Já disse que não há mais dinheiro escondido e também não há nenhum esconderijo. Eu menti pensando que seria mais fácil fugir estando na estrada, mas Mirela me convenceu a entregar o que pediam.

— Então vamos dar um passeio — falou o motorista.

As portas foram travadas e logo o carro corria a toda velocidade. Após um período em silêncio, o motorista disse que a levaria para um lugar onde poderiam fazer o que ela se recusara a fazer com Giovani.

Mais uma vez, Louise sentiu o terror crescer

dentro de si. As palavras de Mirela “tente escapar viva, esses caras geralmente fazem mais do que Giovani manda”, lhe vieram à mente e uma grande angústia a tomou ao pensar no que aqueles brutamontes fariam com ela. Pediu que a deixassem na estrada e chorou quando o homem que estava no banco do passageiro a segurou pelos cabelos e disse que sim, a deixariam partir, mas somente depois da *festinha* que fariam na mata. Louise fechou os olhos e abriu-os em seguida, pensando que seria melhor ficar atenta, caso passassem por alguém na estrada ou até mesmo por uma viatura policial, o que seria um milagre, e ela acreditava em milagres. Mas depois de alguns minutos, concluiu com pesar que estavam numa estrada onde mais ninguém passava, pelo menos naquele horário e justo naquele dia.

Ao se aproximarem da ponte que marcava o limite entre um município e outro, o homem

PERIGOSAS ACHERON

acelerou, dizendo que estavam chegando e, alguns metros à frente, chamou a atenção de uma viatura de polícia que saía de uma estrada de terra e tomava o sentido contrário ao deles. Rapidamente a viatura breiou e deu a volta, seguindo atrás deles, dando sinal para que parassem.

Louise abaixou a cabeça e, com os olhos fechados, disse um *graças a Deus*, em meio a um suspiro, em seguida olhou eufórica para fora.

— Fique quietinha. Se falar qualquer coisa ou der um mínimo sinal do que acontece aqui, você e o policial morrerão – disse o motorista, parando o carro no acostamento.

Quando o policial se aproximou, pediu os documentos do motorista e também do veículo. Após uma rápida análise, ele deu a volta no carro, olhando-o por fora, como se desconfiasse de que algo ali estivesse errado.

— Qual o motivo da pressa? – perguntou ao

PERIGOSAS ACHERON

motorista.

— Estamos levando a jovem para casa. Ela é modelo, saiu do interior, mas seus pais tiveram uma emergência e querem vê-la.

O policial se inclinou para ver a jovem e o outro passageiro. Acenou com a cabeça para ela e Louise sorriu, nervosa.

— Está tudo bem? – ele perguntou.

— Sim – ela respondeu. Seus olhos, cheios de aflição, diziam o contrário, mas ele pareceu indiferente.

Louise continuou a segui-lo com o olhar enquanto esfregava os dedos, tensa. Tinha vontade de gritar pedindo por socorro, porém, não queria colocar a vida do jovem policial em risco. Talvez ele fosse casado, tivesse filhos, ou fosse noivo ou então apenas seus pais o esperassem ao final do dia, e ela não queria causar mais tristeza a quem quer que fosse. Enquanto o policial completava mais

uma volta em torno do carro, Louise observou que ele era realmente jovem, ou ao menos aparentava ser. Era alto e bonito, mas não era magro e também não era gordo, embora não tivesse um corpo que se considerasse atlético. Os cabelos eram negros e obviamente bem cortados e o sorriso era quase infantil.

Se ele fosse mais velho, certamente perceberia meus sinais, Louise pensou. Sua tristeza aumentou quando viu que ele entregou os documentos ao motorista e disse que poderiam seguir viagem.

Enquanto o motorista guardava os documentos, o policial deu uma última olhada para Louise. Ela manteve os seus olhos fixos nos dele, apertou os lábios e então olhou de relance para o motorista e novamente para o militar. Ele sorriu pensando no quanto a modelo era bonita e virou-se para sair. Após dois passos, ele se voltou e se aproximou do carro, deixando Louise esperançosa e os dois

PERIGOSAS ACHERON

homens prontos para atacar.

— Para onde estão indo mesmo? — perguntou.

— Para Rio Bonito. Viagem longa — respondeu o motorista exibindo dentes amarelados num sorriso quase simpático.

O policial balançou a cabeça afirmativamente.

— Cuidem-se e façam boa viagem — e então ele se foi.

O motorista deu a partida com o carro e Louise pediu que ele a deixasse ir. O homem ignorou e ela desatou a chorar. Logo mais à frente, eles pegaram uma estreita estrada de terra que ficava à direita da via principal e adentraram nela por cerca de cinco minutos.

Louise começou a se debater e tentava abrir as portas do carro assim que entraram em um beco sem saída, à esquerda, mas logo foi puxada por um dos braços e retirada do veículo.

O motorista, que parecia ser o líder da dupla,
PERIGOSAS ACHERON

ordenou que ela se aquietasse e Louise cuspiu em sua face. O homem a empurrou com violência e Louise caiu de joelhos.

— Traga a vadia — ele ordenou para o companheiro magricela.

Sem muito esforço, o homem a ergueu, colocando-a sobre um dos ombros, dirigiram-se para o centro da mata, que não era muito fechada, e pararam numa clareira. O homem a jogou no chão e perguntou como ela gostaria de começar a festa.

Louise se levantou sentindo os cotovelos machucados e, antes que conseguisse ficar completamente ereta, sentiu um empurrão dado pelo motorista, sendo precipitada direto para o outro homem.

— Ah, é assim que ela quer começar a festa: dançando — ele a empurrou de volta para o motorista.

Ignorando os protestos da jovem e seus pedidos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para que a deixassem em paz, os homens empurravam-na de um para o outro, ordenando que dançasse para eles, enquanto pronunciavam palavrões e outras obscenidades em relação ao corpo de Louise e o que pretendiam fazer com ela.

— Vocês são nojentos, covardes – Louise gritou para eles e cuspiu novamente no motorista.

— Vadia! – ele a pegou pelos cabelos e a beijou à força, em seguida, virou-a para o outro homem que também a beijou e passou a língua por sua face e pescoço.

— Você é uma delícia, loirinha – o homem falou e Louise o acertou na canela.

— Já chega dessa dança idiota. Vamos logo ao que interessa. Passe ela para mim – pediu o motorista e, assim que pôs as mãos em Louise, ele a deitou no chão e jogou-se sobre ela.

Isso vai ser o meu fim – Louise pensou e gritou por socorro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Violentemente, o motorista segurou os braços dela ao longo do corpo, com os joelhos, e rasgou a blusa da jovem, passando a beijar-lhe a barriga, subindo em direção aos seios.

— Eu também quero — disse o outro, colocando-se de joelhos ao lado dela.

— Eu vou tirar o restante de suas roupas e, se você for boazinha, quem sabe eu seja carinhoso — o motorista exibiu de novo os dentes horríveis.

Com os braços presos, Louise chorava debatendo as pernas, mas as forças estavam acabando. Seu corpo tremia de terror e sentia frio e sede. Seus sapatos foram tirados e lançados para longe e, quando o motorista ergueu sua saia, ouviu-se o tiro.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

Ambos os bandidos lançaram-se ao chão, temendo serem o alvo dos disparos, ao mesmo tempo em que ouviam uma voz que ordenava que parassem o que faziam. O motorista foi o primeiro a levantar a cabeça para olhar na direção da voz e viu o jovem policial que os havia parado na estrada, minutos antes, se aproximando com a arma em punho.

— Desgraçado – ele praguejou.

O policial, cauteloso, efetuou mais um disparo para o alto.

— Mãos na cabeça os dois. Agora! – ele gritava, começando a correr. — Mãos onde eu possa ver!

— Graças a Deus! – Louise exclamou baixinho, sentindo um tremendo alívio.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me dê a arma – pediu o motorista ao seu comparsa.

— Ficou no carro – ele respondeu preocupado.

— Não pode ser. Prepare-se para fugir, então.

— Acho que não será preciso. Ele está sozinho, podemos dominá-lo e dar um fim nele.

— Mãos onde eu possa ver! – o jovem policial ordenou de novo. — Continuem deitados e não se movam. O meu reforço está a caminho.

— Policial, está havendo um engano – o motorista tentou falar.

— Calado. Segui vocês e vi o que pretendiam fazer. Moça, pode se levantar? – perguntou o militar para Louise.

— Sim – ela respondeu esforçando-se para se sentar.

— Então levante-se e venha – o policial falava de olho nos criminosos. — Não tenha medo. Está segura agora.

PERIGOSAS ACHERON

Os dois bandidos se comunicavam somente com olhares, sob o domínio da arma na mão do policial. Quando Louise tentou ficar em pé, teve tontura e quase caiu. O policial a apoiou e o motorista bandido, vendo seu descuido, num salto se levantou.

— Cuidado! — Louise gritou para o jovem que a salvara.

O policial se virou a tempo de ver o bandido avançar para cima dele e esquivou-se. No susto, atirou para defender-se e acertou a perna do outro homem que fugia correndo.

— Pare onde está! — ele ordenou e recebeu um golpe na face que o desequilibrou. Depois disso, o motorista também fugiu. — Não irão longe. Logo as viaturas chegarão e caçaremos vocês — o jovem salvador de Louise gritou para os bandidos.

— Por favor, me ajude! — o policial se virou para trás ao ouvir a voz da moça pedindo por ajuda.

Ela também levava um golpe do enviado de Giovani e quase desmaiara.

— Você está bem? — o policial se ajoelhou ao lado de Louise.

— Sim — ela escondeu os seios com os braços cruzados, porque não sabia onde fora parar sua camiseta que o motorista rasgara.

— Não se preocupe. Ainda está de sutiã — ele a tranquilizou. — Vamos para a viatura. Tenho um agasalho lá.

— Obrigada, muito obrigada — Louise agradeceu já dentro da viatura. — Foi Deus quem enviou você e na hora certa. Um minuto a mais e aqueles homens me matariam.

— O que aconteceu? Conhece aqueles dois?

— Não exatamente. Mas contarei tudo a você. É uma longa história. Agora, se não for pedir muito, poderíamos sair daqui?

O jovem a atendeu e dirigiu rapidamente até
PERIGOSAS ACHERON

alcançarem a estrada.

— Tudo bem. Está segura agora – o policial falou, parando no acostamento, porque Louise começara a chorar e a tremer, liberando a tensão que havia sentido nas mãos dos bandidos. Ele se compadeceu da jovem, e como o choro dela se intensificava, ele a tocou na cabeça, gentilmente, repetindo que ela estava em segurança ali.

Ao fim de alguns minutos, Louise finalmente se controlou e novamente agradeceu ao policial.

— Estou tão cansada e com sede!

— Vou levá-la para minha casa. Tia Dalila poderá ajudá-la.

— Não quero incomodar – ela fechou o zíper da jaqueta que ele lhe emprestara.

— Não será incômodo. Você precisa de ajuda e de cuidados para os seus ferimentos – o jovem decidiu não levá-la a um hospital porque imaginou que Louise pudesse estar fugindo também das
PERIGOSAS ACHERON

autoridades.

— Não me conhece nem eu conheço você — ela o olhou nos olhos.

O policial a encarou, balançando a cabeça em afirmativa. Novamente pensou no quanto ela era bonita e sentiu que o sofrimento dela o tocava profundamente.

— Me chamo Esdras. Sou policial, como pode ver — ele sorriu, um tanto tímido. — Será muito bem-vinda à nossa casa até que se recupere. Somos cristãos e sei que podemos ajudá-la. Se tiver alguma pendência com a justiça, veremos isso também, mas quando estiver melhor.

— Não devo nada à justiça, graças a Deus. E sim, aceito sua ajuda — Louise sorriu levemente. — A propósito, me chamo Louise.

Ele lhe estendeu a mão e Louise a apertou.

— Prazer em conhecê-la, Louise. Fico feliz em ter podido ajudá-la. Agora coloque o cinto — ele

PERIGOSAS ACHERON

deu a partida no carro depois disso. Em poucos minutos estavam na casa onde ele morava e, apesar de Dalila ser uma boa pessoa, ficou preocupada em receber Louise quando a viu suja e machucada. Pensou tratar-se de uma drogada e um calafrio correu sua espinha. Mas a recebeu cordialmente.

Após o banho, Louise recebeu os cuidados de Dalila para os seus ferimentos. Esdras acompanhava de perto, atendendo solícito aos pedidos da tia para que a ajudasse, e quando Louise se queixava de dor ou ardência nos cotovelos e joelhos, ele procurava acalmá-la, dizendo a ela que aguentasse mais um pouquinho, que Dalila estava terminando e que, com os remédios, logo estaria curada. De vez em quando, Dalila olhava discretamente para o sobrinho, preocupada com a atenção que ele dedicava à jovem e principalmente por desconhecer onde ou em quais circunstâncias Esdras e Louise haviam se encontrado. Só de uma

PERIGOSAS ACHERON

coisa tinha certeza, que o sobrinho estava encantado por Louise.

— Terminamos – disse Dalila. — Descanse um pouco, Louise, assim que Alessandro chegar, virei chamá-la para o almoço.

— Obrigada – Louise agradeceu emocionada, e quando tia e sobrinho saíram do quarto, ela virou-se para o canto e chorou. Ainda era difícil acreditar que fora salva das mãos de dois marginais e, ao mesmo tempo, sabia que era por milagre que estava descansando naquela cama e recebendo os cuidados de duas pessoas que pareciam ser tão especiais. — Obrigada, Deus! Mais uma vez me arrependo e peço perdão por tudo que fiz. Abençoa esta casa e as pessoas que me receberam – Louise orou sonolenta. Quando estava quase dormindo, lembrou-se de Esdras. Sorriu feliz ao pensar que ele fora um verdadeiro herói. *Tão jovem e tão corajoso!* – ela pensou, feliz. Depois, lembrou-se

PERIGOSAS ACHERON

que precisava voltar à rodoviária e, inevitavelmente, pensou também em Olavo. Conhecê-lo desencadeara os acontecimentos que a levaram até ali. Quis rever o homem que a libertara de Giovani, olhar nos olhos negros dele e abraçá-lo, como fizera no hotel. Iria agradecê-lo e dizer que ele poderia contar com ela para ajudá-lo a cuidar da esposa Beatriz. Com o coração acelerando, Louise se perguntou quais eram os reais motivos que a faziam querer rever Olavo. *Ele é tão lindo!* — pensou. Em seguida, sussurrou um *obrigada* como se ele pudesse ouvi-la. Uma expressão de medo e ansiedade colocou-lhe uma ruga no cenho e, ao fim de um minuto de emoção crescente, adormeceu.

— Uau! Quem é a gata? — Alessandro perguntou ao chegar em casa e ver Louise na sala com sua mãe e Esdras.

Louise ruborizou e Dalila chamou o filho.

— Venha cumprimentar Louise. Ela é nossa convidada e ficará conosco por alguns dias.

— Prazer em conhecê-la, Louise. Sou Alessandro – o adolescente de dezessete anos falou sem se aproximar dos três, imaginando que Louise fosse namorada de Esdras. — Você deu sorte, hein, primo! – Alessandro seguiu para o corredor e os três continuaram a conversar.

Louise, então, contou que tinha um irmão, Luis, e a irmã caçula, Gabi, era adotiva. Sem mencionar que sempre tivera consciência de sua beleza, falou do sonho de ser modelo e que agora, aos vinte e cinco anos, imaginou estar conseguindo realizá-lo.

Por serem cristãos e viverem no interior, seus pais eram rígidos e, à primeira menção do sonho da jovem, mostraram-se absolutamente contra.

— Isso não é para você. Ser modelo é coisa de mulher que quer ter vida fácil – dissera, na época,
PERIGOSAS ACHERON

Josélia.

Triste, ela abordara o assunto com o pai e ouviu dele que sim, ela poderia ser modelo. Louise quase saltara de alegria ao ouvir o *sim* do pai, mas, em seguida, ainda mais triste, ouviu o restante da frase na qual ele dizia que, para ser modelo, ela teria de viver longe dele e de sua casa.

— Mas, pai, posso ganhar dinheiro e ajudar vocês – dissera ela, sonhadora.

— E quem foi que disse que precisamos desse tipo de ajuda ou de dinheiro fácil? – a mãe perguntara, chegando de surpresa.

Louise não respondera, não queria provocar uma discussão, que era o que acontecia sempre que a mãe se sentia contrariada.

— Gostaria de saber – continuara Josélia — por que quer tanto nos envergonhar com essa ideia de modelo? Não está feliz com o que tem aqui? Acha mesmo que precisa do dinheiro que vem desse tipo

de vida promíscua?

— Mãe... — Louise respirou fundo antes de continuar. — Ser modelo não é nada disso que a senhora pensa. Claro que, como em qualquer profissão, tem gente boa e gente ruim...

— E você tem o péssimo hábito de sempre se aproximar de gente ruim. Claro, é assim na escola, na igreja, aqui na rua, você sempre procura os piores para ter como amigos. Imagino o que faria longe dos nossos olhos. E chega dessa história de modelo — Josélia praticamente gritou. — Vá lavar louças ou limpar a casa e aprenda a não ter medo de serviço como eu nunca tive. Sempre trabalhei duro para ajudar seu pai a criar você e seus irmãos. Por acaso você pensa que sempre fui assim, velha, acabada? Eu fui muito bonita e também poderia ter sido uma modelo, a diferença entre nós é que sempre tive e tenho temor de Deus na vida. Ao contrário de você que só dá dor de cabeça.

Louise não entendia porque a mãe insistia em dizer que ela era o lado ruim da família. Sempre ajudava em casa e era obediente, mais ainda que muitas de suas amigas. Mesmo seu sonho de ser modelo, ela não via como uma rebeldia ou coisa maligna, como os pais consideravam.

Porém, a partir daquele dia, Louise não mais tocara no assunto com sua família, apenas as amigas sabiam que nutria seu grande sonho. Ainda na adolescência, chegara a participar de concursos de beleza na escola e na associação de moradores do bairro e muitas vezes saíra vencedora, mas cada vez que chegara ao ouvido de sua mãe que ela estivera participando de desfiles, sofrera as consequências impostas pelos pais.

Com expressão de arrependimento, ela contou ainda que tudo começara a mudar quando conhecera Dominique, e que nem os pais e os conselhos de várias pessoas a convenceram de que

PERIGOSAS ACHERON

não devia dar ouvidos ao jovem que se apresentara dizendo-se capaz de fazê-la brilhar nas passarelas. O sonho de ser modelo e, assim, sair daquela cidade e tirar os pais e irmãos da pobreza a impedira de raciocinar quanto ao risco de sair sem destino certo com alguém completamente desconhecido.

Em rápidas palavras, Louise contou, também, como descobrira que fora enganada por Dominique e relatou alguns detalhes dos dias que passara sob o domínio de Giovani.

Esdras estava atento e perplexo, e enquanto Louise falava, ele planejava investigar a quadrilha que ela descrevia. Sem demonstrar emoção, ele sentiu uma ponta de ciúmes quando Louise falou de Moriel e principalmente de Olavo. Mas o ciúme se desvaneceu quando ela mencionou o momento em que ele a encontrara na estrada, ainda sob o poder dos bandidos, e lera em seus olhos o seu pedido de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

socorro, também a forma heroica como fora salva por ele.

— Ufa! Você é uma sobrevivente! Principalmente em relação aos seus pais — Alessandro falou, chegando quase ao fim da narrativa.

— Filho! Pense antes de falar — Dalila repreendeu o adolescente e chamou-os para o almoço.

Enquanto comiam, Louise avisou que depois do almoço precisaria retornar à rodoviária para buscar seus pertences e se recusou a repousar, como Esdras pedia que fizesse. Não tendo como convencê-la do contrário, o rapaz resolveu que a acompanharia até lá para certificar-se de que ela estaria segura.

PERIGOSAS ACHERON

— E você, por onde andou? Demorou tanto a chegar para o almoço. — Dalila perguntou ao filho quando ficaram a sós, após o almoço.

Pego de surpresa, o jovem não respondeu de imediato. Quando falou, tentou não parecer tenso.

— Ah, mãe, desculpe. Eu estava com amigos, conversando apenas. Não vi a hora passar. Mas está tudo bem, não vai acontecer de novo.

Dalila assentiu, preocupada, e decidiu que junto com o marido precisava intensificar os cuidados com o filho.

Alessandro era o filho único de Dalila e Leonel, mas os dois preferiam dizer que ele era o filho da consolação. Nascera depois de um momento conturbado. Anos antes, quando os pais de Esdras retornavam para casa após um dia de lazer no parque, sofreram um acidente automobilístico que os vitimou. Com eles estavam Esdras e a pequena Iasmim, filha de Dalila e Leonel. Esdras foi o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

menos atingido e recebeu alta do hospital em uma semana. Iasmim, com graves fraturas pelo corpo, lutou bravamente para sobreviver, mas depois de dias de sofrimento, ela não resistiu aos ferimentos e faleceu. O drama foi tão terrível que, não fosse o cuidado que a partir de então Esdras precisaria receber dos tios, eles teriam sucumbido à dor da perda de parte da família e principalmente ao vazio deixado em suas vidas pela partida da filha que adoravam. Quando o casal já conseguia raciocinar sem muita dor, Leonel disse à esposa que talvez devessem ter outro filho. Ela concordou, no entanto, uma visita ao médico os lançou de novo à prova. Os exames detectaram um problema nos ovários da jovem senhora e, depois de exames mais detalhados, o médico, com certo pesar, avisou ao casal que certamente o útero de Dalila deveria ser retirado. Muito abalados, eles voltaram para casa e tudo o que faziam era chorar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O reverendo da igreja que frequentavam os visitou diversas vezes com outros membros, porque em pouco tempo as dores abdominais impediam Dalila de ir à igreja ou de ficar sentada por alguns minutos, e, esperançosos, clamavam por sua cura.

Logo chegou a notícia da gravidez de Dalila e, com ela, o susto e o medo do futuro, do que iriam enfrentar. O susto e o medo só não foram maiores do que a certeza que Dalila passou a ter de que tudo daria certo, após sonhar com um bebê bonito e saudável que a chamava de mamãe.

Quando ouviu da equipe médica que aquele era o momento para a retirada dos órgãos doentes e também do embrião que se formava dentro de Dalila, o jovem Leonel se recusara totalmente a entregar os pontos.

— Acreditamos no milagre – respondera ele aos médicos que o olharam como se ele estivesse bêbado ou louco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Em reunião, depois de muito tentarem fazer o casal mudar de ideia quanto a dar prosseguimento à gravidez de extremo risco, os médicos enfim perceberam que não poderiam persuadir o casal de que a cirurgia deveria ser feita imediatamente, então, após assinar um termo no qual se responsabilizava pela escolha de não proceder com a cirurgia conforme os médicos haviam recomendado, o casal voltou para casa.

Firmes em sua decisão, o casal suportou as provações extremas, até que, aos oito meses de gestação, o pequeno Alessandro nasceu para a alegria do casal e de todos que acompanhavam sua luta. Mesmo tendo os órgãos retirados na mesma cirurgia, Dalila deu à luz um filho saudável, fazendo médicos e funcionários do hospital derramarem lágrimas de emoção.

Alessandro cresceu como um verdadeiro tesouro, sob intensos cuidados dos pais e da babá.

PERIGOSAS ACHERON

Tudo era meticulosamente pensado e desenvolvido de modo a não colocar o garoto em risco de espécie alguma. Dalila abandonou o emprego de professora em uma faculdade particular e passou a confeccionar toalhas, almofadas e tudo o que conseguia fazer em trabalhos manuais que não atrapalhasse os momentos que queria dedicar ao filho.

Leonel continuou trabalhando no banco onde era bem remunerado e viviam felizes com o pequeno Alessandro e Esdras que, na época, era quase um adolescente. O casal não fazia distinção entre os dois, mesmo tendo Alessandro nascido em meio a tanta turbulência.

Logo que possível, Alessandro foi matriculado numa escola de natação e numa outra de futebol. Os pais queriam que ele fosse o mais saudável possível. Quando completou seis anos, o colocaram em uma escola de música onde ele aprendeu a tocar

violão e bateria.

Já na adolescência, Alessandro compunha e cantava e sempre chamava a atenção por ser loiro, alto e bonito. Fez campanhas publicitárias na TV e em catálogos, mas o que queria mesmo era dedicar-se à música.

Tudo começou a mudar quando Alessandro fez novas amizades na escola. Seu comportamento mudara de uma hora para outra, seu rendimento escolar baixou e já não era mais o garoto responsável que os pais conheciam. Parecia que uma outra personalidade estava se formando dentro dele. Cada vez ele chegava mais tarde em casa e não aceitava os castigos impostos pelos pais, a quem antes sempre obedecera.

— Já tenho quase dezoito anos — ele dizia sempre que os pais tentavam colocar limites em sua rotina.

Em pouco tempo, Alessandro, um menino que

PERIGOSAS ACHERON

prometia ter um futuro brilhante, transformara-se numa caixinha de surpresas, da qual seus pais nunca sabiam o que poderia sair.

Capítulo 6

Na rodoviária, sob os olhos sempre atentos de Esdras, Louise se dirigiu até o local onde guardara seus pertences e do armário retirou o vestido, os sapatos e também o anel que Olavo lhe dera. Explicou para Esdras que comprara uma bijuteria e que a dera aos bandidos no lugar da joia que recebera de presente, mas o dinheiro, eles levaram todo.

— Não tem problema. Ficaré conosco até que melhore – Esdras falou, entendendo a preocupação da moça.

— Acho que sua tia não está muito confortável com a minha presença, apesar de ter me recebido com simpatia.

— Não acredito nisso. Titia está acostumada a lidar com alguns tipos. Ela e titio sempre recebem pessoas para ajudar.

— Ainda assim prefiro voltar para casa e pedir perdão aos meus pais. Lá é o meu lar.

— Concordo com você.

Louise abaixou a cabeça e apertou os lábios, pensativa, em seguida, um pouco tímida, perguntou:

— Você me emprestaria o dinheiro para a passagem? Pagarei assim que arrumar um emprego – ela concluiu apressada.

— Jamais eu cobraria de você. Eu lhe dou o dinheiro – quando Louise sorriu e agradeceu, Esdras pensou que não gostaria de vê-la partir. Seu coração acelerou e ele se sentiu ofegante. Disse

para si mesmo que sabia que se apaixonaria rapidamente por ela. — Louise, gostaria que ficasse conosco — ele falou esforçando-se para não demonstrar o quanto estava atraído por ela. — Quando estiver bem, eu mesmo a levarei até sua casa.

Em dúvida quanto a aceitar ou não a oferta de Esdras, Louise desejou não ter de voltar tão logo para a casa dos pais, seria difícil demais encará-los e certamente seria repelida. Também gostaria de ficar um tempo a mais na casa de Dalila, era incrível como os poucos minutos que ali passara lhe transmitiram tanta paz. Estava certa de que, se pudesse ficar com a família de Esdras por mais um tempo, seria muito feliz e teria uma chance de, em algum momento, voltar a sonhar. Ao mesmo tempo tinha medo de envolver a família do policial em sua vida complicada, principalmente se Giovanni a localizasse. Pensou em Dalila, em Alessandro e

PERIGOSAS ACHERON

também em Leonel que ainda não conhecera, e estava decidida a não atrapalhar suas vidas.

Isso mesmo, o melhor a fazer é voltar para casa – foi o que ela pensou, mas quando falou, suas palavras foram completamente diferentes:

— Tem razão. É melhor mesmo eu ficar com vocês. Se chegar em casa com estes ferimentos, daí sim, meus pais dirão que fiquei doida.

Naquela noite, junto com a família de Esdras, Louise foi à igreja. Enquanto o coro cantava, ela chorava, agradecendo por estar em um ambiente de paz depois de tanto tempo. Ao final, foi até o altar e soluços que vinham direto de sua alma entrecortavam o pedido de perdão que repetia incessantemente. Depois de minutos chorando, secou as lágrimas e suspirou, olhando para uma senhora que lhe sorria gentilmente. Sorriu de volta

para ela, sentindo-se leve e confiante de que poderia voltar a sonhar e a viver.

Leonel e Dalila não conseguiram se recolher para dormir após o jantar. Alessandro não os acompanhara à igreja e, quando chegaram em casa, não o encontraram. Preocupados, resolveram esperar por ele na sala de estar e ali acabaram adormecendo sentados. Acordaram um tempo depois com alguém cantarolando na garagem. Levantaram-se apressados e correram para abrir a porta.

Descabelado e com a camiseta molhada de suor, Alessandro cantarolava uma música que cantava com sua banda, mas as palavras eram confusas e sua voz soava esquisita, oscilando na tonalidade. De repente ele caiu no chão.

Dalila lançou-se sobre ele, preocupada, dizendo

PERIGOSAS ACHERON

ao esposo que o filho não estava bem.

Leonel chegou bem perto de Alessandro e uma expressão de imensa tristeza estampou o seu rosto.

— É claro que ele não está bem. Ele está completamente bêbado — ele murmurou, ajoelhando-se, decepcionado, ao lado do filho.

Ao fim de duas semanas, numa tarde de sexta-feira, Esdras e Louise vestiram roupas leves e abasteceram a caixa térmica do rapaz com água, frutas e sanduíches, porque, além do calor, eles enfrentariam quase três horas de estrada; em seguida partiram.

Quando chegaram à pequena cidade onde Louise passara toda sua vida, ela ficou emocionada. Queria poder ver tudo por onde estavam passando e olhava curiosa para fora do carro — como se nunca tivesse visto aquele lugar —, mas as pessoas, saindo à janela

de suas casas para ver o carro que não conheciam, a fizeram fechar o vidro fumê e se esconder, envergonhada.

Era quase noite quando chegaram perto da casa de Louise. Ela pediu que Esdras estacionasse numa determinada rua e, ao ver do outro lado a casa simples onde crescera, não conteve as lágrimas. Esdras ficou em silêncio, permitindo que ela colocasse a emoção para fora.

— Vem comigo? — ela perguntou, limpando o rosto.

— Minha presença pode complicar as coisas. Pelo que me contou, seus pais são difíceis.

— Ainda assim prefiro que venha comigo, ou não irei.

Esdras concordou e caminharam em silêncio, parando diante do portão. Louise inspirou fundo e pediu para Esdras acionar a campainha. Não foi preciso. No mesmo instante, Gabi apareceu na

janela e gritou feliz ao ver a irmã.

— Louise!? Pessoal, a Louise voltou! — a adolescente correu até o portão e abraçou a irmã, chorando.

Louise também chorava e, abraçando e beijando o rosto da irmã, falava da saudade que sentira. As duas foram interrompidas pela chegada de Luis. Louise olhou dentro dos olhos do irmão. Ela procurava por algum sinal de trégua. Soubera, através de Gabi, que ele também não estava disposto a perdoá-la, mas, em nome da amizade que sempre tiveram, ela tinha esperanças de que ele a aceitasse ainda antes dos pais.

— Mano! — ela exclamou.

Luis também era loiro como a mãe e ainda mais alto que Louise, e ali, parado, arrumado para ir à igreja, parecia mais um advogado que decidia se aceitava ou não defender uma causa. Ele olhou dela para Esdras, medindo-o da cabeça aos pés, depois

caminhou para Louise e a abraçou, emocionado.

— Você bem merece uma surra, mana, mas o que fazer se eu só sei te amar?

De dentro da casa, através da cortina da janela, Josélia observava o que acontecia em frente ao seu portão. Era impossível descrever o que ela sentia apenas pela expressão do seu rosto. Não parecia emocionada em nenhum aspecto, brava ou tocada pelo retorno da filha, apenas se concentrava na cena que não esperara ver tão cedo.

Antônio foi o próximo a se juntar ao grupo. Lentamente, ele caminhou até bem perto dos quatro enquanto seus olhos estudavam atentamente o rapaz que acompanhava sua filha, e Esdras o cumprimentou com um aceno de cabeça. Antônio parou, colocou as mãos nos bolsos da calça social e olhou para a filha que novamente secava os olhos, apreensiva. Por um momento, eles apenas se entreolharam, até que Louise sentiu confiança em

PERIGOSAS ACHERON

falar com o pai.

— Pai! — a voz embargou. Depois de limpar a garganta, continuou: — Me perdoa, pai, por favor! Estou tão arrependida... Queria poder dizer o quanto — as lágrimas voltaram a rolar dos seus olhos e Gabi a abraçou. — Fui enganada, fui prisioneira e por pouco não fui assassinada. Só tenho sofrido desde que saí daqui. Esdras me salvou da morte — ela apontou para o jovem. — Ele é policial e também é cristão.

Luis foi até Esdras e o cumprimentou com um aperto de mão, agradecendo por ter cuidado de sua irmã.

— Papai, me perdoa — Louise se aproximou do pai e o abraçou.

Ainda assistindo da janela, Josélia contraiu o maxilar quando viu o marido abraçar a filha e tocar de leve os seus cabelos loiros e lisos com ambas as mãos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não podemos mudar o passado, mas você pode se esforçar para ter um futuro digno – Antônio falou, fazendo Louise chorar ainda mais ao entender que o pai a aceitava, apesar de tudo. Em seguida, Antônio se dirigiu a Esdras: — Você é bastante jovem. É mesmo policial?

— Sim, senhor – Esdras respondeu num tom que deixaria qualquer pessoa sem uma dúvida sequer de que ele tivesse um treinamento militar.

— E o que pretende fazer agora, Louise? – o pai perguntou.

— Voltar para casa e recomeçar.

Ao fim da resposta de Louise, Gabi e Luis a abraçaram e também ao pai, comemorando o retorno da irmã. Puxado para o grupo por Gabi, Esdras começou a pensar que a família de Louise não era tão terrível quanto ela descrevera e entrou no abraço coletivo, já lamentando que ficaria longe de Louise.

PERIGOSAS ACHERON

— O teatro finalmente acabou?

Todos se voltaram na direção da voz.

Parada no portão, Josélia tinha uma expressão firme e severa, que acentuava ainda mais suas rugas no rosto magro.

— Então, alguém vai me responder se o teatro...

— Mãe, a Louise voltou! – Gabi sorria.

— Cale-se – ordenou a mãe. — Sabe muito bem que detesto ser interrompida – Josélia olhou para cada um do grupo. — Fiz uma pergunta: o teatro já acabou?

— Mãe, estamos felizes de verdade. Louise voltou – Luis tomou a frente do grupo.

— Acha que não percebi com todo o alvoroço que estão fazendo? Se era um *show* que queriam dar, parabéns, conseguiram. A vizinhança toda está assistindo de camarote.

— Então, mãe, por que não...

— Pode deixar, Luis. Eu falo com mamãe –

Louise interrompeu o irmão e deu dois passos em direção à mãe. — Oi, mãe! Estou aqui para pedir perdão. Estou arrependida e quero voltar para casa. Se soubesse o quanto tenho sofrido...

— Não sei e não quero saber — Josélia interrompeu a filha com indiferença. — Não foi o que você escolheu viver?

— Sim, mas fui enganada. A senhora tinha razão, mãe. Por isso estou aqui, quero reparar meu erro. Quero voltar para casa.

— Não sei o que deu no seu pai e no seu irmão, mas no que diz respeito à minha palavra, não volto atrás, isto é: você não é mais bem-vinda a esta casa.

Louise e todos os outros estremeceram.

— Você jogou o nome da nossa família na lama — Josélia continuou. — Sabe o que é você passar na rua e todo mundo fazer comentários sobre sua vida? Talvez você goste disso, tanto que queria ser modelo para aparecer, mas eu não. Eu tenho

vergonha nessa cara que Deus me deu – terminou batendo com a mão direita na face.

— Mas, mãe, erros existem, acontecem! – falou Louise.

— Mas você foi muito bem avisada.

— Acho melhor entrarmos para conversar, aqui não é o lugar certo para isso – Antônio se aproximou das duas.

— Aqui é o lugar certo, sim. Não recebo em minha casa pessoas que estavam vivendo sei lá que tipo de vida. Boa que não era, posso ver pelo seu aspecto e ferimentos, e também pela companhia que trouxe – Josélia não mais se importava com as pessoas que os observavam, curiosas.

— Esdras é um amigo, mãe. Ele é um cristão e...

— Não me importa quem ele é ou o que faz da vida. Só sei que não o quero aqui. E nem a você. Seu pai e eu temos sido motivo de chacota por onde passamos. E tudo por quê? Porque você queria ser PERIGOSAS ACHERON

uma sem-vergonha de uma modelo. Nunca se importou em estar envergonhando seu pai.

— Amor, acredito que isso não seja necessário agora. Louise voltou e está disposta a mudar de vida.

— Pois eu estou disposta a mudar de casa e viver sozinha se ela for recebida de volta – Josélia encarou o marido. — O que aconteceu com você? Já esqueceu que ela o envergonhou e esqueceu principalmente do acordo que firmamos de não nos contrariarmos? Bastou ela aparecer aqui com carinha de santa, coisa que ela nunca foi, e você já cedeu?

— Louise pode nunca ter sido santa, mas também não era uma perdida. Como a maioria dos jovens era sonhadora, desobediente... Queria dar uma chance a ela – falou Antônio, já vencido.

— E dar motivos para sua filha mais nova pensar que também poderá fazer o que quiser

PERIGOSAS ACHERON

porque seus pais são fracos e não cumprem o que prometem? É isso?

— Mãe... — Luis e Gabi também se aproximaram, mas a mãe não quis ouvi-los.

— E vocês não intercedam por ela. Se estiverem incomodados com a minha decisão, então podem ir viver com ela — Josélia virou-se para Esdras: — E quanto a você, mocinho, pare de me olhar com essa cara de bobo, porque sei que está me julgando, e trate de levar essa aí para longe daqui, para o antro onde certamente estavam metidos até agora.

— Mãe, por favor, não fale assim com Esdras — Louise interveio.

— Pode deixar, Louise. Eu não me incomodo — Esdras falou tranquilo.

Josélia olhou-o séria por alguns segundos e em seguida balançou a cabeça em negativa, arqueando os lábios num risinho zombeteiro.

— Cristão...!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mãe, reconsidere, por favor. Eu não tenho para onde ir.

— Considere-se perdoada, Louise, mas vá viver bem longe de mim – Josélia deu as costas ao grupo, entrou na casa e retornou segundos depois, carregando uma bolsa no ombro e uma bíblia à frente do peito. Passou por eles olhando fixamente para frente, e seguiu, rumo à igreja.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

Nos três meses seguintes, Louise esteve hospedada na casa de Dalila. Ela assumiu o compromisso de ajudar nas tarefas do lar e Esdras se comprometeu em pagar-lhe um salário por isso, mas Leonel fez questão de ser o patrão da moça, formalizando sua contratação. Também fez questão que ela se matriculasse em um curso de inglês, repetindo que, apesar de tudo, seu sonho de ser modelo poderia ainda se realizar e o conhecimento da língua estrangeira lhe seria útil.

Passou o Natal com a família de Esdras. Foi a

PERIGOSAS ACHERON

primeira vez que esteve longe de sua própria família durante as festas de fim de ano e chorou muito de saudade de todos.

Na igreja, ela fez alguns amigos e tinha muita admiração pela jovem Débora, principalmente quando ela tocava o piano da igreja, mas a moça não permitia que ela se aproximasse mais do que o suficiente para cumprimentar com um oi sem emoção. E era tudo.

Perguntado sobre qual o motivo de Débora se manter distante, Esdras tentou desconversar:

— Tenho tanta coisa para fazer, podemos falar disso numa outra hora? — ele estava sentado no escritório da casa e digitava um texto no computador.

— Não, não podemos — Louise se sentou diante da mesa e exclamou: — Está escondendo alguma coisa!

— Uma vez eu chamei Débora para sairmos. Eu

PERIGOSAS ACHERON

estava começando a me interessar por ela. Não rolou nada, não abordamos o assunto e imaginei que fosse somente amizade. Ela nunca deixou transparecer que gostasse de mim. Depois de alguns dias, me contaram do interesse dela por mim, mas aí um amigo me revelou que já gostava dela antes que eu a conhecesse. Faz pouco mais de um ano que a conheço.

— E você resolveu deixar o caminho livre para ele.

— Exatamente.

— Sem ao menos saber qual era a preferência dela.

Esdras olhou-a em silêncio, depois falou:

— Preferência?

— Sim. Não quis nem saber se Débora gostava dele ou de você e já desistiu.

— Ele é meu amigo e sempre achei que Débora tivesse mais interesse por ele, afinal ele também é

PERIGOSAS ACHERON

músico, estão sempre juntos... Mas eu gostava dela – ele repetiu.

— E sofreu com essa decisão? – Louise perguntou sem hesitar, depois pensou que talvez não quisesse realmente ouvir a resposta verdadeira.

— Demorou um pouco para que eu a esquecesse completamente – ele foi sincero.

— E como conseguiu esquecê-la?

Esdras estava ficando tenso e tímido com tantas perguntas, mas precisava responder. *Eu conheci você*, ele pensou em dizer, mas desistiu.

— Me envolvi com o trabalho. Foi muito bom – ele voltou a olhar para o texto que digitava.

— Eu não abriria mão de um amor sem antes saber qual a preferência do rapaz – Louise deu sequência à conversa.

Esdras olhou-a de volta e perguntou, depois de breve silêncio:

— Mesmo se ela fosse sua amiga?

— Mesmo que fosse. De que adiantaria abrir mão dele se os dois não ficariam juntos porque era de mim que o cara gostava? Sentiria muito, mas minha amiga teria que entender. A gente não manda no coração.

— Não mesmo – ele respondeu, pensativo. Em seguida, Esdras se espreguiçou na cadeira e perguntou: — Ainda gosta dele, Louise?

Pega de surpresa, ela perguntou de volta:

— De quem?

— De Dominique. É esse o nome dele, não é?

Louise, que estava um pouco inclinada para frente, apoiando um dos braços sobre a mesa, recostou-se na cadeira, e uma expressão de tristeza tomou seu semblante antes de responder:

— Eu gostava mais das promessas que ele havia feito do que dele, exatamente.

— Mas já o esqueceu completamente?

— Como poderia não esquecer alguém que me

fez tanto mal? Dominique desgraçou a minha vida, eu... — a voz de Louise falhou e seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Desculpe. Não tive a intenção — Constrangido, Esdras deu a volta na mesa e colocou-se diante dela, de joelhos, olhando-a de perto. — Louise, me perdoe, eu não queria fazê-la chorar.

— Eu... Eu... — Louise gaguejou.

— Olha, prometo nunca mais tocar neste assunto. Fui um insensível, reconheço e peço desculpas.

— Foi tão horrível o que eu vivi naquela casa — Louise finalmente conseguiu falar, ainda entre soluços.

Ele tomou as mãos dela.

— Eu sei, mas já passou. E ele não desgraçou a sua vida. Você está aqui, sã e salva. Recomeçando muito bem, por sinal.

— Desculpe – ela pediu. — Sou uma boba. Não sou tão forte quanto pareço.

— Você é forte, sim. E linda também. Vai encontrar alguém que a ame de verdade e será muito feliz, você vai ver – ele falava acariciando os dedos dela.

— Obrigada. Também quero acreditar assim – Louise se inclinou e o abraçou.

Esdras acariciou os cabelos dela e gostou da maciez e do cheiro. Quando Louise apertou um pouco mais os braços em volta dele, seu coração disparou e ele sentiu os braços tremerem. Afastou-se dela, temendo passar dos limites e beijá-la, não queria aproveitar-se de um momento de carência da moça.

— Espera! – ela exclamou de repente. Então se colocou também de joelhos no chão e aproximou a cabeça do peito do rapaz, encostou o ouvido na camiseta, que era o que a separava da pele dele,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como se quisesse ouvir algo ali dentro, depois olhou para ele. — Esse coração! — ela falou um tanto admirada.

— Coração? — Esdras não entendia.

— O seu coração — ela respondeu baixando um pouco a voz.

— O que tem meu coração? — ele estava rouco e a olhava, ficando ainda mais ansioso.

Louise hesitou e colocou a mão sobre o peito de Esdras, depois falou:

— Ele gosta de mim.

Esdras engoliu seco sem ter o que responder. Não acreditava que se permitira trair-se daquela forma e num momento daqueles. Tímido, baixou o olhar. Era difícil encarar Louise. Ela parecia sempre tão certa das decisões que tomava e muito sincera e objetiva também. E ali, esperando por uma resposta dele, ainda com lágrimas a umedecer-lhe os olhos, ela estava ainda mais linda.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim – ele respondeu num resquício de voz e esperou ouvir a mesma confissão da parte dela.

— Isso é lindo! – Louise falou e as lágrimas rolaram novamente de seus olhos.

— Sim, é lindo. E só Deus sabe o quanto este coração gosta de você – desabafou.

Esdras, sempre tão compenetrado e senhor das suas emoções e decisões, não mais conseguiu se controlar. Lentamente aproximou seu rosto da jovem, segurou-a pelos ombros delicados e olhou dentro dos olhos azuis que admirava. Em seguida ele a beijou.

Alessandro chegou em casa num início de tarde de sexta-feira e pediu para falar com o pai, no escritório da família. Contou-lhe que uma garota da escola, chamada Alana, o convidara para sair no

PERIGOSAS ACHERON

domingo e pediu sua opinião.

Leonel ajeitou com a mão os cabelos lisos e pouco grisalhos para o lado direito. Inspirou lentamente e pediu que o filho se sentasse. Já o tinha ouvido comentar sobre Alana ser bonita e agradável. Pensou ser importante o filho conhecer alguém, talvez ficasse mais responsável. Nos últimos meses, Alessandro estivera bastante descontrolado e seus pais sabiam que andava bebendo álcool, por mais que ele negasse.

— Bom, Alessandro, esses encontros geralmente parecem ficar mais sérios do que realmente são de uma hora para outra. É importante que tenha responsabilidade. Essa moça, Alana... Certamente seus pais também a amam muito, e por isso você precisa respeitá-la. Eu também quero ter certeza de que posso confiar em você. Está se tornando um homem...

Alessandro desviou o olhar por alguns segundos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando voltou a olhar para o pai, havia verdade em seu semblante.

— Pai, sei que está difícil confiar em mim, estou num momento complicado. Mesmo assim, peço que não desista de mim.

— Algo totalmente impossível, filho – tomou a mão direita do adolescente nas suas. — Preste atenção: desistir de você não é uma opção e nunca será. E você também, confie em mim sempre. Lembre-se disso quando estiver com Alana. Espero que tenha um encontro agradável.

Alessandro beijou a mão do pai, como sempre fazia e, inclinando-se por sobre a mesa, beijou-o também na fronte e saiu do escritório após um sorriso de cumplicidade e satisfação.

Sozinho, Leonel inclinou a cabeça e, numa prece silenciosa, pediu a Deus que guardasse e protegesse seu filho.

PERIGOSAS ACHERON

No domingo, Alana esperava Alessandro no local combinado e estava lindamente vestida, de camiseta branca e calça jeans, e usava um charmoso sapatinho de salto baixo, vermelho. Os cabelos pretos eram lisos e na altura dos ombros, a pele era branca, os olhos negros. A boca perfeita estava pintada de rosa. Quando o viu chegar, foi direto para ele e o beijou nos lábios como se fossem namorados.

— Tive medo de que não viesse – falou ela, segurando-lhe as mãos. — Vamos, estou com o carro do meu pai – ela o puxou pela mão.

— E você tem autorização deles? Você tem carteira?

— Não tenho carteira, mas eu sei dirigir muito bem – já dentro do carro, ela comentou que deveriam passar em sua casa para deixar o veículo.

— Quem está aí? – Alessandro perguntou ao

PERIGOSAS ACHERON

chegarem à casa dela.

— Alguns amigos. Não se preocupe, papai e mamãe não estão. Voltam da praia somente à noite.

Alessandro quis esperá-la fora da casa, mas a adolescente o pegou pela mão e o conduziu para dentro.

Alguns jovens, dos quais a maioria ele conhecia da escola, ouviam música e comiam algum tipo de aperitivo e bebiam um líquido azul, que Alessandro não sabia dizer o que era. Um deles se aproximou oferecendo uma taça da bebida, que ele aceitou e, incentivado por Alana, provou do líquido. Ele continuou sem saber o que era, porém soube na hora que era alcoólico.

Alana retirou-se e, quando retornou, usava somente um biquíni azul. Quando a viu, Alessandro ficou estático e as mãos começaram a suar.

— Vamos para a piscina? — ela perguntou.

— Não íamos sair?

— Acho que não posso deixar esse povo todo aqui...

— Você me enganou – Alessandro protestou.

— Não enganei. Podemos ir ao cinema, mas eu preciso de um mergulho para me refrescar. Está quente, não acha?

— Vou embora! – ele falou, decidido.

— Okay. Venha – ela o chamou, subindo as escadas.

— Para onde?

— Venha! Vou trocar de roupa e então poderemos ir ao cinema – ela entrou em um dos quartos.

Alessandro parou educadamente antes da porta e, enquanto esperava, sentiu a boca seca. A curiosidade o fez esticar um pouco o pescoço na direção da porta entreaberta e o coração disparou, mas logo desviou a cabeça para o outro lado. Ainda segurava a taça com o líquido azul e bebeu outro

PERIGOSAS NACIONAIS

gole, sentindo que ficava mais nervoso a cada segundo.

— Oi! – Alana apareceu na porta do quarto. — Por que não entra? É meu convidado. Fique à vontade.

— Não... Eu... – Alessandro gaguejava.

— Venha – ela o puxou pelo braço e o fez sentar na cama. Sem que ele esperasse, Alana se sentou sobre suas pernas e o beijou, dizendo que tinham a tarde toda livre para eles.

Recebendo os beijos de Alana, Alessandro ficava cada vez mais ansioso e não conseguia dizer nada. Ela pegou a taça da sua mão e bebeu um gole, depois deu para ele beber, dizendo que álcool ajudava nessas horas. Assim que ele bebeu, ela colocou a taça no chão ao lado da cama e passou a beijá-lo com mais intensidade.

— Mas eles... Seus amigos.... podem aparecer...
– Alessandro tentava falar entre um beijo e outro.

PERIGOSAS ACHERON

— Esqueça eles. Estão se divertindo — ela se levantou e fechou a porta. Quando se aproximou de novo dele, começou a abrir sua camisa. — Sua pele é tão branquinha. E linda, exatamente como eu pensei — Alana beijou o peito dele e mordiscou o pescoço, pegou as mãos de Alessandro e colocou em sua cintura.

Já envolvido, Alessandro a beijou com vontade.

Alana intensificou os beijos no pescoço dele e as carícias. Em seguida, arrancou sua camisa e com rapidez o deitou na cama. Ainda sentada sobre suas pernas, abriu lentamente o zíper da calça jeans do adolescente e jogou-se sobre ele, beijando-o e repetindo que estavam seguros ali.

Após alguns beijos e suspiros entrecortados, Alessandro a fez parar, de repente. Segurou as mãos dela e havia preocupação e nervosismo em seu olhar.

— O que aconteceu? — ela perguntou.

Alessandro desviou o olhar e tentou tirá-la de sobre seu corpo. Quando Alana se afastou, ele rapidamente sentou-se procurando a camisa.

— O que é isso? — ela falou alto, olhando para o zíper da calça que Alessandro tentava fechar. — Eu vi. Você está molhado!

Em desespero e envergonhado, Alessandro se levantou e fechou a calça, vestiu a camisa sem fechar os botões e saiu a passos largos. Na escada, os outros jovens se assustaram ao verem que ele saía e tentaram disfarçar que estiveram ouvindo atrás da porta. Alessandro passou por eles como um raio.

— O que aconteceu? — perguntou um deles para Alana, que apareceu no topo da escada.

— Eu não sei. Não deu tempo de nada! — Alana gritou de onde estava. — Ele terminou antes mesmo de começar... Fez nas calças.

Os jovens todos riram e Alessandro sentiu o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

calor da vergonha inflamar seu rosto. Teve vontade de chorar e de desaparecer. Num piscar de olhos, virou-se e saiu da casa correndo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8

Alessandro encontrou bebida em um boteco no caminho para casa. Sem que ninguém se incomodasse em perguntar se ele era ou não maior de idade, comprou a bebida e seguiu para um parque nas imediações. Sentou-se num banco retirado dos outros e bebeu alguns goles. Pensou no porquê de estar fazendo aquilo se não era um alcoólatra e a resposta veio em seguida: toda vez que pensava na vergonha que passara na casa de Alana e na humilhação que certamente viveria na manhã seguinte, na escola, o gosto da bebida de Alana voltava à sua boca e ele queria mais. Como

não sabia sequer o nome do que bebera, comprou conhaque e parecia estar ajudando a esquecer seu fracasso. Já era tarde quando chegou em casa e escondeu a garrafa no jardim. Seguiu direto para o quarto e trancou-se. Escolheu um CD da sua banda favorita e ligou num volume bastante alto. Deitado, chorou muito e se perguntava o que havia de errado consigo. A cena odiosa dele fugindo em meio a sarcasmos dos colegas não saía da sua mente. Se abria os olhos, a via, se os fechava para afugentá-la, lá estava ela de novo, atormentando-o. Assim que percebeu silêncio na casa, ele abriu a porta e saiu de mansinho. Havia um bilhete de seus pais sobre a mesa de centro na sala de estar.

“Filho querido, sabemos que não está bem e ficamos aflitos com isso. Não temos como saber o que aconteceu hoje no seu encontro, mas não esqueça: estamos com você aconteça o que
PERIGOSAS ACHERON

acontecer e temos certeza de que tudo dará certo. Não desista, você está indo muito bem.”

Com amor, mamãe e papai.

Alessandro chorou ainda mais com o bilhete dos pais na mão. Sabia que poderia contar com eles sempre, porém, como contar-lhes que falhara daquela forma com Alana? Não teria coragem. Tentaria resolver sozinho. A campainha do seu celular o despertou dos seus pensamentos e, quando atendeu, um colega seu dizia que ficara sabendo do ocorrido na casa de Alana. Enraivecido, não respondeu. Desligou o aparelho e jogou-o longe. Voltou para o quarto e lançou-se sobre a cama.

— Droga, droga! O que eu faço? — gritou com o rosto enterrado no travesseiro.

Mas ele não se referia ao que acontecera na casa de Alana e sim ao desejo que se acendia em seu interior. Depois de minutos deitado, levantou-se e

PERIGOSAS ACHERON

foi até o jardim.

Louise e Esdras chegaram logo após os tios e depararam-se com Dalila em prantos. Assustado, Esdras quis saber o que estava acontecendo e, aproximando-se da porta do quarto de Alessandro, sua tia explicou que desde que ela e o marido haviam chegado que estavam chamando pelo filho e ele não abria a porta, nem sequer respondia aos pais.

— Precisamos arrombar a porta — ele falou, correndo para a garagem.

Leonel voltava para dentro com uma barra de ferro nas mãos. Esdras tomou a ferramenta dele e com um pouco de esforço abriu a porta.

Alessandro estava caído no chão e Dalila desesperou-se, achando que o filho estivesse morto. Lançou-se sobre ele batendo em seu peito e

pedindo pelo amor de Deus que ele voltasse para ela.

— Tia, fique calma, ele está vivo, ele está conosco – Esdras examinava o pulso do primo.

— Você tem certeza?

— Sim. Ele deve ter... – Esdras parou no meio da frase e a tia pediu que ele continuasse. — Ele bebeu, tia, tenho quase certeza, e bebeu bastante. Está dormindo profundamente por causa da bebida – a tia olhou-o e recomeçou a chorar.

Com a ajuda do tio, Esdras colocou Alessandro sobre a cama e depois de alguns minutos conseguiu acordá-lo.

— Vamos dar um banho nele – falou o pai e ambos o levaram até o chuveiro do pequeno banheiro que ficava em seu quarto.

Alessandro passou a resmungar palavras sem muito sentido, e Esdras conversava com ele para mantê-lo acordado. A água fria ajudou a despertá-

lo um pouco mais e então já podiam entender que Alessandro pedia desculpas e lamentava que fora fraco.

Leonel pediu para ficar a sós com o filho, precisava despi-lo.

— Eu fui, pai, eu fui...

— Tudo bem, filho. Estou aqui agora – Leonel não queria pensar no que teria acontecido no encontro do filho com a garota da escola.

— Mas eu fui, pai... Na casa dela... Não deu... – Alessandro gaguejava cambaleante e o pai o colocou deitado na cama. — Ela tentou, pai... E eu fui fraco – ele começou a chorar. — Eu fui fraco, passei vergonha.

— O que houve lá, filho? – o coração de Leonel ficou apertado ao perguntar.

Alessandro chorou ainda mais e resmungou:

— O que há de errado comigo? Por que terminei antes mesmo de começar? – ele sentiu náuseas. —

Estavam muitos amigos meus lá e eles riram de mim.

Leonel compreendeu do que o filho falava e teve pena dele.

— Está tudo bem, filho. Agora descanse. Amanhã tudo será diferente, você vai ver.

— Odeio aquela gente, pai — Alessandro começou a tossir violentamente e não segurou o vômito, fazendo uma grande sujeira no chão, que espalhou o cheiro da bebida pelo quarto.

Louise e Esdras se prontificaram a limpar o chão e Dalila correu para preparar um chá. Quando retornou ao quarto, Alessandro já tinha adormecido.

Na sala de estar, Dalila insistia com o marido que chegara o momento de pôr em prática o plano que havia dias estavam amadurecendo em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conversas.

— Tenho medo de piorar as coisas — falou Leonel calmamente.

— Tenho medo que Alessandro piore — respondeu Dalila, triste.

Sem saber do que falavam, Louise limpou a garganta e comentou:

— Desculpem, talvez não seja o momento, mas... eu tive um sonho... Sonhei que vocês foram embora... Na verdade...

— O que disse? — perguntou Dalila, endireitando a coluna no sofá.

— Que sonhei que vocês, na verdade... Enfim, sonhei que moravam numa outra cidade, uma cidade pequena e tudo parecia ser tão diferente...!

— Essa é a resposta — Dalila se voltou para o marido, chorando.

— Calma, querida — ele colocou o braço sobre os ombros da mulher. — Precisamos saber...

PERIGOSAS ACHERON

Louise? – ele a chamou e perguntou: — Quando teve esse sonho?

— Hoje – ela respondeu simplesmente, sem entender.

Dalila se levantou e a abraçou.

— Louise, seu sonho é a resposta que esperávamos.

— Do que está falando, tia? – Esdras cedeu à curiosidade.

— Iremos embora, Esdras. Seu tio e eu temos pensado muito em mudar de cidade para ver como Alessandro reage, se ainda não partimos é porque precisávamos de uma resposta que nos tranquilizasse sobre estarmos agindo corretamente – ela olhou para o marido, emocionada, depois voltou a falar com Esdras. — Deixaremos este lugar e iremos para outra cidade, um lugar pequeno. O sonho de Louise é a confirmação de que devemos mudar de cidade para o bem de

PERIGOSAS ACHERON

Alessandro.

Trancada em seu quarto, Louise pensava em que sentido o seu sonho, aparentemente simples, seria uma confirmação para seus patrões. Como eles poderiam ter tanta certeza disso? Sequer contara a eles mais do que uma situação de tudo o que sonhara! Mas seria somente isso? O sonho que tivera nada tinha a ver consigo e servira somente como resposta para o casal? Por um instante ficou desapontada. Gostaria de viver o que vivera no sonho, mas quem seria ele? Novamente as cenas do sonho que a inquietava passaram diante dos seus olhos. Pareciam tão reais! Nelas, ela estava feliz, vivendo em uma pequena cidade que sabia não ser a sua cidade natal. Também viviam lá Leonel, Dalila e Alessandro, e todos estavam prontos para o

PERIGOSAS ACHERON

seu casamento. Louise se emocionou ao se lembrar do vestido que vira no sonho. Era lindo como o de uma princesa. Na igreja, no entanto, não conseguia ver o rosto do noivo que a aguardava.

— Por quê? — ela falou alto.

Por mais que se esforçasse para recuperar alguma parte que talvez tivesse escondido sem querer em sua mente, de nada adiantava. Viu-se caminhando pela nave do templo em direção ao altar e se lembrava de que estava feliz, só não entendia por que seu noivo estava com o rosto ofuscado por uma espécie de luz ou neblina. Ainda no corredor do templo, caminhando para o altar, pensou que o noivo podia ser Esdras ou até mesmo Olavo, mas era difícil ou impossível saber.

O domingo estava acabando e todo aquele dia ela passara com a emoção do sonho mexendo com o seu coração. Não sabia porque, mas em determinada hora do dia, passara a pensar em

PERIGOSAS ACHERON

Olavo e em tudo o que viveram no hotel na noite em que ele a salvou de Giovani, dando-lhe o dinheiro para sua liberdade. Novamente teve vontade de vê-lo e uma saudade apertou seu coração. Sentiu-se ridícula por estar pensando em um homem casado e pediu perdão a Deus, para logo em seguida se lembrar de que Olavo lhe dissera que sua esposa, segundo os médicos, teria pouco tempo de vida. Quando um fio de esperança acendeu em seu coração, lembrou-se de Esdras e que ele dizia gostar muito dela. Não negou que também tinha um sentimento especial por ele, mas naquele domingo o evitou o quanto pôde. Quando ele a pedira em namoro, mais cedo, no carro, não teve certeza de que era aquilo que queria e por isso adiar a resposta. Contudo, sabia que mais cedo ou mais tarde teria de ser sincera com ele, porque agora que os tios de Esdras disseram que planejavam sair da cidade, ele certamente abordaria

PERIGOSAS ACHERON

o assunto a qualquer momento, e ela não iria querer dizer que não poderia ser sua namorada porque um sonho, no qual se casava com um homem sem rosto, a deixara confusa.

— Deus, me ajude, não quero errar de novo — ela falou, servindo-se de um copo de água. Retornou para a cama e pensou de novo em Olavo. Outra vez desapontada, concluiu que o noivo misterioso não poderia ser ele e aquilo não passara de um sonho romântico misturado com a resposta para o problema de Alessandro. — É isso mesmo — falou alto mais uma vez. — Olavo é executivo de uma grande empresa e vive na capital. E, se meu sonho não foi somente para resposta aos patrões, meu casamento será no interior. Mas com quem? — cansada, adormeceu.

Dois meses se passaram até que Leonel conseguiu, enfim, encontrar uma casa na pequena cidade de Aurora, e o contrato foi assinado

PERIGOSAS ACHERON

imediatamente. Em conversa com a esposa, ele decidiu que não venderiam sua casa, que ficaria aos cuidados de Esdras ou a manteriam fechada, caso o sobrinho conseguisse transferência e fosse embora com eles.

Louise decidiu procurar um novo emprego, porque considerava que, na nova casa, Dalila não precisaria de empregada, mas Dalila e Leonel se recusaram a deixá-la na cidade, dizendo que a queriam por perto e que já a consideravam parte da família. Agradeceu, lisonjeada, e correu para o quarto para decidir exatamente o que levaria para Aurora.

Na noite de quinta-feira, ela e Esdras estavam numa praça da cidade. Haviam comprado sorvete e conversavam como amigos, até que ele tocou no assunto da partida da família.

— Amanhã vocês irão embora — falou de modo pesaroso. — Será estranho demais estar longe de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meus tios e de Alessandro. Sentirei saudades de todos e de você, especialmente.

— Também sentirei saudades — Louise respondeu esticando o braço para colocar o guardanapo na lixeira. — Será esquisito não ter você por perto.

Esdras também terminou seu sorvete e se levantou. Ela o seguiu.

— Foi maravilhoso conhecer você — ele falou olhando para o céu.

— Ei, calma aí. Ainda nos veremos. Acha que vai se livrar de mim assim tão fácil? — Louise o puxou para perto de si. Olhando nos olhos dele, ela falou: — Também achei maravilhoso conhecer você. Espero que logo consiga sua transferência ou eu mesma virei buscá-lo — duas lágrimas caíram dos seus olhos e rolaram pelo belo rosto.

— Não faz assim. Me dói tanto vê-la chorar — Esdras limpou as lágrimas dela.

PERIGOSAS ACHERON

— É que já estou com saudades... Ainda está apaixonado por mim? — ela perguntou, emocionada.

— Quem disse que já fui apaixonado por você? — Esdras fez uma cara de espanto e riu bastante em seguida. — Desculpe. É claro que sim. Como nunca havia sido antes.

— Que bom ouvir isso. Tive medo de perdê-lo.

— Acha que está pronta agora? — ele a puxou para mais perto e Louise o encarou, séria. — Para ser a minha namorada?

Louise sorriu, jogando a cabeça para trás, depois falou:

— Sim, estou.

Esdras também sorriu feliz, tomou-a pela mão e a abraçou. Em seguida beijou-a no rosto e nos lábios gentilmente. — Estou tão feliz em finalmente firmar um compromisso com você, bela Louise.

— Eu também, meu policial herói — Louise

PERIGOSAS ACHERON

respondeu sinceramente e abraçou-o pelo pescoço.

— Tratarei de me mudar logo para Aurora. Não pretendo ficar longe de você por muito tempo mais.

Louise sorriu e o apertou nos braços. *Acho que vou me apaixonar por você, Esdras* – ela pensou. Contudo, não pôde ignorar o frio na espinha, quando, em sua mente, a nitidez do sorriso de Olavo tomou uma proporção maior do que nos últimos dias.

Capítulo 9

Aurora era uma cidade linda e pequena, com pouco mais de trinta mil habitantes. Extremamente limpa e organizada, parecia ter saído do cenário de uma novela romântica. As ruas eram espaçosas e, nas calçadas, depois do espaço destinado aos pedestres, foram plantadas árvores e cada uma delas ficava exatamente diante de uma casa. Tudo parecia muito simpático e, olhando pela janela do carro, Louise admirava as ruas com atenção, inclusive as casas que eram todas muito parecidas, mudando apenas em alguns detalhes, como varanda, modelo das janelas e a pintura.

— O que estão achando? – perguntou Dalila, animada.

— Parece ser um belo lugar – Louise comentou.

— Parece que só tem gente velha aqui — Alessandro falou sem olhar para fora nem para a mãe.

Dalila sorriu olhando para o filho pelo retrovisor e seu coração se enterneceu. Ele estava com a cabeça apoiada no vidro e seu olhar parecia não registrar nada do que tinha na cidade. Estava triste. Não entendia como ele não se recusara a viajar deixando sua vida toda para trás. Ela mesma quase desistira da mudança quando o viu se despedir dos amigos da banda chorando muito. Mas Alessandro fora corajoso e sabia que os pais estavam se sacrificando por ele, e o próprio Alessandro também queria muito se livrar do álcool.

A nova casa da família era de madeira nobre, como a maioria das outras moradias da cidade, e muito bem feita. As janelas da frente eram grandes,

PERIGOSAS ACHERON

principalmente as da sala que iam quase até o chão. As portas eram pintadas de um tom grafite mais escuro que o tom das janelas. Do portão até a entrada da varanda havia uma distância de mais de sete metros a ser percorrida por sobre uma calçada de pedras ladeada por pequenos pés de hortênsias floridos. Do lado direito da entrada ficava uma ampla garagem que dava para o espaçoso fundo do quintal. Por dentro, a casa era bem dividida e iluminada tanto pela luz elétrica quanto pela natural. Os quartos no andar de cima eram grandes e dois deles possuíam banheiros, e havia mais um banheiro no corredor.

— Pessoal, já estou preparando o café – Louise voltou da cozinha após muito trabalho na organização de móveis e utensílios. — Vi uma panificadora no caminho e vou buscar pão e bolo. Vem comigo, Alessandro?

— Vou, sim. Estou ansioso para conhecer meu

PERIGOSAS ACHERON

novo lugar. Talvez acabe gostando daqui, se me imaginar em férias...

Pelas ruas de Aurora, Louise e Alessandro ficaram ainda mais encantados com o local. A praça, localizada bem próximo de onde morariam, era limpa e florida, e no centro dela havia um coreto que resistira às mudanças, que mesmo sem interferir na rotina da cidade, haviam acontecido. Havia uma pista moderna para a prática de *skate* e brinquedos instalados pela prefeitura.

Na panificadora, puderam ver que as pessoas também eram agradáveis, respeitavam fila e falavam educadamente, as atendentes estavam devidamente uniformizadas e eram bastante simpáticas.

Quando se preparavam para sair, Louise reparou num garotinho que chorava e discutia com uma adolescente sobre comprar ou não um sorvete.

— Mas eu quero, eu quero... — dizia o garoto,
PERIGOSAS ACHERON

batendo os pés no chão.

— Não podemos comprar, trouxemos dinheiro somente para o pão – respondeu a adolescente.

— Eu vi que você tem mais! – o menino a encarou, tristonho.

— Tudo bem? Posso ajudar? – Louise se aproximou dos dois. — O que ele quer?

— Ele quer sorvete, mas eu disse a ele que o dinheiro acabou...

— Eu pago o sorvete para ele.

— Obrigada, mas não precisa se incomodar... Papai não gosta que falemos com estranhos.

— Mas eu quero – falou de novo o menino.

— E como você se chama? – Louise perguntou.

— Ariel – ele respondeu, escondendo o rosto atrás da irmã.

Louise se apresentou, em seguida apresentou também Alessandro.

— Eu sou Bianca. E Ariel adora me fazer *pagar*

mico.

Louise sorriu.

— Posso pagar o sorvete para ele.

— Papai não vai gostar – disse Bianca.

— De que sabor você quer, Ariel? – Louise falava sem olhar para ele.

— Quero de chocolate.

— Eu também – Alessandro chamou uma das atendentes.

— E você, Bianca?

— Não quero, obrigada.

— Mas assim não tem graça. Todos temos que tomar sorvete agora. Vamos lá, anime-se! Vamos comemorar nossa chegada e o primeiro contato em Aurora.

— Tudo bem, quero de chocolate, então.

Os quatro atravessaram a praça juntos, conversando calmamente. Louise fez perguntas sobre a cidade e os pontos turísticos, e Bianca era

quem respondia. Logo precisaram se separar e Louise agradeceu aos irmãos pela companhia.

— Obrigada, Louise — falou Bianca, gentilmente.

— Não precisa agradecer. Foi um prazer ajudar e fazer amigos.

— Foi realmente um prazer. Se quiserem nos encontrar, todos os sábados vamos do outro lado da rua para relaxar, brincar, sempre pela manhã. É a continuação da praça e as pessoas adoram ir até lá para ler, ouvir música, descansar...

— Combinado, Bianca. Nos encontramos amanhã, então. Qualquer coisa, nossa casa é ali do outro lado da praça. É só perguntar pelos novos vizinhos.

Bianca e Ariel comentaram com o pai que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

havam tomado sorvete com os novos moradores da cidade.

— Não gosto disso. Já disse para não falarem com estranhos. Estamos em uma cidade pequena, mas podem aparecer pessoas más aqui também — respondeu o homem.

— Mas eles são legais, pai — falou Ariel.

— Sim, e foram muito educados — contou Bianca.

O homem olhou para a filha e depois para o filho.

— Tudo bem — ele disse enfim. — Só não quero mais que falem com estranhos, nem muito menos aceitem nada de pessoas que não conhecem, mesmo que pareçam legais.

— Mas Louise é legal, pai — falou a adolescente.

— Eu a convidei para ir ao parque amanhã, poderá conhecê-la e vai ver que não tem perigo. E ela é tão bonita!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Verdade, pai – Ariel confirmou antes de morder um pão.

— Certo. Fico muito feliz que estejam bem. Sabem que só quero o melhor para os dois.

— Obrigado, pai – respondeu Ariel.

— Eu me preocupo porque amo vocês, crianças – o pai falou.

— Também te amo, pai – Ariel respondeu primeiro.

O pai esperou olhando para a filha, que não disse nada.

— Eu amo você também, *dona* Bianca – ele falou com um leve sorriso.

— Ah, sim. Agora sei que falou comigo, porque não sou mais uma criança – Bianca sorriu para o pai e continuou: — E, é claro, eu também amo muito você, *senhor* Olavo.

PERIGOSAS ACHERON

Louise acordou cedo e preparou o café da família. Enquanto comiam e conversavam, Alessandro se lembrou de que Louise prometera a Bianca que iria ao parque naquela manhã e resolveram que iriam todos juntos.

Louise separou frutas e bolo, colocou água fresca em um recipiente térmico e avisou que poderiam ir. Ela estava curiosa para encontrar Bianca e Ariel. Por um instante, pensou em quem poderia ser o tal pai e que talvez ele não fosse uma pessoa muito amistosa, já que as crianças relutaram em aceitar o sorvete pelo fato de o pai os proibir de conversar com estranhos. *Ele deve ser um pai bem rabugento* – falou consigo mesma, sentindo pena das crianças. Só então lhe ocorreu que Bianca e Ariel não fizeram menção alguma de sua mãe. *Será que eles são divorciados ou ele é um viúvo que não sabe lidar com os filhos e...?*

O som de vozes vindas da entrada da casa a fez

PERIGOSAS ACHERON

voltar de suas indagações. Quando chegou à varanda, Louise se deparou com um simpático casal que cumprimentava seus patrões. Leonel a apresentou ao casal, dizendo que o homem era o reverendo da cidade.

Louise gostou do casal de imediato e gostou especialmente de sua filha, Raquel, uma jovem um tanto pálida, mas bonita, que tinha um sorriso afetuoso e sincero.

O reverendo convidou a família para almoçar com eles em um restaurante que dizia ser o melhor da cidade, e Leonel deixou a critério da esposa. Dalila escolheu ficar em casa, dizendo que teriam mais oportunidades de se conhecerem ali, sem formalidades. Louise ficou um pouco decepcionada. Queria sair, conhecer mais da cidade e das pessoas e também matar de vez a curiosidade sobre o pai de Bianca e Ariel. Depois de considerar que teria tempo de sobra para tudo isso, chamou

PERIGOSAS ACHERON

Raquel para prepararem uma sobremesa, e juntas desapareceram cozinha adentro.

Esdras chegou no domingo cedo e pegou todos ainda dormindo. Depois que o tio o atendeu e o instalou, ele encontrou Louise na cozinha, abraçou-a desejando-lhe bom dia e beijou-a de leve nos lábios. Durante o café, Esdras fez o comunicado sobre o namoro. O que soou surpreendente para o casal, para Alessandro foi absolutamente normal, como se fosse uma notícia que ele já tivesse lido estampada nas faces do primo e de Louise.

À noite, a família foi até o templo, participar da celebração.

O local estava quase lotado quando Louise e a família de Leonel chegaram. Era um templo grande e bonito e Alessandro ficou empolgado com a sonorização e toda a parte musical que ele já podia

ver em andamento. Outro ponto positivo era que as pessoas pareciam felizes e se cumprimentavam com alegria ao se encontrarem na entrada ou nos corredores.

Logo que Louise se sentou, sentiu alguém tocando-lhe o braço e, quando se voltou, ficou admirada ao ver Bianca sorrindo para ela.

— Bianca, você por aqui?

— Reconheci você pelo cabelão loiro, lindo – respondeu Bianca, sorrindo. — Me espere depois. Vou apresentar você para o meu pai.

Louise a acompanhou com os olhos para ver com quem Bianca se sentaria, talvez fosse com o pai e então ela já saberia quem era o rabugento, mas ela seguiu para um grupo de adolescentes que sentava ao lado do grupo de jovens.

— Pai, aquela é Louise, a moça que conhecemos ontem – Ariel falou alto para o pai, que a olhou de longe e em seguida balançou a cabeça

PERIGOSAS ACHERON

afirmativamente para o filho, que perguntava se ele não a achava bonita.

Antes que Louise se sentasse, ele a olhou ainda mais uma vez e, intrigado, por diversas vezes lançou olhares discretos na direção dela durante toda a celebração.

No final, no momento da prece pelas famílias, Louise esperava poder ver quem era o pai de Bianca e Ariel. Seguiu ao lado de Alessandro pelo corredor. De repente, um susto terrível, um calafrio e o coração acelerado... Bianca e Ariel seguiam para diante do altar abraçados pelo homem que, sem dúvida, era seu pai. Ficou estática, sem conseguir desviar os olhos, ao mesmo tempo em que se desesperava. Discretamente, observou os três se aproximando e suspirou aliviada quando o homem abraçou os filhos ao inclinar a cabeça para receber a prece do reverendo. Não havia dúvidas, era o homem que a ajudara com dinheiro para fugir

de Giovani. Era Olavo.

Olavo usava um terno preto com corte muito bem feito sobre uma camisa azul e gravata listrada combinando perfeitamente. O cabelo estava impecavelmente cortado e penteado, e as costeletas também estavam em ordem.

Louise chorava e sorria sozinha, enquanto recebia a oração do reverendo. Observou-o ainda mais alguns segundos. O bronzeado de quando ela o conhecera não existia mais, mesmo assim, ela não teve dúvidas de que era ele, e seu coração se inquietou. Várias lembranças lhe vieram à mente em um segundo. Enquanto agradeciam, ela tentava controlar a emoção. Secou os olhos e, inspirando fundo, olhou para Olavo. O que teria acontecido para ele estar ali em Aurora? Estaria ele viúvo? Como ele estava elegante naquela roupa! E agora ele frequentava a igreja! Com as mãos frias e as pernas trêmulas, ela retornou ao seu assento e

PERIGOSAS ACHERON

recolheu suas coisas colocando tudo em sua pequena bolsa. Uma vontade repentina de sair correndo dali começou a crescer dentro dela e lutava com a vontade de ficar e ver Olavo mais de perto. Contudo, e sem saber o porquê, ela estava com medo.

Enquanto eram cumprimentados pelos outros membros, Louise saiu do centro do grupo para tentar ver Olavo e olhava na direção do altar. Não o viu. Quando se voltou para o sentido contrário, seus olhares se cruzaram. Foram segundos que pareceram horas e Olavo parecia estar sem saber o que dizer.

Ela é realmente muito bonita – ele pensou, concordando com os filhos.

— Olavo? – Louise sorriu e se desesperou no mesmo segundo.

— Eu conheço você? – ele sorriu para ela.

Louise se deu conta de que Olavo não a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

reconheceu e por um momento não soube o que fazer. *Mas como ele poderia ter me reconhecido? Eu usava peruca, lentes de contato e maquiagem forte naquele dia, exatamente para não ser reconhecida* – pensou. Sorrindo, respondeu fazendo um pequeno gesto com a mão, graciosa:

— Ouvi alguém o chamar...

— Ah, sim, desculpe. E você é Louise, a jovem que tomou sorvete com meus filhos ontem – ele ainda sorria.

Nunca esqueci esse sorriso, falou para si mesma.

— Seus... filhos? – ela fez que não entendeu.

Bianca e Ariel chegaram e a abraçaram, falando rápido que ela devia conhecer seu pai.

— Já se conhecem? – Bianca perguntou.

— Acabamos de nos conhecer – Olavo respondeu, olhando para Louise. — As crianças falaram de você... – ele se aproximou.

PERIGOSAS ACHERON

Novamente Louise temeu. *O que está acontecendo comigo?* – perguntava-se tentando ignorar seus sentimentos confusos. *Ele é tão charmoso!*

Esdras e Alessandro chegaram e interromperam a conversa. Enquanto eles eram apresentados, Louise observava Olavo discretamente. Seus olhos se encheram de lágrimas e ela agradeceu em silêncio quando Raquel apareceu, salvando-a daquele momento chocante. Olavo se despediu em seguida, apertando-lhe a mão e sorrindo. *Só ele sabe sorrir assim*, ela não conseguia controlar os pensamentos.

Louise o acompanhou com os olhos ao mesmo tempo em que uma tristeza começou a crescer em seu interior. Desanimada, segurou na mão de Esdras e caminhou ao seu lado como se não tivesse destino. No meio do caminho, decidiu que iria embora de Aurora o mais rápido possível.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Em seu quarto, deitada sobre a cama, Louise chorava, procurando entender suas próprias perguntas e encontrar respostas para elas.

— Por quê? Por quê? Por quê? — falava baixinho, sentindo o gosto salgado das lágrimas chegando à boca, lembrando de como ficara seu coração ao ver Olavo.

Obviamente estava com Esdras porque queria e porque gostava dele. Gostava? Não, não era isso que buscava para si. Gostar de alguém não era suficiente. Queria amar, e amar ao infinito. Esse sempre fora seu sonho: amar e ser amada. Então era amor que sentia por Olavo? *Não!* — ponderou, taxativa. Estaria, então, apaixonada por ele? Também não. Então, por que estava daquele jeito,

encolhida como um feto, com as mãos frias e com tremor nos braços e nas pernas? Por que perdera a fome e por que aquela sensação estranhamente deliciosa e assustadora no estômago? Por que aquele aperto no coração descompassado e a vontade crescente de sair correndo ao encontro dele? Sem dúvida o amava.

— Não, não pode ser — balbuciou. — Tudo que sinto por Olavo é gratidão — continuou pensando: *Sim, é isso, gratidão. E essa vontade louca de vê-lo é porque gostaria muito de dizer-lhe quem sou, que fiquei frustrada por ele não ter me reconhecido, mas que sou e sempre serei grata pelo que fez por mim.*

Limpando os olhos, controlou a respiração para que o coração ficasse um pouco mais dentro do compasso. Sentou-se e sorriu para o teto. Gratidão era tudo o que sentia por Olavo. Mas... por que mentira para Esdras? Por que mentira para Leonel e

PERIGOSAS ACHERON

Dalila?

— Senti saudade de casa, dos meus irmãos e até dos meus pais – respondera para o namorado ao ser questionada sobre o motivo do seu silêncio.

Durante o jantar, pouco falara, e depois, com Esdras na varanda, não conseguira sorrir por mais que ele se esforçasse para animá-la.

— Posso levá-la para visitá-los – dissera Esdras, abraçando-a e beijando-lhe a cabeça. — Quem sabe agora sua mãe a receba de modo diferente.

— Talvez... – Louise massageara as têmporas. — Estou com tanta dor de cabeça.

— Precisa descansar. Passamos o dia todo de um lado para o outro tomando sol. Amanhã estará melhor e daremos um passeio pela cidade, só nós dois – ela não reagiu. Esdras a tomara pelas mãos e gentilmente a conduziu até seu quarto. Pararam na porta e ele a beijou várias vezes nas bochechas. — Boa noite – ele se afastou andando de costas e

PERIGOSAS NACIONAIS

sorrindo, e Louise não pudera evitar pensar que ele parecia estar indo embora de sua vida.

— Menti para eles – murmurou, ainda sentada na cama. — Mas eu não sou do tipo que namora um homem e gosta de outro. Não mesmo! – a visão de Olavo, parado em frente ao púlpito, sorrindo-lhe como que encantado, voltou à sua mente e, ainda que relutante, Louise concluiu: — Eu amo Esdras. Mas sou apaixonada por Olavo.

Na manhã seguinte, todos estavam em volta da mesa logo cedo. Alessandro começaria na escola e parecia que todos os outros iriam estudar junto com ele, tamanha era a empolgação por finalmente recomeçarem suas vidas.

Esdras pediu que a tia liberasse Louise das tarefas daquele dia porque queria andar com ela pela cidade, e Dalila concordou prontamente.

PERIGOSAS ACHERON

Depois que Leonel saiu para levar o filho à escola, Louise ajeitou o que pôde na casa, deixou os preparos para o almoço já adiantados e saiu com Esdras. Rodaram pela cidade no carro do rapaz e se encantaram com o lugar, uma cidade realmente bonita e acolhedora, que chegava a parecer quase perfeita. Depois de algum tempo, ele sugeriu que ficassem alguns minutos na praça que conheceram na tarde anterior até que as lojas estivessem abertas, iria comprar um presente para ela. Logo que as lojas abriram, ele encontrou o que procurava, um relógio de pulso. Ele o deu para Louise logo após ter sido gravada na parte interna da pulseira a seguinte frase: *Para Louise, com muito amor.*

Passaram o restante da manhã comprando livros, CDs e camisas para Esdras, que dizia que suas roupas já estavam surradas e não tinha tempo de comprar novas em sua cidade. Almoçaram em um restaurante que ficava próximo ao rio que cortava a

PERIGOSAS ACHERON

cidade.

Quando Esdras se despediu da família, já no meio da tarde, houve lágrimas nos olhos de todos, e antes que ele entrasse no carro, Louise o abraçou com tanta força que ele gemeu.

— Louise, Louise, o que você está fazendo comigo?! – ele falou, fitando-a nos olhos.

Ela o enlaçou pelo pescoço e sorriu sem responder nada.

Esdras a beijou na bochecha, depois nos lábios e sorriu feliz. Esteve prestes a dizer que a amava, mas não queria forçá-la a se declarar ou falar de amor estando ela com o coração cheio de saudades da família. Beijou-a levemente mais uma vez e depois de acenar para os tios e o primo, entrou no carro e partiu.

— Já estamos com saudades do nosso militar

preferido – Dalila abraçou Louise quando ela chegou à varanda.

— Eu que o diga. Espero que telefone assim que chegar.

— Tenho uma ideia para ajudar a esquecer um pouco a saudade – Alessandro se levantou da rede onde deitara havia menos de um minuto. — Eu encontrei uma escola de inglês e vou fazer minha matrícula. Você vem comigo, Louise. São ordens de papai.

Saíram cinco minutos depois, tempo que foi suficiente para Louise arrumar os cabelos e retocar o batom. Depois de se informarem sobre o curso, fizeram a inscrição e começariam em poucos dias. Louise escolheu uma turma que estudava no período da tarde e Alessandro faria o curso pela manhã.

— Obrigada – ela disse para a atendente e já estava na porta quando ouviu alguém chamar seu

PERIGOSAS ACHERON

nome.

Sentindo o coração acelerando, virou-se, e Olavo a olhava intensamente.

— Tudo bem, Louise? – ele estendeu a mão para ela, depois para Alessandro.

— Oi... – Louise não quis pronunciar o nome dele na frente de Alessandro. — Eu estou bem, obrigada.

— Vão começar no curso?

— Sim, vamos – Louise estava tensa. Ela parou na porta e falou depois de respirar para controlar-se: — Precisamos ir, estamos atrasados...

— Posso dar uma carona...

— Louise! – Bianca apareceu, vindo de um dos corredores. Ariel estava ao seu lado.

Louise a cumprimentou com um belo sorriso. Ver os dois filhos de Olavo a deixou mais relaxada.

— Oi, queridos. Então estão aprendendo outro idioma?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Papai acha que falar inglês é importante.

— Não acho, tenho certeza.

— Depois que... – Bianca parou de falar e olhou para o pai, então mudou o rumo da frase: — Ele nos enche de tarefas.

— Verdade? – Louise inclinou-se para falar com Ariel. — Ele está deixando vocês sem tempo para brincar? – ela mesma estranhou o que falou, mas sentia-se tão bem com Bianca e Ariel quealaria qualquer coisa com eles para fugir de seu pai.

— Está. Ele vive dizendo que devemos aprender coisas novas todos os dias – Ariel brincava com as alças da sua mochila.

— Parem de reclamar, estão parecendo dois velhinhos – Olavo sorriu. — O que me dizem de tomarem o café da tarde conosco? – perguntou, de repente.

— Oba! – os filhos comemoraram e Bianca continuou: — Até que enfim teremos companhia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Louise sentiu um aperto no coração pelos dois.

— Obrigada, mas não podemos aceitar.

— Podemos, sim – Alessandro a desmentiu, sem querer.

— Vamos, por favor, Louise – Ariel pediu, segurando a mão dela. — Só assim papai vai me deixar comprar sorvete.

— Vamos, Louise, Alessandro já falou que vocês podem – Bianca também pediu.

— Gente, tenho tanta coisa para fazer. A maior parte das minhas roupas ainda está encaixotada – Louise estava desesperada para fugir dali.

— Prometo que, se vier conosco, ajudo você com suas roupas outro dia. E papai não vai ser contra – Bianca olhou para o pai.

Olavo olhava para Louise e, quando respondeu, seus olhos pareciam pedir que fosse com eles, exatamente como seus filhos faziam:

— Não serei contra.

PERIGOSAS ACHERON

Sem alternativa, Louise viu-se obrigada a acompanhá-los.

Dirigiram-se para o carro de Olavo e as crianças entraram primeiro.

Louise embarcou em silêncio. Suas mãos estavam de novo frias e tremeram quando colocou o cinto de segurança. Não conseguia dirigir a palavra a Olavo, e só quando respondia a algum comentário das crianças era que olhava com o canto do olho para ele, ao seu lado. Olavo vestia calça jeans e uma camisa social de mangas longas, que estavam dobradas, por cima de uma camiseta branca. Novamente achou-o lindo.

— O que gostariam de comer? — Olavo perguntou.

— Sorvete — Ariel respondeu imediatamente.

— Pizza — foi o pedido de Bianca.

— O que acham de ouvirmos a opinião de Louise? Talvez assim comamos algo diferente de

sorvete e pizza.

— Acho melhor vocês mesmos escolherem porque não tenho noção do que realmente gostam, além de sorvete e pizza, é claro.

— Vamos comer o que tem em casa, porque já estamos chegando – Olavo entrou em uma rua calma, e Louise reparou que apesar de ser parecida com as outras ruas que conhecera, aquela tinha um diferencial. Eram as casas enormes, verdadeiras mansões de variados tamanhos e modelos.

— Temos pães e biscoitos, e certamente a cozinheira deixou bolo pronto para o café de amanhã – falou Olavo.

Estacionaram diante de um grande portão de madeira, envernizado, e Olavo acionou o controle para abri-lo. A casa surgiu majestosa. Era uma casa toda branca e bastante grande, recuada uns quinze metros do muro. Na varanda havia um jogo de mesa com quatro cadeiras de ferro, também

brancas, e um arranjo de flores amarelas completava o cenário. Era ali que Olavo tomava café da manhã aos domingos, sempre acompanhado dos filhos, e depois seguiam para a igreja. Todo o restante da casa era magnífico. Peças amplas e bastante iluminadas. Os móveis eram, em sua maioria, escuros, e o sofá era branco, mas havia uma manta azul cobrindo boa parte dele. Da cozinha enorme saía para uma varanda onde uma grande mesa de madeira, com várias cadeiras em volta, estava arrumada com xícaras, pratos e talheres para o café. Depois da varanda, o quintal se estendia por vários metros nos quais cabiam a piscina azul e, à direita dela, rente ao muro, ficava a charmosa churrasqueira com pia, mesas e cadeiras brancas, tudo bastante organizado.

Louise novamente se lembrou de quando estivera com Olavo no hotel na noite em que se conheceram. *Sou rico, sim, mas não poderoso*, ele

PERIGOSAS ACHERON

dissera.

Será que ele está viúvo? – ela pensou de novo.

— Pai, podemos levar Alessandro para ver a piscina? – pediu Ariel

O pai concordou e Louise não sabia se aquilo era bom ou ruim. Temia que a qualquer momento Alessandro denunciasse que ela conhecera um tal Olavo em circunstâncias terríveis, mas quando Ariel o chamou para a piscina, ela temeu ficar sozinha com Olavo.

— O que posso fazer para ajudar? – ela perguntou para manter-se ocupada.

— Nada. Você é minha convidada e só vai se sentar para comer — Louise se deu conta do quanto estava faminta, afinal, passara o dia ocupada, comera e descansara pouco. — Espero que goste de... Vamos ver... — Olavo ergueu uma tampa de plástico que cobria um prato de vidro. — Bolo de laranja – ele terminou, sorrindo.

— Gosto, sim. Obrigada – Louise também sorriu, mas pensou que precisava ir embora dali o mais rápido possível. Não queria ter de encarar Olavo por muito tempo e não queria mais ver o belo sorriso que a inquietava.

— As crianças já estão nadando – Olavo anunciou, voltando da varanda onde fora colocar mais xícaras sobre a mesa.

Louise pegou o bolo e o encontrou na porta. Quando entregou o prato para Olavo, seus dedos se tocaram, e Olavo, olhando diretamente nos olhos dela, agradeceu, lembrando-a que não devia fazer nada, era sua convidada. Já sentados, olharam para os três na piscina e Alessandro a chamou. Louise apenas sorriu e depois disse que não poderiam demorar.

— Não faz mal, já avisei mamãe e ela disse que está tudo bem.

Louise pensou que estava sem alternativa e que

PERIGOSAS ACHERON

tudo parecia contribuir para que ficasse a sós com Olavo. Mais uma vez sorriu e quando se voltou, Olavo a olhava sério. Ela evitou o olhar e se serviu de café.

— Obrigado por ter vindo – ele falou com o queixo apoiado sobre as mãos cruzadas. — As crianças estão se divertindo com Alessandro e isso me deixa feliz. Temos estado solitários ultimamente.

— É bom também para Alessandro. Apesar de ser grande, ele só tem dezessete anos e precisava se distrair.

— Ele é seu irmão?

— Não. É filho dos meus patrões. Moro com eles e, quando se mudaram para cá, resolvi vir também – ela completou sem deixar de pensar que estava quase arrependida de ter ido para Aurora.

— Certo – ele respondeu.

— E vocês? – Louise perguntou olhando para

PERIGOSAS ACHERON

ele. Não conseguia entender, mas toda vez que o olhava nos olhos, seu coração disparava.

— Estamos em Aurora há pouco mais de quatro meses. Depois que Bia... Depois que Beatriz morreu, não consegui mais ficar na capital.

Um novo calafrio tomou o coração de Louise à menção de que Beatriz havia morrido. Será que Olavo fora para a igreja antes ou depois disso? Contudo, fez uma expressão de que desconhecia o fato da doença da mulher dele.

— Beatriz era minha esposa. Ela teve um tumor avassalador no cérebro e nos deixou há alguns meses. Depois disso, resolvi morar em Aurora. Na capital meu trabalho me consumia — Louise assentiu. Ele contou de novo que era executivo-sócio de uma grande rede de hotéis e que a morte da esposa o fizera tomar a decisão de morar em uma cidade onde trabalhasse menos e tivesse o máximo de tempo possível com os filhos. — Hoje

viajo apenas de vez em quando, e se for necessário ficar algum tempo fora, minha mãe ou minha sogra vem para ficar com eles. Não quero criá-los com qualquer um. Tenho princípios que acho importante que sejam repassados a eles por mim.

— E eles estão reagindo bem às mudanças — Louise concluiu.

— Sim, são crianças. Ficam tristes às vezes, mas basta uma bela jovem que tome sorvete com eles, justamente quando estão de castigo e sem poder tomar sorvete, para eles esquecerem suas dores — Olavo falou e seus lábios se arquearam num novo sorriso.

— Ai, meu Deus! — Louise exclamou, sentindo que corava. — Me perdoe, jamais imaginei que não poderiam tomar sorvete. E Ariel estava chorando muito. Meu coração não suportou vê-lo implorar para comprar um de chocolate e bem grande.

— Está tudo bem — ele a acalmou. — Confesso

que fiquei preocupado quando me contaram que estiveram com estranhos, principalmente porque estavam encantados por você, repetiam a toda hora o quanto era bonita... – eles se entreolharam. — Quase reinicieei novo castigo, mas quando a vi na igreja, meu coração se tranquilizou.

— Graças a Deus – Louise estava tímida, porque pela segunda vez Olavo mencionara sua beleza. — E quando se entregou a Deus?

— Um pouco antes de Beatriz falecer – Olavo respondeu depois de segundos de hesitação. Ele tomou um gole de café e prosseguiu falando: — Conheci uma pessoa que me falou sobre levar Beatriz até um alguém que orasse por ela.

— Sei – Louise falou sem querer e novamente seu coração acelerou.

— Foi o que fiz quando cheguei à capital. Chamei um pastor e, ao final de uma semana de sermões e louvores em nossa casa, Beatriz e eu nos

PERIGOSAS ACHERON

entregamos a Deus. Sabíamos que só Ele poderia realizar a cura, mas não era só por isso que estávamos nos convertendo. Queríamos aquela paz em todos os aspectos da nossa vida com ou sem cura. A paz que sentíamos toda vez que participávamos dos cultos era indescritível. Nossas lágrimas de dor e lutas foram substituídas por lágrimas de paz, de alívio. Agora tínhamos esperança de uma nova vida em Jesus, ainda que não neste corpo, mas com a certeza de que viveríamos nele. Foi uma semana de aprendizado intenso durante a qual recebemos muito amor de todos os membros da igreja – Olavo parou, emocionado.

— Graças a Deus por tudo isso – Louise piscava para conter as lágrimas.

— Depois de quatro dias da nossa conversão, Beatriz nos deixou. Foi, sem dúvida, o momento mais triste da minha vida – Olavo bebeu mais do

PERIGOSAS ACHERON

café. — Mas na cerimônia fúnebre, o pastor nos fez entender que Deus quisera daquela forma. Que o corpo de Beatriz perecera, mas sua alma estava com Ele, e que se crêssemos e o seguíssemos, Ele teria o melhor para mim e meus filhos.

As lágrimas de Louise rolaram de seus olhos e ela não mais se preocupou em detê-las. Sentiu apenas crescer a vontade de dizer a Olavo quem ela era e que estava muito feliz por sua nova vida com Deus, mas desistiu ante a próxima frase dele.

— Às vezes, penso que foi Deus quem colocou em meu caminho aquela jovem, a que falou do milagre para mim — Olavo pigarreou e pediu desculpas. — Foi ela quem me disse para buscar uma saída em Deus.

Louise sorriu, sentindo uma felicidade em seu peito. Ao menos Olavo era grato a ela, mesmo que sem saber. Em seguida, ele a deixou tensa.

— Você me lembra muito aquela jovem — ele

PERIGOSAS ACHERON

falou de maneira vaga. — Sua voz, seu sorriso... — ele a olhou de um modo que Louise quase desmaiou. — Quase o mesmo jeito de falar. Embora ela estivesse triste, tinha uma esperança, uma certeza de que as coisas mudariam que me motivaram a acreditar em suas palavras de que Deus faria o milagre.

O coração de Louise palpitou e se encheu de coragem para revelar que ela era a tal jovem. *Claro, por que não dizer? Olavo é um cara bacana e sei que ficará feliz em saber que me libertou de Giovani. Fui uma boba em ter escondido isso,* pensou, esperançosa. Quando estava prestes a se revelar, Olavo começou a cortar outra fatia de bolo, ao mesmo tempo em que voltava a falar sobre a jovem.

— Mas em outras vezes acho que Deus não a teria enviado, sabe? E me desculpe por dizer que a jovem se parecia com você. Acho que me

PERIGOSAS ACHERON

empolguei. Ela tinha olhos e cabelos negros, e dificilmente Deus a usaria, pelo menos penso assim. Sou um cristão novo, conheço pouco a maneira de Deus trabalhar, mas acho que ele não usaria uma garota de programa – Louise começou a tremer. — Ela era linda e simpática, mas era uma garota de programa. Eu não estava me prostituindo, estava apenas precisando conversar quando a conheci, entende?

Louise pensou que Olavo a reconheceria e a estivesse testando para ver até que ponto ela iria sem se revelar.

— Até bem pouco tempo atrás, eu imaginava que deveria procurar por ela e agradecê-la, hoje penso que devo apenas lembrar dela em minhas preces. Bianca já é uma mocinha e não seria bom ter alguém como ela por perto, ainda que convertida. Não quero ser preconceituoso, principalmente porque agora sei que Deus liberta

PERIGOSAS ACHERON

de verdade, em todo caso, proteger meus filhos é a coisa mais importante para mim. O que me diz?

Louise estava chocada. Jamais imaginara ouvir tais palavras. Ou imaginara? Não queria saber a resposta, queria sair correndo dali e se esconder até não mais se lembrar daquelas palavras que lhe causaram tanta dor assim que as ouviu. Como pode Olavo ser tão preconceituoso em relação a alguém que ele diz tê-lo ajudado de maneira tão maravilhosa? Que erro absurdo cometera. Sim, ter cedido aos apelos dos quatro para um café fora um erro sem perdão. Sentia que lágrimas de decepção estavam para saltar de seus olhos, mas não poderia sair dali daquele jeito ou ele desconfiaria. Abriu a boca mais internamente como aprendera a fazer para não chorar com facilidade e em seguida falou:

— Digo que deve cuidar de sua família. Deus conhece a tal moça que o ajudou e certamente ela não está precisando de sua gratidão – Olavo olhou-

PERIGOSAS ACHERON

a, ela parecia um tanto rude ao responder. — Tenho certeza de que Deus a honrará por ter falado dele a você, mesmo levando uma vida torta. Agora preciso ir — Louise se levantou, decidida.

— Espere! — Olavo se levantou também. — Fique um pouco mais. Vou chamar as crianças para o café.

— Realmente preciso ir. Meus patrões devem estar precisando de mim.

— Mas nem ficou um tempo com Bianca e Ariel. Eles gostam tanto de você!

— Acredito que sobreviverão sem mim — Louise não queria, mas as palavras saíam de sua boca sem controle. Tentou sorrir. — Por favor, chame Alessandro.

Mesmo que os três protestassem até o amanhecer, Louise estava decidida a ir embora.

— Alessandro, por favor, se apresse.

Olavo aproximou-se dela. Louise estava em pé

PERIGOSAS ACHERON

na varanda, de costas para ele, esforçando-se para não desabar em lágrimas.

— Falei alguma coisa que a chateou? — ele perguntou com voz amável. — Desculpe ter dito que você me lembra a tal jovem... Você é diferente, eu sei.

Louise voltou-se para ele com os olhos inundados de lágrimas. Quando apertou os olhos, as lágrimas rolaram e Olavo teve certeza de que ela não estava bem. Ela limpou o rosto com as mãos e tentou sorrir, mas um pouco mais de lágrima correu dos seus olhos.

— Estou bem — disse. — A sua história é muito chocante e me fez sentir saudades de casa, da minha família.

— Não quis entristecê-la, Louise. Sinto muito por isso — ela quase cedeu ao pedido dele, porque havia carinho em sua voz. Mas como poderia alguém com aquele pensamento sobre uma jovem e

indefesa *prostituta* ainda sentir carinho por alguém? Ele não estava sendo sincero, ela afirmou consigo, e ele continuou: — E também não gostaria que fosse embora já. É bom ter alguém para conversar e...

— Mas eu devo ir agora – ela insistiu.

— Não está triste comigo, está?

— Não, não estou – ela sentiu que ele chegava mais perto.

Olavo percebeu que ela se retraiu e se envergonhou de estar se sentindo atraído por ela. Era a segunda vez que a via, como poderia estar tão encantado por Louise? *Ah, sim, pensou, estou só e ela é linda. Deus me perdoe* – confuso, ele voltou para trás.

As crianças apareceram e ele pediu que se despedissem de Louise, dizendo que outro dia ela ficaria mais tempo.

Louise saiu dizendo a si mesma que nunca mais

pisaria naquela casa. Se não fosse embora de Aurora, ignoraria Olavo até o dia de se casar com Esdras. Sentia que, por estarem morando em cidades diferentes, o policial logo a pediria em casamento e, ainda que com o coração partido, sua resposta seria um grande e animado *sim*.

Capítulo 11

Alessandro chegou em casa depois de uma tarde no curso de inglês anunciando que arrumara um emprego e que, por causa disso, teria de estudar à noite. Após uma conversa rápida com os pais, beijou-os e disse que precisava descansar. No outro dia teria de estar acordado bastante cedo

Em seu quarto, dedilhou algumas notas no violão. Tinha uma nova letra e precisava musicá-la para mostrá-la aos seus novos amigos. Depois de anotar algumas das notas, guardou o violão e se preparou para deitar. Sentiu a boca seca e foi até a cozinha buscar água, mas voltou em seguida porque, ao ver a água, soube que por um breve momento sentira falta de álcool. De novo no quarto, procurou o frasco no qual guardara o conhaque. E estava vazio. Abriu-o e cheirou o bico, PERIGOSAS ACHERON

inspirando fundo. Quando ouviu passos no corredor, guardou a garrafa e se deitou, dormindo logo em seguida.

No dia seguinte, quando acordou, Louise já havia preparado seu café, e logo que bebeu alguns goles Alessandro se levantou dizendo que precisava ir. Foi a pé e quando chegou, o patrão ainda não estava lá. Assim que seu Aroldo chegou e o cumprimentou, Alessandro o ajudou a abrir o mercado que não era grande, mas tinha uma porção de produtos e era o mais movimentado da região.

— Venha, vou lhe mostrar seu serviço — o patrão, um homem de cinquenta e poucos anos, branco e um pouco gordo, lhe passou o uniforme e lhe deu as devidas instruções. — Por último, quero lhe dizer — Aroldo parou e olhou direto para ele. — Não tolero de forma alguma atrasos e faltas sem justificativa, e o mais importante: sou um bom patrão, mas se algum funcionário meu me roubar,

PERIGOSAS ACHERON

não hesitarei em chamar a polícia e denunciá-lo. Estamos entendidos?

— Sim, senhor — Alessandro respondeu animado. — Farei o melhor que eu puder. Não vai se decepcionar comigo.

No depósito, Leonardo, o veterano que estava saindo do emprego, mostrou de novo cada item a Alessandro e como devia ser manuseado cada um deles.

— Deve ter muito cuidado com as bebidas, principalmente as alcoólicas como uísque e vodka, porque são caras.

Ele olhou para as bebidas e sentiu o cheiro delas mesmo estando embaladas. Era psicológico, ele sabia. Desde que chegara a Aurora, ele estava sem beber, não sabia como. Pensava que a mudança lhe fizera bem, mas, na verdade, estava apenas sentindo a diferença do novo lugar e envolvido com as novidades. Ao simplesmente contemplar as

PERIGOSAS ACHERON

embalagens de bebidas, se lembrou da sua garrafa vazia no quarto e sentiu o gosto do líquido descendo pela garganta. Ele resistiu o quanto pôde à atração que sentia pelas bebidas que via diariamente no mercado.

No sábado, após o curso, já estava bem perto de casa quando resolveu voltar e, num bar, retirado das redondezas por onde já era um pouco conhecido, comprou a bebida. Colocou-a na mochila e, ao chegar em casa, entrou direto para o seu quarto. Por um bom tempo olhou para a garrafa de vodka tentando resisti-la. Abriu-a e inalou o cheiro que já não o incomodava. Depois de alguns poucos segundos, bebeu um gole no bico e sentiu queimar-lhe a garganta. Tomou outro gole e resolveu jogar o resto na pia do banheiro. No meio do caminho, desistiu. *Tomarei um gole de vez em quando, se voltar a sentir vontade, o que por certo não vai acontecer, eu já estava alguns dias sem*

PERIGOSAS ACHERON

beber, pensou e guardou a garrafa em uma mala de brinquedos que mantinha em seu guarda-roupa. Após descansar, tomou banho e se aprontou para ir à igreja.

Louise evitou Olavo nos próximos dias, o quanto pôde. Até de Bianca e Ariel ela fugia quando os via de longe pelas ruas, na igreja falava com eles somente o essencial e logo seguia para casa com Dalila e Leonel. Chorava sozinha em seu quarto toda vez que se lembrava das palavras que ele usara para falar dela própria outro dia, em sua casa. Nas últimas duas semanas, se empenhara ainda mais em suas tarefas, aprendeu um pouco de crochê e pintura em tecido com Dalila e Raquel, que passou a ser sua amiga.

As conversas com Esdras ao telefone eram diárias, e mesmo dizendo a si própria que se casaria com ele e seriam felizes, Louise cada vez mais sentia como se o estivesse enganando. Falava com

PERIGOSAS ACHERON

Deus nas madrugadas, perguntando o porquê daquele sofrimento. Por que tentava e não conseguia gostar de Esdras como gostava de Olavo? Por que parecia gostar dele antes de chegarem a Aurora e tudo mudara tão de repente ao ver Olavo? Numa noite, em meio a uma oração, descobrira que não se apaixonara por Olavo quando o vira na igreja nem muito menos quando tomara café com ele.

Estava ajoelhada ao lado da cama, falando com Deus de suas dúvidas e seus temores, chorando, quando reviveu as cenas do dia em que haviam se conhecido, desde o Pertur'Bar às conversas no hotel, o beijo no qual um se entregara ao outro depois de desabafos tão cheios de emoção e, por fim, o momento em que encontrara os presentes e o dinheiro que a ajudaram a sair da casa de prostituição.

— Foi naqueles momentos que me apaixonei

por Olavo – ela falou de maneira audível e o choro de tristeza parou.

Ficou aliviada por não estar mentindo para Esdras. Simplesmente não sabia que guardava em seu íntimo um sentimento por Olavo quando Esdras a pedira em namoro. E nem teria como saber. Sim, ela pensava nele e, quando isso acontecia, um frio percorria sua espinha, mas logo passava, principalmente porque jamais imaginara estar apaixonada por alguém que tinha certeza de que nunca mais voltaria a ver. O sentimento parecia estar adormecido dentro de si e só acordara em Aurora ao rever o homem que a fizera ter coragem de esforçar-se para se libertar do enrosco no qual, por desobediência, se metera.

Louise se levantou e agradeceu a Deus pela paz que estava sentindo. Apagou a luz e, ao deitar-se na cama, o choro recomeçou. Mas não era mais aquele choro de tristeza por se achar uma perfeita *duas*
PERIGOSAS ACHERON

caras, era um choro de amor. Esdras apareceu-lhe na mente e teve certeza do quanto o amava. O amava como a um grande amigo e seria eternamente grata a ele por sua ajuda e compreensão, sempre. Aliás, amava toda a família de Esdras. Dalila e Leonel eram os pais que já não tinha mais, e Alessandro era mais um irmão. Depois, o choro foi de amor por Olavo. Como o amara naquela noite em que se conheceram! Como ficara encantada com seu jeito doce de tratá-la, apesar de ser extremamente masculino! O respeito que ele demonstrara por ela foi o que a atraiu de imediato. E agora que o reencontrara, todo aquele sentimento comprimido havia meses parecia querer saltar do seu peito boca afora. Já quase adormecendo, falou para si mesma que não teria como ficar com Olavo. Ele não a queria por perto e ela não pretendia se relacionar com ele sem se revelar, sem lhe contar que fora ela quem falara de PERIGOSAS ACHERON

Deus para ele no hotel. *Ele jamais me assumiria, mesmo eu não tendo levado uma vida de prostituição, na medida do possível, claro – pensava, sem saber aonde sua mente queria chegar. De uma coisa tinha certeza: pagaria o preço da sua desobediência deixando para trás um homem que amava como nunca pensara ser possível amar alguém. Iria embora, esqueceria o endereço dele e não voltaria a Aurora nem sob o pretexto de visitar Dalila e sua família. Só não tinha certeza de para onde iria. Sua desobediência também a afastara dos pais e dos irmãos. O preço, lembrou-se. O preço do meu erro. Mas não errarei de novo. Um dia tudo isso acabará e serei plenamente feliz. Só preciso dar o primeiro passo e isso significa que devo ter uma conversa franca e definitiva com Esdras. Depois disso, seguirei com minha vida. Deus está comigo.*

As palavras do reverendo Simeão, ditas no
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

último domingo durante a celebração com as famílias, lhe vieram à mente. Calmo e amoroso, ele ensinava:

“Sonhe. Sonhe o máximo que puder. Sonhe coisas boas e grandiosas para todas as áreas da sua vida. Mas sonhe para Deus, para engrandecer o nome Dele. Que seus sonhos, ao serem realizados, levem pessoas a reconhecerem o Senhor como o Deus Verdadeiro. Muitos têm se perdido por sonharem de modo a desagradar a Deus, e estão frustrados e até mortos. Descanse em Deus e continue sonhando e buscando se realizar. Viva a vida que Deus tem para você. Se os seus sonhos são para a glória de Deus, então nada poderá te impedir de conquistá-los. O Senhor tem prazer em realizar sonhos que farão com que Ele seja ainda mais conhecido entre os povos. Creia nisso: o nosso Deus é o único Deus que tem o poder de realizar sonhos”.

PERIGOSAS ACHERON

Confiante nas palavras do reverendo, Louise se aconchegou ao travesseiro macio e cheiroso e decidiu deixar que Deus cuidasse de tudo o que aconteceria em sua vida a partir daquele dia.

Capítulo 12

Olavo estava quase entrando em pânico. Os filhos acordaram insuportáveis. Ariel chorava e se jogava no chão, onde permanecia se debatendo. Bianca respondia gritando ao pai que não aguentava mais cuidar do irmão e que sua vontade era de esganá-lo.

— Por favor, parem os dois de gritar, imediatamente – ele ordenou.

Bianca se aquietou e Ariel, sentado no chão, ainda chorava.

— Levante-se – ela pediu ao irmão. — Tome seu café porque já está ficando tarde.

Era manhã de sábado e, como de costume, passariam boa parte do dia no parque. Olavo acordara cedo e tudo começara a dar errado. As

roupas que a faxineira esquecera na máquina de lavar haviam manchado umas as outras. *Como pode uma mulher que trabalha com limpeza me aprontar um serviço desses?* – ele pensava, separando as peças. O leite, que serviria aos filhos, esparramara-se pela mesa e pelo chão assim que abrira a embalagem. Ariel, com péssimo humor, reclamava que sentia saudades da mãe porque só ela entendia tudo o que ele falava. Bianca alegava estar cansada e ainda teria um ensaio do grupo de adolescentes à tarde, se fosse ao parque com o pai iria se atrasar ou até mesmo perder o compromisso. Ele mesmo não tinha vontade de ir ao parque, mas era a oportunidade que tinha de estar com os filhos num lugar que não fosse sua casa e ao mesmo tempo relaxar, esquecer um pouco da correria do trabalho. Não sabia como conseguira viver tanto tempo dedicando-se extremamente à empresa sem se sentir cansado como se sentia depois que levava seu

PERIGOSAS ACHERON

escritório para casa. Para piorar, aquele aperto no coração voltara a atacar. Um aperto que começara a sentir duas semanas atrás e que só aumentava conforme os dias passavam. Um aperto que parecia sufocar-lhe toda vez que pensava nela. O que aconteceu para ela ter sumido de repente? O que teria dito que a magoara tanto e fazia com que ela o ignorasse sem se importar em disfarçar? E por que, afinal, *ele* se importava com o que poderia tê-la magoado? Por que toda vez que olhava para ela ou simplesmente ouvia seu nome seu coração saltava dentro do peito e tinha vontade de abraçá-la? *Por que Lou... Não. É melhor nem pensar nesse nome que está me deixando confuso.* Olavo abanou a cabeça para afugentar os pensamentos que lhe traziam o sorriso de Louise. Esforçou-se para não pensar nela e nem falar seu nome mentalmente. Mas Ariel falou.

— Por que não convidamos Louise para ir ao

PERIGOSAS NACIONAIS

parque com a gente? – o menino perguntou para o pai e a irmã.

— Boa ideia! – Bianca apoiou.

— Nem pensar – ele falou, querendo atendê-los.

— É o dia que passamos em família, um momento para nós.

— Bela família! – murmurou Bianca.

— O que foi que disse?

— Que não parecemos uma família. As famílias conversam e concordam sobre tudo e não somente com o que um deles quer. Não somos uma família, definitivamente.

— Somos, sim, Bianca – Olavo falou, enérgico.

— E você deve respeito a essa família.

— Não somos, não – Ariel se pôs ao lado da irmã. — Uma família tem mãe e eu não tenho – ele abraçou a irmã.

Olavo inspirou fundo e ajoelhou-se diante dos filhos, ficando na altura de Ariel.

PERIGOSAS ACHERON

— Nós somos uma família – falava olhando para os dois. — Estão me culpando por Papai do céu ter levado sua mãe? É isso?

Bianca viu tristeza nos olhos do pai e olhou para o lado. Ariel recomeçou a chorar. Os três ficavam sensíveis em segundos toda vez que se lembravam de Beatriz.

— Vai chamar Louise? – Bianca o encarou e foi imitada por Ariel.

Olavo contraiu o maxilar com impaciência, mas, por fim, concordou:

— Ótimo, vocês venceram. Passaremos na casa dela e ela só irá conosco se puder e quiser, é bom que saibam disso.

Dalila tinha os olhos inundados de lágrimas e Leonel a abraçou pelos ombros. Eles estavam na sala de estar e a jovem anunciara a sua decisão de

PERIGOSAS ACHERON

partir.

— Por quê? Aconteceu alguma coisa? Fizemos algo de que não gostou?

— Não, jamais – Louise sorriu para tranquilizá-la. — Eu... Eu simplesmente preciso ir. Devo voltar para casa, para minha família. Falei com Luis ao telefone, contei a ele tudo que vivi depois que saí de casa. Talvez, ao saber de tudo, mamãe resolva me dar uma nova chance.

— Está certa em querer estar com sua família, mas... – Dalila secou as lágrimas com as mãos. — E Esdras? Como vai ficar o namoro de vocês? Estará ainda mais longe dele do que aqui em Aurora.

Louise desviou o olhar. Já não estava sendo fácil ser sincera com Dalila, não queria nem pensar em como seria quando fosse falar com Esdras.

— Louise? – Dalila chamou, apreensiva.

Louise olhou-a emocionada, mas com firmeza e

PERIGOSAS ACHERON

determinação no olhar.

— Não! — exclamou a mulher.

Louise balançou a cabeça afirmativamente.

— Não quero mentir para ninguém, muito menos para Esdras. Eu o amo, sim, mas como a um irmão. Infelizmente não me apaixonei por ele como... como achava que aconteceria.

Dalila ajeitou os cabelos castanhos e se moveu no sofá. O que Louise lhe dizia causava tristeza em seu coração, porém, sabia que o sobrinho seria o mais prejudicado com a partida da moça.

— Esdras é um bom rapaz, sensível, educado...

— Eu sei disso. É exatamente por saber disso que não posso mais continuar...

— Entendo.

A campainha da casa soou e Leonel foi atender.

— É para você – falou para Louise, ao voltar.

Ela não sabia o que pensar. Não esperava por ninguém e Raquel passaria ali somente à tarde. Seu

corpo gelou ao ver Olavo no portão. *O que ele faz aqui?* – pensou aflita e se voltou para o casal.

— Podem dizer a ele que... Bem, eu vou atender.

Louise deu uma rápida olhada no espelho e odiou sua aparência. *Pareço um fantasma* – pensou, apertando os lábios. Abriu a porta e saiu na varanda. Seu coração acelerou ao ver Olavo. Ele usava calça jeans, camiseta que destacava os músculos e um boné, além dos calçados. Estava maravilhoso. Sorriu para ele, e quando ele retribuiu o sorriso, ela teve vontade de correr... para os seus braços. *Devo estar ficando maluca. Este homem quer distância de mim, de Luíza, que sou eu, que era eu... Enfim... O que ele faz aqui?* – falava para si mesma.

— Bom dia! – cumprimentou.

— Bom dia! Desculpe ter aparecido sem avisar, mas preciso de ajuda.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que houve? – ela ficou preocupada.

— São meus filhos... – ele explicou que os dois só queriam ir ao parque se Louise fosse com eles.

A primeira resposta de Louise foi *não*, mas foi mentalmente. O pedido daquelas crianças que já estava aprendendo a amar tocou seu coração mais do que ela achava possível. Também pensou em sua partida e que aquele passeio poderia ser sua despedida de Olavo e dos dois, mesmo que eles não soubessem disso.

— Bem, eu... eu irei.

No carro, as crianças comemoraram.

— Obrigado – Olavo agradeceu fitando-a nos olhos. — Está me ajudando muito.

Louise correu para dentro a fim de se aprontar. Havia uma euforia em seu olhar que Dalila percebeu, no entanto, considerou tratar-se apenas da oportunidade que Louise teria de fazer algo diferente de estudar e trabalhar.

PERIGOSAS ACHERON

— Pronto, podemos ir – ela falou animada quando retornou ao carro. Usava calça jeans azul e uma camisa amarelo-claro, uma sandália sem salto que fechava nos calcanhares foi a escolhida para o passeio e os cabelos lisos estavam soltos. Cumprimentou as crianças e Olavo apreciou quando a ouviu chamá-los de queridos algumas vezes.

— Que bom que veio com a gente, Louise, assim papai tem o que fazer e esquece de nos fotografar – Bianca falou e deu uma puxadinha na orelha de Olavo.

— Muito engraçado, Bianca. Pois só por ter dito isso, vou fazer mais fotos suas hoje do que nunca – Olavo respondeu à provocação sorrindo.

No parque, Bianca e Ariel saíram correndo para se dependurarem em uma barra de ferro na qual gostavam de girar por várias vezes.

Louise não queria ficar a sós com Olavo porque

PERIGOSAS ACHERON

não sabia que assunto abordar, e se ele falasse da prostituta de novo, não queria nem pensar na forma como reagiria.

— Obrigado por ter vindo conosco — Olavo agradeceu mais uma vez quando se sentaram em um pequeno banco debaixo de uma árvore. — Muitas vezes não sei como agir com eles. Estava pronto para colocá-los de castigo de novo quando pediram para buscá-la. Depois que topei, o humor deles mudou.

— Não precisa agradecer. Fico feliz em poder ajudar — Louise ainda olhava para as crianças.

— Espero não ter atrapalhado nenhum compromisso seu.

— Hoje eu apenas ficaria em casa até a hora de ir à igreja. E é bom estar aqui — ela falou sem querer.

Houve um momento de silêncio entre eles e Olavo o quebrou perguntando se ela gostaria de

PERIGOSAS ACHERON

comer alguma coisa.

— Sorvete — Louise respondeu prontamente, para provocar. — Se é que seus filhos não estão proibidos de tomar sorvete hoje também — ela sorriu, olhando-o de frente.

— Hoje está liberado sorvete para todos — Olavo se levantou e fez um sinal para os filhos que o seguiram. — Quero que tomem o sorvete sentados, hoje. Afinal, para que queriam a presença de Louise se a deixaram para irem girar como todos os outros dias?

— Pelo menos você ainda não se lembrou da sua maldita câmera fotográfica — falou Bianca.

— Eu já disse para vocês... — Olavo começou a falar e Louise o interrompeu.

— Deixe que eles se divirtam — ela tocou de leve em seu braço.

— Obrigada — novamente Bianca usou o tom de desafio. — Vamos, Ariel.

— Desculpe, não quis desautorizá-lo, mas eles precisam ter suas próprias escolhas de vez em quando. Isso é saudável tanto para eles quanto para você – ela girou o sorvete na mão.

— Tudo bem – Olavo se sentou depois dela. — Quanto a você, me fale um pouco da sua vida.

— Minha vida – Louise repetiu como se falasse para o nada. — Bem, sou do interior e saí de casa para trabalhar com a família de Dalila. Meus pais não aprovaram muito a ideia, mas eu precisava ajudá-los. Eles se recusam a receber minha ajuda, mas creio que logo nos acertaremos – ela sentiu que o estava enganando.

— E por que tem andado distante ultimamente?

— Eu? – perguntou, franzindo a testa. — Como assim?

— Distante, simplesmente. Parece até que tem evitado meus filhos e também a mim.

— Gosto dos seus filhos. Quanto a você, eu mal

o conheço, e não acho bom ficarmos andando juntos por aí, nem visitar a sua casa.

— Mas estou falando de quando nos encontramos em qualquer lugar, como na igreja, por exemplo. A sensação que tenho é de que tem nos evitado.

Louise viu que Olavo estava sendo sincero e teve vontade de abraçá-lo e abrir seu coração para ele.

Eu o tenho evitado porque o amo. Mas eu sou a tal garota de programa...

— Tenho estado atarefada, cansada – falou, enfim.

— As crianças gostam de você. E eu, mesmo conhecendo-a muito pouco, sinto como se já tivéssemos conversado antes – ele sorriu um pouco tenso.

Louise olhou para o outro lado pensando se aquela era uma ótima oportunidade de revelar-se.

— Tenho procurado acertar, mas não consigo — Olavo mudou de assunto. — Na ânsia de tentar suprir a falta que eles sentem da mãe, tenho me excedido em cuidados e sufocado meus filhos — ergueu a cabeça e olhou para onde Bianca e Ariel estavam. — Eles estão nervosos e me respondem de um modo como nunca haviam feito. Me preocupo demais com sua criação, segurança, e eles estão se afastando de mim.

— Calma — Louise finalmente se virou para ele. — Não condene a si mesmo. Está tentando oferecer o melhor para eles em tudo. Vai dar certo. Só precisa usar sua autoridade na hora devida. Com sua autoridade, eles o respeitarão estando perto ou longe do pai. E eu sei, nesse pouco tempo que tenho convivido com eles, que são crianças maravilhosas — Louise sorriu para ele. — E você é um excelente pai. Só estão um pouco perdidos, mas o caminho é este mesmo, o amor — ela terminou

PERIGOSAS ACHERON

quase arrependida do tom que usou.

Olavo a olhava intensamente quando ela terminou de falar e se demorou assim até que sentiu o sorvete escorrer em sua mão.

— Você tem razão. E mais uma vez eu agradeço.

— De nada.

Passaram o restante da manhã conversando e sorrindo. Algumas vezes, Olavo surpreendia Louise observando-o e ela enrubescia, em outros momentos, era ele quem parecia esquecer o mundo à sua volta e se concentrava apenas em Louise e na maneira carinhosa que ela brincava com seus filhos.

Perto do meio-dia, as crianças anunciaram que estavam famintas, e após consultar Louise, Olavo decidiu que almoçariam ali mesmo no parque. As crianças escolheram hambúrgueres e batata frita, e antes que dissesse não, Olavo viu que Louise sorria

e balançava a cabeça afirmativamente. Comprado o lanche de todos, retiraram-se do alvoroço da multidão e escolheram a sombra de uma árvore frondosa para almoçarem. Sentados na grama, pareciam realmente uma família unida e feliz.

— Sabe que é a primeira vez que papai permite que a gente coma *besteira* aqui? – Bianca falou para Louise. — Ele realmente fica bonzinho quando você está por perto.

O rosto de Louise corou, ela bem pôde sentir, e Olavo não ficou mais confortável do que ela.

— Verdade. Quando você está aqui parecemos uma família e papai fica bonzinho como ele era antes de mamãe ir para o céu – Ariel falou com a boca cheia, e Louise riu.

— Também não precisa exagerar, Ariel. Louise é nossa amiga – Bianca destacou bem a última palavra.

Louise parou de rir imediatamente e trocou um

PERIGOSAS ACHERON

olhar preocupado com Olavo.

— Crianças, tive uma ideia – Olavo deixou seu refrigerante de lado e pegou a câmera fotográfica.

— Vamos registrar este momento.

Bianca revirou os olhos, mas depois concordou. Abraçou o irmão e ficaram pertinho de Louise. Olavo acionou o automático da câmera e abraçou os três.

— Vou querer uma cópia dessa foto – Louise avisou.

— Terá, com certeza – Olavo respondeu.

Bianca fez uma careta ao reparar na atenção do pai com Louise. Olhou para os dois e eles conversavam alguma coisa que ela não ouvia. Estava entretida na ideia que lhe ocorrera de que Louise gostava do seu pai.

— Obrigado mais uma vez – Olavo falou ao se despedir de Louise no portão e ela apenas sorriu.

— Jantaria comigo hoje? – ele perguntou, de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

repente, e esperou. Ela parecia pensativa. — Estou precisando de um momento adulto. Vamos a um restaurante aqui perto e cedo estaremos de volta.

— Claro. Por que não? — Louise aceitou o convite.

— Pego você às oito horas — Olavo saiu sério, mas Louise teve a impressão de ter visto um brilho nos olhos negros dele.

O que estou fazendo? Está certo, irei ao jantar e lá me despedirei de Olavo para sempre — pensou Louise, subindo as escadas.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

Alessandro estava na cozinha quando Louise entrou. Ele tinha uma caneca de café quente nas mãos e não se moveu, manteve os olhos no objeto e parecia abatido.

— Oi! – Louise o cumprimentou. — Onde estão seus pais?

— Estão no quarto.

— E você já almoçou?

— Ninguém almoçou.

— Por quê? Quer que eu prepare alguma coisa para você comer?

— Não. Obrigado.

— Estão todos bem?

Alessandro, que estava curvado, balançou a cabeça em negativa antes de responder.

— Fiz besteira.

Imediatamente Louise puxou uma cadeira e sentou-se ao lado dele.

— O que houve?

— Bebi de novo – ele falou sem poder encará-la.

— Tanto que não conseguia levantar hoje cedo. Perdi o horário para o curso e foi mamãe quem me acordou. Ela ficou muito triste. Papai me passou um sermão e desde então estão no quarto. Me disseram para refletir sobre o que fiz.

— Alessandro! – Louise exclamou, tocando a mão dele. — O que aconteceu? Por que bebeu? Onde bebeu?

— Comprei a bebida outro dia e trouxe para casa. Bebi no meu quarto. Eu... Eu não sei. Senti vontade e quando comecei, não consegui parar como na semana passada.

— Sinto muito, Alessandro – Louise olhou-o, compadecida. — Mas precisa se esforçar para
PERIGOSAS ACHERON

vencer esse vício.

— Não sou viciado! — ele a encarou, visivelmente irritado. — Por que pensa que sou alcoólatra? Eu não sou alcoólatra. Tive um momento de fraqueza e foi só. Por que ninguém entende isso?

— Tudo bem, Alessandro. Não foi o que eu quis dizer.

— E o que quis dizer?

— Apenas que você precisa...

— Você não sabe de nada, Louise — Alessandro se levantou apontando o indicador e olhando-a diferente. — E eu não preciso de nada. Só preciso que você e meus pais me deixem viver a minha vida... Chega de sermões. Já sou um adulto e sei me virar.

Leonel e Dalila apareceram, atraídos pelos gritos do filho.

— Calma, Alessandro — Louise tentou falar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estou calmo – ele virou-se para os pais. — Vocês é que não entendem. Eu odeio este lugar, odeio esta cidade, sinto falta dos meus amigos e aqui ninguém sabe tocar rock. Isto aqui é uma droga! O que estamos fazendo aqui?

— Alessandro, já conversamos sobre isso – falou o pai.

— Conversamos sobre o quê? Que vocês mudaram para cá pensando no melhor para mim? Nunca! Vocês estavam pensando somente em vocês. Não queriam me ajudar. Queriam se poupar da vergonha de ter um filho bêbado. Sei disso. Por isso fugiram para onde ninguém os conhece. Mas eu odeio isto aqui. Esta cidade não tem nada, tudo é muito lento e eu estou cansado de pessoas me dizendo o que devo ou não fazer.

— Filho... – Dalila deu um passo na direção dele.

— Não, mãe. Me deixe em paz.

PERIGOSAS ACHERON

— Respeite sua mãe, Alessandro – Leonel falou energicamente, passando à frente da esposa.

— E por que ninguém me respeita? – ele encarou o pai.

— Você será respeitado quando fizer por merecer. Enquanto for um menino em seus atos, um irresponsável, terá de nos ouvir e atender.

— Eu odeio vocês – Alessandro berrou e saiu correndo em direção à rua. Depois de atravessar o centro da cidade, entrou no primeiro bar que encontrou.

Louise ficou com Dalila o restante da tarde. A mulher pediu a ela que ainda não fosse embora de sua casa. Precisava dela para ajudá-la com Alessandro e para programar a festa de aniversário dele. Estava pensando em convidar todos os amigos

do filho e isso daria trabalho.

— Claro, eu posso esperar que passe o aniversário de Alessandro.

— Não acho que ele mereça uma festa – Leonel descia as escadas. — Estou pensando em lhe dar um castigo severo quando aparecer.

— Ele está demorando. Não devia ter ido atrás dele? – Dalila, sentada no sofá, ainda estava abatida.

— Não. Alessandro está rebelde, mas tem boa educação. Não teria coragem de aprontar nada grave.

Dalila se recostou no sofá.

— O que aconteceu para ele ter voltado a beber? Encontrei a garrafa no armário dele – ela soluçou.

— Eu fico com ela agora – Leonel tocou o ombro de Louise.

Ela se levantou e se dirigiu ao seu quarto. Sorriu ao pensar no jantar que teria com Olavo e se deitou

na cama para, em seguida, se levantar, num pulo. Uma ideia lhe ocorrera: usaria o vestido que Olavo lhe dera no hotel e esperaria pela conclusão dele.

Olavo tocou a campainha da casa de Dalila exatamente às oito horas, como prometera. Louise já o esperava na sala e se levantou com o coração aos pulos. Avisara aos patrões que teria um compromisso naquela noite e eles a liberaram. Estavam preocupados demais com Alessandro para se preocupar com qualquer outra coisa ou para interferir em sua vida. Ela respirou fundo e abriu a porta.

Olavo estava parado ao pé da escada da varanda. Ele vestia blazer em veludo *cotelê* preto, sobre uma camisa azul-claro, calça esporte fino azul-escuro e os sapatos eram pretos e discretos. Louise aprovou o estilo moderno e viu o sorriso dele se fechar e a

PERIGOSAS ACHERON

expressão do seu rosto mudar para uma expressão de admiração.

Louise estava magnífica. Realçara os olhos com maquiagem um pouco escura e nos lábios passara um batom rosado. Os cabelos estavam presos em uma charmosa trança embutida que ela colocou sobre o ombro direito que estava um tanto descoberto, devido ao vestido ser um falso tomara que caia. Não usava brincos porque achava que iriam brigar com o tecido verde-escuro cintilante do vestido justo que terminava um pouco acima dos joelhos. Os sapatos de salto não eram muito altos e ela trazia uma bela carteira de mão na cor cinza.

— Você está linda! — Olavo exclamou ao mesmo tempo em que percorria discretamente o corpo de Louise com os olhos.

Ela sorriu aliviada por ter decidido não usar o vestido que ele lhe dera. Ele reconheceria e tudo estaria perdido, já que concordara em permanecer

PERIGOSAS ACHERON

em Aurora até o aniversário de Alessandro.

— Obrigada — respondeu segurando a mão que ele lhe estendera.

Olavo a conduziu até o carro e gentilmente abriu a porta para que ela entrasse. Quando se sentou ao lado dela, ele não evitou olhá-la dentro dos olhos azuis que pareciam atrair-lhe como um ímã. Sério, ele deu a partida com o carro pensando que seu coração estava em desordem naquele momento, como sempre ficava quando ela estava por perto ou quando simplesmente pensava nela.

O restaurante que ele escolhera ficava numa cidade vizinha a Aurora e era um lugar que ele já conhecia, porque sempre se reunia ali com empresários. Era um ótimo restaurante e o deixava tranquilo por ficar perto da sua casa e relativamente próximo à capital, fazendo com que ninguém reclamasse de se deslocar até lá para uma reunião de negócios. Estava quase lotado quando chegaram.

Olavo caminhava logo após o garçom e Louise estava atrás dele. Orgulhoso, reparava com o canto do olho que muitos, ainda que discretos, olhavam admirados para sua acompanhante.

— O que vão beber? – perguntou o garçom, passando-lhes o *menu*.

— Água – Louise respondeu prontamente e observou a reação de Olavo.

Ele olhou para o garçom, que pareceu não entender o pedido dela.

— Não bebemos álcool – explicou.

— E para o senhor?

— Água com gás para nós dois. E para mim seria interessante que viesse com limão – o garçom anotou e saiu em seguida. Olavo estudou-a por um instante. — Você está linda! – falou de novo e Louise enrubesceu. — Obrigado por ter vindo. O que vamos comer?

— Deixarei que você escolha. Não conheço

comida chique e não quero pedir arroz com feijão – Louise sorriu, encantadora. — Já basta ter pedido água... As pessoas parecem se assustar com alguém que não bebe álcool.

A mente de Olavo voltou meses atrás. A voz de Louise era muito parecida com a voz de alguém.

— Verdade – ele respondeu pensando em Luíza e resolveu não tocar no assunto da prostituta de novo; da última vez, Louise ficara irritada.

O garçom voltou trazendo a água, e Olavo pediu salada para iniciar, como prato principal pediu peixe.

— Como se come peixe em um restaurante? – Louise perguntou, mais para dizer que não entendia de etiqueta e fazê-lo se lembrar de quando estavam no hotel. Queria desesperadamente que Olavo a descobrisse e acabasse logo com tudo aquilo. Claro, ela estava feliz em acompanhá-lo e imaginava que ele a convidara não somente por não ter outra

pessoa. Sentia que ele gostava dela e era exatamente por isso que queria pôr um fim em tudo aquilo o mais depressa possível. Não queria sofrer mais tarde. — Não conheço regras de etiqueta — terminou, torcendo que ele falasse sobre Luíza.

Olavo olhou-a intensamente e Louise estremeceu. Ele não entendia porque parecia já ter vivido uma situação parecida com aquela, com uma pessoa parecida com Louise. Elas eram realmente muito parecidas. *Olavo, pare ou estragará a sua noite e principalmente a de Louise*, falou para si, mentalmente.

— Não se preocupe. Mas se não estiver à vontade, poderemos ir a outro lugar.

— Estou bem. Verei como você come e imitarei — Louise sorriu de novo e Olavo se encantou com a simplicidade e a sinceridade dela.

O garçom entregou seus pedidos e Louise realmente observava como Olavo usava os talheres.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é muito elegante – ela falou, e quando ele ergueu os olhos em sua direção, ela pensou no quanto gostava dele.

— E você está indo muito bem – ele foi de novo simpático. — E mesmo que não fosse bem, você é tão linda que ninguém repararia em como usa ou não os talheres.

Louise se emocionou, um tanto envergonhada. Ele era realmente uma excelente pessoa. Sabia que se ficassem juntos seria muito feliz ao lado dele. Ilusão. Ele já deixara bem claro que não iria querer uma ex-garota de programa perto de seus filhos. *Mas e se ele se apaixonasse por mim, ainda assim não ignoraria meu passado?* – pensou com tristeza.

— Estou indo embora – ela falou, de repente, quebrando o silêncio que houve por alguns segundos.

— ...Como disse...?

— Disse que estou indo embora.

PERIGOSAS ACHERON

— Não precisa se apressar. Eu a levarei.

— Você não entendeu – Louise pareceu triste.

— Estou indo embora de Aurora.

Olavo abaixou os talheres e limpou o canto da boca com o guardanapo de tecido, em seguida, olhou direto nos olhos de Louise.

— Por quê? – perguntou e fez nova pergunta. — O que a incomoda, Louise? Outro dia ficou triste em minha casa, depois se afastou, e agora, no meio do jantar, parece de novo triste...?

Louise suspirou e baixou o olhar para seu prato quase intocado.

— Estou começando a achar que minha presença a deixa mal – continuou Olavo, e Louise teve um calafrio. — Se for isso, não precisa mais atender meus convites, eu aceitarei, ainda que não entenda seus motivos. Mas se não é nada disso, pode se abrir comigo. Se não puder ajudar, serei ao menos um ouvinte atento. Lembra que falei que

PERIGOSAS ACHERON

estava precisando de um momento adulto? Este é um momento adulto.

Louise balançou a cabeça em negativa.

— Eu estou bem. E não se preocupe, não é nada com você.

— Ainda que fosse, eu me esforçaria para entender.

Você não me reconhece? Sou eu, Luíza. A garota que queria ser modelo. A garota do hotel – gritou a voz dentro dela.

— Eu realmente preciso sair de Aurora. Preciso voltar para a casa dos meus pais. Tenho medo que eles não me aceitem mais se demorar muito por aqui.

— Você é adulta, Louise. Acredito que tem poder para decidir sua vida sozinha, principalmente se trabalha para ajudar seus pais.

— Sei disso, mas eles pensam diferente. E são muito rígidos. E também... – Louise parou no meio

da frase.

— E também? — Olavo aguçou os ouvidos, curioso ao que ela teria a completar.

— Acho que seus filhos e eu estamos nos aproximando muito. Gosto deles e parecem ter gostado de mim também — Louise já estava arrependida do que estava falando, mas resolveu concluir. — Por isso me afastei. Porque quando for embora, não quero que sintam a minha falta.

Olavo ficou impactado com o que ouviu e mais ainda com a sinceridade que se estampou nos olhos de Louise naquele momento. Subitamente, um desejo de pedir a ela que não fosse embora de Aurora quis dominá-lo. Ele tentou se conter, contudo, falou:

— Já pensou que mais alguém além deles sentiria muito a sua falta?

— Claro. Meus patrões, Alessandro... Nos damos muito bem.

— Mais alguém além deles também — Olavo baixara seu tom de voz.

O coração de Louise pareceu derreter ante a ternura daquelas palavras. *Então ele gosta de mim. Posso enfim me abrir*, ela tentava se encorajar.

Um silêncio profundo pairou entre eles e suas almas pareciam se comunicar através de seus olhos que se miravam intensamente. Cada um deles sentia uma emoção que fazia seu coração vibrar de alegria, ansiedade e medo. Olavo tinha medo de estar se precipitando em relação ao que sentia por Louise, afinal, fazia poucos meses que estava viúvo e talvez estivesse muito, muito carente. Louise tinha medo de se entregar àquele amor e mais tarde ter de deixá-lo, como penitência pelo erro cometido meses antes, quando fugira de casa.

— E então? — Olavo falou primeiro.

— Eu... Eu não sei o que... — Louise sentiu a mão grande e forte dele repousando sobre a sua.

Uma vertigem percorreu seu corpo e o coração quase veio à boca.

— Eu também sentiria a sua falta — Olavo falou sem mais temer e apertou a mão dela. Sentiu o coração saltar em seu peito.

Louise manteve-se calada e Olavo começou a retirar sua mão de sobre a dela, mas Louise a segurou. Eles se contemplaram e ela fez um carinho nos dedos dele.

Olavo olhou para a mão branca e os dedos finos e graciosos que seguravam os seus. Virou sua mão com a palma para cima e ela repousou sua mão sobre a dele. Desta vez foi ele quem a acariciou e viu que ela fechou os olhos ao receber o carinho. Quando os abriu e olhou para ele, o azul de seus olhos estava ainda mais brilhante. Ele sentiu a boca seca, passou a língua nos lábios e pigarreou devagar.

— Você é toda linda, Louise — ele sorriu

PERIGOSAS ACHERON

nervosamente. — Me desculpe estar lhe dizendo isso assim, tão de repente, mas gosto de você. Talvez ache estranho, eu mesmo estou achando. Estou há tão pouco tempo viúvo que temo que você me confunda com um oferecido ou irresponsável mulherengo... — ele soltou o ar que prendera havia alguns segundos. — Mas como já lhe disse, sinto-me à vontade com você, como se já a conhecesse mesmo. Às vezes acho que... Que sonhei com você, que... Eu não sei, mas você me inquieta. Repito: gosto mesmo de você.

Louise estava boquiaberta. O que dizer diante de uma declaração como aquela? Teve certeza, naquele momento, que Olavo também fora tocado pelo mesmo sentimento que ela quando se conheceram no hotel, apesar de ambos não saberem disso naquele dia. Apertou a mão dele e quis abraçá-lo e esquecer todos os seus temores. *Mas se é assim, se ele gosta de mim, por que ele não iria*

me querer por perto se eu me revelasse? Só tem um jeito de saber, pensou.

— Podemos sair daqui? – ela perguntou e Olavo respondeu imediatamente que sim. Ela retirou a mão de sobre a dele e pegou sua carteira.

Olavo fez um sinal discreto para o garçom, que em segundos lhe levou a conta e cobrou.

No carro, pouco conversaram enquanto ele dirigia concentrado. Quando chegaram à entrada de Aurora, Louise estava decidida a lhe contar quem realmente era. Na primeira praça que avistaram, Olavo estacionou, retirou o cinto e virou-se para ela, sorrindo.

— Tenho algo importante a lhe dizer – ela falou.

— E eu estou ansioso para ouvir – Olavo tomou a mão dela de novo.

— Também gosto de você. Desde a primeira vez em que o vi.

— Muito bom saber disso.

— Mas eu... Eu estou perdida quanto ao que tenho para dizer.

— Vá com calma, seja simples e objetiva.

— Tenho tanto medo.

Tem medo de admitir que me ama? – pensou Olavo.

— Do que tem medo, Louise?

— Não dará certo... – ela falou com sofreguidão.

— O que não dará certo? – ele falava baixo e calmo.

Louise se lembrou das palavras de Olavo dizendo que não achava bom ter uma prostituta, ainda que convertida, por perto, e sua coragem pareceu se esvair. Respirou profundamente e, quando olhou para ele, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— O que foi, Louise? Por que está chorando?

— Não duvide de que gosto de você.

— Não duvido mesmo, Louise – Olavo sequer

piscava.

— Mas não será possível nada entre nós — Olavo engoliu seco e, antes que perguntasse o porquê, Louise completou: — Lembra de Esdras? O rapaz que estava comigo quando nos conhecemos na igreja?

Olavo assentiu apreensivo.

— Então, por isso não posso ficar com você. Esdras é meu noivo.

Capítulo 14

A cantoria de Alessandro fez Dalila correr para encontrá-lo na varanda. Torcia para que o filho não estivesse bêbado, mas a voz alterada e as palavras meio confusas não a deixaram se iludir. Sim, Alessandro estava bêbado e isso lhe fez doer o coração. Mesmo assim, amparou o filho na escada, esforçando-se para não desabar em lágrimas de frustração.

— Eu... Eu não queria, mãe. Eu juro... Juro que não queria fazer isso — Alessandro falava de modo entrecortado a cada passo incerto que dava abraçado à mãe.

Com a ajuda de Louise, ela levou o filho para o banheiro no corredor, no andar de cima, e o colocou vestido sob o chuveiro frio. Alessandro protestou e pediu que a mãe o deixasse sozinho. Ela

correu até a cozinha, preparou café forte e, quando ele saiu do banho, ela o serviu, fazendo-o beber todo o líquido amargo.

— Estou com sono, mãe – Alessandro deitou-se em sua cama.

— Mas não vai dormir agora, não, senhor – Leonel apareceu de pijama.

— Pai, desculpa aí – Alessandro começou a choramingar. — Eu fiz tudo errado de novo.

— Sei que está me entendendo, Alessandro, e vou lhe dizer uma coisa muito importante: você não tem motivo algum para fazer o que está fazendo conosco e principalmente com você mesmo.

— Mas foi...

— Ainda não terminei – Leonel alterou um pouco a voz, depois se controlou. — Quero que ouça: vou lhe dar até o seu aniversário para que tome a decisão de parar com isso ou tomarei outra providência. Boa noite – Leonel se retirou em

seguida.

Olavo estava em seu escritório desde que chegara do jantar com Louise. Tomava suco de laranja tentando se concentrar em diversos assuntos de seu trabalho, já que o sono se fora, e também na viagem que pretendia fazer com os filhos. No entanto, estava impossível tirar da cabeça as imagens dos momentos que passara com Louise no restaurante e também em seu carro, quando ela lhe dissera ser noiva de Esdras.

Num primeiro momento, ele imaginou que não fosse verdade e que Louise estivesse querendo fugir do que sentia por ele, mas quando ela abriu a porta do carro e saiu correndo pela praça sem permitir que ele se aproximasse, ele se obrigou a acreditar. Dirigiu furioso para casa dizendo a si mesmo que era castigo por estar se interessando por uma

PERIGOSAS ACHERON

mulher poucos meses depois da morte da esposa. Mas o que poderia fazer? Sentia-se atraído por Louise muito mais do que poderia ignorar, tanto que, depois de ter ouvido que ela era noiva, ficara extremamente decepcionado.

Louise não tinha o direito de se aproximar dele daquele jeito, charmosa, lhe dizendo que gostava dele e depois simplesmente abrir a boca e dizer que não poderia ficar com ele porque tinha um noivo. Que espécie de mulher era ela que mesmo noiva aceitava sair para jantar com outro homem? Bem, na verdade ele quase insistira para que ela fosse. Mas ela fora sincera dizendo que tinha um noivo. Então para que dissera que gostava dele?

Suspirando profundamente, levantou-se da cadeira giratória e sentou-se no sofá do escritório. Tomou mais um gole de suco e depositou o copo em um pequeno balcão ao lado, depois, jogou a cabeça para trás. Queria muito poder esquecer

PERIGOSAS ACHERON

Louise, mas, desde que a vira pela primeira vez, parecia ter se encantado por ela.

O barulho da porta se abrindo o trouxe de volta, e quando voltou a cabeça para frente, Bianca, que estava diante dele, perguntou:

— Pai, você saiu para jantar com Louise?

— Bianca, não devia estar dormindo?

— Ainda é cedo. E então, saiu com Louise?

— Sim. Eu a levei para jantar e...

— Achei que Louise fosse minha amiga, mas ela *tá* de olho em você – a adolescente mostrou-se irritada. — Pai, não pretendo ter outra mãe!

— Bianca, você está enganada. Louise e eu somos amigos.

— Amigos não se olham como vocês. Ou pensam que eu não percebo seus olhares de um para o outro?

— Você está imaginando coisas – Olavo se levantou e abraçou a filha. — Não precisa se
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

preocupar com isso. Repito: Louise e eu somos amigos.

— Amigos. Difícil acreditar. Então por que saíram sozinhos? Por que não levou a gente?

— Por que precisava de um momento só para mim ou pelo menos um momento que me tirasse da rotina que tenho vivido nos últimos meses.

— Devia ter ido jantar com o pastor, com Leonel, até com Alessandro, mas preferiu ir com Louise.

— Filha, Louise é sua amiga, pensei que gostasse dela.

— Gostava até perceber que ela *tá* de olho em você.

— Louise é noiva, Bianca.

— Noiva, não. Ela apenas namora o primo de Alessandro, um policial que ficou na cidade onde ela morava antigamente. Ele quase nunca vem aqui, é fácil para ela namorar outro enquanto isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bianca, quem lhe deu o direito de falar assim de alguém? Filha, isso é quase uma calúnia. Você parece tão magoada com isso!

— Já falei, não quero outra mãe, nem mesmo Louise.

— Você não terá outra mãe e Louise tem namorado. Mas ainda seremos amigos e você irá tratá-la bem, está ouvindo?

— Espero mesmo que seja só amizade – Bianca se soltou do pai e foi até a porta, de onde se voltou e disse: — Se você decidir namorar Louise, irei embora de casa. Boa noite.

— Vem cá, vem cá – Olavo chamou a filha fazendo sinal com a mão. Quando ela se aproximou, abraçou-a e beijou-a no rosto. — Não quero que esquente sua cabecinha com nada disso, até porque não existe e não existirá mulher ou pessoa alguma para me afastar de você e do seu irmão. Okay? Agora vá dormir.

PERIGOSAS ACHERON

Depois que Bianca saiu do escritório, Olavo continuou em pé, olhando para as paredes à sua volta. Sentia-se tão sozinho depois que a esposa partira, e a sensação de solidão aumentara quando decidira sair da capital para Aurora. Deixara para trás parentes e amigos para poder dedicar-se ao máximo aos filhos e nem sequer em sonhos se imaginava com outra mulher. Amava a esposa mesmo depois de meses de seu falecimento e continuaria assim, até que Louise apareceu. Por que ela o atraía tanto daquela forma? Por que gostava da sua voz, do jeito de andar, do seu sorriso arrebatador? E o toque das suas mãos, como era suave e gentil! E mesmo sendo tão jovem, já tinha conselhos para lhe dar. Novamente a ideia de que Louise se parecia muito com a jovem que conhecera no Pertur'Bar lhe veio à mente e ele decidiu que não queria se apaixonar por alguém que lembrava uma garota de programa.

Esdras chegou na sexta-feira seguinte, ao final da tarde, sem avisar. Queria fazer uma surpresa para todos e principalmente para Louise. Na frente da casa da tia, buzinou três vezes, e ao ouvir a buzina do carro, Louise teve um calafrio.

— Olá, boa tarde! — ele apareceu na porta e cumprimentou com alegria.

Dalila o abraçou primeiro e não segurou as lágrimas. Após tê-lo acomodado, pediu que Louise servisse o café.

— Se você já conheceu a cidade toda, vamos procurar um lugar bom para jantarmos hoje. O que me diz? — ele perguntou a Louise enquanto bebia café.

Louise e Dalila se entreolharam.

— Nada disso. Vão jantar aqui, hoje — ela falou, entendendo o que Louise pensava.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tia, me desculpe, tenho algo importante...

— Não abro mão de que jante conosco hoje.
Não seja desobediente – Dalila forçou um sorriso.

— Tudo bem, se não tem jeito, fico por aqui mesmo. Mas amanhã eu a levarei a um restaurante – ele falou para Louise e ela assentiu lentamente.

O jantar daquela noite foi um dos mais felizes que tiveram na casa. Esdras estava presente e Alessandro, depois de concordar com o pai que se esforçaria para mudar, fora liberado do castigo e estava com a família, à mesa.

— E como vão as coisas lá na igreja? – Alessandro perguntou ao primo.

— Muito bem, embora muitos sintam a sua falta. A sua banda diz que terá um lugar para você entre eles eternamente. Mas quem mais pergunta por você, na verdade, são as meninas.

Dalila notou que o filho se comoveu à lembrança dos amigos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nós os convidaremos para o aniversário de Alessandro, e assim que ele tiver férias da escola, iremos visitá-los – falou, sorrindo para ele.

— E você, Esdras, já está vendo sua transferência para cá? – perguntou o tio.

— Sim. Conversei novamente com meus superiores e eles me disseram que há possibilidade de uma transferência em breve. Assim que voltar, vou abordar de novo o assunto para que não se esqueçam.

— Muito bom. É o nosso parente mais chegado, nosso filho mesmo, é assim que o vemos, por isso queremos que você esteja perto de nós.

— Obrigado, tio. Mas tenho também outros motivos que me fazem querer mudar para cá o mais rápido possível.

— Louise, é claro – Alessandro falou, interrompendo o corte que fazia na carne assada.

Louise ficou tensa e os outros riram.

PERIGOSAS ACHERON

— É verdade – Esdras confirmou. — E digo que tenho ainda outros planos.

Dalila, pressentindo o que o sobrinho tinha em mente, tentou adiar a conversa.

— Mas vamos deixar os planos para mais tarde, para outro dia até, agora vamos jantar e aproveitar o momento...

— É exatamente isso que eu quero: aproveitar o momento – Esdras olhou para Louise e ela reparou que ele tinha os olhos mais doces e sinceros ao fitá-la. — Quero... Bem, quero dizer algo muito importante – ele colocou uma mão no bolso da calça e Louise desejou não estar ali. Ele tomou a mão de Louise e continuou: — Quero aproveitar o momento e dizer que a amo, Louise.

Leonel e Dalila trocaram olhares, preocupados com o sobrinho.

— Dizer também que senti muito a sua falta e que decidi que não quero mais sentir isso, é muito

ruim – Esdras estava emocionado e sorria um tanto tímido. — Mas quero vir logo para cá e quero me casar com você – ele então tirou do bolso a pequena caixa de veludo preto e abriu-a, exibindo o anel que comprara. — Louise, você aceita se casar comigo?

Todos ficaram surpresos, mas Louise ficou paralisada. Estava com a boca aberta, admirando o anel, enquanto seus olhos eram inundados pelas lágrimas.

Dalila e Leonel, depois da euforia inicial, se calaram e aguardaram pela resposta, ainda mais preocupados. O sobrinho estava apaixonado e disposto a se casar com alguém que não correspondia aos seus sentimentos, e ele ignorava tal fato.

— E então? – ele perguntou.

— Esdras... que surpresa! – Louise finalmente falou. Em seguida, olhou para os patrões e eles

PERIGOSAS ACHERON

também esperavam para ouvir a sua decisão. Mas o que dizer num momento como aquele? Todos estavam tão felizes! E Esdras mais que todos. Rapidamente passou pela sua cabeça o momento que dissera aos patrões que não amava Esdras como ele merecia e também pensou no motivo disso não ter acontecido. Olavo. Ela amava Olavo. No entanto, mesmo sem saber que falava dela, ele já dissera que não ficariam juntos. Estaria correta em dizer *sim* ao pedido de Esdras? Conseguiria amá-lo algum dia ou responderia *não* e acabava com a alegria do momento e com uma chance, talvez a única, que tinha de ser feliz?

— Desculpem — Louise pediu, olhando diretamente para Dalila.

— Está tudo bem — a mulher respondeu, carinhosa.

Louise fechou os olhos e reabriu imediatamente, inspirando fundo. Sorriu para Esdras, levantando a

PERIGOSAS ACHERON

mão direita para ele. — Sim, eu aceito.

O sábado foi um dia tenso para Louise. Ela se empenhou ao máximo em estar ocupada e assim prorrogar o momento da conversa que sabia que devia ter com Esdras ainda naquele fim de semana. Cedo estava na cozinha e, após servir café para Alessandro, reorganizou a mesa para a família.

Dalila apareceu primeiro e a cumprimentou.

— Preciso falar com a senhora.

— Penso que não seja comigo que deva conversar — Dalila respondeu amorosamente, apesar de estar séria.

— Não sei o que fazer.

— Seja sincera, só isso. Certamente vai doer muito, mas, com o tempo, todos seremos gratos a você por isso.

Esdras apareceu em seguida, anunciando que

PERIGOSAS ACHERON

pretendia levar Louise para um passeio demorado. Ela esperou que Leonel, que chegara após o sobrinho, se acomodasse, e explicou que teria muito o que fazer.

— Tenho que ajudar Raquel com os preparativos das doações para o asilo.

— Irei com vocês – falou o jovem.

À tarde, a equipe de assistência social da igreja se reuniu nas dependências do templo, onde se prepararam para as visitas no asilo e no orfanato.

Olavo chegou quando ensaiavam a segunda canção que gostavam de cantar com os velhinhos, e Louise olhou-o, trêmula, mas, como nunca antes soubera que Olavo participava da equipe, ficou tranquila com a certeza de que não facilitara aquele encontro. Ele cumprimentou a todos de maneira geral e, num relance, olhou para Louise e Esdras.

Esdras estava animado com a possibilidade de ajudar aos necessitados arrecadando alimentos e

PERIGOSAS ACHERON

ainda passar um tempo com a noiva. Cantava alto e, quando podia, falava bastante, dando ideias e compartilhando as experiências que tinha em sua igreja.

Olavo pouco falava e só se envolveu nas conversas quando já estavam na rua, mas ele não queria conversar. Estava confuso com tudo o que vinha acontecendo em sua vida com os filhos e agora também com a presença quase perturbadora de Louise. Estava logo atrás de Esdras, que caminhava com um jovem que carregava um violão.

— E quando vai ser transferido para cá? — perguntou o jovem.

— Em breve, espero. Agora tenho um motivo a mais para morar aqui — Esdras respondeu, com voz misteriosa.

— Mesmo? E que motivo é esse? — o jovem não escondeu a curiosidade, e Olavo aguçou os

PERIGOSAS ACHERON

ouvidos.

— Fiquei noivo e planejo me mudar para cá, já que minha noiva está vivendo aqui.

— Cara, parabéns! – exclamou o jovem apertando a mão de Esdras. — E quem é a noiva?

Olavo tentou desviar a atenção da conversa alheia, mas não era possível, o jovem falava alto e ainda se voltou para o grupo, anunciando que Esdras estava noivo da bela Louise.

Enquanto todos se aproximavam parabenizando Esdras, Olavo começou a se afastar, indo para o final de uma espécie de fila que se formou na calçada para felicitar o noivo. Queria correr dali e se esconder em casa. *Então é verdade, ela está mesmo noiva* – pensou com pesar, sentindo um gosto amargo na boca. Quando se viu diante de Esdras, apertou-lhe a mão sem dizer nada de início, somente quando alguém falou que Esdras era um sortudo por ser noivo de Louise foi que ele

PERIGOSAS ACHERON

pronunciou um *parabéns*, sem vontade.

A caminhada recomeçou e todos estavam animados. A assistência que a igreja prestava aos necessitados, havia anos, era um momento de alegria para os que podiam ajudar – e o faziam da melhor maneira possível –, garantindo que eram mais felizes do que os que recebiam as doações.

Olavo participava ativo no grupo de ajuda, e o reverendo sempre o agradecia pelas doações generosas.

Caminhando relativamente próximo a Louise, ele não conseguia deixar de olhar na direção dela, por mais que tentasse. Observou o anel em seu dedo, lembrando-se de que ele não estava lá nas outras vezes em que ele a vira. Num certo momento em que olhou para ela, Louise correspondeu ao olhar, e ele jurava ter visto um sorriso nos lábios dela. Imaginou que Louise poderia estar se divertindo com seu desconforto, depois se

arrependeu desse pensamento, ela não era do tipo que provoca alguém assim. *Então por que ela se aproximou de mim e depois se afastou revelando que estava noiva?* – ele não tinha a resposta.

Um homem embriagado se aproximou do grupo pronunciando palavrões e indo na direção das mulheres. Elas se afastavam temendo serem pegas desprevenidas em alguma má intenção dele. Esdras segurou o bêbado pelo ombro, afastando-o do grupo. Enquanto ele tentava acalmar o homem, as mulheres se reorganizaram e Louise ficou ao lado de Olavo. Eles se olharam longamente e Louise desviou o olhar antes que Raquel, que estava do seu outro lado, percebesse.

— Preciso falar com você, numa outra hora – disse Olavo, baixinho.

Louise olhou o rosto bem próximo ao seu. O coração disparou naquela hora. *Meu Deus, como gosto desse homem* – pensou, chocada consigo

mesma.

— Não temos nada para conversar, acredito – ela tentou não ser rude em sua resposta.

— Ainda assim, gostaria que dispusesse de um tempo para falarmos. Prometo que será rápido – ele insistiu.

Louise concordou balançando a cabeça, e Olavo se afastou devagar.

— O que houve? – perguntou Raquel.

— Nada. Olavo quer falar comigo... Deve ser sobre seus filhos. Eles têm se aproximado de mim ultimamente.

— Você disse Olavo? – Esdras perguntou, chegando de repente.

Louise sentiu o corpo gelar e seguiu o olhar de Esdras, reparando que se cruzou com o de Olavo.

— Sim – respondeu, somente.

— *Aquele* Olavo? – Esdras perguntou, não conseguindo evitar o sentimento ruim que teve ao

PERIGOSAS NACIONAIS

ouvir o nome do homem que Louise dissera tê-la salvado de Giovanni.

— Aquele?... — ela pareceu não compreender. — Ah, sim... Não. Olavo, um membro da igreja. Conheci seus filhos outro dia. São duas crianças muito legais.

Logo chegaram ao asilo e Esdras aproximou-se de Olavo.

— Está tudo bem com seus filhos?

— Meus filhos?

— Sim. Disse à minha noiva que queria falar com ela sobre seus filhos.

Olavo hesitou um pouco antes de responder.

— Oh, sim, sim, eles estão bem. Gostam de conversar com Louise e... Enfim, gostam dela...

Esdras assentiu e se afastou. De longe, Olavo viu quando ele segurou na mão de Louise e entraram no asilo.

PERIGOSAS ACHERON

Raquel ouvia atentamente o que Louise lhe contava. Estavam no quarto de Louise logo depois de terem voltado do asilo, e ela lhe revelara toda sua história.

— Querida, não chore. Você foi uma grande vítima – Raquel segurou as mãos da amiga. — Só não pode errar de novo. Tem de ser sincera com Esdras. Ele parece gostar muito de você. Quanto ao outro homem, você disse que o reencontrou aqui em Aurora...

— Por favor, fale baixo – Louise pediu, secando as lágrimas.

— Quem é ele?

— Não vai acreditar.

Raquel esperou.

— Olavo – Louise revelou.

— Olavo!? – Raquel ficou profundamente

admirada.

— Fale baixo. Ninguém pode saber.

— Meu Deus! Precisa resolver isso urgentemente, Louise. Sabe que ele está viúvo e que uma aproximação pode... Bem, você entende.

— Estou tranquila quanto a isso. Ele me respeita muito.

— Como assim? Ele sabe dos seus sentimentos?

— Sabe, sim.

— E ele corresponde?

— Quase na mesma intensidade – Louise se jogou sobre a cama. — Eu queria, eu juro que queria sentir por Esdras exatamente tudo o que sinto por Olavo, mas não consigo. Ninguém manda no coração.

— Fale com Esdras ainda hoje, Louise. Ele merece isso. Se não quiser, não precisa revelar quem é o homem, mas deve pôr um fim ao noivado.

— Você tem razão. Farei isso hoje e irei embora de Aurora antes mesmo do aniversário de Alessandro.

Capítulo 15

A igreja estava lotada naquele sábado à noite. A celebração dos jovens era sempre um momento marcante de talentos e adoração.

Alessandro tocava guitarra para o ministério de louvor e sorriu feliz para o primo assim que o viu.

Louise chorava durante a execução das músicas.

— Está tudo bem? — Esdras perguntou num determinado momento.

— Sim, estou bem — Louise respondeu com um

sorriso triste.

Já perto do fim da celebração, Louise saiu para ver como estava sua maquiagem, no retorno, encontrou Olavo. Sorriu para ele.

— Posso falar com você agora? – ele perguntou num tom baixo, respeitoso.

— Sim – ela respondeu prontamente e corrigiu-se: — Por que quer falar comigo?

— Quero pedir perdão.

Algumas poucas pessoas circulavam pelo pátio e, depois de olhar para os lados, Louise perguntou:

— Perdão? Pelo quê?

— Não sabia que estava noiva quando a convidei para jantar comigo. Conheci o rapaz, ele é um cara legal. Prometo não incomodá-la mais.

Louise assentiu e seus olhos se encontraram por alguns segundos.

— Preciso ir – Olavo saiu devagar.

— Sabe que não foi nenhum incômodo – Louise

falou, querendo prolongar a conversa.

— Por que, Louise? Por que não me disse antes?
— ele se reaproximou.

Antes do quê? Será que ele também se apaixonou por mim?

— Fiquei noiva ontem – ela revelou.

— Ontem? Não entendo... Há uma semana...

— Eu queria fugir. Fugir de você, fugir da verdade... Fugir, simplesmente.

— Fugir do quê? Do que tem medo, Louise? Gostaria que fosse sincera comigo – Olavo abriu as duas mãos e contraiu os lábios. — Desculpe, não tem porque ser sincera comigo, mas achei que fôssemos amigos. Meus filhos têm perguntado por você.

— Sinto a falta deles. São crianças ótimas.

— Mas tem nos evitado. É tudo tão confuso... Gosta deles, gosta de mim, está noiva, não está noiva, de repente está noiva de novo, não gosta de

mim, quer ir embora... — Olavo respirou profundamente. — Bom, é melhor irmos...

— Olavo, eu... Eu peço desculpas por tudo. Estava confusa naquele dia. Boa noite — Louise passou rápido por ele e entrou no templo. — Me ajude! — Louise pediu para Raquel. — O que faço?

— O certo — Raquel respondeu imediatamente. — Vai ser difícil, mas terá dignidade.

— Hoje?

— Agora. Antes de irem para casa. Se não ficar bem depois de falar com ele, me ligue, irei buscá-la onde estiver para dormir em minha casa.

— Obrigada.

— Podemos ir? — Esdras chamou. — Ainda temos um jantar.

— Vão com Deus. Qualquer coisa, me liga, Louise.

Louise assentiu e deu a mão para Esdras.

— Conseguiu falar com os filhos de Olavo? —

PERIGOSAS NACIONAIS

ele perguntou, já no carro.

— Muito rapidamente.

— Parecem mesmo gostar de você.

— São crianças maravilhosas.

— Gosta de crianças?

— Seria uma tola se não gostasse. São a prova maior da existência de Deus. Vemos isso em seu sorriso.

— Concordo. Também gosto muito. Quando Alessandro nasceu fiquei muito feliz... Quantos filhos gostaria de ter um dia?

Louise não esperava pela pergunta.

— Não sei, mas não muitos.

— E quando acha que podemos nos casar? Poderemos morar na casa dos meus tios enquanto procuramos uma casa aqui em Aurora.

— Aqui, não.

— Não? Não gosta daqui?

— Gosto.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas não gostaria de morar aqui. Por quê?

— Não sei dizer.

— Você quem manda. Mas já pensou numa data? Não muito longe... – ele a olhava sorrindo.

— Por favor, preste atenção na direção.

— Não consigo não olhar para você – ele sorriu de novo. — Sabe que hoje fui muito felicitado por ser o noivo da bela Louise? Diziam que será a noiva mais linda que verão por aqui. E eu concordei, é claro.

Louise olhava para frente, estava amargurada com a empolgação de Esdras.

— Precisamos falar com seus pais. Quero que sua mãe saiba que estamos fazendo tudo direitinho. Podemos ir à casa dela esta semana, eu... O que foi? – Esdras diminuiu a velocidade porque Louise começou a chorar. — O que houve, Louise? Falei algo errado? – ele parou no acostamento.

Louise tentava evitar as lágrimas, mas a emoção

era mais forte.

— Não devia ter falado dos seus pais, é isso? Tudo bem – ele a abraçou. — Eles ficarão felizes ao saberem do casamento, tenho certeza.

— Não posso, não posso! – Louise exclamou, como se quisesse se libertar de algo que a sufocava.

— Não pode? Não pode o quê? – Esdras olhou-a preocupado, sentindo os nervos começarem a tremer.

— Não posso! Me perdoe, por favor.

— Não estou entendendo.

— Não podemos nos casar – Louise chorava bastante agora.

— O quê? – o rosto de Esdras instantaneamente se contraiu, como se sentisse dor. E ele sentia. — O que está dizendo?

— Não podemos. Eu o amo, mas não podemos.

— Como assim, me ama, mas não podemos? Louise, o que houve? Seja clara.

— Esdras, me perdoe. Não sei como dizer.

— Calma. Vamos ficar calmos, primeiro — Esdras se ajeitou na poltrona. — Está tensa... Estou cobrando muito para que marque uma data?

— Não — Louise por fim o encarou, balançando a cabeça.

— Então...?

— Eu o amo, Esdras — Louise limpou a garganta. — Como meu irmão, meu amigo. Me desculpe. Não posso me casar com você. Não seria certo.

Esdras a olhou por um longo momento. Não acreditava que Louise estava terminando com ele pouco mais de vinte e quatro horas depois de ter dito *sim*.

— O que houve, Louise? Está brincando, não?

— Jamais. Tenho sofrido tanto com isso — Louise estava um pouco mais controlada. — Não queria magoá-lo, você não merece, é um homem

maravilhoso, mas também não posso enganá-lo.

— Seja sincera comigo, por favor.

Louise teve um calafrio.

— Estou sendo, Esdras.

— Conheceu alguém?

— Não!

— Nesse tempo que ficou sozinha? Seja sincera ou não desistirei.

— É melhor desistir, Esdras. Não dará certo.

— Eu a amo, Louise. Adiamos o casamento, fazemos uma viagem em família para vermos no que dá, talvez esteja confusa, temerosa...

— Esdras, Esdras, por favor, pare! Certamente aparecerá outra pessoa que realmente o mereça.

Uma lágrima rolou do olho direito dele e ele não se importou.

— É por causa do seu passado?

De certa forma, sim – ela bem quis dizer.

— Não. É porque não me apaixonei por você

PERIGOSAS NACIONAIS

como você merece. Tenho certeza de que a pessoa certa está por aí.

— Não me venha com essa de que não me merece, de pessoa certa por aí... Não! — Esdras exclamou interrompendo a frase e, com o coração apertado e acelerado, perguntou: — É ele, não é?

— O quê? Quem?

— Olavo, o pai das crianças... Ele é o mesmo Olavo do hotel, não é?

— Oh, Esdras, Olavo...

— Por favor, Louise, não negue!

Louise olhou-o recomeçando a chorar, depois olhou para frente.

— Eu não tive culpa. E ele nem sabe de nada disso.

— Não! — exclamou o rapaz, chocado de novo.

— E eu todo feliz, fazendo papel de...

— Você não fez nenhum papel. Eu não o enganei, não o traí.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas sabia que ele morava aqui.

— Nunca! Olavo morava na capital. Veio para cá após a morte da esposa. Não tive culpa de nada. Aconteceu, simplesmente.

— Vou falar com ele.

— Não tem nada para falar com ele.

— Tem razão, seria humilhante — Esdras balançou a cabeça em negativa. — Está apaixonada por ele?

— Esdras, por favor.

— Nem precisa responder — Esdras se debruçou sobre os braços apoiados ao volante e chorou silenciosamente. Quando a olhou, seus olhos estavam vermelhos e tristes.

— Oh, Louise! Eu te amo tanto! Mas não vou me humilhar. Vou procurar um hotel para passar a noite. Amanhã cedo irei embora.

— Não precisa. Vou ficar na casa de Raquel. Fique com sua família.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele concordou.

— Olavo não sabe de nada, Esdras, não sabe quem eu sou, não me reconheceu; eu estava diferente naquela noite. E pretendo ir embora, não direi nada a ele.

Esdras olhou para Louise ainda com lágrimas nos olhos.

— Adeus! Não vou lutar por você porque sei que não é isso o que quer.

— Me perdoa, Esdras — ela tocou de leve em sua mão e em seguida saiu do carro.

— Louise? — ele a chamou, e quando ela se voltou, ele não disse nada. Ela fechou a porta e ele deu a partida.

— O que houve? — Dalila perguntou ao ver o sobrinho chegar cabisbaixo, com cabelos espalhados, olhos vermelhos e sozinho.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou embora amanhã cedo.

— Por quê? — os olhos tristes do sobrinho foram a resposta. Ela o abraçou, emocionada, e o beijou no rosto. — Tudo isso vai passar, querido. Foi melhor assim. Acredite, ela também está sofrendo.

Esdras escondeu o rosto no ombro da tia e chorou, enquanto ela acariciava os cabelos curtos dele. Depois de alguns segundos, ele a beijou no rosto e subiu para o quarto, deitou-se e a imagem de Louise lhe veio à mente.

— Por que, Deus? — ele resmungou, sabendo que a noite seria longa e difícil.

Capítulo 16

Na terça-feira, Louise encontrou-se com Raquel no final da tarde, numa pastelaria, no centro. Marcaram de passar um tempo juntas porque Louise estava decidida a ir embora ainda naquela semana. Seria a despedida.

— Você está tão bem! Nem parece que terminou um noivado e que pretende deixar um amor para trás – Raquel falou assim que encontrou a amiga.

— A gente se esforça, não dá para ficar colecionando tristezas.

— Queria ser corajosa como você – Raquel falou olhando para a rua.

— Corajosa, eu? Nem tive coragem de me revelar para Olavo! Ele acha que sou louca.

— É mais corajosa do que eu – novamente

Raquel olhou para a rua.

— E você não teve coragem para fazer o quê? —
Louise perguntou.

— Não tive coragem de me declarar.

— Sêrio? Para quem?

— Esquece, já passou.

— Nada disso, querida. Vai me contar agora
essa história. Não vou embora enquanto não souber
de quem você gosta. Talvez eu possa ajudar.

— Não pode, não. Como eu disse, já passou —
Raquel olhou de novo para fora.

— Mesmo que tenha passado, quero saber.
Contei toda minha vida para você.

— Por isso disse que você é corajosa. Passou
por tanta coisa...

— Fale, quero poder ajudá-la antes de viajar.

— Sou uma boba. Estava apaixonada e nunca
me declarei — novamente Raquel olhou para a rua.

— Está me angustiando. O que aconteceu? Está

olhando insistentemente para fora. Está esperando alguém?

— Não – os olhos de Raquel ficaram úmidos de repente.

— Raquel, querida, o que houve?

— Fiquei louca por Olavo assim que ele apareceu na igreja – Raquel revelou e baixou o olhar. — Me desculpe. Não devia estar lhe dizendo isso.

Louise ficou chocada.

— Raquel! Verdade? – a jovem assentiu. — Sinto muito.

— Está tudo bem – Raquel tentou sorrir. — Ele nunca me notou, nunca me viu com outros olhos. Para ele sou apenas a filha do pastor, uma amiga, pelo menos. Só depois do que me contou, foi que percebi como ele olha para você.

— E como ele me olha?

— Ah... Os olhos dele simplesmente brilham

quando você aparece – Raquel sorriu. — Por isso acho que não deve ir embora, Louise. Declare-se a ele.

— Nunca! Principalmente depois do que acaba de me contar. Você é a pessoa certa para ele.

— Não fale bobagem, Louise.

— Estou falando a verdade. Olavo precisa de alguém com estrutura ao lado dele e dos filhos.

— E você tem toda essa estrutura. Além da admiração dele – Raquel tomou um gole de água.

— Abri mão de Olavo assim que você me contou sua história... Não sei, mas... parece coisa de cinema. Pensando melhor, parece coisa de Deus.

— Deus não tem nada a ver com isso, Raquel. Olavo já deixou bem claro que não iria querer uma ex-garota de programa por perto.

— Só você não enxerga que ele ama aquela mulher. A garota de programa. Me desculpe falar desse jeito, mas ele gosta de você porque você é

aquela mulher que o deixou intrigado naquela noite. Mesmo que ele quisesse negar, não teria como. Claro, talvez ele se assuste quando você disser a ele quem você é, mas depois, certamente o amor falará mais alto.

— Agora é você quem está falando bobagem, porque eu nunca me revelarei a ele. Irei embora. Se ele ficar com você, estarei feliz, porque ele estará em boas mãos.

— Eu não ficaria com alguém que ama outra mulher. Por isso mesmo espero que não vá embora, Louise, e espero, principalmente, que me perdoe, mas preciso ir agora — Raquel falou de repente.

— Como assim? E nosso jantar?

— Você jantará, sim, mas com uma outra pessoa que acaba de chegar.

Louise olhou para fora e ficou tensa ao ver Olavo saindo do carro. — Não! O que você fez, Raquel?

— Dei uma mãozinha para vocês. Adoro ver
PERIGOSAS ACHERON

finais felizes e acredito em vocês.

— Contou a ele quem sou?

— contei tudo — Louise abriu a boca, preocupada. Raquel finalizou. — Tudo sobre o que sente por ele. Quanto ao passado, você é quem tem de dizer. Vou sair agora. Espero que faça a coisa certa — Raquel sorriu acariciando a mão da amiga sobre a mesa. Quando passou por Olavo, tocou-lhe o braço desejando boa sorte.

Louise tremia da cabeça aos pés. Certamente mataria Raquel quando a encontrasse. Quem lhe dera o direito de aproximá-la de Olavo? Além de masoquista, Raquel agora era também intrometida? Ora essa, marcar um encontro entre ela e Olavo!

— Boa noite — Olavo aproximou-se sério.

Louise levantou o olhar e encontrou o dele.

— Boa noite — respondeu seca.

— Posso me sentar?

— Eu já estou de saída, mas fique à vontade —

PERIGOSAS NACIONAIS

ela indicou a cadeira.

Olavo deu meio sorriso e se sentou.

— E se eu pedir para você ficar?

Eu fico, eu fico, eu fico – gritou o coração dela.

— Irei mesmo assim. Tenho negócios a resolver.

— Fique, Louise. Só quero conversar, entender o que me diz sempre com meias palavras. Seria possível que ficasse e conversássemos? – ele chamou o garçom e pediu água.

— Estou decidida a voltar para a casa dos meus pais e nem a doida da Raquel vai mudar isso.

— Ela só quis ajudar.

— Boa noite, Olavo – Louise se levantou e ele a imitou. — Por favor, não venha atrás de mim – ela saiu andando rápido.

Olavo logo a alcançou na calçada e caminharam em direção à praça.

— Louise, eu a levo para casa. A noite está fria. Além disso...

PERIGOSAS ACHERON

— Além disso o quê? – perguntou, um pouco irritada.

— Queria conversar.

— Sobre o quê? – Louise parou de repente, olhando-o de frente.

— Sobre o que sinto por você.

— Isso não me interessa – ela recomeçou a andar.

— Não foi isso o que Raquel me disse.

— E o que foi que ela disse? – Louise o encarou de novo.

— Que você gosta de mim o suficiente para ter terminado seu noivado.

Louise engoliu seco.

— Louise, ouça: gosto de você, mas você me deixa tão confuso, enquanto isso, esse sentimento tem me sufocado. Quando Raquel me ligou, hoje, fiquei feliz. Depois, não sabia se deveria aparecer aqui, talvez fosse muito cedo... Mas passei o dia

PERIGOSAS NACIONAIS

todo pensando neste encontro... Eu não sei, posso estar completamente enganado, mas penso que você sente a mesma coisa em relação a mim.

— Além de egoísta você é convencido, *irmão* Olavo.

— Não entendi.

— Não quis dizer nada – Louise desviou o olhar porque estivera a ponto de revelar-se.

— Nos dê uma chance – Olavo pediu, aproximando-se, não deixando de reparar no quanto ela estava linda no vestido rosa antigo, moderno. — Podemos nos conhecer e se estivermos enganados, ou apenas um de nós estiver enganado, deixamos combinado que o outro o deixará em paz. O que me diz?

— Digo que *você* está enganado – Louise ficou séria para fazê-lo desistir, porque se Olavo insistisse um pouco mais, ela sabia que não ofereceria mais resistência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então Raquel mentiu ao dizer que você gosta de mim?

— Ela devia ter falado dela. *Ela* o ama. Ainda não percebeu?

— Raquel? Tem certeza? — Olavo franziu o cenho.

— Ela mesma me disse.

— Okay — Olavo balançou a cabeça. — Mas, falando de nós: ela mentiu?

— Mentiu. Boa noite — Louise deu as costas para Olavo e teve vontade de chorar. Estava para atravessar a rua quando sentiu que ele a segurou pelo braço e virou-a para si. — O que pensa que está fazendo, Olavo? — ela não pôde continuar com seu protesto. Olavo envolveu a cintura fina dela em seus braços e, aproximando-se, a beijou.

— Estou me certificando de que Raquel não mentiu — ele falou quando ela o afastou, parecendo indignada. — E então?

PERIGOSAS ACHERON

Uma emoção ainda maior do que a que ela sentira na primeira vez em que se beijaram, meses atrás, a invadiu desta vez. Estava ofegante e com o pulso acelerado, mas apesar de atônita, quase começou a rir quando reparou que Olavo tinha a boca borrada com seu batom. Tentou se refazer, ajeitando os cabelos, mas então começou a chorar.

— Me perdoe, Louise — Olavo inclinou-se para olhá-la nos olhos. — Eu não devia ter feito isso.

— É verdade — ela o encarou. — Não devia mesmo. Por que fez isso? Eu estava decidida a ir embora, a esquecer tudo isso, mas não posso. Estou apaixonada por você! Era isso que queria ouvir?

Enquanto Louise chorava, um grande sorriso se abria no rosto de Olavo. Quando ela, chorosa, perguntou por que ele ria, Olavo respondeu:

— Porque eu também venho me apaixonando por você a cada dia. Eu tentei resistir, juro, mas não deu. Por favor, pare de chorar, Louise. Não há nada

errado em nos apaixonarmos. Somos livres – ele estendeu a mão para ela, que a segurou timidamente, olhando para o chão, depois ele estendeu a outra mão e a atraiu para si, abraçando-a. Beijou-lhe levemente os lábios e Louise sorriu entre as lágrimas.

Ela acariciou o rosto dele e o abraçou pelo pescoço.

— Ainda estou decidida a ir embora de Aurora – falou, percorrendo o rosto dele com os olhos.

— E eu estou decidido a não permitir. Custe o que custar, farei com que fique.

— Cuidado para não se arrepender depois.

— Me arrepender de ser seu namorado? Nunca!

— Quem disse que serei sua namorada?

— Não será?

— A menos que me peça em namoro, não serei.

— Então é pra já – Olavo fez uma reverência e Louise sorriu, mas ele ficou sério. — Senhorita

Louise, o que me diz de, a partir de hoje, ser a minha namorada?

Louise sorriu porque algumas pessoas passavam por eles sem disfarçar que estavam interessadas no que acontecia ali. Depois ela também ficou séria, se aproximou dele o máximo que pôde, olhou nos olhos escuros com os quais tantas vezes sonhara e respondeu, baixinho:

— Eu aceito. É claro que eu aceito.

Ele sorriu de novo e em seguida beijou-lhe o queixo e a testa. Louise recebeu o carinho e quando um medo tentou assombrá-la, ela o rejeitou, espantando-o ao corresponder o carinho, afagando a nuca de Olavo. Estava extremamente feliz e não permitiria que fantasmas do passado mudassem essa realidade. Isso era o que ela era: uma jovem apaixonada por Deus, pela vida, por Olavo, e feliz. O momento da verdade chegaria, sabia disso, até lá, viveria um dia de cada vez e permitiria que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

somente os sonhos de Deus se realizassem em sua vida.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

Alessandro ajeitava os cabelos loiros e lisos que insistiam em cair sobre a testa. Ele estava em seu quarto, ansioso. Era o dia do seu aniversário e todos os convidados, assim como sua família, já estavam no local que seus pais locaram para a festa, apenas Esdras, que evitava o mínimo de contato com Louise, o esperava para levá-lo ao clube.

Antes de sair do quarto, Alessandro não resistiu ao desejo pela bebida. Pegou o frasco que comprara na véspera e que guardara atrás do guarda-roupa, e bebeu três vezes fazendo careta, em seguida, se sentou na cama, entristecido. Dera a si mesmo um ultimato de que se não conseguisse parar de beber até seu aniversário, passada a festa, iria embora de casa. Desapareceria. Sabia que os pais sofreriam

muito, mas era melhor isso do que verem o filho se afundar dia após dia no álcool.

Esdras o chamou, tirando-o de seus pensamentos, e ele abriu a porta, sorrindo.

— É hora de irmos, Alessandro.

Aplausos, assobios e muito barulho fizeram a recepção de Alessandro quando chegou ao clube. Depois de receber os cumprimentos dos pais, do reverendo e de Louise, ele correu para cumprimentar seus amigos. Estavam todos ali, desde os mais antigos até os que conquistara na véspera. Abraçou a cada um, entusiasmado. Crescera com muitos deles, compartilhando músicas e experiências. Os amigos o tomaram nos braços e o arremessavam para cima gritando seu nome e cantando *parabéns a você*.

Depois, Alessandro subiu num pequeno palco e agradeceu a todos pela presença.

— Enquanto vocês comem, vou tocar algumas

das minhas músicas. Espero que se divirtam, é pra isso que estamos aqui.

Enquanto solava a guitarra, um filme passava em sua cabeça, e ele dizia a si mesmo que iria vencer. Quando desceu do palco, os amigos lhe entregaram os presentes, e ele agradecia, feliz. Assim que a fila acabou, pediu licença e foi até a mesa dos pais, os beijou e bebeu refrigerante com eles dizendo estar com muita sede.

Os pais entreolharam-se, imaginando a luta interna do filho.

— Pai, posso pedir aos meus amigos da banda para ficarem o fim de semana lá em casa?

— É claro que pode – o pai sorriu.

— Oba! – Alessandro comeu um brigadeiro. — Acho que vou cantar um pouco mais e curtir a festa – ele agradeceu aos pais e se afastou.

Estava subindo ao palco quando ouviu alguém o chamar. Era Raquel, e com ela estava uma jovem

PERIGOSAS ACHERON

que o olhava, tímida. Raquel o cumprimentou e apresentou a jovem Taís.

Por alguns segundos, Alessandro pareceu esquecer tudo à sua volta. Encantou-se com a jovem que acompanhava Raquel e não conseguiu disfarçar. Os cabelos pretos e cuidadosamente ondulados da jovem iam até os ombros, a pele tinha um bronzeado natural e os olhos verde-claros o fitavam, interessados. A boca com lábios bem desenhados foi se abrindo num sorriso tímido que revelou dentes perfeitos.

Alessandro também sorriu e estendeu a mão, falando, finalmente. — Oi, sou Alessandro.

— É, eu sei – respondeu a jovem, apertando a mão dele. — Vim sem ser convidada, aliás, minha amiga me trouxe.

— Ela fez muito bem – ele sorria.

A jovem corou e deu meio sorriso, ainda tímida, depois olhou de novo para ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Feliz aniversário, Alessandro.

Alessandro a beijou no rosto, e mesmo não querendo mais sair dali, foi para junto dos amigos. A cada oportunidade que tinha, olhava na direção de Taís e sorria, ela correspondia e desviava o olhar rapidamente. Quando a viu saindo com Raquel, correu até ela.

— Verei você de novo? – perguntou.

— Verá, sim, Alessandro – Raquel respondeu.

— Taís passará um tempo conosco. Os pais dela são missionários que virão para Aurora e Taís veio primeiro para garantir transferência escolar e outras coisas. Eles chegarão em alguns dias, um mês, no máximo – Raquel entrou no carro e esperou por Taís.

— Foi um prazer conhecê-la, Taís. Até amanhã.

Em casa, enquanto os amigos ainda tinham estômago para comer, Alessandro comentou sobre Taís com os pais.

PERIGOSAS ACHERON

— Todos percebemos que gostou dela – falou o pai.

Alessandro afastou-se lembrando que o pai dissera que quando encontrasse o verdadeiro amor, saberia imediatamente. Torceu para que o tempo passasse depressa, queria ver Taís de novo e experimentar mais daquela sensação de quando esteve perto dela. *Será ela?* – pensou, sorrindo sozinho.

Bianca gritava e esperneava na cama, dizendo para o pai que não aceitava jamais que ele namorasse Louise. Tinham chegado da festa de Alessandro e a adolescente estava incontrollável.

— Se não se afastar dela, irei embora daqui e você nunca me encontrará.

— Você é mais infantil que o seu irmão – Olavo

PERIGOSAS ACHERON

tentava se controlar, já fazia alguns longos minutos que Bianca estava fazendo manha.

— Claro, ele é um traidor, igual a você. Acreditei nele quando combinamos que jamais teríamos outra mãe. Mas ele é homem, me enganou e ficou do seu lado — Olavo se sentou na cama e Bianca se levantou num salto. — Eu já tinha pedido para não ficar com ela. Por que, pai? Estamos bem só nós três. Mande ela pastar.

— Bianca, chega! — Olavo se levantou e ergueu um pouco a voz. — Quero que respeite as pessoas e, principalmente, respeite Louise. Eu gosto dela. Não vamos nos casar amanhã nem depois de amanhã. Estamos nos conhecendo ainda. Eu tenho esse direito, não tenho?

— Então você realmente pensa em se casar com ela. Isso é o fim — Bianca saiu do quarto batendo os pés.

— Não tenho o direito de conhecer alguém? —

Olavo a seguiu.

— Tem. Mas não de namorar. Eu não quero. Você disse que amava a mamãe.

— E realmente amava.

— E o que aconteceu?

— Pode, por favor, sentar-se um pouco?

Bianca obedeceu, mesmo contrariada, e sentou-se no sofá da sala.

— Eu amava sua mãe, só Deus sabe o quanto. E Ele sabe também como sofri depois da morte dela. Depois da morte, ouviu isso? Infelizmente, sua mãe está morta.

— Mas eu não quero ninguém tomando o lugar dela, pai. Por favor.

— Ninguém vai tomar o lugar da sua mãe. E Louise não quer o lugar da sua mãe. Filha, sua mãe terá sempre um lugar especial na minha vida. Ela foi meu grande amor e me deu dois filhos que amo loucamente. Sempre e eternamente serei grato a ela,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a amarei e respeitarei a memória dela. Pense bem: tivemos sua mãe conosco pelo tempo que Deus achou suficiente e foi maravilhoso. Ninguém nunca irá tirar isso de nós.

— Duvido muito – Bianca não olhava para o pai.

— Pode duvidar, mas um dia entenderá perfeitamente. Não quero substituir a sua mãe, até porque não seria possível. Louise é outra pessoa, completamente diferente, até o que sinto por ela é diferente do que sinto por sua mãe.

— Quer dizer que não a ama, então?

Olavo sorriu com a preocupação da filha.

— Estou me apaixonando por Louise, mas hoje sou mais experiente, tenho mais calma em tudo o que faço, e o lugar que Louise ocupa no meu coração é só dela. Assim como você e seu irmão têm o de vocês. Quanto à sua mãe, devo guardar as lembranças, mas minha vida tem que prosseguir.

PERIGOSAS ACHERON

Bianca levantou-se em silêncio e Olavo esperou que ela falasse.

— Não estou convencida de nada disso, pai. Por mim nem iria nessa viagem que você está programando. Mas o que fazer? Você *ainda* me governa!

Olavo sorriu e se levantou.

— Não acho que *governo* vocês. São meus filhos, minha responsabilidade. Eu amo vocês e quero sempre que tenham o melhor.

— E você acha que ela...? Esquece, pai. Só não me peça para aceitá-la, assim, do nada. Não sei se algum dia isso vai acontecer. Talvez eu vá morar com minha avó, com minha tia ou vá para o exterior... Bem, é isso – Bianca saiu e Olavo não a deteve.

No domingo pela manhã, Olavo telefonou para Louise pedindo para desmarcar o almoço. Explicou que Bianca estava irredutível quanto ao seu namoro

e ela compreendeu. Quando se despediu de Olavo, uma ruguinha de preocupação estampava a testa de Louise. Sentou-se ao lado de Dalila na mesa do café e suspirou.

— E quando vai conversar com ele? — Dalila perguntou.

— Ainda não tenho coragem. Está tão complicado. Para piorar, Bianca resolveu que não me aceita como namorada do pai.

— Então deve se apressar, querida.

— Devo mesmo. Mas resolvi esperar até voltarmos da chácara. Lá terei noção exata de como anda nosso relacionamento e saberei como falar.

— Tem razão. Mas resolva isso logo. Quero vê-la feliz e casada em breve — as duas riram e Louise foi ajudá-la com a preparação do almoço. Iriam receber os amigos de Alessandro e também Taís, e o jovem estava ansiosamente empolgado para rever a garota que lhe chamara a atenção na véspera, em

seu aniversário.

— Sabe de uma coisa? — falou Dalila para Louise. — Alessandro está encantado com Taís. Acordou cedo, preparou algumas músicas para mostrar a ela e está se arrumando todo para recebê-la.

— Que bom! Fico tão feliz por ele. Taís é ajuizada, segundo Raquel me contou. Fará bem a ele.

— Amém — concordou Dalila, dando um risinho esperançoso, e torceu para que as coisas comesçassem a dar certo para o filho. Fez uma prece silenciosa e uma certeza lhe veio ao coração: Alessandro venceria o álcool.

Capítulo 18

A viagem para a chácara de Olavo aconteceu na sexta-feira. Saíram de Aurora de manhã, bem cedo. Olavo fizera questão que fossem todos em seu carro e Leonel não se opôs.

Bianca, depois de muito espernear, aceitou ir ao passeio e se sentou no último banco do carro, ao lado de Ariel, avisando que não queria ser incomodada. Colocou fones de ouvido e ligou suas músicas no máximo volume que pôde.

A viagem foi tranquila e antes das dez horas da manhã estavam na chácara.

— Uau! — exclamou Alessandro ao descer do veículo. — Isso aqui é demais! Não é uma chácara, é uma *big* chácara, quase uma fazenda!

— Que bom que gostou, Alessandro — Olavo se colocou ao lado dele.

A entrada da chácara ficava mais no alto do que o restante do lugar, de modo que, de onde estavam, era possível ver toda sua extensão. A casa principal ficava no meio de uma parte gramada com três árvores ao seu redor. Era possível ver, também, que próximo à churrasqueira havia uma piscina, que mesmo de longe era grande e convidativa. Do lado esquerdo, depois da casa do caseiro, fora construído um grande lago para a criação de algumas espécies de peixes. Saindo do gramado, o píer de madeira se transformava em uma passarela por sobre a água fazendo um círculo bem no meio do lago e no centro do círculo ficava um local coberto onde havia duas mesinhas e cadeiras de madeira. O lugar era acessado por passarelas menores que saíam de três pontos da passarela maior. Depois do lago, vinham as plantações de verduras e legumes e árvores frutíferas.

Olavo acomodou seus convidados e em seguida

PERIGOSAS ACHERON

ordenou aos empregados que servissem o café da manhã. Seu Nelson, o caseiro, cumprimentou o patrão dizendo que era bom voltar a ver vida na chácara. Depois da morte de Beatriz, ele e a mulher, dona Edite, pensaram que ficariam desempregados, porque Olavo simplesmente abandonara o lugar.

A mãe de Olavo mandara decorar o lugar com flores, e nos quartos de Louise e de Dalila mandara colocar arranjos encomendados na floricultura. Avisara que não iria comparecer, deixaria o filho curtir os novos amigos.

Após o café, Bianca se trancou no quarto, e Alessandro e Ariel resolveram experimentar a água fria da piscina. Olavo pegou o jipe na garagem, nos fundos da casa, e levou Louise, Leonel e Dalila para um passeio pela imensa chácara.

— Comprei este lugar alguns anos depois de casado e fiz as adaptações e melhorias aos poucos —
PERIGOSAS ACHERON

falava, orgulhoso do seu patrimônio.

— Parabéns, Olavo, está tudo muito bonito — Leonel fotografava algumas paisagens.

— Muito bonito mesmo — concordou Dalila. — Um lugar tranquilo assim sempre me faz sentir mais perto de Deus.

— Sabe que sempre sentia essa paz aqui? Só não sabia que era o próprio Deus me tocando através do que Ele mesmo me dera.

Depois de apresentar todo o lugar para os amigos e a namorada, Olavo os levou de volta à casa. Assustou-se ao ver dona Magali, mãe de sua falecida esposa, sentada na varanda, tomando suco.

— Magali, você por aqui!

— Meu querido genro! — Magali sorria ao abraçá-lo. — Tenho sentido saudade de você e dos meus netos, principalmente.

— Nós também — Olavo falou sem animação.

— E você só pode ser a tal Louise de quem

PERIGOSAS NACIONAIS

meus netos tanto falam.

— Sou eu mesma. Prazer em conhecê-la, dona Magali.

— Credo, como você é bonita! Por isso está tomando conta do coração do meu genro – Magali exclamou, olhando Louise da cabeça aos pés, depois, virou-se para a neta. — Sua tia mandou avisar que chega amanhã cedo, Bianca.

— Ainda bem, vovó, ou eu morreria de tédio aqui – Bianca ainda estava usando fones de ouvido. Retirou-se da sala e Olavo foi atrás dela.

— Espero que possa me explicar o que sua tia vem fazer aqui.

— Curtir o fim de semana como nós – Bianca voltou para seu quarto.

— E quem a convidou?

— Eu mesma. Por quê?

— Sabe muito bem que não devia ter feito isso, Bianca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por quê? Achava que eu voltaria a ser amiga de Louise? Pois não conte com isso, pai.

— Porque viemos em família e com amigos que *eu* convidei, é um momento para nós.

— Minha tia é da família.

— Não. Ela agora é somente sua tia, ela foi minha cunhada, já não é mais.

— Acho que Louise está fazendo mal para você. Está tão egoísta! – Bianca ironizou.

Olavo ignorou.

— Farei sua tia voltar para casa amanhã mesmo, e sua avó irá junto.

Já na sala, ele tentou transparecer tranquilidade. Depois do almoço, liberou Bianca para passar um tempo na piscina ou com os filhos do caseiro, mas a adolescente não quis sair de casa, queria evitar o mínimo contato com Louise. Leonel e a esposa decidiram descansar, assim como Magali, e Alessandro pediu para usar a Internet.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que você está um pouco chateado — Louise comentou quando finalmente ficou a sós com Olavo, ainda na cozinha.

— Bianca, sempre Bianca — ele respondeu, colocando pedaços de melancia no liquidificador.
— Ela fez o favor de convidar a avó e a tia mesmo sabendo que eu queria somente vocês aqui.

— Mas está tudo bem. São parte da família dela e devem ser legais.

— Magali é legal, mas Patrícia é meio descontrolada.

Louise sorriu para ele.

— Relaxe. Amanhã isso terá um peso diferente, vai ver.

Olavo fez o suco, colocou-o em uma garrafa térmica e chamou Louise para o quiosque no meio do lago. Antigamente, era tudo branco, mas agora já estava pintado de marrom, e também as mesas e as cadeiras foram trocadas após a morte de Beatriz.

PERIGOSAS ACHERON

— O que achou do lugar?

— Lindo! – Louise respondeu olhando em volta.

— Quase me desfiz da chácara depois de me mudar para Aurora – ele serviu suco para os dois.

— Pensei no exagero que era manter este lugar. Quando conheci o pastor Simeão e todos da igreja, vi como viviam bem com muito menos do que eu. Os ternos deles, por exemplo... Precisariam juntar alguns para pagar somente um dos meus. Mas por quê? Simplesmente porque os meus têm nome, marca, entende? São de grifes conceituadas... Eu tinha uma fortuna em ternos e, por mais que eu usasse dois diferentes por dia, parecia sempre o mesmo. Me desfiz de muitos deles. Em Aurora quase não teria vida social e, sinceramente, não precisava de tudo aquilo. Era uma ostentação para os amigos e colegas de trabalho.

— Eram tantos assim?

— Muitos. Sem contar sapatos e relógios

caríssimos, perfumes importados... Era uma loucura. Levantei uma boa grana quando vendi tudo – Olavo riu de si mesmo. — Resolvi viver com menos, mas com mais qualidade na relação com meus filhos, por exemplo. Só não me desfiz da chácara, que um dia pertencerá a eles.

— Sente falta da vida que deixou para trás?

— Sinceramente? Não. Três meses depois de chegar a Aurora já conseguia me concentrar no trabalho e reassumi boa parte dos compromissos que tinha deixado à disposição da empresa. Só não concordei em continuar viajando, embora gostasse muito de verificar lugares e serviços, eu consegui passar a responsabilidade para um novato – Olavo segurou a mão de Louise. — E você, já viajou para longe? O que já aconteceu de emocionante na sua vida?

Louise ergueu a cabeça suspirando. Enquanto sorria para o céu, pensava que não queria prolongar

PERIGOSAS ACHERON

aquela conversa. Não queria ter de mentir sobre sua vida.

— Nunca viajei para fora do estado, acredite se quiser.

— Acredito, sim.

— O que fiz de mais emocionante foi sair de Rio Bonito atrás de trabalho. Não queria trabalhar em casa de família, foi uma provisão. Mas sobre isso falarei numa outra ocasião.

— Okay. E com toda essa beleza você nunca pensou em ser modelo?

Louise olhou séria para ele e mentalmente repassou cenas da sua infância e adolescência e, principalmente, relembrou o engano que vivera com Dominique.

— Já, sim. Era o que eu mais queria. Mas meus pais sempre foram contra. Em Rio Bonito tudo é muito atrasado, as pessoas são preconceituosas e ser modelo, para eles, é o mesmo que ter vida fácil.

— Entendo. Mas nunca fez nenhum teste?

— Nunca.

— Se eu a tivesse conhecido antes, certamente a teria selecionado para fazer propagandas dos hotéis. Sempre dava a palavra final sobre os modelos escolhidos para as campanhas, os filmes publicitários... Ainda posso conseguir isso para você. Deve experimentar como é ser modelo e fazer propagandas. Dá uma boa grana.

— Eu, é claro, faria, para conhecer um pouco desse universo. Mas já não é meu sonho prioritário.

Louise sentiu que mentia, porque ao simples fato de Olavo dizer que ela poderia ainda fazer trabalhos como modelo, despertaram os sonhos adormecidos. O que ela temia era ser vista e voltar a ser importunada por Giovani e Dominique. Mas no fundo, era seu desejo ainda poder ajudar os pais e também tinha um propósito de ajudar a Igreja em Rio Bonito. Sem que percebesse, de repente seus

PERIGOSAS ACHERON

olhos estavam cheios de lágrimas. Sentia saudade dos pais, dos irmãos, e aquela conversa mexera com suas emoções.

— Desculpe — falou quando Olavo a abraçou. — De repente me deu uma saudade de casa!

— Por que não vai ver seus pais? Posso ir com você. Eles certamente não queriam que saísse de casa para trabalhar porque a queriam por perto. Mas já devem tê-la perdoado, afinal, trabalhar não é crime e não há nenhum demérito em ser modelo. Eles já devem ter entendido isso.

Ela assentiu, recostando-se no peito forte do namorado.

— Eu irei. Assim que voltarmos para casa, tentarei uma reaproximação.

Olavo a beijou no rosto e secou as lágrimas da namorada com os polegares, depois, tocando de leve o queixo de Louise, ergueu a cabeça dela e seus olhos se encontraram.

— Você é tão linda! Não gosto de vê-la triste, nem chorando. Merece ser feliz.

— Eu sou feliz.

— Acredito. Mas também sinto que tem alguma coisa que ainda a incomoda. Deve resolver o mais rápido possível isso, seja lá o que for, com seus pais ou não, deve ficar no passado.

— Tem razão – Louise estava ficando tensa. Não sabia se era o momento perfeito para se revelar ou se Olavo estava apenas sendo gentil, mais uma vez. Ela olhou nos olhos dele e sorriu. — Quando voltarmos para casa resolverei *tudo*.

Olavo a beijou.

Patrícia chegou no sábado, antes do almoço. Era a filha mais nova de dona Magali e, apesar de não ser mais bonita do que fora Beatriz, chamava a atenção por sua desenvoltura e elegância. Estava vestida como se fosse para uma festa de rodeio,

PERIGOSAS NACIONAIS

com camisa xadrez sobre um *top* branco e *shorts* cáqui. Usava também um chapéu elegante e botas de cano curto.

— Gente, que calor! – falou, saindo do carro recém-comprado. — Cadê meus sobrinhos favoritos? Venham dar um abraço na tia. Estão muito bonitos, sabiam? – abraçou os sobrinhos e beijou o rosto deles. — E o melhor cunhado do mundo, onde está?

— Como vai, Patrícia? – Olavo chegou, desligando o celular.

— Vou bem, apesar de você me deixar morrendo de saudade dos meus sobrinhos. Onde já se viu um homem como você, acostumado a estar entre ricos e poderosos, morar agora em uma cidade que nem aparece no mapa?! E longe de nós.

— Não exagere, Patrícia. Aurora é um lugar e tanto – ele olhou para Dalila.

— Só para você – retrucou Bianca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só vendo para crer. Mas pelo jeito terei mesmo de aparecer em sua casa sem ser convidada.

— Prometo que marcarei um jantar.

— É bom mesmo. Minha irmã infelizmente morreu, mas minha mãe e eu ainda estamos vivas e adoramos jantares, festas e um bom vinho, é claro.

— As coisas mudaram, Patrícia, você verá — Olavo pegou-a pelo braço, afastando-a um pouco dos filhos. — E, por favor, não fale de Beatriz dessa forma na frente dos meus filhos. Eles ainda estão sensíveis.

— Claro, cunhadinho, mas você, pelo jeito, já superou — ele olhou-a sério e ela sorriu. — Brincadeirinha... Gosto muito de você, viu? — ela ficou na ponta dos pés e o beijou no rosto.

Olavo corou e procurou conter a cunhada, pedindo a Ariel que fosse apressar Louise. Iriam até a estrada encontrar Raquel e Taís. Patrícia pediu que ele esperasse por ela, queria ir também.

PERIGOSAS ACHERON

— Onde está a tal Louise? – ela perguntou para Bianca quando foi ao quarto trocar de roupa.

— Deve estar se arrumando para chamar a atenção de papai.

— E ela está tratando bem vocês?

— Claro. Fingiu ser minha amiga para ficar com papai. Vai dar uma de boazinha até conseguir casar com ele, e papai, pelo jeito, pensa exatamente nisso, casar com ela. Ai, tia, papai *tá* cego por causa dela. Briga com a gente por qualquer coisa e vive dizendo que temos de respeitar Louise a todo custo. Já disse a ele que se ficar mesmo com ela, vou embora de casa.

— E deixar tudo o que você tem para ela? Nada disso, querida. Segundo você, ela trabalha na casa daquela família com cara de pobre que encontrei na varanda – Bianca assentiu. — Isto é, ela é uma pobretona que quer se dar bem e seu pai pensa que é amor. Pensei tanto sobre isso desde que você me

telefonou... Mas deixe comigo, vou dar um chega pra lá na caipira. Seu pai é jovem, muito rico e bonito, merece coisa melhor, bem melhor – Patrícia se encarou no espelho, dobrou a barra do *shorts* que vestira e reforçou o batom, em seguida saiu.

— Podemos buscar seus amigos agora – Patrícia chegou à varanda falando rápido e alto. — Estou doida para conhecer gente nova e... – ela parou de falar ao ver Louise ao lado de Olavo. *Essa é a tal caipira? Ela é bonita mesmo!* – pensou, desapontada. — Bem, você deve ser Louise.

— Sou eu mesma. Como vai, Patrícia? – Louise sorriu estendendo a mão para ela.

— Vou bem – Patrícia balançava a cabeça. — Quanto a você, espertinha, não vou nem perguntar como vai. Tenho medo da resposta – ela olhou para Olavo. — Vamos agora?

— Desculpe, Patrícia, mas acho que deve ficar com seus sobrinhos. Disse estar morrendo de

PERIGOSAS ACHERON

saudades deles.

— Mamãe, vai deixar Olavo falar assim comigo? — Magali ignorou. — Você era mais gentil quando minha irmã era viva... — ela olhou para os sobrinhos e depois para Olavo. — Desculpe. Mas eu quero ir.

— Fique com seus sobrinhos. Aproveite que o tempo passa depressa — Olavo e Louise saíram em seguida.

— O que pensa que está fazendo, Patrícia? Que comportamento esquisito é esse? — Magali perguntou, seguindo atrás da filha para a sala.

— Estou normal.

— Não. Você está um pouco mais abusada e chata.

— Mamãe, ainda não entendeu que essa Louise está fazendo da vida da minha sobrinha, que por acaso é sua neta, um inferno? Faz apenas alguns meses que Beatriz morreu e ele já desfila com uma

mulher.

— Ele é homem, jovem e bonito, e tem dois filhos para criar. É natural que queira outra mulher.

— Por isso estou aqui, mamãe. Entendeu? Quem melhor do que eu para cuidar dos meus sobrinhos? A empregadinha doméstica? Nada disso. Olavo precisa de alguém que esteja à sua altura, que possa acompanhá-lo às festas sem dar vexame.

— Você parece pior a cada dia. Não bastaram os escândalos que promoveu com seus outros namorados? Todo mundo diz que você só está atrás de dinheiro fácil.

— Exatamente como Louise. A diferença é que sou tia dessas crianças.

— Eu duvido que Louise seja assim uma ignorante. Reparou no quanto ela é bonita? Pode ser pobre, mas é fina e elegante. Sabe a hora de falar e sabe como se comportar...

— Ai, mamãe. Eu vi que ela é bonita, não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

precisa falar. E vamos ver se vai continuar elegante quando eu disser umas verdades a ela. Sou capaz de expulsá-la daqui se estiver fazendo mal aos meus sobrinhos. E ela está.

— Não ouvi toda a conversa, mas já gostei do final – Bianca apareceu e abraçou a tia.

— Vocês duas se comportem – Magali ergueu o indicador e as duas correram para o quarto de Bianca.

— Vamos dar um jeito de fazer seu pai se irritar com ela?

— Vamos?! – Bianca arregalou os olhos e jogou-se na cama. — Deita aqui, tia, do meu lado.

Patrícia deitou-se, rindo alto, e prometeu tirar Louise da vida de Olavo tão rápido que nem a própria Louise saberia como aconteceu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

Alessandro comemorou a chegada de Raquel e Taís. Na última semana, pensara nela diversas vezes, e quando se encontraram, pouco haviam conversado. Ele correu para encontrá-las e abraçou primeiro Raquel, depois sorriu para Taís, que correspondeu, e só então a abraçou.

— Que bom que vieram, aqui é tudo muito massa, mas *tô* meio sozinho. Só tem gente ou bem mais nova ou bem mais velha. Ainda bem que trouxe meu violão, poderemos cantar — Taís concordou.

Depois do almoço, escolheram uma árvore, à sombra da qual tocavam e cantavam.

— Esta música não é muito dramática? — Taís perguntou quando ele tocou uma música que

PERIGOSAS NACIONAIS

compusera na semana do seu aniversário e falava de uma ilusão momentânea que arrastava para uma eternidade em trevas.

— Talvez. Mas é a realidade de muitos – ele pensou na bebida.

— Mas gosto mais das outras que falam de esperança, de amor e de amizade.

— Vou tocar um rock dos bons – ele entendeu que Taís ignorava seu problema com o álcool. — Essa é pra fazer todo mundo pular.

— Gosto desta – Taís batia palmas e balançava o corpo no ritmo da música que era mesmo contagiante.

— Toque uma música sua, se tiver, se não tem, toque qualquer uma – Alessandro passou o violão para Taís e ela demonstrou intimidade com o instrumento. — Eu vou filmar no celular.

— Mas, por favor, depois não mostre para ninguém. Sou tímida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Combinado.

— Vou cantar a música que meus pais mais gostam. Espero não chorar de saudade deles – ela limpou a garganta e começou: *Se as águas do mar da vida quiserem te afogar, segura na mão de Deus e vai...* – ela sorriu para ele quando a voz tremeu de emoção e ele a incentivou a continuar.

— Está lindo! – Alessandro ergueu o indicador esquerdo acompanhando a música, e quando ela repetiu o refrão, ele cantou junto, fazendo um dueto bastante afinado. — Toque mais, por favor – ele pediu, e quando ela cantou a segunda estrofe da canção, Alessandro se emocionou. Sua voz era linda, suave, sem ser melosa, e ele a observou por alguns segundos, sentindo que seu coração gostava especialmente daquela garota. — Lindo, lindo! – falou ao final e desligou a câmera.

— Obrigada – ela se inclinou como se estivesse em um show e sorriu. — Amo essa canção.

PERIGOSAS ACHERON

— Me fale de sua família, sem chorar, por favor — brincou ele.

Taís sorriu, feliz, mas não conseguia não se emocionar ao falar da família, então calou-se.

Ficaram um tempo em silêncio e quase podiam ouvir os compassos dos seus corações. Depois, ele tirou o vilão de sobre as pernas dela e o colocou de lado com cuidado.

— Já disse que gostei de você, não? — ela assentiu. — E acho que você também gostou de mim — Alessandro não era tímido e conseguia ser bastante sincero.

— É, você é legal — Taís respondeu, distraída.

— Obrigado — ele sorriu, sentindo a boca seca. Então pediu: — Olhe para mim — quando ela o encarou e sorriu, ele não resistiu e tentou beijá-la.

— O que pensa que está fazendo, Alessandro? — ela reagiu imediatamente, levantando-se. — Nunca mais faça isso de novo se quiser continuar sendo

meu amigo.

— Desculpe, foi sem querer.

— Nunca mais, entendeu?

— Claro. Por favor, me perdoe!

Uma lágrima desceu de um dos olhos de Taís e ela saiu correndo em direção à casa.

— Então, espertinha, está gostando do lugar? —
Patrícia encontrou Louise na cozinha bebendo água.

— Sim, estou.

— E do meu cunhado, está gostando ou apenas encontrou comodidade?

— Como assim?

— Ah, você entendeu — Patrícia também se serviu de água. — É bastante espertinha mesmo.

— Olhe, sem querer ser rude, não estou gostando do seu tom. Acho que quando me chama

PERIGOSAS NACIONAIS

de espertinha está querendo dizer alguma outra coisa.

— Oh, então você entendeu! Espertinha! É óbvio que quero dizer outra coisa. Por que justo o meu cunhado?

— O que disse?

— Não se faça de surda. Perguntei: por que o meu cunhado? Há tantos homens por aí... Ah, claro, nem todos são executivos de uma grande empresa.

Louise respirou fundo e estava para se retirar quando decidiu ficar e enfrentar a provocação.

— Escute bem, suas insinuações não têm motivo nem fundamento, primeiro porque você não sabe nada sobre mim e, segundo, Olavo não é mais seu cunhado, e mesmo quando era, você não tinha direito algum sobre ele.

— Hum... Está mostrando as garrinhas? Devia mostrar para Olavo também. Não só para os meus sobrinhos e para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que você está pedindo para ver minhas garrinhas, então veja — Louise lavou e guardou o copo, serena. — Quanto aos seus sobrinhos, são crianças ótimas, embora ultimamente Bianca ande meio perdida. Mas, conhecendo você, não me espantaria se ela estivesse sob alguma influência sua.

— Se quer me acusar de alguma coisa, faça abertamente, não nos bastidores da casa.

— Eu não preciso acusá-la de nada, você mesma se condena. Desde que chegou já mostrou quem é. Todos já perceberam, pelas suas atitudes, que você gosta de Olavo, o que não seria problema algum se suas atitudes não revelassem, também, que já gostava dele antes mesmo de sua irmã morrer. Arrisco-me a dizer que você certamente o queria quando ainda Beatriz estava viva e sadia.

Patrícia ficou visivelmente irritada com a revelação do seu segredo.

PERIGOSAS ACHERON

— Deixe minha irmã fora disso, garota. Veremos se continuará a falar assim depois que eu conversar com meu cunhado. E sabe o que mais? Por que não fica só aqui na cozinha, já que está acostumada a trabalhar numa delas? É este o seu lugar, seu *escritório* – ela aproximou o rosto do de Louise ao falar.

— Sou muito honrada trabalhando numa cozinha – Louise a encarou.

— Ainda vou pegar um erro seu, qualquer coisa, e então detonarei você para Olavo. É muito estranho uma garota como você sair da casa dos pais e parar numa casa de desconhecidos... Bianca me contou que é do interior e tudo mais. Tem alguma coisa errada no meio de tudo isso, ah, se tem.

Louise desviou o olhar e se afastou, da porta, falou:

— Me deixe em paz e não coloque Bianca
PERIGOSAS ACHERON

contra mim, ou Olavo saberá dessa nossa conversa.

Louise encontrou Raquel, que ouvia a conversa parada no corredor. Levou a amiga para o quarto e desabafou, chorando.

Louise e Olavo estavam sentados na grama, à beira do lago, no início da noite. Ela lhe perguntara sobre Patrícia e ele lhe contara que ela sempre fora desmiolada e dera trabalho aos pais.

— Ela não trabalha e ninguém sabe de onde tira dinheiro para se sustentar e comprar carro, por exemplo.

— Soube que ela andou falando besteiras para Alessandro hoje, do tipo, “você é um gatinho, ah, se fosse mais velho”... Imagine, ele é só um garoto! E para mim, perguntou se eu não tinha medo de ficar com você e Beatriz aparecer para *puxar* os meus pés, isso tudo na frente das crianças e das

visitas.

— Por saber desse comportamento dela é que nunca a convidei para ir a Aurora, e se convidar somente a minha sogra, ela acaba indo junto.

— Agora entendo que você tenha ficado preocupado com a presença dela aqui. Mas vamos deixá-la de lado – Louise recostou a cabeça no ombro dele.

— Pai, tem um bicho no meu quarto – Bianca falou, chegando sem ser notada.

— Quem disse?

— Eu ouvi o barulho.

— Chame alguém para ver para você.

— *Você* é o meu pai. Você é quem tem que ver.

— Nessas horas sou o pai dela – Olavo falou sorrindo para Louise e deu um beijo no rosto dela.

— Volto já.

— Oi, Bianca! – Louise a cumprimentou depois que Olavo saiu. — Por que não se senta aqui

comigo? Podemos conversar.

— Não tenho o que conversar com você, Louise
— a menina se afastou rapidamente.

Enquanto seguia para a casa, Olavo pensava em um jeito de ajudar Louise. Talvez fazer uma surpresa, levando os pais dela a Aurora ou alguma outra coisa que fizesse com que eles a aceitassem de volta, independentemente de como ela os tivesse deixado. Quem sabe conseguisse um emprego para ela em um dos hotéis da rede em que trabalhava. Envolto em seus pensamentos, ouviu alguém chamando e quando se voltou, Patrícia saía de entre algumas plantas no caminho.

— O que faz escondida aí, Patrícia?

— Não estou escondida, bobo. Estou esperando por você.

— Como conseguiu isso? — ele perguntou olhando para uma taça de vinho na mão dela.

— Tive de comprar no mercado na estrada. Não

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha nada aqui para beber. O que aconteceu? Jogou tudo fora?

— Disse a você que as coisas mudaram.

— Preciso falar algo importantíssimo com você. Venha comigo até a churrasqueira, por favor.

— Patrícia, eu tenho que...

— Quero pedir perdão – falou ela.

— Está sóbria?

— É claro que estou, cunhadinho. O vinho é só para não perder o costume.

— Certo. Perdão por quê?

— Por aquela vez que me declarei apaixonada por você e o agarrei. Foi um cavalheiro em não ter contado para minha irmã.

— Só pensei nela, pode acreditar. E já a perdoei, é bom que saiba.

— Ainda assim eu precisava pedir seu perdão. Para ficar em paz, entende?

— Claro – Olavo parecia distante.

PERIGOSAS ACHERON

Patrícia começou a chorar.

— O que foi agora?

— Nada. Sou uma boba. Todo mundo se acerta com alguém e eu... — ela o encarou e, antes que Olavo falasse, perguntou: — Por que ela, Olavo?

— Não entendi.

— Por que a loira, a tal Louise?

— É melhor eu ir, Patrícia — ela se colocou no caminho dele. — Por favor, Patrícia, saia da frente.

— Olavo, não faz assim. Olha, eu não estou bêbada — ela mostrou que as mãos não tremiam, mas estava um pouco *alta*. — Quem melhor do que eu para ajudá-lo a criar meus sobrinhos? Sempre fui apaixonada por você, Olavo, ao ponto de estar me humilhando mesmo sabendo que você tem uma namorada.

— Isso não seria difícil para você, fez isso enquanto eu era marido da sua própria irmã.

— Minha irmã não te amava tanto quanto você

PERIGOSAS NACIONAIS

pensava, ela tinha dúvidas quanto à sua fidelidade por causa das suas viagens.

— Já chega, Patrícia. Respeite a memória da sua irmã.

— Olavo, acredite em mim. Eu amo você, sempre amei. Ela não o ama. Louise não gosta de Bianca e disse a ela que não se preocupa se você a ama ou não, isto é, ela só quer seu dinheiro.

— E você, o que quer? Não tem uma profissão como sua irmã tinha nem dignidade.

Olavo viu Louise se aproximando.

— Ainda assim eu te amo! Podemos ser felizes juntos e...

— Quero que vá embora agora, Patrícia – Olavo ordenou sem paciência.

— O quê? Para onde eu iria a essa hora?

— Não sei, vire-se, mas saia da minha casa.

— Você disse que tinha me perdoado.

— Não por você merecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Taís e Raquel já tinham se aproximado, e Raquel se colocou ao lado de Louise, chamando-a para a casa.

— Eu quero ficar, Olavo. Não quero deixar meus sobrinhos perto dessa aí...

— Saia agora! – Olavo pegou a cunhada pelo braço e a levou para a casa.

— Se ela for, eu vou com ela – Bianca gritou para o pai.

— E você vá já para o quarto se não quiser ficar de castigo até a maioridade – ele ordenou e Bianca obedeceu prontamente, vendo que o pai estava completamente irritado. — Me desculpem – ele pediu aos seus convidados.

— Me desculpem também – Magali estava envergonhada pela filha

Patrícia saiu vociferando palavrões e Magali a acompanhou dizendo que passariam a noite num hotel.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pai, você brigou com Louise também? — Ariel perguntou, meio desnortado porque estava cochilando numa rede na varanda.

— Não, filho. Não briguei com Louise — já mais calmo, ele acariciou o cabelo de Ariel e o garoto o abraçou pela cintura.

— Alguém viu Alessandro? — perguntou Dalila, querendo amenizar o clima ruim.

— Estava na cozinha quando o vi pela última vez — respondeu Raquel.

Minutos depois, Olavo o encontrou no quiosque do lago e ele chorava.

— Bebi de novo — falou quando Olavo se aproximou. — Eu vi Patrícia bebendo e ela me ofereceu. Não resisti. Enquanto estavam distraídos, bebi mais na cozinha da casa.

— Imaginei, assim que sua mãe disse que havia sumido.

— Por favor, não conte aos meus pais... Nem

PERIGOSAS ACHERON

para Taís.

Olavo sorriu, compreensivo.

— Gosta dela, não é? — Alessandro assentiu. — Então tem mais um bom motivo para se esforçar. Fique tranquilo, não direi nada a ninguém. Para todos os efeitos, você estava a fim de ficar sozinho — Olavo o abraçou pelos ombros e disse que ele era capaz de vencer.

Naquela noite, jantaram já sem se lembrar da confusão que acontecera.

No dia seguinte, um domingo ensolarado, acordaram cedo e Olavo brincou com Ariel e o filho do caseiro. Primeiro jogaram futebol e depois foram para a piscina, apesar da água fria de outono.

Leonel preparou a churrasqueira e também se jogou na piscina, enquanto as mulheres preparavam saladas para o almoço.

A manhã passou rápido e logo estavam prontos para voltar para casa.

Mesmo com a reprovação de Bianca e a confusão com Patrícia, Louise estava contente com o amadurecimento do seu namoro e decidiu se revelar a Olavo assim que chegassem a Aurora e tivessem um tempo a sós.

Capítulo 20

— Desliga esse telefone! – Josélia gritou da cozinha para Gabi.

— Já vou, mãe. Louise está me contando um monte de coisa interessante – respondeu a adolescente.

— É? Ou ela está lhe dando uma aula de como sair da casa dos pais com um desconhecido e viver sabe-se lá do quê? Porque modelo é o que ela não é nem aqui e nem em lugar nenhum.

— Já vou, mãe – Gabi conversou um pouco mais com a irmã e se despediu. Depois foi ajudar a mãe a servir o jantar. — Mãe, você precisa perdoar a Louise.

— Por quê?

— Porque sim, ela viveu coisas terríveis depois

que saiu de casa.

— Eu já a perdoei, só não a quero aqui dando mau exemplo. E ela não colheu nada que não tenha plantado.

— Ela quer encontrar todos nós em um shopping para almoçarmos juntos na capital. Ela vai gravar um comercial – Gabi, orgulhosa da irmã, reparava na reação da mãe.

— Um comercial? – Luis se animou. — Que legal! Sobre o quê?

— Uma rede de hotéis. Ela disse que o contrato é muito bom.

— Uma rede de hotéis? Ou uma rede de motéis? Porque há diferença entre os dois, e como ela saiu daqui com um e apareceu depois com outro, só Deus sabe – Josélia não dava trégua para Louise.

— Meu Deus, livra-me da vergonha desse comercial!

— Mãe, eu realmente queria entender porque

PERIGOSAS ACHERON

você sempre fala que Louise não é muito correta. Eu nunca vi minha irmã fazer nada errado – Luis balançava a cabeça em negativa.

— Nunca viu? Então você é cego, meu filho. Não bastaram as encrencas de quando ela era adolescente, a vaidade, os sermões por usar roupas curtas e maquiagem? Os homens *mexendo* com ela por onde passasse? E tem mais: não bastou a fuga dela daqui com um estranho e depois ter reaparecido com um policial de mentira dizendo-se cristão? Meu filho, acorda, principalmente porque agora você tem uma namorada, fique mais esperto se não quiser que ela o engane. Aprenda alguma coisa comigo, por favor – ela recolocou, atrás da orelha, uma mecha de cabelo que se desprendera de seu generoso coque.

— Minha namorada não tem nada a ver com isso, mãe.

— Espero mesmo que ela seja boa gente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, pessoal, vamos jantar em paz – Antônio falou calmamente.

— Louise me contou que foi enganada – Gabi recomeçou e os três aguçaram a curiosidade. Ela contou sobre o que Louise viveu na casa de prostituição de Giovani.

— Eu não disse? Quero morrer antes que esse comercial dela vá ao ar.

— Mãe, não fale bobagem. Não ouviu? Ela foi enganada!

Josélia fez uma expressão de impaciência.

— O que mais a *santa* tem aprontado? Pelo jeito muita coisa, vocês ficaram uma hora no telefone!

Gabi ignorou e continuou contando como a irmã fugiu da casa, mas foi quando falou de Olavo que Gabi se orgulhou de verdade da irmã.

— Quer que eu acredite que sua irmã passou a noite com um homem e nada aconteceu? Melhor parar com essa história mentirosa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vou parar, mãe, porque meses depois eles se reencontraram na igreja por acaso e estão namorando firme.

— Que igreja deve ser essa, hein, Jesus?! Uma fujona perdida e um viúvo que anda caçando mulheres pela noite, ainda antes de ser viúvo, permitam-me observar.

Gabi revirou os olhos e continuou contando a história de Louise, passando pela família de Dalila e o noivado com Esdras até seu rompimento. — E Olavo é riquíssimo – falou no fim.

— Riquíssimo? – perguntou Josélia.

— Sim, mãe. Mas tem um problema, ele não sabe que Louise é a mesma pessoa que ele conheceu naquela noite no hotel. Ela ainda não teve coragem de contar porque ele talvez não entenda.

Josélia olhou para a filha como se não tivesse entendido o que ela acabara de contar. Por fim, deu um risinho de canto, e se dirigiu a Luis:

PERIGOSAS ACHERON

— Está vendo agora, Luis? Está contente? Ela está mentindo para o próprio namorado. Quer mais prova do caráter duvidoso dela do que essa? Seria melhor nos mudarmos para onde ninguém nos conheça, Antônio, porque certamente ainda seremos envergonhados por Louise.

Depois do jantar, todos se recolheram para dormir, só Josélia permaneceu na sala terminando uma toalha de crochê. Não conseguia se concentrar, algo a incomodava. Depois de longos minutos com os pensamentos voando longe e o olhar perdido, viu que tinha errado os pontos desde que se sentara para fazer a toalha.

— Isso mesmo — falou sozinha, começando a desfazer os pontos errados. — Preciso evitar que Louise cometa mais esse erro. Vou dar um jeito de falar com esse tal Olavo e revelar toda a verdade.

Alessandro procurou conversar com Taís várias vezes durante o fim daquela semana. Mesmo sendo cordial, ela manteve-se firme em sua decisão de não ficar muito tempo a sós com ele. Ele prometera que não iria tentar beijá-la novamente, mas não a convencera.

No domingo à tarde ele a convidou para tomarem sorvete e Taís aceitou, mas levou uma colega da igreja junto.

— Você realmente me odeia. Nem na sorveteria quis ficar sozinha comigo — ele reclamou brincando quando a levava de volta para casa.

Ela sorriu. — Não tem nada demais em sairmos em três. Somos amigos!

— Okay. Vejo você mais tarde — ele esperou que Taís entrasse e então foi para casa.

À noite, ele não cumpriu o prometido e tentou novamente beijá-la no portão da casa do reverendo Simeão. A jovem se irritou e o proibiu de se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximar dela novamente. Alessandro voltou para casa triste. Em seu quarto, se esforçou para resistir à bebida, mas sucumbiu.

Na manhã seguinte, Leonel o acordou depois de muito esforço.

— Não acredito que bebeu de novo, Alessandro!

— Pai, me perdoa. Fiquei frustrado, inseguro.

— Não me venha com desculpas esfarrapadas.

Sabe que perdeu a hora para o trabalho?

Alessandro se levantou num pulo e trocou de roupa. Sentia a cabeça doer e reclamou que sua vida era uma droga.

— Alessandro? – chamou o pai, que o observava se arrumar.

— Sim?

— Não vou mais aceitar esse seu comportamento. Eu já tinha lhe avisado. Já que quer viver a vida do *seu* jeito, tem vinte e quatro horas para arrumar um lugar onde morar.

PERIGOSAS ACHERON

Dalila olhou assustada para o marido.

— Amor!

— Foi ele quem pediu – retrucou o pai.

— Pai, você não está falando sério, está?

— Estou, sim, Alessandro.

— E onde vou morar? Do que vou viver?

— Eu não sei. Mas minha decisão está tomada.

Se aqui, no conforto do nosso lar, não está bom, talvez na rua esteja.

— Pai, por favor, pai. Não faz isso!

— Está decidido.

— Meu filho, pare de beber. Você quer me matar? – Dalila chorou.

— Não fale assim, mãe. Eu te amo! Só não tenho dado sorte. Mãe, diga a ele que você quer que eu fique. Não tenho para onde ir.

— Não adianta, estou decidido – Leonel parou ao lado da cama.

— Então está certo – Alessandro limpou o rosto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vou me humilhar. Estou indo. Espero que não se arrependam tarde demais.

— Por que fez isso, meu amor? — Dalila perguntou ao esposo.

— Não se preocupe, querida, agora ele vai pensar e vai se esforçar para não beber de novo. Ele estava precisando desse susto.

— Mesmo assim isso me amedronta. Não é certo, meu amor. Se aqui, rodeado de carinho e amor, Alessandro já está enfrentando tudo isso, imagine longe de nós, dos nossos cuidados.

— Sou o pai de Alessandro. Tenha certeza que fiz isso por amor e porque acredito que ele agora vai repensar sua vida.

Alessandro chegou ao mercado onde trabalhava dizendo que tivera uma emergência. Aroldo concordou que ele ficasse, mas pediu para

PERIGOSAS ACHERON

Alessandro pagar o horário ficando uma hora a mais depois do expediente.

— Tudo bem. Teria um lugar aqui para eu dormir? Briguei com meus pais.

— Ter um lugar eu não tenho, mas verei o que posso fazer.

Na hora do almoço, Alessandro ligou diversas vezes para o celular de Taís e ela não atendia. Ele emprestou o celular de um colega e então ela atendeu, mas desligou assim que ouviu a voz dele. Ele chorou de novo e não sabia o que fazer. Precisava muito falar com ela. Também tentou falar com Esdras, mas o primo não atendia ao telefone.

No fim da tarde, o desejo de beber era insuportável. A boca, seca, pedia pelo líquido que o acalmava, aparentemente. Precisava sentir o álcool descendo pela garganta. Sem se importar com as consequências, pegou uma garrafa de vodka e seguiu para o depósito antes mesmo de pagar seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

expediente. Minutos depois, Aroldo o surpreendeu e o mandou embora aos berros.

— Desculpe, seu Aroldo, não vai acontecer de novo.

— Não mesmo, porque você não trabalha mais para mim – Aroldo ainda falava alto, chamando a atenção de alguns clientes. — Saia já daqui.

Alessandro já estava no corredor quando disse que precisava voltar porque esquecera sua mochila no armário.

— Espere aí, mocinho. Eu vou com você para me certificar de que não vai levar nada além do que é seu – Aroldo cobrou um casal e, como não havia mais ninguém no mercado, foi com Alessandro até onde ele guardava suas coisas. — Ande rápido!

— Calma, seu Aroldo. Ainda quero meu pagamento.

— Venha buscar outro dia.

— Eu quero agora! Eu preciso.

PERIGOSAS ACHERON

— Não sou eu quem faz as contas. Venha outro dia.

— Seu Aroldo, o senhor não está entendendo. Eu preciso do meu dinheiro agora! – Alessandro pegou a mochila e, na saída, quis abrir o caixa para pegar algum dinheiro. O homem o empurrou. Ele voltou para cima do patrão, também o empurrou para trás e voltou a mexer no caixa, por sobre o balcão. Aroldo o puxou pela roupa e os dois entraram em luta corporal.

O casal que saíra do mercado havia pouco tempo ainda pôde ver os dois brigando, mas entrou no carro e foi embora.

O telefone tocou na casa de Antônio no início da noite e ele atendeu.

— Sim, ele mesmo. Quem gostaria de falar?

Ele ouviu o homem do outro lado da linha se

identificando como Sidney e disse não se lembrar dele, em seguida, desligou o aparelho, preocupado. Pensativo, após alguns minutos, aproximou-se da mulher. — Estava falando sério sobre nos mudarmos para onde ninguém nos conheça?

Josélia terminou alguns pontos de crochê e então olhou para o marido.

— Todos acham que sou errada, mas ninguém quer saber o que Louise tem aprontado por aí. Pensei em nos mudarmos porque, certamente, Louise ainda fará um comercial que nos envergonhará. Você viu, ela estava maquiada, usava brincos enormes, e esse foi só o primeiro. Parece que já estou vendo: roupas curtíssimas, biquíni, caras e bocas... E não vai demorar muito, não.

— Concordo com você – disse o marido. — É triste admitir, mas Louise é capaz de topa fazer qualquer comercial, mesmo que precise exhibir o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo, porque tem desejo de ser famosa e rica. Acho que poderemos ir para algum lugar não muito longe... Começarei a procurar uma casa amanhã mesmo.

— Só fico triste por você, meu amor — Josélia surpreendeu o marido com a demonstração de afeto. — Logo agora que seria promovido na igreja... Botar tudo a perder por causa de Louise... Sempre ela. Até quando, meu Deus?

— Não se preocupe, querida — ele a beijou na cabeça. — Iremos embora o mais rápido possível e ficaremos bem.

— Ótimo. Veja a casa logo. Antes de nos mudarmos, irei para Aurora e falarei com o namorado de Louise... Se ele for realmente um homem sério, a deixará junto com sua promiscuidade. E sem ninguém para bancar o sonho absurdo dela, nós teremos paz.

PERIGOSAS ACHERON

Louise e Olavo estavam na varanda da casa de Dalila. Passava das oito horas da noite quando ele avisou que precisava ir para casa, deixara os filhos com uma babá.

— Levo você até o portão – ela falou, depois de abraçá-lo com força.

Antes que Olavo se despedisse, uma viatura policial estacionou no portão e o militar perguntou pelos donos da casa.

— Sim, estão. São meus patrões. Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu, sim, mas só podemos falar com eles.

Louise entrou e chamou pelos patrões. Tensos, Leonel e Dalila atenderam aos policiais.

— Boa noite, senhores. São os pais de Alessandro, o rapaz que trabalha no mercado do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu Aroldo? – perguntou um policial bastante jovem.

— Sim – Leonel sentiu as pernas tremerem.

— O que aconteceu? – Dalila já estava chorando.

— Estamos procurando seu filho. Ele está em casa?

— Não. Ele ainda não voltou da escola.

— Na escola ele também não está – falou o policial mais velho, colocando as mãos nos bolsos.

— Precisamos encontrá-lo, urgente.

— Tudo bem, mas, por que estão procurando pelo nosso filho? – Leonel não tinha certeza de que queria realmente ouvir a resposta.

O policial mais velho balançou a cabeça afirmativamente. — Bem... – começou ele. — Sinto muito, sei que vocês são pessoas de bem, mas, infelizmente, temos prova e testemunhas de que Alessandro matou um homem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21

Dalila não suportou a notícia e desmaiou. Quando voltou a si, estava deitada no sofá. Ao seu lado, o marido acariciava seus cabelos, chorando baixinho.

— Meu filho já chegou? — ela perguntou.

— Ainda não, meu amor.

— Oh, meu Deus! — ela se sentou. — O que aconteceu realmente? Já tiveram notícias?

— Também não — Louise segurou a mão da patroa.

— Mas não podemos ficar aqui parados. Temos de fazer alguma coisa — Dalila falava diretamente para o marido.

— Calma, amor. Já estamos tomando providências — Leonel tinha lágrimas nos olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acabei de falar com um advogado amigo meu – Olavo desligava o celular. — Ele trabalha para o hotel... Disse para não fazermos nada além de esperar. Ele estará aqui amanhã logo cedo. Vou ver o que consigo apurar – Olavo saiu em seguida.

— E o que foi que realmente aconteceu? Os policiais foram mais claros?

— Alessandro se envolveu numa briga com seu Aroldo, segundo algumas testemunhas.

— Meu Deus! E como seu Aroldo está?

— Segundo os policiais... ele está morto – Leonel não conteve os soluços.

Dalila caiu de joelhos ao lado do esposo e ele a abraçou.

— Diga que não é verdade, por favor – clamava a mulher. — E onde está Alessandro?

— Não temos a menor ideia. Já tentamos o celular várias vezes e só dá caixa postal ou fora de área.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, por favor, não, meu Deus! Eu quero meu filho! — Dalila se levantou e foi em direção à porta.

Louise voltou da cozinha trazendo um chá que acalmasse a patroa.

Saíram os três depois que Dalila bebeu dois goles do chá. Muitas pessoas estavam pelas ruas se dirigindo ao mercado de Aroldo. Logo encontraram Olavo, que informou que a polícia identificou o taxista que levou Alessandro até a saída da cidade, mas ele não sabia dizer para onde o rapaz havia ido. No mercado, o casal que assistira à briga entre Alessandro e o patrão dava informações à polícia, e Dalila chegou bem perto deles para ouvir o que contavam.

— Vocês têm certeza disso? — ela perguntou ao ouvir que os dois rolaram pelo chão, lutando.

— Temos, sim, senhora. Nos desculpe, sabemos que está sofrendo, afinal, trata-se de seu filho —

PERIGOSAS ACHERON

falou o rapaz desconhecido. — Mas temos de fazer nosso papel de cidadãos.

— Entendo... E depois disso, o que houve?

— Não sabemos, saímos em seguida...

— E como podem ter certeza de que foi Alessandro...?

— Quando soubemos do ocorrido, viemos para ver realmente o que estava acontecendo, aí a polícia perguntou por testemunhas...

— Não viram o crime acontecer e estão acusando meu filho?

— Calma, meu amor — Leonel tocou o braço da esposa.

— Eu não quero ficar calma. Quero saber o que realmente se passou aqui. O que houve de verdade, policial?

— A carteira de seu filho foi encontrada ao lado do corpo e a fita da câmera de segurança desapareceu, assim como ele. Seu Aroldo foi ferido

PERIGOSAS NACIONAIS

no abdômen e também no pescoço, talvez por uma faca que ainda não encontramos — informou um jovem policial negro, com expressão calma e compreensiva. — Ele está muito encrencado. Se souberem onde ele está, por favor, não o escondam. Quanto antes ele aparecer, melhor.

Dalila pediu para voltar para casa e Leonel a abraçou pelos ombros. Ela se colocou de frente para ele.

— Você, não! Você vai ficar por aqui até ter notícias de Alessandro. Só volte para casa com Alessandro ou com uma boa informação sobre ele. Afinal, foi você quem o colocou para fora de casa e só Deus sabe o que pode ter acontecido a ele — Dalila recomeçou a chorar. — Quero meu filho de volta, são e salvo, ou não perdorei você por isso — ela concluiu, apontando para a cena do crime.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma semana se passou e não tiveram notícias de Alessandro. Dalila não comia e dormia mal. Também não perdoara o marido pelo sumiço do filho e, para complicar ainda mais a situação, alguns amigos de Aroldo passaram a hostilizar a família. Nem mesmo Louise podia sair às ruas, logo alguém aparecia fazendo ameaças, e Olavo resolveu contratar seguranças, um que acompanharia qualquer um dos três que precisasse sair e outro que ficaria com a família em casa e também atenderia aos telefonemas, que, na maioria das vezes, eram de pessoas indignadas e ameaçadoras.

Esdras chegou numa segunda-feira cedo. Conseguira a transferência e ajudaria nas investigações. Os dois primeiros dias foram agitados e quase não viu Louise, mas no meio da semana se encontraram, e ele não soube como cumprimentá-la. Por mais que tentasse não misturar

PERIGOSAS ACHERON

as coisas, era difícil estar no mesmo espaço com alguém por quem ainda sentia algo forte. Também com Olavo seus encontros eram tensos. Esdras chegou a dispensar o advogado que Olavo colocara à disposição dos tios e também o investigador. Disse que ele mesmo cuidaria do caso do primo e que, além dele, somente o delegado da cidade tinha direito de se envolver no assunto.

— Gostaria que pudéssemos conviver em paz... Pela sua tia — Louise falou com ele no café da manhã de sexta-feira.

— Estamos em paz. Apenas quero e devo eu mesmo cuidar dos meus tios. Algum problema nisso?

— Não. Você está certíssimo. Mas Olavo disponibilizou ajuda e gostaria que você aceitasse. Você está magoado ainda comigo e isso não pode afetar as investigações.

— Louise, isso não tem nada a ver com você.

Esta é a *minha* família, eu cuido dela. Mas não se preocupe, ficarei em um hotel aqui perto. Você pode ficar e continuar seu trabalho.

— Não deve sair. Como você mesmo disse, esta é sua família, deve ficar com ela.

— Ficarei no hotel somente para dormir. Durante o dia estarei trabalhando ou aqui com meus tios – Esdras saiu da cozinha ainda com a xícara de café na mão. — Ah, e não se preocupe, temos como pagar advogados e investigadores.

Louise assentiu e ficou pensativa por alguns instantes. Depois, preparou café numa bandeja e levou para Dalila. Encontrou-a prostrada ao chão, chorando muito e clamando por Alessandro.

— Ele foi a realização de um sonho nosso e de Deus para nós, não posso perdê-lo, Louise. Eu não suportaria. Perdi uma filha e achei que nunca fosse me recuperar. Mesmo sendo jovem, foram necessários anos para que eu conseguisse viver bem

novamente. Agora, se perder Alessandro, morrerei também — choramingou a mulher. — Nunca perdoarei Leonel se Alessandro não voltar. Deus que me perdoe por estar dizendo isso, mas eu nem sei o que pensar.

Magali e Patrícia tanto insistiram com Olavo que precisavam ver Bianca e Ariel que o executivo, mesmo reprovando de todo a ideia das duas, não conseguiu manter seus argumentos para não liberar os filhos e, num fim de semana agitado em Aurora, pediu que o motorista levasse as crianças até a casa da avó.

Patrícia apareceu na casa da mãe e logo tratou de trazer um antigo amigo de Ariel para brincar com o menino, assim ela poderia ficar a sós com Bianca. Depois de conversarem sozinhas, ela avisou à mãe que estava saindo com a menina.

— Não acho certo você levar Bianca para esse tipo de reunião — falou Magali.

— Que tipo de reunião? Mãe, acorda, praticamente todo mundo faz isso no mundo inteiro! E Bianca precisa de respostas. Eu posso ajudá-la.

— Acho que está pensando só em você. Se Olavo souber disso, irá impedi-la de nos visitar, e ficarei sem ver minha neta.

— Não fale bobagem. Ele não pode fazer isso. Talvez até possa, mas Olavo não é disso, ele não mistura as coisas dessa forma.

Bianca e Patrícia saíram no início da noite e quando chegaram à reunião era ainda bastante cedo. Tiveram tempo para conversar com os responsáveis pelo lugar, e eles disseram que Bianca fizera a coisa certa, que sua mãe estava mesmo querendo falar com ela.

— E eu irei reconhecê-la? — a adolescente perguntou, encantada.

— Talvez somente pela voz, ou, mais certo, é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que a reconheça pelo que ela disser, por exemplo, como viviam, do que gostavam... — explicou uma mulher gorda vestida com um manto branco. — Lembra-se da voz dela, não? Então, ela vai falar através de um de nós.

Quando a reunião iniciou, Bianca teve medo. Muitas pessoas recebiam espíritos e ela ficou espantada com o fato de elas garantirem que estavam falando com pessoas que conheciam. Na sua vez, ficou ainda mais temerosa e Patrícia tomou a frente.

Ao ouvir a voz que achou parecida com a da mãe, Bianca começou a chorar, e o homem que dizia receber o espírito de Beatriz falou como alguém que realmente conhecia a história da família de Olavo.

Bianca enfrentou seu medo:

— Você está no céu? — perguntou emocionada.
— Papai disse que você agora mora com Jesus.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Houve um momento conturbado no lugar. O homem que falava com Bianca e Patrícia se revoltou e disse que a entidade teria ido embora.

— Por que estragou tudo, menina?

Bianca olhou-o, assustada, e começou a chorar.

Patrícia de novo interveio e acalmou a sobrinha.

— Hoje já não dá mais – falou o homem. — Volte amanhã e traga os itens que alguém anotarà para você. Precisarà até de um banho especial – ele a dispensou, sem paciência.

Patrícia e Bianca ouviram atentamente o que a mulher que as recebera pedira para levarem para o banho no dia seguinte.

— Eu prometo que amanhã não estragarei a reunião – Bianca falou, arrependida, porque acreditara piamente que falara com a mãe. — Estarei aqui sem falta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

Louise gravou novo comercial para o hotel e já foi cotada para gravar as chamadas para as festas de fim de ano que a rede promoveria e para as férias que se aproximavam. O primeiro comercial fora ao ar e obtivera resultados satisfatórios para o hotel e principalmente para Louise, que, com a veiculação do comercial na internet, passou a ser requisitada por outras empresas, estilistas e fotógrafos.

Olavo conseguiu que seu contrato com o hotel fosse alterado para que Louise fizesse as campanhas de Natal para grandes marcas de vestuário no país e também porque empresas de cosméticos a queriam em seus catálogos.

De uma hora para a outra, precisava começar a viajar a trabalho. As empresas tinham pouco tempo para o Natal e queriam colocar seus produtos no

PERIGOSAS ACHERON

mercado com a nova modelo que surgira e aproveitar o bom momento para as vendas. Fotos nos Lençóis Maranhenses, na Amazônia, nas praias do Nordeste e também muitas fotos em estúdio foram feitas, e Louise estava muito mais feliz do que as empresas que viram nela uma oportunidade a mais de lucrar. Ela estava, enfim, realizando seu grande sonho.

Raquel e Taís agora ficariam com Dalila, mas Louise pediu para ser informada de tudo o que acontecesse nas investigações sobre a morte de Aroldo e o desaparecimento de Alessandro. Também telefonou para os irmãos e passou para eles seus novos números de telefone e seu itinerário. Pediu para Luis o número da conta bancária da igreja em Rio Bonito, poderia finalmente enviar algum dinheiro para ajudar aquela comunidade tão carente.

Olavo a acompanhou em algumas viagens, era,
PERIGOSAS ACHERON

agora, seu empresário, até onde conseguisse conciliar os dois empregos. Ele contratou uma babá para ficar com os filhos e também sua mãe passaria algumas semanas na casa dele até que a agenda de Louise ficasse mais folgada. Estela, uma jovem, filha da zeladora da igreja em Aurora, também foi contratada por Olavo para ficar com Louise nos hotéis.

Louise passou a ser convidada para muitas festas de lançamentos de produtos, jantares e mais propagandas na televisão. Aceitou a maior parte dos compromissos, recusando apenas eventos que exigiam roupas mais ousadas e lugares onde houvesse muita música e bebedeira.

— Você é uma modelo linda, mas isso um dia passa, deve aproveitar para ganhar o máximo de dinheiro que puder agora — diziam alguns patrocinadores.

As pessoas não entendiam como uma mulher

PERIGOSAS ACHERON

linda e requisitada como ela dizia *não* para campanhas nas quais apareceria de biquíni, por exemplo, e Louise, sempre sorrindo e educada, respondia que tinha um perfil diferente e que só aceitaria trabalhos que correspondessem às expectativas dos seus princípios. Ela estava vivendo o seu sonho, e isso nada tinha a ver com dinheiro. Feliz, todos os dias ao acordar e antes de se deitar para dormir, agradecia a Deus por tudo o que estava vivendo.

Louise estava em São Paulo, na festa de lançamento de um *site* de moda e beleza com Estela e Olavo. Sua participação era apenas distribuir sorrisos, se posicionar ao lado de alguns produtos e responder sempre *sim, o produto é ótimo, eu*

PERIGOSAS ACHERON

mesma estou usando e recomendo. Também dar entrevistas divulgando o novo site — estava sendo muito bem paga para isso. Olavo e Estela aguardavam em uma sala no andar superior e a acompanhavam através de uma janela com vidro escuro que permitia que só eles a vissem, quem olhasse do salão para a janela veria apenas uma sequência da decoração. Ela, entretida com fotógrafos e fanáticos por moda, não reparou quando o homem se aproximou.

— Então você conseguiu?! — a voz, que a fez estremecer, soou vindo da retaguarda.

As pernas de Louise quiseram desfalecer, e ela esforçou-se para se concentrar no trabalho; se fosse mesmo ele, não deveria demonstrar emoção alguma. Virou-se, torcendo para que estivesse enganada. Mas não estava.

— Você! — ela exclamou, perturbada. — O que faz aqui, Dominique?

Ele sorriu e respondeu:

— Quem disse que me chamo Dominique?

— Não importa quem você seja. O que faz aqui?

— Não vai me cumprimentar, nem me dar um abraço? Você parece tensa.

— Vou chamar a segurança – ela deu um passo à frente.

— Não seja tola – ele a segurou pelo braço. — Conheço todos aqui. E você deveria ser grata a mim, porque se não tivesse me conhecido, ainda estaria naquela sua cidade medíocre.

— Você me enoja.

— Não era isso que você sussurrava nos meus ouvidos na nossa noite de núpcias.

Louise olhou aflita para os lados. Queria que alguém da segurança tirasse aquele impostor de perto dela antes que Olavo percebesse seu desconforto.

— Mas será exatamente isso que você ouvirá de
PERIGOSAS ACHERON

mim e de outras garotas quando a polícia colocar as mãos em você. Você é um criminoso...

— E quem vai me denunciar, você?

— Tenha certeza que sim.

— Então está poderosa agora? Caia na real, garota. Você não tem provas. Nem seu namoradinho rico teria como me prender. E como já disse, seja grata a mim. Tantos homens hoje sonham com você. As empresas, os meios de comunicação, na verdade, toda a mídia quer falar sobre você... Você está na moda, Louise, é o novo padrão de beleza do Brasil! Por que guardar mágoas de alguém que só impulsionou sua carreira, no caso eu?

— Dominique, ou seja lá qual for a porcaria do seu nome, por favor, me deixe trabalhar – as mãos de Louise tremiam. — Saia daqui antes que Olavo perceba alguma coisa...

— Olavo? Quem é... Calma aí, calma aí... Olavo

PERIGOSAS NACIONAIS

seria... seu namorado?! Claro – Dominique agora sorria com satisfação no olhar. — Então você me julga quando, na verdade, você também está usando alguém para se dar bem, é isso? E o tal Olavo não sabe do seu passado... Louise, você é incrível! Aprendeu direitinho comigo. Somos iguais. Eu uso garotas bonitas e sonhadoras para me dar bem e você está usando um milionário para ficar rica e famosa... Pretende chutá-lo depois ou o golpe inclui planos para um casamento duradouro e feliz?

Louise desviou o olhar para a janela de onde Olavo poderia estar acompanhando o que se passava com ela.

— Uma vez vadia, sempre vadia – Dominique terminou, zombeteiramente.

Louise piscou, desesperada para conter as lágrimas.

— Não sou e nunca fui vadia, e Olavo e eu nos amamos.

PERIGOSAS ACHERON

— Verdade? Que tal ele ficar sabendo hoje que você entregou esse corpinho maravilhoso para mim e para alguns outros, para chegar até aqui?

— Cale-se – ela olhou para os lados. — Você não sabe nada do que vivi naquele lugar por sua culpa.

— Pelo seu sonho, diga bem a verdade. Mas esqueça, Louise. É hora de me perdoar. Rancor é coisa de gente mesquinha e hipócrita. E você é só hipócrita. Mas é linda – ele a pegou pela cintura e aproximou os lábios dos dela.

— Me larga! – Louise o empurrou e fez sinal para o segurança.

— Não seja tola, já avisei que antes de me colocarem para fora, grito para todo mundo ouvir que você tem um passado sombrio. Seus contratos seriam cancelados imediatamente, sem contar seu homem. Será que ele a aceitaria ainda?

Louise saiu quase correndo e trancou-se num

PERIGOSAS ACHERON

dos toaletes.

— O que houve? – perguntou Estela, chegando em seguida. — Vi que um homem a agarrou.

— E Olavo? Ele também viu?

— Mais ou menos. Ele estava com os filhos no telefone.

— Melhor assim – Louise secou as lágrimas. — Peça à segurança para retirar aquele homem daqui – ela chamou Estela para outra sala.

— Por quê? Quem é aquele homem? – Olavo quis saber ao ser informado que Louise pretendia ir embora se Dominique permanecesse no local.

— Não sei. Simplesmente está me incomodando.

— Não podemos fazer isso. Ele pagou pelo ingresso, tem direito de estar aqui – falou o responsável pelo evento.

— Por favor, façam o que ela pede ou iremos embora – interveio Olavo.

— Vocês não podem fazer isso. Ela tem horário a cumprir estipulado em contrato.

— E o mesmo contrato diz que cancelaríamos a participação da modelo se alguma coisa ou alguém oferecesse risco à integridade física dela, e aquele homem a agarrou. Pode ser um fanático perigoso — Olavo tirou o papel da pasta e o jogou sobre a mesa.

O empresário, dono do site, após uma rápida olhada no documento, sinalizou para um grandalhão que fazia a segurança de Louise e ele se retirou. Louise seguiu atrás dele dizendo que queria ver o impostor sendo expulso.

— Você sairá agora e sairá quietinho porque, ao contrário do que você pensa, eu tenho sim provas contra você. Tenho o testemunho de Mirela contra todos vocês e de algumas outras garotas também.

— De outras garotas eu não sei, mas de Mirela, duvido muito, ela não está mais na casa, nem

PERIGOSAS ACHERON

Giovani. A sociedade acabou. Mas eu continuo trabalhando com *modelos*. Não são lindas como você, mas me dão lucro. E pode deixar, vou saindo – ele se dirigiu ao segurança. — Não precisa me acompanhar. Quanto a você, Louise, ainda nos veremos por aí. Ainda vai me render algum dinheiro.

— Por que ele ainda está aqui? – Olavo chegou falando alto.

— Ele já está saindo – Louise falou, mirando Dominique. — Como você disse, ele é só um fanático perturbado.

Enquanto se recompunha e refazia a maquiagem, Louise retornou ao trabalho. De repente, uma saudade de Mirela bateu em seu coração e seus olhos umedeceram. Por onde estaria a colega que a ajudara a se libertar de Giovani? Agora poderia ajudá-la de alguma maneira. Lembrou que Mirela dissera que Giovani estava

PERIGOSAS ACHERON

com seu filho, era por isso que Mirela se prostituía, para reaver o menino. Talvez pudesse ajudá-la com grana. Respirando profundamente, decidiu que assim que chegasse ao hotel começaria a procurar por Mirela.

No hotel, Olavo a levou até a porta de seu quarto. Ela o agradeceu e entrou logo após receber um carinho dele. Tirou os sapatos e o vestido elegante enquanto respondia perguntas de Estela sobre o homem que a importunara no evento. Vestiu uma camisola *Calvin Klein* confortável, que comprara assim que chegara a São Paulo, em seguida retirou a maquiagem e voltou ao quarto para começar sua busca por Mirela.

Louise voltou para casa sem conseguir nada sobre o paradeiro da colega. Queria muito reencontrá-la, mas precisava procurá-la sem que Olavo soubesse. Ficara preocupada com a colega, porque Dominique dissera que a sociedade dele PERIGOSAS ACHERON

com Giovani havia acabado e Louise queria saber se Mirela conseguira o filho de volta.

Pensando em procurá-la sem que Olavo estivesse por perto, Louise decidiu fazer uma visita a sua cidade, já que também queria ver como estava indo a reforma que patrocinava na igreja. Na última vez que estivera em Rio Bonito, fora humilhada pela mãe e praticamente expulsa de sua casa. Agora ficaria em um hotel, no centro, e receberia lá os irmãos e alguns parentes e colegas.

Ela e Estela chegaram no outro dia bem cedo a Rio Bonito e se instalaram no hotel sem que a presença da modelo fosse notada.

— É tão estranho voltar aqui. Parece que nunca morei neste lugar — Louise olhava a cidade pela janela do quarto. — Precisarei sair às ruas para ver tudo de perto e falar com algumas pessoas. Embora muitos concordassem com minha mãe que eu tinha sonhos que iriam me perder, não guardo mágoas de

ninguém.

— Nem deveria, você deu muito certo — falou Estela. — Vem cá, acha que devo contratar um segurança?

— Aqui em Rio Bonito? — Louise gargalhou. — Só por Deus, Estela! Aqui todo mundo conhece todo mundo, querida. Pensando bem, quero que alugue um carro — Louise deu uma última olhada para a rua e voltou a falar com a assistente. — Mas um carro bem *show*, quero andar por aí em grande estilo. Assim que nos cansarmos de alguma coisa ou alguém, entraremos no carro e sairemos lindas — ela deu uma pequena desfilada ao falar e gargalhou, jogando-se na cama macia.

— Você é terrível, Louise, mas tem razão. Ninguém merece voltar à cidade natal rica e poderosa andando a pé.

— Pensando bem, Estela, quero sim que contrate um segurança — Louise sentou na cama. —

Claro, faremos como naquele filme *O guarda-costas*, que a cantora tinha um segurança lindo, lembra? Se bem que eu duvido que aqui exista um segurança sequer parecido com aquele, mas tudo bem, o importante será impor respeito por onde passarmos.

Encontraram um segurança numa empresa do ramo em uma cidade vizinha e ele chegou a Rio Bonito em menos de uma hora. Assim que Louise se aprontou, ele as levou a vários lugares. As pessoas saíam às ruas para ver a modelo que crescera humilde entre elas e, enquanto algumas a admiravam, outras a condenavam por ser rica e famosa e deixar os pais na pobreza. Pelas calçadas, muitos paravam para vê-la e também para fotografá-la. Entre estes estavam os que faziam comentários do tipo “quem ela pensa que é para andar por aqui com segurança?” ou “quem ela pensa que nós somos, isso sim” ou ainda “ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre foi metida e perdida”.

Sem se incomodar com comentários maldosos, Louise percorreu a cidade sendo simpática com todos. Conversou com os fiéis da igreja que frequentara na cidade e aprovou o andamento das obras que bancava ali. Ao voltar ao hotel, vasculhou novamente redes sociais na internet em busca de Mirela, sem sucesso, e cochilou, minutos depois, cansada. À noite, deu entrevista para a rádio local e posou para mais fotos. O último programa do dia foi levar alguns amigos e os irmãos a uma pizzaria. Queria mesmo era levar os pais, porém eles não quiseram vê-la. Voltou para o hotel satisfeita com sua visita a Rio Bonito. Precisava descansar, no dia seguinte seguiria cedo para São Paulo, onde novos trabalhos a aguardavam.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23

Novembro terminou com chuva, mas o calor não
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amenizou, e as pessoas saíam às ruas para comprar enfeites de Natal sem se importar em se molhar. O clima de festa invadia empresas, igrejas, escolas, praças e casas. Apenas na casa de Dalila o clima era outro.

Dois meses haviam se passado desde o desaparecimento de Alessandro e, duas semanas atrás, ela finalmente recebera uma carta dele pelos correios, como se tivesse sido remetida por outra pessoa, na qual ele dizia estar bem e que ainda não poderia voltar antes que os ânimos se acalmassem.

“Espero que você acredite em minha inocência” era a última frase da carta, e Dalila chorou muito durante as infinitas vezes em que a relera. Queria acreditar no filho, mas aquela frase não tinha sentido conclusivo para ela, nem tranquilizador, infelizmente.

Depois daquele dia, não tivera mais notícias de Alessandro.

PERIGOSAS ACHERON

Louise, quando não estava trabalhando, ficava com Dalila e procurava acalmá-la. Leonel, magro e abatido, chorava quase sempre, a saudade do filho apertava e o fato da esposa falar com ele somente o essencial o fragilizava ainda mais.

Dalila pedia a Deus que seu presente de Natal fosse o retorno do filho ao lar. Ainda que ele fosse detido e tivesse de pagar pelo que fizera atrás das grades de uma delegacia, seria melhor do que não poder vê-lo. Seu coração apertava toda vez que pensava que o filho poderia estar se aprofundando ainda mais no álcool e até mesmo adquirindo novos vícios.

Com o tempo, as ameaças que a família vinha sofrendo depois da morte de Aroldo ainda existiam, em escala menor, mas eram tão perigosas quanto antes. Os guarda-costas foram mantidos por Olavo,

PERIGOSAS ACHERON

contrariando a vontade de Esdras, que dizia que quem deveria fazer a segurança dos tios era ele próprio, pois tinha treinamento e direito legal para isso, chegando a entrar em atrito com Louise.

— Você deve sair de lá — falou Olavo numa conversa com a namorada. — Enquanto você estiver por perto, ele não vai sair da defensiva, ainda está magoado e pode fazer divisão na própria família.

Louise alugou um apartamento no centro de Aurora e convidou Estela.

Já na casa de Olavo, as coisas não iam bem. Bianca, frequentemente irritada, reclamava de tudo que o pai fazia e brigava com Ariel sem qualquer motivo. Passava muito tempo com Patrícia ao telefone ou na internet e sempre tinha ideias e opiniões novas sobre o relacionamento do pai com Louise. Não dissera ao pai que estava frequentando reuniões na irmandade com Patrícia e *fazendo*

PERIGOSAS NACIONAIS

contato com a mãe, mas estava muito envolvida.

Olavo, por sua vez, sentia o distanciamento da filha, mas não sabia como agir.

— Papai, hoje encontrei um homem que falou que conhece você e que vocês precisam conversar — Gabi comentou ao chegar em casa, depois de um breve passeio com as amigas.

— Conhece a mim? — o coração de Antônio gelou.

— Isso mesmo.

— E o que mais ele disse?

— Só isso. Mas na verdade, eu e minhas amigas já vimos esse mesmo homem rondando a minha escola, de carro.

— Conversa mais estranha, Gabi, conte as coisas direito — falou a mãe. — Esse homem não tem nome?

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, sim, ele disse que se chama Sidney. Foi só o que ele disse.

— Escute bem, filha: quero que fique longe desse homem – Antônio olhou bem nos olhos de Gabi ao falar. — Se ele aparecer de novo, corra, grite, chame alguém, a polícia, mas não fale com ele, jamais.

— Por quê? – Josélia ficou curiosa. — Quem é esse Sidney?

— Não sei – respondeu o marido. — Mas ele já ligou aqui algumas vezes perguntando por mim. Penso que deva ser alguém com quem Louise andou se encrencando e por isso ele está atrás de nós, de mim, na verdade.

— Ah, então só pode ser isso mesmo. Estou avisando, precisamos sair daqui o mais rápido possível – Josélia preparava a mesa para o café da tarde. — Louise ainda vai nos enlouquecer.

— Não acho que tenha alguma coisa a ver com
PERIGOSAS ACHERON

Louise – falou Luis. — Ele só pergunta por papai toda vez que telefona.

— Como assim? Você já falou com ele?

— Sim, ele telefonou duas vezes na semana passada, como não disse ser nada urgente, até esqueci de comentar.

— Também não acho que tenha a ver com Louise. Ela está bem, famosa, rica... – falou Gabi.

— Seria fácil para ele falar diretamente com ela, imagino.

— Verdade. Agora ela é uma estrela. – respondeu Luis.

— Em decadência, vou logo avisando – a mãe intrigou os filhos com a afirmação, mas não entrou em detalhes, somente em sua mente falava que era hora de fazer a visita para Olavo. Nem que precisasse pedir dinheiro emprestado para pagar passagens e hotel, faria tudo para que Louise não continuasse enganando Olavo. — Obedeça a seu

pai, Gabi. Não se aproxime mais desse tal Sidney ou então quem irá sofrer será você. Semana que vem vou fazer uma viagem de um dia, dois no máximo. Quero ver até onde vai a fama da irmã de vocês. Assim que eu voltar, amor – agora Josélia servia café para o marido –, registraremos queixa desse tal Sidney na polícia.

Antônio concordou, balançando a cabeça. No fundo, pensava em arrumar um jeito de tirar a família de Rio Bonito e esperava fazer isso tão logo a esposa voltasse de Aurora.

Na segunda semana do mês, Louise assinou um novo contrato para estrelar uma marca famosa de tintura para os cabelos. Sua foto sairia nos catálogos da linha responsável pelo produto, nos catálogos das empresas de divulgação e também

PERIGOSAS ACHERON

foram montados grandes painéis com sua foto que serviriam como cenário para onde o produto fosse exposto. No mesmo dia, ela gravou a propaganda do produto para a televisão e apareceu nos sites de beleza como a nova garota-propaganda da marca. Ela voltou para casa ao fim do dia junto com Estela e recebeu uma ligação de Olavo dizendo que deveriam comemorar.

— Você foi escolhida para divulgar o novo carro de uma marca internacional que vou contar somente depois — ele queria deixá-la curiosa. — Eles estavam quase fechando com uma modelo italiana, mas quando viram alguns materiais seus, cancelaram com ela e querem você a todo custo. A campanha será internacional. Isto é, agora você vai ganhar o mundo.

— Está falando sério? — Louise estava ainda mais feliz.

— É claro que sim, querida. Hoje não poderei

PERIGOSAS ACHERON

vê-la, mas amanhã passarei em sua casa para levá-la para jantar. Isso precisa ser comemorado.

Após despedirem-se, Louise comemorou com Raquel, Taís e Estela.

No dia seguinte, na hora combinada, Olavo tocou a campainha do apartamento de Louise. Ela o recebeu com um amplo sorriso na face. Vestia macacão longo branco e sandálias lilases.

— Você está ainda mais linda! – ele exclamou, após segundos de admiração.

— Obrigada. E você, como sempre, perfeito.

— Espero que não se incomode, mas convidei alguns de nossos amigos para comemorarem conosco a sua nova fase, em minha casa. Tudo bem?

— Tudo bem. Estou tão feliz que não importa onde esteja, desde que esteja com você. Nem mesmo esta chuva insistente tira a minha alegria.

Na casa de Olavo estavam Leonel e Dalila, que

PERIGOSAS ACHERON

relutaram em aceitar o convite, estavam também o pastor Simeão com a família, Fernando e Andréia, pais de Taís, e o irmão da jovem, Estela com os pais, a jovem babá que cuidava de Ariel e Bianca e mais alguns amigos da igreja com quem Olavo e Louise mais se identificavam.

— Agora deixe-me apresentá-la a algumas pessoas muito importantes para mim – Olavo pegou Louise pela mão e chamou: — Pai, mãe, meus irmãos e sobrinhos – a família foi aparecendo conforme ele chamava. Quando todos estavam reunidos, ele os apresentou.

Neste momento, apareceram garçons servindo sucos naturais.

— Minha namorada assinou contratos maravilhosos e amanhã vai assinar um outro muito importante. Achei que devíamos comemorar e resolvi que nossos amigos deveriam estar presentes – ele se voltou para Louise. — Desculpe, querida,

PERIGOSAS ACHERON

eu tentei trazer sua família, mas... somente seus irmãos aceitaram vir.

— O quê? Eles estão aqui?

Gabi e Luis também apareceram e abraçaram a irmã, que se esforçou para não chorar.

— Como eu dizia, minha namorada está numa fase muito boa e só temos a agradecer a Deus por tudo. Bem, além disso, quero fazer algo muito importante – Olavo colocou seu copo sobre um aparador, segurou Louise pela mão e terminou: — Você é uma bênção de Deus na minha vida e sei que será ainda muito mais. Você me fez sonhar de novo, e sou tão feliz com você, que parece que a conheço há muito mais tempo. Tudo o que está acontecendo de bom em sua vida é porque você merece – todos estavam apreensivos. — Merece ser feliz para sempre e eu gostaria de participar dessa sua felicidade, começando hoje – ele inspirou profundamente e perguntou: — Louise, você quer

PERIGOSAS ACHERON

se casar comigo?

Os convidados todos aplaudiram. Até Dalila e o esposo pareceram esquecer de sua dor por alguns segundos e sorriram, emocionados.

Louise quase não acreditava, fora pega completamente desprevenida. Olhou espantada para todos e seus olhos ficaram inundados de lágrimas. Depois que os convidados cessaram as manifestações de surpresa e alegria, ela olhou para Olavo, que lhe estendia um belíssimo anel.

— Também amo você, Olavo — respondeu ela.

— Isto é um sim? — ele perguntou, ansioso.

— Sim — ela sorriu lindamente. — Eu aceito me casar com você.

Depois que Olavo colocou o anel no dedo da noiva e a beijou, começaram as felicitações e os abraços. Louise sorria e chorava abraçando a cada um dos amigos.

Bianca saiu batendo os pés, e Olavo, mesmo

PERIGOSAS ACHERON

percebendo, deixou que a filha ficasse sozinha por um tempo.

Após o jantar requintado, Olavo levou Louise para casa. Antes, porém, fez questão de levar Dalila e Lenoel, além de Raquel e Taís, que ainda ficavam na casa do casal. Chegaram juntamente com uma viatura policial. Os dois militares desceram do carro sem se incomodarem com a chuva e se aproximaram do carro de Olavo.

— Boa noite! — cumprimentou o jovem policial negro que falara com eles no dia em que Alessandro desaparecera. O outro ficou um pouco mais atrás. Ninguém respondeu, estavam atônitos. — Tentei falar com Esdras, mas ele não atendeu no celular.

— Certamente está dormindo. Quer que o chame? — falou Leonel.

— Não, senhor... É... Como direi? — o policial estava tenso. — Bem, é sobre seu filho.

PERIGOSAS NACIONAIS

Louise chamou a todos para a varanda.

— O que aconteceu? Encontraram Alessandro?

— Leonel passou à frente do grupo.

— Julian, o que aconteceu? — Esdras apareceu, sonolento e ainda de pijama. — Encontraram meu primo?

— Nós... encontramos... — o policial hesitou mais uma vez.

— Não! — ouviu-se o grito de Dalila. — O que aconteceu com meu filho?

— Foi encontrado... — Julian hesitou de novo.

— Por favor, policial, quer nos matar do coração? — Leonel segurou a esposa.

— E então, Julian? — Esdras perguntou, aflito.

O policial olhou comovido para Esdras e respondeu:

— Sim, encontramos um corpo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24

Dalila gritou de novo e o marido a amparou, mas ele também estava entrando em desespero.

Louise começou a chorar, e Olavo a abraçou, conduzindo-a ao sofá.

— Pelo amor de Deus, Julian, que corpo? — Esdras tremia. — O corpo do meu primo?

No sofá, Dalila, o esposo e Louise estavam agora inconsoláveis.

— Eu não sei, eu não vi. Mas a descrição bate. O corpo é de um jovem com a idade próxima a de Alessandro, enfim, como já disse, as descrições...

— Meu Deus! — Esdras colocou as mãos no rosto e chorou, mas logo se recompôs. — Onde está?

— No IML. Precisam que alguém vá até lá para

fazer o reconhecimento.

— Eu vou — Olavo se prontificou. — Você fica com seus tios.

— Não, Olavo. Eu conheço meu primo muito bem. Eu mesmo vou — Esdras foi até os tios. — Por favor, fiquem calmos. É só um corpo, ninguém sabe se é mesmo de Alessandro — mas os tios não queriam ouvir. Ele foi até o quarto e trocou de roupa. — Tem mais alguma coisa que eu deva saber? — perguntou aos policiais ao voltar.

— Sim. Foi encontrado um colar com uma cruz, talvez de prata, que tem a letra *A* gravada atrás. Estava no bolso da calça dele — contou Julian.

— Não! — o rosto de Esdras se contraiu de dor e ele falou chorando: — Era o colar de Alessandro. Ah, Deus, dá-nos força nesta hora!

— Eu quero ir — pediu Dalila e ninguém conseguiu convencê-la do contrário.

— Vamos todos — falou Leonel.

Em frente ao portão do prédio do IML, Esdras disse que entraria sozinho.

— Não queremos fazer alvoroço lá dentro. Okay? – com muito custo, ele convenceu os tios a ficarem no carro com Louise e Olavo.

Já no pátio, ignorando a chuva e o vento frios, Esdras saltou do carro e caminhou rapidamente ao lado de Julian. Após se identificar como possível parente do morto, Esdras foi liberado para fazer o reconhecimento.

Na sala refrigerada, o funcionário do IML lhe entregou o colar que fora encontrado num dos bolsos da calça do morto, e Esdras quase desistiu de fazer o reconhecimento ao constatar que era mesmo o colar de Alessandro. Quando foi aberta a gaveta do enorme freezer, ele pediu para esperar. Chorou mais uma vez e o amigo Julian o abraçou pelos ombros.

— Pode abrir – disse ao funcionário do IML,
PERIGOSAS ACHERON

segundos depois.

Lentamente, o homem foi erguendo o lençol que envolvia o morto e Esdras soluçou ao ver os cabelos loiros congelados. Mentalmente, clamava por Jesus e pensava em como iria confirmar para os tios a morte do filho tão amado. Quando finalmente viu o rosto pálido, irrompeu em lágrimas com a mão sobre a boca.

— Abra um pouco mais – o policial Julian ordenou ao homem.

Esdras chegou mais perto limpando os olhos para poder ver melhor e ter absoluta certeza. Estava impossibilitado de falar pela emoção. Olhou o corpo nu, as mãos e novamente o rosto jovem e belo. Ainda chorando muito, concluiu:

— Não é Alessandro. Graças a Deus.

— Tem certeza? – perguntou o amigo policial.

— Absoluta. Alessandro não tem barba como este rapaz e não teria nem que ficasse um mês

inteiro sem se barbear. Definitivamente não é ele.

— Vamos logo avisar seus tios — falou Julian.

— Antes, só temos um probleminha.

— E o que seria?

— As investigações e a procura pelo seu primo vão se intensificar. O morto tinha o colar dele no bolso e os exames que serão feitos agora talvez digam mais sobre isso. Seu primo está um pouco mais encrencado, a não ser que apareça com uma boa explicação.

Esdras balançou a cabeça e caminhou em silêncio até os tios. Eles esperavam aflitos no carro, e quando viu o sobrinho, Dalila saiu correndo na chuva.

— Por favor, me diga logo — pediu ela em pranto.

— Não é ele, tia. Eu mesmo vi. Não é Alessandro.

Josélia chegou a Aurora na quinta-feira pouco antes do meio-dia. Debaixo de forte chuva, ela desembarcou na rodoviária e caminhou firme até o outro lado da rua, onde pegou um táxi.

Após se identificar na portaria do prédio de Louise, Josélia foi liberada para subir ao apartamento. Tocou a campainha e Estela atendeu.

— Quem é você? — perguntou, franzindo a testa ao ver a moça.

— Boa tarde, senhora! Sou Estela. Entre, por favor.

— Minha filha está?

— Sim, ela está. Eu vou chamá-la. Ela está descansando, mas já atenderá à senhora.

Ela mora com outra mulher! — pensou Josélia, ao ficar sozinha. Curiosa, observou o apartamento espaçoso e muito bem decorado, pensando que agora, sim, a filha estava completamente perdida.

Louise apareceu alguns minutos depois, quase sem acreditar que a mãe estivesse ali. Estava linda, sem maquiagem, cabelos soltos, vestia calça jeans e camisa social vermelha e estava descalça.

— Mãe! — exclamou, aproximando-se. — A senhora aqui? Que surpresa!

Josélia ajeitou a bolsa no ombro e cruzou os braços, evitando uma aproximação maior da filha.

— Mãe, por que ainda está em pé? Sente-se, por favor — Louise indicou o sofá.

— Eu fico bem em pé mesmo.

— Certo. Mas e a senhora, como está? — Louise controlava a emoção. Queria muito abraçá-la e acabar com aquela angústia, no entanto, contentou-se em apenas observar a mãe: alta, magra, sempre de saia e blusa, e os cabelos, com os primeiros fios grisalhos, estavam como de costume, presos em um generoso coque.

— Eu estou bem. Não tanto quanto você, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estou bem – ela olhou em volta antes de concluir.

— Então você conseguiu!

— Na verdade, estou conseguindo, mãe.

— Não seja modesta. Sua cara está estampada em revistas, produtos, isso sem contar as propagandas na internet e na televisão. E este apartamento, é claro.

— Essa carreira é difícil, mãe. Tem de ser conquistada a cada dia. Provar que merece estar ali fotografando, desfilando... Principalmente no meu caso. Sou uma modelo diferenciada, isto é, fui indicada para os primeiros trabalhos, não faço fotos de biquíni ou com roupas sensuais, nem comerciais apelativos como os de bebida alcoólica... Então tenho de trabalhar dobrado em outros tipos de propaganda para não perder meu espaço, até porque comecei tarde, as modelos de hoje em dia iniciam suas carreiras aos treze, catorze anos, é quase uma exigência do mercado.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas está orgulhosa por ter conseguido, não está?

Louise assentiu em silêncio, torcendo que a mãe estivesse ali para fazer as pazes.

— Eu no seu lugar estaria. Não que eu quisesse ser uma modelo. Sempre tive outros objetivos na vida, entre eles, agradar a Deus, o principal, e me esforço para isso. É o que a vida tem para mim, sou uma velha já passando os cinquenta anos.

— Bobagem, mãe. Sempre foi tão bonita. Tem meus olhos, meu sorriso...

— E muitas rugas também. Eu sei, pode falar.

Louise sorriu sem saber o que dizer.

— Sabe de uma coisa? Sua pele é boa, só precisa de uns cremes. Eu tenho alguns aqui.

— Pare com isso. Quer me humilhar?

— Não, mãe. Longe disso. Eu ganho muitos produtos das marcas que faço propaganda e eles têm poderes incríveis. Vou pegar alguns para você,

enquanto isso sente-se.

— Não, eu não quero cremes — Louise parou e a mãe perguntou: — Por acaso você agora mora com outra mulher?

Louise voltou do meio do caminho e parou de novo.

— Não, mãe! Que ideia é essa? Bem, de certa forma, sim. Estela é minha secretária. Cuida dos meus compromissos, minha agenda, e é muito boa nisso. Sem ela eu ficaria louca — Louise se aproximou da mãe. — Eu estou noiva, deve saber. Luis e Gabi estiveram no dia em que Olavo fez o pedido. Você e papai também foram convidados... Olhe meu anel — ela esticou o braço para a mãe e sorriu feliz. — Não é lindo?

Josélia balançou a cabeça olhando para o anel. Quando olhou nos olhos da filha, falou:

— Lindo mesmo. É uma pena que esteja na mão da pessoa errada.

O sorriso desapareceu do rosto de Louise.

— Mãe, achei que já tivesse me perdoado.

— Como poderia? Você só me envergonha!

— Mãe, por favor, estou seguindo com minha vida, trabalhando honestamente... Já até pude ajudar a igreja em Rio Bonito e vou continuar ajudando, sempre foi meu sonho arrumar o som, os bancos, os banheiros e tudo lá na igreja. Sinto saudades de vocês, de casa... Queria que vivêssemos em paz.

— Paz? Eu é que vim atrás de paz.

— Que bom, mãe.

— Sabe que por sua causa tem dois homens perseguindo a nossa família?

Louise teve um calafrio e pensou em Giovani.

A mãe continuou:

— Já falaram com Gabi, com Luis e com seu pai. Estão nos perseguindo e fazendo perguntas que não entendemos. Certamente é alguém com quem

PERIGOSAS NACIONAIS

você andou se metendo.

— Jesus! — Louise sentiu-se tonta. — Mãe, precisamos tomar providências. Olha, falarei com Olavo. Contrataremos seguranças para ficarem com vocês em todos os lugares. E também avisaremos à polícia.

— Eu tinha certeza que era por sua culpa. Até mesmo longe você nos dá problemas.

— Mãe, eu posso explicar...

— Eu não quero ouvir. Vim para cá por duas coisas: para dizer que por sua causa seu pai não será promovido na igreja, temos de fugir desses homens que nos perseguem.

— Mãe, escute.

— Cale-se e não me interrompa. O nosso maior sonho, o que sempre esperamos... Pensávamos que um dia seu pai seria pastor, mas você estragou tudo. Teremos de ir embora da cidade como criminosos foragidos. Seu pai não merecia essa vergonha.

PERIGOSAS ACHERON

Louise estava tremendo.

— E o segundo motivo pelo qual estou aqui é para evitar que você continue nos envergonhando.

— Não estou entendendo, mãe.

— Estou aqui para dizer ao seu noivo que você é a prostituta que ele conheceu em um bar. Meu Deus! — Josélia olhou para o teto. — Um bar! Você frequentava um bar. Que vergonha, Jesus querido!

Duas lágrimas quentes correram pelo rosto de Louise, que ficou muda.

— Quero evitar que você desgrace a vida desse homem também. Só mesmo você, Louise, para se casar com alguém escondendo algo tão grave. Você é uma decepção, é capaz de tudo por dinheiro.

— Eu amo Olavo, mãe.

— Ama? É claro. Até eu amaria, considerando a conta bancária dele.

— Você não conhece a nossa história, mãe. Não planejei nada. Simplesmente nos apaixonamos.

— E você o engana. Não consigo nem imaginar o que faria se não o amasse... Bem, estou indo. Direi tudo a ele e então irei embora. Só assim terei paz – ela se dirigiu para a porta.

Louise parecia colada ao chão. Não conseguia acreditar que a mãe fora até sua casa com a intenção de destruir sua vida. Sim, o que a mãe queria era uma vingança e não paz. Quando a mãe saiu, batendo a porta, ela finalmente conseguiu correr.

— Mãe! – chamou no corredor. — Por favor, mãe, não faça isso – Louise se ajoelhou diante da mãe, chorando. — Eu não sei por que você tem tanta raiva de mim, mas eu imploro que não faça isso. Eu mesma falarei com Olavo.

— Quando? Nas suas bodas de prata? Nada disso. Eu, como sua mãe, tenho obrigação de impedir que cometa mais esse erro.

— Mãe, por favor! – Louise se levantou. — Não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estrague os meus sonhos.

— Com os meus ninguém nunca se importou —
Josélia falou, amargurada.

— Com o que sonhava, mãe? Por Deus, com o
que sonha? Nunca compartilhou com ninguém...

— Louise! — Estela chamou da porta do
apartamento.

Louise limpou o rosto com a mão e voltou-se
para a secretária.

— Seu irmão está no telefone. Disse que precisa
falar urgente com sua mãe.

— Meu Deus! — exclamou Louise.

Josélia correu para o apartamento, preocupada
com os filhos em Rio Bonito.

— Saia da frente — gritou, empurrando Estela.

— Alô! Luis, o que houve? Vocês estão bem?
Onde está Gabi?

— Mãe, venha já para casa — Luis parecia
cansado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que aconteceu? Fale pelo amor de Deus.

— Aquele homem, o tal Sidney... Ele está aqui dizendo que tem uma ordem judicial para fazer um exame de DNA de Gabi.

— De Gabi? Como assim?

Louise chorava, aflita, temendo pela irmã.

Luis continuou:

— Eu não sei. Ele disse que tem quase certeza de que Gabi é a filha dele que foi roubada da capital.

Josélia desligou o telefone e caiu sentada no sofá, zozza.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

Josélia, após pedir que Luis e Gabi saíssem, ouvia atentamente o que Sidney lhe contava sobre seu passado. No começo se irritara, mas com a

PERIGOSAS ACHERON

calma e elegância do homem, ela se dispôs a ouvir.

— Trabalhei com seu marido na capital, anos atrás, em uma construtora, a senhora deve se lembrar. Eu tinha acabado de me casar, e minha ex-esposa teve um caso com seu marido — dissera Sidney.

Diante da dúvida de Josélia, ele explicou que sua noiva pedira um tempo para descansar antes do casamento e que ficara na casa de amigos, em Rio Bonito. Foi quando ela e Antônio se aproximaram. Segundo ele, ela própria o apresentara para trabalhar com o futuro marido na construtora, na capital, e tiveram o caso quando eles já estavam casados. Quando ele descobriu a traição, pediu o cancelamento do casamento e se afastou completamente, mudando de cidade.

— Há apenas três anos eu soube que Maria teve um bebê — ele falou. — Gabi só pode ser filha dela porque o segundo nome de Maria era Gabriele. Ela

PERIGOSAS ACHERON

morreu no parto de Gabi.

A palavras de Sidney caíram feito uma bomba nos ouvidos e no coração de Josélia. Lembrava-se perfeitamente de Maria e de como a perseguira na igreja. Até a fizera sair da cidade, porque desconfiava que a moça andasse se oferecendo ao seu marido. Relembrou que tiveram uma discussão e que, na ira, dera um tapa no rosto da jovem Maria e ela prometera se vingar. Lembrava também que logo depois disso o marido fora trabalhar na capital, voltando de vez em quando para casa para rever a família.

Antônio chegou e o susto fez com que tentasse expulsar o homem de sua casa, mas Josélia, com a voz grave e totalmente gélida, exigiu saber a verdade.

— Meu amor, nós fomos juntos buscar Gabi! Ela é nossa filha — Antônio ainda quis desconversar.

— Não foi isso que perguntei. O que este homem diz é verdade ou não?

Antônio olhou para Sidney, constrangido. Era melhor assumir e acabar logo com aquilo.

— Sim. Mas eu posso explicar...

— Não quero explicação. Quero que assuma e pronto!

Cabisbaixo, ele assumiu.

— Está certo... Gabi é minha filha – falou, sem poder olhar para a esposa. — Tudo o que Sidney diz é verdade. Eu estava longe de casa e aconteceu... Eu confirmei após o nascimento de Gabi com um exame de DNA. É minha filha e de Maria Gabriele. Mas se for para tirar qualquer dúvida sua – ele falou para Sidney –, farei o exame novamente. Por favor, me perdoe! – ele se dirigiu à esposa.

Josélia entrou no quarto depois da saída de Sidney e abriu o guarda-roupa, retirando dele todas

PERIGOSAS ACHERON

as roupas do marido. Estava séria e ágil. As palavras de Sidney martelavam em seus ouvidos e mente, angustiando-a.

— Eu odeio você, Antônio – falou com voz fria e ainda mais grave que o habitual quando retornou à sala. — Você me humilhou, trouxe a filha da sua amante para dentro da minha casa e ainda deu a ela o nome da perdida. Eu nunca o perdorei – jogou as roupas dele no chão. — E não quero a filha daquela sem vergonha aqui em casa. É um direito meu.

Gabi chorava sentada no sofá. Ouvira toda a conversa, junto com Luis, noutro cômodo.

— Nunca mais quero ver vocês aqui na minha casa. Sumam daqui. Prefiro viver sozinha a ter a companhia de um bando de traidores.

— Não irei! – Antônio se sentou ao lado de Gabi. — E mesmo que eu vá, Gabi irá ficar. Esta casa é muito mais dela do que minha.

Josélia saiu de novo da sala e retornou trazendo

PERIGOSAS ACHERON

álcool.

— Vá agora ou irei botar fogo nas suas coisas aqui mesmo na sala e você vai ver como ficará a casa de Gabi. Vão os dois, agora! Saiam!

Antônio se levantou lentamente, pegou a mão de Gabi e foram até a porta. De lá olhou para a esposa.

— Gabi não tem culpa, deixe ela ficar.

A adolescente chorava e Luis se colocou ao lado dela.

— Eu não tenho filha — Josélia falou, desgostosa, o olhar perdido no vazio. — Tive duas decepções em vez de filhas.

Josélia deu as costas aos três e se refugiou no quarto.

Capítulo 26

Bianca chegou ao prédio de Louise na hora do almoço de sexta-feira. Ela falava com Patrícia ao celular, repassando as últimas instruções para o plano da tia.

— Seu pai acreditou que você quer pedir perdão a Louise?

— Sim. E ele disse que é o certo a se fazer, que se eu guardar rancor de alguém, um espírito mau pode me aprisionar nesse sentimento. Não entendi nada.

— Seu pai está louco. Espíritos maus não existem!

— Também acho que não. Mas vou fingir para ele ficar feliz. Depois pensamos em alguma coisa para separar os dois antes que se casem.

— Deixa comigo, querida. Me avise quando sair da casa da bruxa.

— Oi, Bianca! – Estela a recebeu. — Louise está no telefone, conversando com uma amiga que reencontrou, e logo vem atender você. Fique à vontade. Volto logo também.

— Obrigada – respondeu a adolescente.

Bianca esperou sentada na sala. Incomodada com a demora, levantou-se e começou a andar pelo apartamento. Parou diante da porta do quarto de Louise quando ouviu o que a noiva do pai falava com Mirela ao telefone. Chocada, ouviu o que pôde da conversa e correu para casa.

Quando Louise encerrou a ligação, procurou por Bianca, mas ela já tinha deixado o apartamento.

— Por que quer tanto saber quem é Luíza? – Olavo estava no escritório, em sua casa, e Bianca

PERIGOSAS ACHERON

estava sentada à sua frente.

— Porque quero.

— É uma moça que eu conheci muito rapidamente e que certamente nunca mais verei. E foi uma providência de Deus ou eu teria sucumbido à morte da sua mãe.

— Pai, eu sei quem é Luíza.

— Sabe? Como assim? Você a conheceu? Bianca, eu já disse para não falar com estranhos.

— Eu não falei com estranhos. Pai, todo mundo conhece Luíza porque o nome dela agora é Louise – Bianca falou com satisfação.

Olavo olhou sério para a filha e depois gargalhou.

— Devo admitir que você está ficando muito criativa, minha filha. De onde tirou isso?

— Pai, eu ouvi uma conversa de Louise agora na casa dela. Ela disse que era uma garota de programa e que, mesmo assim, falou de Deus para

você, meses atrás.

A expressão no rosto de Olavo mudou de tranquilo e sorridente para chocado.

— Bianca, tem certeza do que está falando?

— Sim, ela estava falando com uma tal de Mirela no telefone e dizendo que talvez você não a perdoasse, falou que precisava de dinheiro para sair de uma casa onde um homem a mantinha presa e que conseguiu com você. Bem, daí eu não ouvi mais...

— Bianca, me deixe sozinho, por favor, filha — Olavo sentia as mãos suando frio.

Ao ficar sozinho, recostou-se na poltrona macia e um filme começou a passar em sua mente, enquanto o coração acelerava e uma angústia crescia dentro do peito. Depois de algum tempo, deu um soco na mesa.

— Não! — exclamou. — Claro, claro, claro! Que idiota eu fui! — falava sozinho. — Só podia ser ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

A semelhança, a voz, o medo de ficar comigo, a raiva que sentiu quando usei o termo *prostituta*... Estava tudo na minha cara e eu não quis ver.

— Pai, tudo bem? – Bianca apareceu na porta.

— Eu estou bem, filha. Fique com seu irmão. Preciso sair imediatamente. Sejam adultos e não briguem. Pretendo voltar logo.

— Ele vai terminar com Louise – Bianca provocou o irmão assim que ficou sozinha com ele.

— Não vai, não.

— Vai sim. Ela mentiu para ele. Papai odeia gente mentirosa.

Dalila bateu na porta do quarto de Alessandro. Leonel estava descansando antes de retornar ao trabalho. Ele abriu a porta e ficou parado, olhando para a mulher que tinha os olhos cheios de lágrimas. — Estou pronta – ela falou baixinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pronta? Para quê? – ele perguntou, temendo que a esposa o estivesse deixando.

— Para perdoá-lo de verdade.

— Mesmo? – ele estava surpreso.

— Sim... – ela chorou. — Eu te amo e te perdoo. Aconteça o que acontecer, Alessandro volte ou não, você é meu marido e devemos ficar juntos, clamando pelo nosso menino. Nunca seremos abençoados se ficarmos brigados. Deus não pode agir na desunião, Ele não se agrada disso. Preciso que você também me perdoe.

Leonel abraçou a esposa e a beijou nos lábios.

— Meu amor, me perdoe por tudo, fui tão tolo em mandar Alessandro sair de casa.

— Vamos confiar em Deus, querido – ela também o beijava.

— Eu te amo, eu te amo – ele a abraçava com força.

Ficaram um tempo abraçados e trocando juras

PERIGOSAS ACHERON

de amor, ainda chorando e sonhando com o retorno do filho.

— O que acha de irmos para o nosso quarto? — Leonel perguntou, depois de alguns minutos.

— Raquel está lá embaixo. Acabou de chegar.

— Não tem problema. Somos casados e ela é educada.

— E seu trabalho? Vai perder a hora.

— Sou o gerente e nunca me atrasei. Agora tenho um ótimo motivo.

— Será? — Dalila sorriu para o marido.

— Claro. Fique tranquila, eu ligo uma música. Raquel entenderá na hora.

Seguiram para o quarto de mãos dadas. Leonel abriu a porta e deixou a esposa entrar primeiro. Antes dele mesmo entrar, olhou para a porta do quarto do filho com esperança, então sorriu para a esposa, entrou e trancou a porta. Menos de meio minuto depois, ouviu-se o som de uma canção

romântica internacional.

— Não estou entendendo, Olavo – Louise estava preocupada com o noivo, que parecia meio fora de si.

— É simples, quero apenas que me diga seu verdadeiro nome.

Estela saiu discretamente da sala.

— Meu amor, não estou entendendo... Me chamo Louise, você tem visto meus documentos, meus contratos...

— E quem é Luíza? – Olavo perguntou e esperou.

O calafrio que Louise sempre tinha ao pensar em revelar-se para Olavo veio mais forte desta vez, fazendo gelar seu corpo por completo, como se fosse morrer. Estava tão feliz por ter reencontrado Mirela e com a possibilidade da amiga ajudá-la a

revelar-se, que não ligou as perguntas de Olavo a sua própria história.

— Vamos, diga, estou esperando. Quem é Luíza? É você?

— Olavo, de onde tirou isso? Como...?

— Bianca ouviu sua conversa com uma tal Mirela ao telefone. Não negue, Louise. Seria muita coincidência uma Luíza e uma Mirela juntas e não serem as prost... Você sabe o que quero dizer.

— Me perdoe, Olavo. Por favor... Estou com tantos problemas...

— Por que, Louise? Por que escondeu isso de mim?

— Eu não escondi. Você me fez esconder – Louise confessou, chorando. — Disse que se *ela* aparecesse não iria querer saber dela por perto. E nunca pensei que fôssemos nos apaixonar.

— Nunca pensou? Que conversa mole é essa, Louise? Deu um jeito de vir atrás de mim...

Planejou tudo.

— Não é verdade, Olavo. Você me disse que morava na capital. Eu estava seguindo com minha vida quando nos reencontramos aqui. Pense um pouco...

— E você aproveitou para me enganar. Claro, eu estava fragilizado, e como você teve coragem de terminar o noivado com um cara legal como Esdras, eu pensei, “não, realmente ela me ama, Deus a enviou para mim”, que idiota eu fui, não?

— Você não foi idiota. Mas eu bem que tentei ir embora e você correu atrás de mim, se declarando, me pedindo em namoro... Eu já o amava, não teria como negar. E quer saber do que mais? Eu ainda penso que foi Deus quem nos uniu naquele dia e depois de novo. Espere um momento.

Louise sumiu no corredor e voltou um minuto depois com um grande pacote nas mãos. Abriu o pacote no chão e perguntou:

— Lembra-se disso? Lembra do vestido que deixou para mim antes de partir do hotel? E do sapato, lembra?

Olavo balançou a cabeça em afirmativa.

— Está tudo aqui. Até o anel.

— O anel... não era para você – Olavo falou baixinho, ele tinha uma expressão de desgosto na face.

— O quê?

— Era para Beatriz. Deixei para você porque percebi que ela não mais teria tempo de usá-lo.

— Sei disso. Pois bem, está tudo aí.

— Isso não muda nada, não estou pedindo que me devolva. Foram presentes e eu dei de coração.

— E eu sou muito grata por cada um deles. Principalmente pelo dinheiro. Você me salvou de Giovani, daquela vida... Com aquele dinheiro, comprei... *Você* comprou minha liberdade. Se estivéssemos nos tempos bíblicos, eu pertenceria a PERIGOSAS ACHERON

você até morrer. Mas meu coração pertence a você, ele é seu e quero que seja assim até que eu morra.

Olavo olhou dentro dos olhos dela e tentou evitar uma lágrima, mas ela se desprende do seu olho revelando sua frustração.

— Podia ter me dito a verdade, Louise. Seria tudo mais fácil. Agora Bianca sabe do seu passado e, do jeito que ela está brava com você, não sei o que será.

— Eu amo você e amo também os seus filhos, Olavo. Estou disposta a enfrentar tudo por você e com você. Meu erro foi o medo de ser rejeitada, você praticamente disse que era isso que iria acontecer se encontrasse... se *me* encontrasse. Mas desde o hotel eu disse a verdade. Estava sendo obrigada a me prostituir – as lágrimas banhavam o rosto da modelo, e ela soluçou. — Deus teve dó e me relacionei com um único homem por dinheiro. Na primeira vez que saí para talvez encontrar

PERIGOSAS ACHERON

alguém, você estava lá... Fugi naquele mesmo dia e o resto você já sabe.

Olavo deu as costas para ela, foi até a janela e ficou olhando a chuva que diminuía.

— Você me deixou mais isso junto com os presentes – ela entregou para o noivo um pequeno bilhete que ele escrevera no hotel.

Olavo pegou o papel e leu sua própria letra:

“São para você, o anel também. Ele seria para minha esposa, mas duvido que ela teria tempo de usá-lo. Espero realmente que logo se livre de Giovani.

Beijos”,

Olavo.

Ele chorou olhando ainda para fora. Lembrou de tudo o que viveram no hotel, das confissões, dos

PERIGOSAS ACHERON

abraços, de Louise rolando feito criança sobre a cama, de como ela falou de Deus e do beijo que desencadeou a paixão. Lembrou do quanto pensara nela antes de reencontrá-la e que não entendia o porquê de Louise parecer completar sua vida. *Eu amo essa mulher muito mais do que eu imaginava* – concluiu e limpou o rosto, voltando-se para a noiva.

— Eu te amo muito, Louise.

Ela recomeçou a chorar, ansiosa para que o amado a perdoasse.

— Mas também amo meus filhos e quero protegê-los o máximo que puder. Não sei como seria tê-la conosco com Bianca sabendo do seu passado. Também não sei como viverei daqui em diante. Só sei que não podemos continuar. Eu sinto muito – ele foi até a porta.

Louise correu e o abraçou.

— Olavo, não vá! Eu te amo!

— Também a amo – ele a beijou na cabeça,

PERIGOSAS NACIONAIS

limpou o rosto e foi embora.

— Olavo! Olavo! — Louise ainda o chamou no corredor.

Estela apareceu e levou a patroa para dentro.

— Vou fazer um chá para você ficar calma — falou ao deixar Louise na cama. — Amanhã terá de fotografar, precisará estar com o rostinho em dia.

— Acha mesmo que terei condições de trabalhar amanhã, Estela? Jamais! Estou vazia, Olavo levou meu coração, minha felicidade... Posso ter um emprego que amo, fama, sucesso e dinheiro, mas sem ele... não dá! Acabou — ela chorou, afundando o rosto em um travesseiro.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 27

Louise cancelou os compromissos profissionais que teria no dia seguinte e de manhã mandou Estela buscar Gabi e Luis na rodoviária. Quando eles chegaram, abraçaram-se os três, muito emocionados.

— Não quis ficar em Rio Bonito – falou Luis.
— Todos na cidade nos olham como se nos julgassem. Papai alugou um quarto e mamãe não sai de casa. Está envergonhada, a vizinhança toda viu quando ela expulsou papai, que se recusava a sair, ela jogou as roupas dele todas na rua. Foi humilhante ver papai catando as peças.

— E mamãe me expulsou junto com ele – Gabi falou, tristemente.

— Não quero que fiquem assim, cabisbaixos. As coisas por aqui também não estão bem – Louise

contou como e porque Olavo rompera o noivado.

— Que imbecil ele foi! Duvido que vá encontrar alguém que o ame mais do que você — Luis ficou indignado.

— E Bianca bem que merece um puxão de cabelo — Gabi abraçou a irmã. — Ela que não apareça na minha frente.

— Obrigada, Gabi — Louise conseguiu sorrir. — Sei que pensa assim porque somos irmãs e compraríamos a briga uma da outra, mas de nada adiantaria brigar com Bianca nem com ninguém.

— Mas Olavo bem que merece ouvir umas verdades — Luis se sentou ao lado das irmãs no sofá.

— Também não, Luis. Vejam o exemplo de mamãe: queria controlar tudo e todos e agora está triste e sozinha. Deus a ajude, mas mamãe repelia todo mundo, ninguém, nenhum amigo que tínhamos era suficientemente bom para ela. Nos

últimos anos, nem eu mesma servia mais para fazer parte da família *perfeita* dela. Mamãe julgava a todos. E a pessoa em quem ela depositava toda sua confiança foi quem a traiu de verdade.

— E ainda sobrou pra mim – Gabi reclamou.

— Para mim também. Perdi minha namorada. Ela disse que me ama e que só terminou comigo porque os pais não a querem em uma família com o nosso histórico.

— Ela também é uma tremenda boba, Luis, mas é melhor que ela obedeça aos pais.

Após servir café para os irmãos, Louise os levou para conhecerem a cidade. Passariam na casa de Dalila e depois seguiriam para o centro, mas Louise sabia que deveria evitar o parque, certamente Olavo estaria lá com os filhos.

— O que querem, sorvete, suco ou um lanche completo?

— Quer nos matar, Louise? Tomamos um café

de rei agorinha mesmo em sua casa – Luis levou a mão ao estômago. — Nunca comi tanto. E só coisas boas, hein!

— É verdade. Mas daqui a pouco não vou rejeitar um belo sorvete – completou Gabi.

— Então vamos comprar roupas e sapatos, nada melhor que isso para curar feridas e dor de cotovelo.

— Só você mesmo, Louise, para ainda conseguir fazer graça com tudo o que está vivendo. Por isso que nós amamos você, é uma guerreira – Luis deu os braços para as irmãs. — Mas não vamos comprar nada, vamos apenas curtir o tempo juntos.

A cidade estava bastante movimentada, porque muita gente saía às ruas para fazer as compras de Natal. Embora o céu nublado mudasse um pouco o clima de início de dezembro, era época de festas; pelo menos para as famílias normais.

Na praça, algumas pessoas começaram a se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximar dos três irmãos. Estavam curiosos e queriam ver a modelo famosa de perto, também queriam saber quem era o belo rapaz que a acompanhava e a adolescente que seguia orgulhosa ao seu lado.

— Estão todos olhando para você, mana – Gabi falou, divertindo-se com a situação. — Lá em Rio Bonito todos falam comigo agora. Sei que é por sua causa e acho o máximo ter uma irmã famosa.

— Bobagem, fama não é tudo, Gabi.

— Mas é legal, não é?

— Abre portas, entende? Mas não é tudo e tem seu preço. Vai ver que onde formos comer ou comprar qualquer coisa, alguém sempre vai dizer que não preciso pagar, que sou ilustre e que é um prazer me receber. No mínimo a pessoa está querendo que eu faça propaganda dos seus serviços, sem cobrar, óbvio; e eu faria, desde que a pessoa pedisse, claro.

PERIGOSAS ACHERON

Uma adolescente se aproximou dos três e pediu para tirar uma foto com Louise. Ela atendeu imediatamente e Luis fotografou. Era o que faltava para os outros curiosos também se aproximarem pedindo autógrafos e tirando fotos. Em poucos minutos, havia alvoroço na praça. Pessoas da cidade e outras de fora queriam ver Louise de perto e, mesmo as que já a conheciam, queriam fotografá-la. Ela distribuía sorrisos e atenções, e Luis resolveu ficar por perto, para certificar-se de que ninguém ultrapassaria os limites.

Olavo e os filhos seguiam para o parque, como faziam todos os sábados, e a aglomeração de pessoas na praça lhes chamou a atenção. Curiosos, Bianca e Ariel saltaram do carro e seguiram para a multidão caminhando rápido. — É ela! — exclamou

PERIGOSAS ACHERON

chocada ao ver Louise.

— Louise! — Ariel chamou.

— Oi, Ariel! — Louise teve um susto ao vê-lo, acenou para o menino e quis fugir dali antes que Olavo aparecesse.

— Vamos embora, Ariel. Não acredito que todos estes bobos estão aqui por causa de Louise.

— O que é? — Olavo chegou quando Ariel insistia com a irmã que queria ficar um pouco mais.

— É ela, pai.

Olavo chegou ao centro da aglomeração e, quando viu Louise, sentiu suas pernas paralisarem. Seus olhares se cruzaram e ele se esforçou para sorrir, mas não conseguiu. Ouviu a filha chamando e só então conseguiu se mover. Quando viu Luis próximo à irmã, cumprimentou com um aceno de cabeça e afastou-se. — Vamos, crianças.

— Só queria ver se toda aquela gente estaria ali paparicando a modelo se soubesse que ela fazia

programa – falou Bianca, voltando para o carro do pai.

— Bianca, pode parar por aí!!! – Olavo a repreendeu e olhou para Ariel. O menino ainda olhava para a praça. — Nunca mais repita isso, Bianca. Já expliquei tudo a você sobre esse assunto. Mais uma gracinha sua e ficará de castigo e não verá sequer a rua nem no dia do Natal.

Seguiram para o parque e Olavo resistiu ao desejo de voltar para casa, não tinha a menor vontade de sair, de estar em público, porém, entendia que precisava distrair-se e no parque teria alguma chance para isso.

Na manhã de segunda-feira, como tinham combinado, Louise foi com Estela até a rodoviária para buscar Mirela. Por recomendação da

PERIGOSAS ACHERON

assistente, Louise não saiu do táxi, para evitar novo alvoroço. Assim que avistou a amiga caminhando ao lado de Estela, Louise desmoronou em lágrimas. Tantas lembranças, tantas lutas...! Era quase que inacreditável que estivesse bem e vendo Mirela e o filho caminhando em sua direção, juntos.

Mirela deu um gritinho como uma criança feliz assim que abriu a porta do táxi e viu a amiga. Entrou rapidamente após colocar o filho sentado. Olhou emocionada para a modelo.

— Você está linda, Louise! — Mirela exclamou. — Que bobagem eu estou falando. Você sempre foi linda. Deixe-me abraçá-la de novo — Mirela apresentou o filho Enzo para a amiga. Era um menino de menos de três anos e parecia assustado com a euforia dentro do carro.

— Vamos tomar café enquanto você termina de me contar tudo o que começou a contar ao telefone, Mirela — Louise falou já em casa. — Quero saber

PERIGOSAS ACHERON

como foi que conseguiu seu filho de volta.

— Foi tudo por Deus, Louise.

— Como assim?

— O tempo que você passou na *casa*, aquilo foi tudo por Deus.

— Deixa eu me sentar e então você poderá explicar como chegou a essa conclusão.

— Não disse ao telefone porque queria fazer surpresa: então, tudo mudou em minha vida, Louise, assim como na sua.

— Verdade? – Louise se admirou, emocionada.

— Verdade, querida. E isso é só o começo. Vamos lá – Mirela respirou fundo. — Depois daquele dia da sua fuga, Giovani disse que me mataria. Eu fiquei quase louca, é claro. Sabia que ele mesmo não faria, mas poderia mandar alguém, e eu queria ver meu filho pelo menos mais uma vez antes de morrer. Então falei com Deus. Disse que se Ele me ajudasse, eu deixaria aquela vida,

PERIGOSAS ACHERON

cuidaria do meu filho e procuraria um meio de viver para Ele, mas eu queria que tudo fosse transformado em minha vida, na vida do meu filho e na vida de Giovani. Eu sempre amei aquele homem e Enzo é filho dele.

Louise abriu a boca, perplexa.

— Naquela mesma semana, Giovani permitiu que eu visse meu filho. Agradei tanto a Deus — Mirela se emocionou. — Tinha tanto medo que Enzo se esquecesse de mim, que me rejeitasse... Mas tudo começou a mudar porque Giovani e Dominique se desentenderam e brigaram, chegando a lutar. Giovani parou no hospital e a *casa* ficou abandonada, porque a polícia estava atrás de Dominique, ainda está, e não sabemos por onde ele anda. Depois de um tempo em recuperação, porque Dominique esfaqueou Giovani, ele voltou na *casa* e muitas garotas ainda moravam lá, não tinham para onde ir. No tempo em que ele ficou no hospital,

PERIGOSAS ACHERON

falei muito de Deus para ele e falei também sobre você. Voltamos àquela *casa* e ele pediu perdão às garotas, colocou o imóvel à venda e, quando o dinheiro entrou, deu uma pequena quantia para cada uma delas e disse estar muito arrependido.

— Jesus! — Louise exclamou, chocada. —
Giovani fez tudo isso?

— Graças a Deus! E o melhor de tudo eu vou contar agora.

Louise se ajeitou na cadeira e apoiou os cotovelos na mesa.

— Giovani se declarou apaixonado por mim.

— Sério?! — Louise colocou as mãos sobre a boca. — Mirela, conte mais!

Mirela riu alto.

— Ele disse que sempre me amou e que algo ruim o fazia agir daquela forma. Ainda relutante, ele decidiu ir à igreja comigo e recebemos uma oração reconfortante do reverendo. A partir daí,

tudo mudou em nossa vida, de verdade. Estamos muito felizes. Giovani abriu uma academia de luta e as coisas têm dado certo para nós...

Louise estava chorando.

— Eu disse que foi tudo só por Deus – Mirela secou o rosto com guardanapo e apertou a mão da amiga. — Deus usou você, durante aquele mês que convivemos, para me libertar e também a Giovani. Quando a vimos na televisão, tomamos um susto e choramos muito. Ficamos muito felizes por você ter conseguido e Giovani entende que precisa urgentemente do seu perdão.

Louise chorou ainda mais.

— Tive tanto medo de Giovani, quase nem acredito no que estou ouvindo. Só mesmo Deus para fazer isso – exclamou por fim.

Dalila terminava de aprontar o almoço,
PERIGOSAS ACHERON

cantarolando baixinho, quando a campainha tocou. Era o carteiro e ele lhe entregou um envelope amarelo que tinha o nome de Esdras como remetente. Ela apertou e sentiu um objeto dentro do envelope. Na cozinha, abriu o envelope e retirou dele uma fita de vídeo. Não entendeu. Esdras não mandaria aquilo para ela. Moravam na mesma cidade, no mesmo bairro, na mesma casa.

— Tem um papel branco dentro do envelope — falou Raquel.

— Verdade — Dalila abriu o papel que estava dobrado em dois e começou a chorar ao reconhecer a letra do filho. A carta dizia:

“Mãe, que saudade de vocês! Eu estou bem, na medida do possível. Tanta coisa tem acontecido e penso que logo estarei em casa. Esta fita que estou enviando deve ser entregue pela senhora ou pelo pai para a polícia. Ela prova a minha inocência.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não matei seu Aroldo, mãe. Eu não sou um assassino. Fugi porque todos pensaram que eu o havia matado e me matariam também. Entregue a fita somente nas mãos do delegado, por favor. Assim que a notícia sair no jornal e ninguém mais estiver querendo me ver morto, eu irei para casa. Obrigado, mãe. Espero vê-la em breve”.

Com amor, Alessandro.

Eufórica, Dalila telefonou para o marido e para Esdras, dizendo que os encontraria na delegacia. Entre sorrisos e lágrimas, deixou o almoço aos cuidados de Raquel e saiu, após olhar-se no espelho.

— Bom dia, sentem-se, por favor — o delegado apontou as cadeiras para Dalila e Leonel. Esdras os acompanhava. — O que têm para mim?

Dalila entregou a fita ao homem e, meio sem entender, ele a colocou no aparelho para assistir.

PERIGOSAS ACHERON

O vídeo mostrava o mercado de Aroldo e a rotina de um dia de trabalho. Quando Alessandro apareceu na filmagem, os pais choraram e deram-se as mãos. Viram o filho lutando com o patrão e saindo do estabelecimento após levar um soco no rosto. Aroldo permaneceu sozinho e, quando se preparava para fechar o mercado, foi surpreendido por um assaltante. O comerciante reagiu e o rapaz o esfaqueou, fugindo em seguida. Segundos depois, o rapaz reapareceu no vídeo, entrou no balcão do caixa e a gravação foi interrompida.

— Esse rapaz... — Esdras pediu que o delegado voltasse a fita e parasse na imagem do assassino. — Ele mesmo. É dele o corpo que foi encontrado no rio e que fomos ver se não era de Alessandro.

— Correto. Bem, parece que... Parece não. Seu filho é inocente. Pelo menos em relação à morte de seu Aroldo. Parabéns! — disse o delegado para os pais que se abraçavam. — Tentem falar com ele e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

avisem que estamos prontos para trazê-lo em segurança para casa — o delegado virou-se para Esdras. — Acho que agora entenderemos a morte desse rapaz, o assassino.

Ali mesmo, Dalila ligou para o celular de Alessandro e desta vez estava chamando. Quando ele atendeu e reconheceu a voz da mãe, chorou, e ela não conseguiu falar. Passou o telefone para o marido. — Alô, Alessandro?

— Sim, pai.

— Meu filho, diga onde você está e iremos buscá-lo. Já vimos o vídeo e fomos à polícia, você está livre. Virá conosco para sua casa.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28

Dalila e o esposo aguardavam ansiosos, em frente ao portão de casa, pelo carro da polícia que traria seu filho de volta. Quando avistaram a viatura do outro lado da praça, saíram correndo sem se importar com o tráfego agitado do meio da tarde. Ela chorava e sorria, quase sem acreditar que veria o filho são e salvo depois de tanto tempo separados.

De igual modo, Alessandro contava os segundos que o separavam dos pais. Olhava insistentemente para a rua a fim de vê-los ao longe. Quando, por fim, reconheceu os pais correndo, pediu que Esdras parasse o carro e, antes mesmo que o primo estacionasse, ele saltou da viatura e correu ao encontro dos dois.

— Pai! Mãe! — gritava extasiado. Sentia como se

estivesse correndo em câmera lenta, como nos filmes, e se esforçava para vencer os poucos metros que ainda existiam entre eles.

Dalila parou quando sentiu faltar o fôlego e o marido a guiou até a calçada.

— Filho! — ela exclamou quando Alessandro se aproximou. Ela o abraçou apertado, chorando, e por alguns segundos não conseguiu falar. Permitiu somente que as lágrimas de tristeza que ainda existiam se fossem e que a alegria do retorno do filho preenchesse seu ser. — Eu te amo, Alessandro — falou por fim.

— Me perdoe, mãe — Alessandro chorava ainda agarrado a ela. — Isso nunca mais irá acontecer.

— Obrigada, Deus! — ela exclamou, beijando o rosto branco e pouco barbado do jovem.

Leonel, que até então se mantivera apenas assistindo ao reencontro, secou as lágrimas e, quando o filho olhou sério para ele, não soube o

PERIGOSAS ACHERON

que pensar quanto à reconciliação. Teve medo que, a partir de então, Alessandro apenas mantivesse com ele os diálogos necessários para uma convivência sem atritos, mas que no fundo guardasse rancor, culpando-o pelo que sofrera.

Na praça, um bom número de pessoas já tinha se aglomerado para assistir ao retorno do jovem mais comentado dos últimos meses. Olhavam emocionados para os três e muitos se arrependiam por ter julgado a família culpada pelo mau comportamento do filho.

— Pai? — Alessandro chamou e Leonel esperou.
— Não vai me dar um abraço? — ele sorriu para o pai.

Leonel sentiu o coração leve imediatamente e não respondeu. Correu para o filho e o abraçou, pedindo perdão em soluços.

— Eu te amo, pai — o jovem respondeu e se abraçaram mais uma vez.

Esdras chorou fechando a porta da viatura. Estava tão feliz que não se importava em derramar lágrimas, mesmo fardado. Juntou-se aos três, abraçando-os.

A pequena multidão que assistia à cena aplaudiu.

Do portão da casa de Dalila, Raquel telefonava para Taís.

— Oi, Taís.

— Oi, Raquel! Tudo bem?

— Sim, estou bem. E você?

— Estou bem, obrigada.

— Então prepare-se para ficar ainda melhor.

— Por quê?

— Alessandro voltou.

As comemorações na casa de Dalila pelo retorno de Alessandro foram noite adentro. Uma festa com

PERIGOSAS ACHERON

direito a bolo e refrigerante foi organizada, e Leonel pediu perdão ao filho mais uma vez.

Fernando e Andréia, pais de Taís, finalmente conheceram o jovem por quem a filha dissera estar apaixonada e também se alegraram pela vitória daquele lar, mas Fernando reafirmou sua proibição em relação à filha e Alessandro.

Olavo chegou à festa quando já estava anoitecendo. Encontrou Louise na varanda.

— Tudo bem? – perguntou.

— Eu estou bem, obrigada. E você?

— Queria estar bem, mas não estou.

— Sabe que pode ficar bem. É só querer de verdade.

— E como vão os negócios? – ele desconversou.

— Muito bem. Vou assinar com um estilista de São Paulo. Ele é especializado em vestidos para festas e também vestidos de noiva. Quer fazer um catálogo inteiro comigo. Viajo depois do Natal e de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

São Paulo não volto para cá.

— Não?! – Olavo franziu o cenho e seu coração acelerou.

— Não. Vou tirar umas férias. E depois comprarei uma casa em São Paulo mesmo. Tenho muitos compromissos por lá.

— Okay. Boa sorte em tudo – Olavo deu as costas para ela e saiu.

— Olavo?

— Sim?

— Por que não recomeçamos? Sei que temos tudo para sermos felizes.

Ele chegou bem perto dela.

— Eu sou feliz, Louise. Só disse que não estou bem, mas sou feliz. E não se pode ter tudo.

— Mas eu deixaria tudo para estar com você – Louise sentiu lágrimas nos olhos.

— Eu também tinha uma escolha a fazer e já fiz. Com licença – ele saiu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Louise virou-se para que ninguém a visse chorar e Bianca estava atrás dela.

— Não sei o que disse para o meu pai, mas sei que ele não quer mais você – a adolescente tinha prazer em dizer aquilo. — Eu avisei, Louise, que ele nunca amaria você como amou a minha mãe. Nada separaria os dois. Só a morte mesmo. Mas agora que falo com mamãe na irmandade, sei que ela está esperando por ele na outra vida. Isto é, você nunca terá chance. Adeus.

Durante toda a festa de Alessandro, Louise ficou pensativa sobre o que Bianca dissera a respeito de estar falando com a mãe. Tentou conversar com Olavo antes de ir embora, mas ele estava animado com alguns amigos da igreja e ela desistiu. No caminho para casa, chorou e deu graças a Deus por estar sozinha naquela noite. Não queria que ninguém a visse naquele estado.

PERIGOSAS ACHERON

Alessandro finalmente conseguiu um instante a sós com Taís, num cantinho da varanda.

— Oi. Desde que chegou que quero falar com você.

— Oi, Alessandro. Você andou emagrecendo, hein!

— Só Deus sabe o que passei.

— Imagino.

— Senti tanto a sua falta — Taís desviou o olhar e ele continuou: — Teve momentos que pensei que não iria conseguir. Chorei muito, passei fome, frio e tive muita, mas muita vontade de beber mesmo. Queria esquecer de tudo e dormir dia e noite.

— Não me contou seus problemas com a bebida. Só me contou a parte boa.

— Tive vergonha, desculpe. Mas você foi o canal para que eu fosse curado do vício.

— Eu? De que jeito? — Taís se surpreendeu.

— Venha comigo.

Alessandro subiu três degraus da escada e chamou a todos os presentes para se reunirem na sala. Contou que, após a briga com o patrão, saiu do mercado, mas retornou quando deu falta de sua carteira e o encontrou ensanguentado. Deixou a carteira e fugiu, com medo de ser preso ou que a população o matasse. Foi de táxi até a saída da cidade, de lá correu muito até chegar a uma colônia ao pé da serra para outra cidade. Escondeu-se na mata por dias, tomando sempre o cuidado de permanecer próximo à estrada. Contou da fome, do frio, do medo, da saudade, e que encontrou uma casinha abandonada que lhe serviu de abrigo. Contou também que encontrou uma plantação de verduras e legumes e que era dali que se alimentava.

— Eu não estava mais suportando viver daquele jeito. Pensei em sair dali e me afundar na bebida...

Vocês sabem, por mais que você não tenha um tostão nos bolsos, quando é para beber o dinheiro aparece, ninguém sabe de onde. Quando pensei que realmente não iria mais conseguir, lembrei de um vídeo que estava em meu celular – ele pegou o aparelho do bolso da calça. — Era de Taís cantando “Segura na mão de Deus”, que eu gravei na chácara de Olavo – ele chorou ao relatar aquilo. — Deus me consolou através deste vídeo por dias e eu me arrependi de todos os meus erros. Eu assistia um pouco a cada dia para que a bateria aguentasse – ele olhou para Taís e sorriu tão feliz que tocou os presentes o fato de ele ser apaixonado por ela. — E a bateria só acabou quando eu estava curado. Curado da bebida e das minhas emoções. Graças a Deus. No dia que a bateria acabou, eu estava orando, à noite, quando Deus me visitou. Uma Presença tão forte e gloriosa invadiu aquele lugar onde eu me abrigava e ouvi nitidamente a voz que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me dizia: “O tempo de sofrer acabou. Você está curado, é tempo de cantar”. Eu caí por terra e só podia fazer uma coisa: adorar, porque tinha, enfim, compreendido o significado dessa palavra. Aí, faltava mais um milagre – Alessandro continuou: — Isto é, provar minha inocência. Um dia, colhendo tomates na horta, fui flagrado pelo dono e, depois de uma longa conversa, eu o convenci a me deixar trabalhar para ele. Fiquei na casa dele por muito tempo. Trabalhei na horta e também colhia, armazenava e cortava lenha para seu fogão econômico. E não foi fácil – ele mostrou as mãos calejadas. — Numa tarde, no rio, encontrei um rapaz. Ele estava faminto e eu o ajudei. Conversando, descobri que se chamava Lúcio e que ele também fugia. Ele havia roubado alguém e queria sair da cidade. Eu disse que Deus o amava e dei a ele meu colar dizendo para que tentasse vender e, ao sair da cidade, que saísse também

PERIGOSAS ACHERON

daquela vida, mas o cara disse que estava *ferrado* e que nem Deus poderia ajudá-lo. Ele disse que tentaria vender o colar, mas que iria depois que anoitecesse, então ele sumiu. Uns três dias depois, encontrei sua mochila nas pedras e nela estava a fita que eu assisti na casa onde estava morando. Fiquei chocado ao ver que ela me inocentava. Ele havia assaltado e assassinado seu Aroldo. Chorei, comovido pela morte do meu patrão, mas depois dei pulos de alegria. Os colonos acharam que eu estava louco — Alessandro riu e os presentes aplaudiram. — A parte triste foi que mamãe me disse que Lúcio foi encontrado morto no rio. Espero que tenha tido a chance de se arrepender.

Taís chorou muito durante a narrativa de Alessandro. Quando ela e os pais estavam saindo, ele perguntou quando a veria de novo.

— Qualquer dia destes, na igreja. Mas, Alessandro, não quero que se iluda. Não seremos PERIGOSAS ACHERON

nada além de conhecidos da igreja. Boa noite.

A noite de Natal foi triste para Josélia. Ela ficou em casa sozinha e chorou até adormecer.

Luis passou o dia com amigos e, à noite, participou da celebração na igreja. Telefonou para as irmãs em Aurora, mandou abraços para todos, incluindo Raquel. A moça sorriu feliz quando Louise entregou o recado do irmão para ela.

Olavo recebeu os pais e os irmãos, contudo não houve comemorações como nos outros anos. Sentia saudade de Louise e temia que depois do Natal ela realmente fosse para São Paulo e nunca mais voltasse. Recebeu um *e-mail* dela desejando boas festas e trancou-se no escritório relendo o recado de apenas uma linha um milhão de vezes. Resistiu ferozmente ao ímpeto de ir à casa dela e acabar com aquele sofrimento, contentando-se em olhar

para uma foto da ex-noiva até estar caindo de sono.

Para Louise, o Natal não foi melhor do que o de Olavo. Porém, mesmo sofrendo, esperava ansiosa pelo retorno de Mirela, que desta vez viria com Giovani. Sabia que com eles esqueceria um pouco do sofrimento. Chorou de dia e chorou quando, sozinha na sacada, assistiu aos fogos, à meia-noite.

Na manhã seguinte, a amiga apareceu primeiro, com o filho. Giovani apareceu em seguida. Olhou-a por alguns segundos e um filme passou em sua mente. Apertou os lábios e seus olhos inundaram-se de lágrimas.

— Oi, Louise! — ele falou, expirando com força.

— Oi, Giovani — ela também estava comovida.

— Sabe, nunca pensei que fosse dizer isso algum dia — Louise sorria para ele depois de olharem-se longamente —, mas é um prazer vê-lo novamente, Giovani. Posso lhe dar um abraço?

O grandalhão sorriu e abriu os braços.

— Claro que pode, minha modelo preferida.

Louise o abraçou e chorou, lembrando que na última vez em que o vira, fugia dele desesperadamente.

— Preciso que me perdoe, Louise – ele pediu com lágrimas rolando pela face.

Era estranho ver um homem daquele tamanho e que já fora tão cruel, chorar, assim, na sua frente, mesmo sabendo que estava regenerado.

— Se Deus o perdoou, é claro que eu o perdoo. E permita-me dizer, Mirela, seu marido é um homem muito bonito, antes eu não conseguia ver isso, eu o odiava.

Mirela, que também chorava de alegria, sorriu feliz e beijou o marido.

Louise deu presentes para todos. Ganhara muito dinheiro nos dias que antecederam o Natal, por direitos de veiculação da sua imagem na televisão e em produtos. Raquel e Taís ficaram com ela por

PERIGOSAS ACHERON

pouco tempo naquele dia e logo voltaram para suas casas. Após o jantar, ela, Mirela e Giovani demoraram-se por alguns minutos, conversando na sala. Falaram das lutas de cada um, dos tempos da *casa* e principalmente da mudança em suas vidas. Quando falou de Olavo, como o conhecera e como o reencontrara, novamente todos se emocionaram.

Passava das duas horas da manhã quando se recolheram para dormir. Então, em seu quarto, Louise chorou de saudade mais uma vez. Saudade de Olavo. Não o via desde o dia da festa pelo retorno de Alessandro. No meio da noite, seu celular tocou e ela atendeu com o coração acelerado.

— Oi, Louise! – ela reconheceu a voz de Esdras.
— Desculpe ligar a essa hora, mas você passou tão apressada aqui em casa que nem tive oportunidade de lhe desejar feliz Natal.

— Desculpe, Esdras, fui grosseira. Mas passei aí
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

somente para abraçar sua família, eu estou com visitas... Estou com Mirela e o filho dela...

— Tudo bem. Não precisa se desculpar. Liguei para dizer que já a perdoei e que lhe desejo boas festas e tudo de bom sempre.

Louise sentiu a voz embargar e respirou devagar para se recompor.

Esdras continuou:

— Eu, é claro, não tinha o que perdoar, mas achava que sim. Agora estou bem. Conversamos qualquer dia desses. Apareça aqui, porque agora só consigo vê-la na televisão.

— Eu apareço, sim, Esdras. Feliz Natal!

Na manhã seguinte, Louise acordou com a notícia de que Bianca estava internada. Ficou preocupada, mas decidiu que não iria ao hospital e também não ligaria para saber como ela estava. Esperaria que Bianca tivesse alta e ligaria já de São Paulo.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela ficou estranha – contou Taís, mais tarde, quando visitou Louise. — Olavo chamou meu pai e ele entendeu que Bianca estava sendo atormentada. Depois, ela contou que estava se envolvendo com algum tipo de magia e tentando falar com a mãe. Disse que a tia Patrícia foi quem a levou a uma reunião espiritual e que lá disseram que ela poderia falar com a mãe, mas algo deu errado.

Louise ouvia totalmente chocada.

— Olavo telefonou imediatamente para Patrícia informando que foi à polícia e que conseguiu uma medida restritiva para que ela não volte a se aproximar de sua filha ou estará encarcerada – Taís continuou contando. — Ele soube, através da própria Bianca, que depois de saírem das reuniões que ela falava com a mãe, elas passavam horas em casas de amigos de Patrícia que bebiam, fumavam, e elas voltavam muito tarde para casa. Olavo prometeu denunciá-la à polícia caso tente se

PERIGOSAS ACHERON

aproximar de sua filha novamente.

A campainha tocou no apartamento de Louise já perto da hora do almoço.

— Olavo – Estela avisou-a.

Louise ajeitou os cabelos e perguntou aos amigos como estava. Todos responderam que estava linda e foram para os quartos.

— Oi! – ela abriu a porta e não sorriu, também não o convidou para entrar.

— Posso entrar?

Ela deu passagem a ele e perguntou por Bianca.

— Ela está bem agora, obrigado – Olavo a encarou e depois desviou os olhos, suspirando. — Vim somente para vê-la, antes que parta. As circunstâncias não permitem que fiquemos juntos... No entanto, quero que saiba que torço muito por você. Pode me dar um abraço?

Louise cruzou os braços, indignada.

— Não, Olavo, não posso. Aliás, não quero abraçar um homem como você, que tem medo de encarar um passado como o meu, mesmo sabendo das circunstâncias que me levaram a tudo aquilo, e que prefere perder todo o presente e até o futuro.

— Me preocupo com meus filhos.

— Não seja hipócrita! O que pensa de mim? Que vou dizer para que façam exatamente o que fiz? Que vou dizer a eles que é maravilhoso vender o corpo?

— Não! Eu te amo, Louise!

— Não, você não me ama! — ela respondeu, irritada.

— Eu te amo, mas... Devo estar maluco mesmo.

— Não, isso não é maluquice. Isso é fraqueza... Olha só, Olavo, eu mudei, amadureci. Tudo o que passei não me fez uma pessoa nova, sou a mesma pessoa, porém, muito melhor e mais forte. Não

tenho medo de mais nada e debaixo da mão de Deus vou seguir meu caminho. Vou te amar enquanto eu viver, porque meu sentimento é verdadeiro, mas não quero vê-lo nunca mais. Espero que você seja feliz – ela caminhou decidida até a porta e abriu-a. — Desejo melhoras a Bianca e abraçe Ariel por mim.

— Louise, não fique magoada comigo, não desista de mim. Quem sabe daqui um tempo...

— Viajarei amanhã, Olavo, e, sinceramente, não espero mais nada de você. Hoje à tarde estarei na casa de Dalila, será minha despedida. Se puder, leve Ariel e Bianca para que eu os veja mais uma vez antes de ir embora. Mas você nem precisa aparecer.

Olavo assentiu e se retirou, cabisbaixo.

Louise fechou a porta e encostou-se nela, totalmente infeliz. Foi amparada por Mirela, que a conduziu ao quarto e permaneceu com ela até que

PERIGOSAS NACIONAIS

seus soluços cessassem.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29

Na casa de Dalila, a alegria continuava desde a volta de Alessandro. Comida e bebida tinham em fartura e o clima era de verdadeira festa. Na varanda, nos fundos da casa, ainda cantaram músicas de Natal, estendendo a data maravilhosa. Alessandro tocava violão.

Depois do almoço, Leonel pediu licença para falar.

— Bem, todos sabem que Louise está nos deixando e amanhã, à esta hora, estará partindo para suas novas conquistas. É difícil dizer isso e vê-la ir embora depois de tudo o que vivemos juntos. Louise é muito mais do que ex-funcionária, mais que amiga, é como se fosse minha filha e de Dalila. Nós a amamos e Alessandro a tem como uma irmã.

Louise chorava abraçada com Dalila.

Leonel continuou:

— Você foi um presente de Deus para nós, Louise, pode acreditar, e as portas da nossa casa estarão sempre abertas para quando quiser nos visitar ou voltar a morar conosco, o que eu acho difícil de acontecer, porque agora você está acostumada ao luxo – ele brincou e a modelo sorriu entre lágrimas. — Você é linda, é uma bênção e nós todos a amamos. E quanto àquele assunto, minha filha – ela sabia que ele se referia a Olavo –, deixe nas mãos de Deus. Ele tem sempre o melhor para todos nós.

A campainha da casa tocou e Alessandro correu para atender. Voltou hesitante.

— É... Tem uma pessoa aqui... – Alessandro falou, olhando para Louise, e ela se aproximou dele querendo saber de quem se tratava.

— Quem é Alessandro? – Louise perguntou

quase sem voz. Seria Olavo?

— Disse que veio de longe e quer falar somente com você.

— Não! – Louise exclamou, assombrada com a ideia de que Dominique poderia tê-la encontrado e quisesse vingança. Suas pernas tremeram. — Esdras, deve ser ele. Preciso de sua ajuda.

Esdras imediatamente pegou o celular do bolso e discou para a delegacia, enquanto se dirigia para o interior da casa na intenção de buscar sua arma.

— Não se preocupe, Louise, se ele está aqui, vamos cercá-lo – Esdras começou a falar com alguém ao telefone, pedindo uma viatura.

— Vai mesmo chamar a polícia para mim?

Louise voltou-se e viu a mãe parada à sua frente.

— Mãe?! O que faz aqui? – ela fez sinal para que Esdras cancelasse a chamada.

— Não acho que seja necessário chamar a polícia, sou uma velha indefesa – Josélia usava

PERIGOSAS ACHERON

conjunto de saia e blusa bege e tinha o mesmo coque de sempre.

— Não, eu não sabia que era a senhora...

— E eu queria falar somente com você, mas...

— Mãe, veio me humilhar de novo? Por favor, chega! Olavo já sabe de tudo e...

— Cale-se, Louise. Você fala demais e agora chegou a minha vez de falar.

Todos ficaram apreensivos, principalmente os que conheciam um pouco da história de Louise com os pais.

Depois de breve hesitação, Josélia quebrou o silêncio que em segundos tomara conta do lugar.

— Você falou outro dia que não sabia por que eu tinha tanta raiva de você. Eu nunca tive raiva de você, Louise. Sou uma coitada e a verdade é que eu sempre tive inveja de você – revelou a mulher sem emoção no rosto. — Sim, falo para todos ouvirem: eu tinha inveja da minha própria filha.

— Mãe, pare! Não precisa fazer isso.

— Eu já disse para você se calar — Josélia fez uma pausa e continuou: — Sempre tive inveja de você, da sua beleza, do seu sorriso, do fato de ser mais jovem, é claro, e muito mais bonita do que eu, inveja do sucesso que sempre fazia por onde passava... Me incomodava ouvir as pessoas elogiando você, dizendo que devia ser uma modelo, me incomodava o fato de você sonhar em ser modelo e ainda dizer que, quando conseguisse, ajudaria a família. Eu não queria jamais ser sustentada por uma filha que... Bem, que eu culpava por ter estragado meus sonhos, porque eu, durante toda a minha juventude, sonhei em ser uma grande modelo, e a vida toda tenho sofrido por não ter conseguido.

Louise chorava e sentia pena da mãe.

— Sim, eu a culpava porque casei e engravidei de você sem me sentir pronta. Eu não tinha

liberdade na casa dos meus pais, pensei que me casando, sairia de Rio Bonito e teria chance de desfilar, fotografar... modelar, o termo que eu sempre gostei de usar; mas não, você veio e minha vida parou. Quando cresceu e se transformou na linda jovem que é hoje, eu queria morrer de tristeza, inveja mesmo. Eu a desprezava por ter que trabalhar para sustentá-la enquanto minha juventude e a pouca beleza que tinha iam embora como se o vento as levasse. Quanto ao seu irmão, ele não me oferecia nenhuma ameaça, já você, as crianças, os adolescentes, os jovens, os homens e até alguns idosos, os mais atiradinhos, falavam de você, queriam ver e ter você nem que fosse para admirá-la apenas. Deixei meu sonho para criá-la e nunca a perdoei por isso.

— Mãe, isso é passado.

— Mas eu precisava lhe dizer tudo isso. Precisava admitir que para mim era importante

PERIGOSAS ACHERON

impedir que seus sonhos se realizassem. Então, eu mesma a difamava quando a elogiavam perto de mim. De nada adiantou, e quando você teve coragem de abandonar sua casa e sua família para correr atrás do seu sonho, eu me senti a maior covarde da face da terra. Torci tanto para que desse tudo errado! Mas você ultrapassou os limites da minha inveja, do meu rancor, da casa onde a mantiveram presa, ultrapassou os limites do mundo da moda, se transformando no padrão de beleza para muitas mulheres no mundo... Nos últimos dias, tenho colhido tudo de ruim que plantei e estou aqui porque preciso desesperadamente do seu perdão — só então Josélia começou a chorar. — Eu preciso que me perdoe, Louise, para que Deus tenha misericórdia de mim e me tire da vergonha que tenho vivido — ela desceu os dois degraus da escada e abraçou a filha, chorando muito. — Sempre amei minha família, apesar de tudo, e quero reconstruí-la

com você.

— Eu perdoo você, mãe. Sempre estive pronta a perdoá-la. E como eu queria receber este abraço! Só Deus sabe o quanto.

— Minha filha, minha filha... Eu nunca conseguia dizer isso, mas na verdade, minha filha, apesar da minha inveja, eu sempre te amei!

Dalila abraçou Gabi e a beijou no rosto, dizendo que Deus estava agindo e realizando sonhos desde os mais antigos.

— Gabi — Josélia a chamou. — Venha cá, minha filha. Também preciso que me perdoe. Fui tão injusta com você... Mas eu te amo, e você é, sim, a minha filha. Nada nem ninguém poderá dizer o contrário.

Depois de abraçar as filhas mais uma vez, Josélia afastou-as e olhou Louise da cabeça aos pés. A jovem usava vestido azul-turquesa que marcava a cintura fina e o busto bem feito, nos pés uma

PERIGOSAS ACHERON

sandália prata deixava as unhas perfeitas à mostra. Os pequenos brincos brilhavam sob os cabelos glamorosos e a maquiagem destacava a beleza extraordinária, que atraía quem a olhasse apenas uma única vez. Josélia se convenceu de que sempre amara a filha, porque, além de ser bela e sonhadora, era humilde, prova disso era que sua presença exuberante nas passarelas e na mídia não a impediram de buscar pelo amor e por uma família feliz, e ainda vivia na pequena Aurora. Novamente emocionada, abraçou as duas e chorou, sentindo agora a alegria do perdão.

A família de Olavo estava preocupada. Ele não atendia telefonemas e não falava com ninguém dentro de casa. Desde que fora à casa de Louise e ela se recusara a permanecer em Aurora, na manhã daquele dia, ele deixara de sorrir. Os mais atentos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

repararam que ele já não era mais o mesmo desde que rompera o noivado.

— O que acontece com você, filho? — perguntou o pai de Olavo, depois de alguns minutos de silêncio ao lado dele, no escritório.

— Nada, pai.

— Sei que está assim por causa de Louise, mas não entendo, porque você mesmo havia dito que estava tudo terminado e que fora a melhor decisão.

— Eu menti, pai. Nunca foi a melhor decisão.

— Por que terminaram o noivado?

— Simplesmente acabou.

— Não acredito.

— Louise mentiu.

— Mas foi uma mentira tão grave assim?

— Para mim foi — a resposta não convenceu nem a si mesmo.

O pai de Olavo ficou em silêncio esperando que o filho falasse.

PERIGOSAS ACHERON

— Louise é a garota do hotel de quem tanto falei.

— Sim, e daí?

— Como e daí? Pai, você não está surpreso. Já sabia?

— Bianca nos contou. E quer saber? Se for verdade tudo o que Louise falou para você quando ainda era uma... Você sabe... Bem, então acho que você é um grande bobalhão por ter terminado o noivado com ela. Há quanto tempo Louise tem se mostrado mudada, completamente diferente de quando você a conheceu como Luíza?

Olavo balançou a cabeça concordando com o que o pai falava.

— Você diz que agora tem Deus no coração, que tudo se fez novo na sua vida... E eu acredito. Então Deus levou a mãe dos seus filhos, porque estava sofrendo, mas lhe deu um novo amor, uma mulher jovem e linda que cometeu um erro na vida, pelo

qual pagou um preço enorme e, agora, você, que repito, disse ter sido mudado para uma nova criatura, a rejeita quando o próprio Deus a perdoou? Não consigo entender.

— Eu só queria que ela tivesse confiado em mim, pai.

— Louise confiou em você, filho, quando aceitou seu convite para passar a noite ao seu lado em um quarto de hotel quando eram completamente estranhos. Lembre-se que ela não era uma prostituta, era uma garota assustada, como você mesmo a descreveu depois, uma vítima. Foi lá que ela disse tudo o que você precisava ouvir para ter sua vida e a vida da sua família mudadas. Ela apresentou Deus a você. Quer maior prova de amor do que essa? Ela se preocupou primeiro com você, com sua alma, sem nem saber o que seria dela própria.

— Acha que já não pensei em tudo isso, pai? E

PERIGOSAS ACHERON

concluí que sou um imbecil. Mas quando penso nos meus filhos...

— Seus filhos são crianças e seguirão o seu exemplo na vida. Quer ensiná-los que o amor é a resposta para tudo, ou é covardia, preconceito e ingratidão que quer passar para eles? — o pai de Olavo se levantou, bateu de leve em seu ombro e o deixou sozinho.

Bianca, que ouvia a conversa do lado de fora, entrou em seguida.

— Oi, pai. Trouxe bolo para você.

— Obrigado, filha, mas não quero.

— Não vou sair enquanto não comer.

— Tudo bem — Olavo se esforçou para sorrir e comeu um pedaço do bolo. — Está bom assim?

— Tem que comer tudo.

— Bianca, aprecio muito a sua companhia, filha, mas preciso ficar sozinho agora.

— *Tá* bom, mas coma o bolo.

Novamente sozinho, Olavo pegou o telefone e ligou para Louise. Gabi atendeu e, depois de consultar a irmã, informou que Louise não iria atendê-lo.

— Okay, Gabi, obrigado – Olavo pegou o carro e chamou os irmãos e os sobrinhos para saírem com ele. Estava decidido a não comparecer à despedida de Louise. Parou em frente à casa de Dalila e ficou ali por alguns minutos. Os irmãos e os sobrinhos fizeram silêncio absoluto, somente quando Olavo ligou o carro para saírem foi que sua irmã colocou o braço por sobre o ombro dele.

— Entre lá, Olavo. Faça Louise feliz porque sabemos que só assim você será feliz completamente.

— Entenda, eu preciso desse tempo – ele respondeu, seguindo para o parque.

Já em casa, Louise recebeu uma mensagem no celular e ficou pensativa ao ler:

“Louise, por favor, venha até minha casa, não posso sair, mas preciso falar com você. Papai não está. Aguardo...”

Bianca.

Louise estranhou e decidiu que não iria, mas seus amigos a fizeram mudar de ideia, dizendo que talvez Olavo estivesse querendo fazer uma surpresa para ela. Em poucos minutos estava pronta.

— Boa sorte, filha — Josélia a levou até a porta.
— Quando voltar, não estarei aqui. Estou voltando para Rio Bonito. Tenho um marido para perdoar.

Louise sorriu feliz e saiu depois de beijar a mãe no rosto.

Na casa de Olavo, foi recebida com festa por Ariel, que informou que o pai não estava e

PERIGOSAS ACHERON

perguntou se ela viera para ficar.

— Não, querido. Vim para falar com Bianca e depois irei embora.

— Oi, Louise. Entre, por favor – Bianca a chamou para o seu quarto.

Louise entrou devagar.

— O que quer falar comigo, Bianca?

— Sente-se – Bianca indicou uma poltrona.

— Não, obrigada. Seu pai deve voltar logo e eu não quero estar aqui quando ele chegar.

— Quero falar exatamente sobre ele.

Louise não sabia o que esperar de Bianca.

— Primeiro, preciso que me perdoe.

Louise sacudiu a cabeça.

— Estou pedindo perdão de verdade. É por minha causa que você e papai estão separados. Fui infantil e, pior do que isso, me deixei ser enganada por minha tia.

— Que bom que está bem, Bianca. Fiquei

preocupada com você.

— Obrigada — Bianca foi até Louise e a fez sentar-se. — Eu fiz tudo para separar vocês dois, mas agora peço para você não ir embora. Hoje, todos temos certeza que papai ama você de verdade e ama muito mais do que o infinito — Bianca riu. — Ele mesmo falou isso. E ele não come e não dorme direito desde que terminaram... Eu escutei uma oração dele dizendo a Deus que não sabia o que fazer sem você e que sua falta dói na alma dele. Ele e minha mãe se conheceram bastante jovens e se amavam de verdade, mas com você é diferente, é um amor maduro, seguro... Tanto que ele não pensa em ficar longe de você para sempre, ele só está um pouco perdido. Por isso chamei você aqui, para pedir que fique e espere até ele se sentir à vontade para reatarem o noivado.

Louise pensou e perguntou:

— E você, o que pensa sobre isso exatamente?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estava iludida, como já falei. Quando contei para Taís que estava consultando minha mãe, ela tentou abrir meus olhos. Falou que era algo do mal me enganando, e eu quase morri. Respondendo à sua pergunta: penso que você será uma bênção para nossa família. Deus preparou você, porque, se papai caísse nas mãos de minha tia, estaríamos perdidos. Eu amo a minha tia, mas ela ainda precisa aprender muita coisa.

— Tudo bem, Bianca. Eu amo seu pai, mas não posso ficar. Sinto muito se minha decisão decepçiona você. Vou viajar, cumprir minha agenda, depois pensarei em tudo isso. Talvez até lá seu pai já tenha me esquecido...

— Duvido muito.

— Eu trouxe o anel de noivado que ele me deu.

— Eu tentei. Se não tem jeito, o que fazer, não é? Quero que saiba que me sinto péssima com isso.

— Bianca, eu realmente preciso ir agora.

PERIGOSAS ACHERON

— Okay. Deixe o anel no escritório de papai.

Louise foi até o escritório e viu algumas fotos suas sobre a mesa de Olavo. Observou atentamente cada uma delas e viu que se lembrava de cada momento ali registrado. Antes que começasse a chorar, abriu a gaveta para guardar o anel e viu que o primeiro anel que recebera de Olavo também estava lá. Olhou para as duas joias e sentiu um aperto no coração. Elas contavam histórias lindas e tristes ao mesmo tempo. Depois, fechou a gaveta lentamente e já estava saindo do escritório quando resolveu voltar. Reabriu a gaveta e, ao ver os anéis, lembrou-se de quando fora pedida em casamento e lamentou que tudo estivesse acabando daquela forma. Pegou uma folha de papel para deixar uma mensagem para o amado, escreveu e, depois de espantar as lágrimas, recolocou os anéis nos dedos. Admirou cada um deles e pensou que Olavo sempre tivera bom gosto. Retirou os anéis dos

PERIGOSAS ACHERON

dedos e os segurou na palma da mão, pensando que eles a pertenceram em momentos diferentes, um deles fora seu por amizade e o outro por amor. *Mas acabou* – pensou, sentindo o coração tão apertado que imaginou se ele seria capaz de suportar tamanha tristeza sem sangrar, literalmente. Em seguida, foi até a porta e olhou o escritório pela última vez. Então deixou a casa em silêncio.

Capítulo 30

Olavo passou quase a noite toda em claro. Chorou e, por diversas vezes, pegou o telefone para ligar para Louise e desistiu após discar. Não sentia raiva dela nem estava mais chateado com o fato de a ex-noiva ter escondido dele a sua história. O que sentia agora, que o fazia não ter coragem de deixar a ligação ser completada, era a vergonha por ter sido intolerante, de não ter tido coragem de permitir que seu amor apagasse de uma vez a triste história que Louise vivera.

Pela manhã, cumprimentou a família e sentou-se calado para o café. Comeu apenas uma fatia de mamão e tomou iogurte de coco, seu preferido. Em seu coração, era grato a Deus por estar com a família naquele Natal, como fora em tantos outros.

PERIGOSAS NACIONAIS

Pensara, após a morte da esposa, que isso nunca mais fosse possível, que viveria numa tristeza sem fim e em solidão, mas Deus os sustentara. Sua única tristeza era em relação à Louise. O que faria depois que ela fosse embora?

— Estou pensando em reativar minha academia aqui em casa. Tenho malhado pouco e me sinto um velho – falou de repente.

— Não acho que esteja se sentindo um velho porque não tem malhado como fazia antigamente – falou sua irmã. — A verdade é que tem dormido pouco e você sabe muito bem o porquê disso.

— Verdade. E se deixar Louise partir, irá envelhecer ainda mais – o pai falou e cutucou a esposa.

— Concordo – falou a mulher.

— Não quero mais que falem sobre isso aqui. Vou me esforçar para esquecer tudo. Espero que colaborem.

PERIGOSAS ACHERON

— Com a sua infelicidade, mano? Vai mesmo até o fim com essa história boba? — o irmão de Olavo balançava a cabeça em negativa.

— Sim. E também Louise já deve estar longe a uma hora dessas. Enfim, se quiserem me ajudar com a academia... Preciso limpar a sala, os aparelhos...

— Louise ainda não foi — falou Bianca.

Olavo olhou-a sério.

— Verdade, pai. O táxi dela sai às dez horas, Estela me contou.

— E eu pedi para que se informasse disso para mim?

— Não. Mas eu queria falar, queria que soubesse...

— Já chega, Bianca! Com licença — ele jogou o guardanapo de tecido sobre a mesa e saiu decidido a reorganizar a academia.

Olhando para os aparelhos de ginástica, ouviu
PERIGOSAS ACHERON

novamente a voz da irmã insinuando que a falta de Louise estava fazendo com que se sentisse dez anos mais velho. *Preciso fazer uma viagem para me revigorar* – pensou, olhando para o enorme espelho na parede. Viu as linhas de expressão que se formavam nos lados da sua boca e sorriu ao lembrar que Louise dizia que elas o deixavam ainda mais charmoso.

“Vai ficar um senhor lindo e envelhecemos bem e felizes” – ela dissera um dia, numa praia em Fortaleza, durante uma pausa na sessão de fotos.

— Devo admitir que não preciso malhar nem viajar, é dela, de Louise que preciso... Por que, Deus? Por que a amo assim, desesperadamente?

O celular tocou em seu bolso. Era um outro executivo que se desculpava por incomodá-lo em sua folga, mas que precisava de um documento.

— Sim, está comigo. Mando para você por *e-mail* – ele saiu em direção ao escritório.

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de enviar o documento para o colega, Olavo reparou que a gaveta da sua mesa no escritório estava entreaberta. Desconfiado de que alguém estivera vasculhando seus pertences, abriu a gaveta torcendo para que Bianca e Ariel não tivessem mexido em documentos importantes.

— O que é isso? — falou sozinho. — Uma carta... de Louise?! — com o coração acelerado e as mãos suando frio, foi até a porta e trancou-a, depois sentou-se e começou a ler.

Olavo, meu grande amor...

Você é um sonho impossível,

Uma presença constante em meus pensamentos

Você é uma realidade distante

Que me maltrata e me castiga por dentro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*Você é um rumo incerto, um caminho deserto
Que me deixa rolar ao vento*

*Você é a dor do desprezo, o carinho que eu não
tenho*

A razão do meu sofrimento

*Você é um mar de saudades
Onde me encontro mergulhada a todo momento*

*Você é o orgulho que me ignora
O fim de um sonho que me leva embora...*

*Mas é o amor que eu quero ter
Para sempre dentro do meu peito.*

Louise

Olavo deixou que as lágrimas que brotaram em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seus olhos corressem por sua face cansada. Debruçado sobre sua mesa, apertava a carta contra o peito e lamentava que tivesse perdido seu grande amor. Lembrou que Louise não quisera atendê-lo no celular durante a despedida, certamente estava muito magoada e ele acabou concordando que ela não deveria mesmo atendê-lo e prolongar o sofrimento. Minutos depois, limpou o rosto e foi até a varanda onde a família preparava carne para assar.

— Por que não me disseram que Louise esteve aqui?

— Como soube? – Bianca perguntou.

— Por que esconderam isso de mim? Sabem que essa é a minha casa? *Eu* mando aqui.

— Calma, filho! – falou a mãe. — Parece transtornado.

— Ela mexeu nas minhas coisas, sabiam?

— Quem, Louise? Duvido muito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sei do que estou falando.

— Pai, eu chamei Louise aqui.

— Para quê?

— Para pedir que não fosse embora, que desse uma chance a você, mesmo você não merecendo...

— Está brincando comigo, Bianca?

— Não. Eu pedi perdão a Louise e ela me perdoou. Depois foi embora. Eu tentei, você que não fez nada para impedir que ela fosse.

Olavo olhou para a filha sem acreditar que agora ela dizia aceitar Louise.

— Você que pensa que ela foi embora. Antes, ela passou no meu escritório.

— E o que ela fez? – perguntou o pai.

— Que horas são? – ele perguntou para a mãe.

— Dez horas – a mãe de Olavo tentou ver o papel que ele tinha na mão.

— Preciso falar com Esdras – ele discou no celular.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem é Esdras? – quis saber o pai.

— É um rapaz da igreja, ele é policial – Bianca contou.

— Para que Olavo precisa da polícia, meu Deus? – a mãe ficou preocupada.

— Alô! É da delegacia? – Olavo perguntou quando alguém atendeu do outro lado.

— Sim, senhor.

Olavo pediu para falar com Esdras.

— Esdras, aqui é Olavo. Preciso de ajuda.

— Oi, Olavo! Fique calmo e me diga o que está acontecendo.

— Preciso de uma viatura policial agora.

— Sim, mas o que houve? Preciso saber do que se trata.

— Louise está indo embora e...

— Desculpe, Olavo, mas não posso enviar uma viatura para tratar deste tipo de assunto.

— Que tipo de assunto? Você não entendeu.

PERIGOSAS ACHERON

Louise está indo embora e está levando algo que me pertence.

— Calma, Olavo. Está querendo me dizer que Louise o roubou? Como assim?

— Ela esteve em minha casa ontem... Por favor, Esdras, está me fazendo perder minutos preciosos.

— Okay, Olavo... Olha, eu não deveria fazer isso, mas eu mesmo irei com Julian. Passo na sua casa já.

A família de Olavo estava chocada. Como Louise poderia estar com alguma coisa que pertencia a ele? Não a viram levando nada quando ela saía da casa dele.

— Pai, eu vou com você – Bianca correu para olhar-se no espelho.

— Vai mandar prender Louise, pai? – Ariel abraçou a avó, chorando.

— Eu vou sozinho. Não quero ninguém atrás de mim – Olavo foi até o portão e logo Esdras chegou

com Julian na viatura. — Vamos logo — ele pediu aos dois.

— Não posso acreditar. Será que Louise roubou mesmo alguma coisa de Olavo ou ele está ficando doido? — a mãe perguntou, olhando para a rua.

— Por que não vamos atrás deles? — Bianca se aproximou da tia.

— É verdade! Vamos atrás deles e matamos a curiosidade — concordou a tia.

O irmão de Olavo correu e pegou o carro dele.

— Olavo vai me matar. Ele morre de ciúme dessa *máquina*. Mas vamos mesmo assim.

— Alguém joga água no carvão ou a carne vai torrar — lembrou a mãe.

A viatura chegou à portaria do prédio de Louise e o porteiro informou que ela acabara de sair com Estela, de táxi.

— Vamos atrás. Sabe por onde foram?

— Ouvi que iriam com os pais do menino

Alessandro até a praça, no centro...

O homem não concluiu a frase porque Esdras zarpou com a viatura.

— O que Louise está levando, Olavo?

— Você verá.

— Pense, bem. Louise o ama. Não faça nada para perdê-la para sempre.

— Sei o que estou fazendo.

Encontraram alguns táxis pela rua e nenhum deles levava Louise. Já perto da praça, avistaram Louise abraçando Dalila e depois ela entrou no carro. O motorista do táxi deu a partida e Esdras ligou a sirene para conseguir passagem em meio ao tráfego que estava um pouco mais agitado por causa das festas de Natal.

Esdras alcançou o táxi do outro lado da praça. Leonel com a família, Raquel, Taís, Fernando e Andréia, e alguns irmãos que foram até lá para se despedir da modelo correram para ver do que se

tratava.

— O que aconteceu, policial? – perguntou o motorista do táxi ao ver Esdras se aproximando do carro.

— Preciso falar com a jovem que o senhor está levando embora.

— Comigo? O que aconteceu, Esdras?

— Não pode ir ainda, Louise. Por favor, saia do carro – ele ordenou, com pena da jovem.

— Pode falar agora, Esdras. Mas ande rápido, tenho um avião me esperando na capital – ela se colocou ao lado do carro.

— Não pode viajar agora, Louise, preciso que me acompanhe até a delegacia...

— Por quê? – Louise perguntou, chocada.

Gabi, Luis e Estela também saíram do táxi e se juntaram à multidão de curiosos. A família de Olavo chegou e também estava assustada.

— Esdras, o que está acontecendo? – Louise

perguntou sem saber o que pensar.

Esdras virou-se para a viatura e Olavo apareceu.

— Está levando algo que me pertence, Louise —
Olavo falou alto e o povo ficou admirado.

— O quê? — Louise contraiu o rosto. — Ficou
doido, Olavo?

— Não. Você está levando algo que me pertence
e eu quero de volta.

— Quem pensa que é, Olavo? — Luis passou à
frente da irmã. — Ou quem pensa que minha irmã
é? Não somos perfeitos, mas nunca roubamos nada
de ninguém.

— Deixa, Luis — Louise pediu que o taxista
abrisse o porta-malas e pegou uma grande bolsa. —
Está aqui, Esdras. Pode revistar — ela abriu a mala,
jogando-a no chão.

— Não está aí — Olavo gritou.

Dalila estava chocada e teve desejo de bater em
Olavo por estar expondo Louise daquela forma.

Louise abriu sua própria bolsa e olhou dentro dela.

— Também não está aí – Olavo falou de novo.

— Olavo, quer dizer logo do que se trata? Parece que está jogando com Louise! – Esdras reclamou.

— Não está ali nem aqui porque não tenho nada seu comigo – Louise sentiu a raiva crescer dentro de si.

— Tem sim – Olavo insistiu, aproximando-se.

— Está indo embora e está levando algo que você mesma disse que pertence a mim para sempre.

— O quê? – as lágrimas saltaram dos seus olhos com facilidade extrema.

— Isso mesmo, sua boba! Você está levando seu coração para longe de mim depois de ter declarado que ele é meu, e eu jamais posso permitir isso.

Louise pareceu não entender.

— Eu te amo, Louise – Olavo gritou para todos

PERIGOSAS NACIONAIS

ouvirem. — Me perdoe por ter sido medroso quando Deus estava no controle da nossa vida. Mas não posso permitir que vá. Não posso deixá-la ir para longe de mim. Não quero ser o culpado pelo fim do nosso sonho. Se o seu coração é meu e você disse isso sem pestanejar, digo o mesmo: meu coração pertence a você para sempre — ele abriu os braços, orgulhoso, e Louise, chorando e sorrindo, caminhou em direção ao amado.

— Quase me matou de susto, doido! — ela reclamou, sentindo a raiva dar lugar a uma felicidade inexplicável e impossível de ser contida.

— Quer, por favor, me entregar de uma vez o seu coração? — Olavo a tomou pela mão, recolocou o anel em seu dedo e, atraindo-a para si, a beijou com vontade, enquanto a plateia aplaudia, comemorando a vitória do amor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 31

O casamento aconteceu no último sábado de janeiro.

Olavo se emocionou quando Louise apareceu linda, vestida de branco, e percorreu o caminho até o altar, sorrindo para ele.

Ariel e uma menina da igreja, que cantava com ele no coral infantil, levaram as alianças, e, após a bênção, Taís e Alessandro cantaram uma música romântica de autoria dele. Era de tarde e o casamento aconteceu no clube da cidade, um lugar bonito e disputado, perto do rio.

— Você não para de olhar para ele — Fernando falou para a filha, que tinha os olhos vidrados em Alessandro enquanto ele tocava guitarra com sua banda, durante a festa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Taís corou.

— Gosto de como ele toca e canta.

— Sei – o pai sorriu. — Parece que não tem jeito, terei...

— Agora sou eu quem não quer, pai. Nem que você permita.

— Por que, querida? – Andréia segurou a mão da filha.

— Ele recebeu uma proposta para gravar um CD, vai virar cantor, aliás, ele já é e dos bons. Vai começar a viajar e não quero ficar aqui morrendo de saudades. Prefiro esquecê-lo.

Os pais se entreolharam e sorriram, mas não continuaram com o assunto.

— Oi, garotinha linda!

Gabi se voltou para ver quem falava com ela.

— Oi! – ela sorriu.

PERIGOSAS ACHERON

— Está linda a festa de Louise, não?

— Está, sim.

— Sabe que trabalho com sua irmã? Fui eu quem a lançou para o estrelato.

— Tem certeza? Até onde eu sei, foi Olavo quem levou Louise para gravar o primeiro comercial.

Gabi estava se dirigindo ao banheiro, já quase no fim da festa no clube, quando Dominique apareceu.

— Ah, sim, mas eu gravei a propaganda – ele mentiu.

— Que legal. E como é seu nome?

— Meu nome é Dominique. Posso fazer de você uma estrela tão famosa quanto ela.

— Saia daqui! – Gabi exclamou com o coração acelerado. — Ou vou gritar.

— Por quê?

— Sei quem é você, o bandido que mentiu para

Louise.

— Calma, ela já me perdoou. Ela não te contou, não? — ele se aproximava de mansinho.

— Sai daqui — Gabi olhava para os lados procurando por alguém, mas não encontrou. Começou a correr gritando por socorro.

Dominique a alcançou rapidamente e a agarrou, tapando a boca da adolescente.

— Fique quietinha, se não quiser morrer. Preciso de dinheiro e sua irmã vai me dar se quiser ver você de novo.

Louise já estava na casa de Olavo, preparando-se para viajarem, quando recebeu a ligação de Dominique.

— Ela ficará bem se você vier comigo e sozinha. Aproveite que as famílias ainda estão curtindo a
PERIGOSAS ACHERON

festa e saia para me entregar o dinheiro.

— Não! — Louise exclamou, sentindo que estava entrando em pânico. Deixou um bilhete para Olavo, que estava no banho, e correu levando o cartão de crédito e o celular na mão. — Não faça mal a ela, Gabi é só uma criança. É a mim que você quer.

Dominique a encontrou na rua e a fez entrar no carro.

— Rápido. Estou com pressa. Preciso fugir do país.

— Por favor, onde minha irmã está?

— Só saberá se eu conseguir pegar o dinheiro.

Olavo saiu do banho e gelou ao ver o recado de Louise. Ligou para Esdras e pediu que ele não fizesse alarde.

— Okay. Vou chamar algumas viaturas e iremos atrás — Esdras estava ainda na festa, acompanhado de Débora, a pianista da sua antiga igreja. Eles estavam namorando firme agora. Ele contou o que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava acontecendo com Louise e Gabi. — Estamos indo atrás delas. Façam orações, porque Dominique é um bandido perigoso.

Mirela ficou desesperada pela amiga, e Giovani se prontificou a ir junto.

Josélia, ao lado do marido, já perdoado, juntou as mãos para orar, e Luis, acompanhado de Raquel, a imitou. Em poucos segundos, todos que ainda curtiam a festa faziam orações.

Esdras e outros policiais dirigiram-se para o banco de Louise, mas Olavo falou que certamente Dominique a levaria para fazer a retirada do dinheiro em outra cidade para ganhar tempo.

— Tem razão — Esdras mandou uma viatura para o banco e ele, Julian, Olavo, Giovani e outra viatura seguiram para a estrada principal.

Pelo rádio, o policial da viatura que foi verificar no banco de Louise avisou que não havia ninguém lá.

PERIGOSAS ACHERON

— Calma, Olavo. Dominique não poderá ir longe. Hoje é sábado e ele não conseguirá fazer uma retirada grande no caixa eletrônico.

Depois da saída da cidade, avistaram Dominique em um posto, abastecendo o carro. Assim que viu a polícia, Dominique arrancou com o veículo, saindo sem pagar.

— Vadia. Avisei para não chamar a polícia. Sua irmã pagará por isso.

Louise chorava.

A perseguição começou e Dominique dirigia em alta velocidade, desesperado para não cair nas mãos da polícia. Quando ultrapassou um ônibus, acelerou ainda mais e viu que um carro vinha em sentido contrário. Freou bruscamente e tentou voltar para a sua mão, mas perdeu o controle. Louise só teve tempo de gritar para que Deus a ajudasse, antes que o carro capotasse algumas vezes.

Esdras estacionou longe. Ele, Olavo e Giovani

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seguiram correndo em direção ao carro de Dominique. Faltavam poucos metros para chegarem quando uma chama apareceu saindo do carro.

— Louise! — Olavo chamou.

Chocados, ele e os dois homens assistiram o carro incendiar e em seguida explodir.

— Não! — Olavo gritou, jogando-se ao chão.

Esdras e Giovani seguraram Olavo.

— Não vá até lá, Olavo.

— Por favor, me larguem, quero ver minha esposa — chorava ele.

Julian correu com o extintor na mão e um outro policial o imitou. Também outros motoristas, que haviam parado por causa do acidente, ajudaram a controlar o fogo.

PERIGOSAS ACHERON

— E então? — Olavo perguntou, aproximando-se sem querer ver o interior do veículo.

Julian balançou a cabeça e contraiu os lábios.

— Não! Por favor, não! — Olavo se desesperou.

— Calma, Olavo — falou Julian. — Dominique está no carro e está muito ferido, talvez esteja morto, mas Louise não está aqui.

— Como disse? — Olavo foi até o carro e sentiu o estômago revirar ao olhar para o estado de Dominique.

— Por favor, procurem minha esposa.

Esdras ouviu alguém tossindo e encontrou Louise de bruços na mata, na beira da estrada.

— Ela está aqui! — ele gritou.

Olavo correu para a esposa e a agarrou, querendo erguê-la, mas Esdras o orientou a deixá-la como estava, talvez tivesse alguma fratura e poderia piorar se ele a tirasse do lugar.

— Eu estou bem — Louise falava baixinho. —

Consegui sair do carro e engatinhei até aqui, imaginando que fosse explodir, como nos filmes.

— Você é demais, amor! — Olavo beijou a esposa.

Uma ambulância chegou e primeiro os paramédicos verificaram Dominique. Olavo ouviu quando um deles disse que o rapaz estava morto. Em seguida, Louise foi posta na ambulância e levada ao hospital.

Na sala de espera, Olavo recebeu uma ligação de Josélia, avisando que Gabi fora encontrada trancada numa sala usada como almoxarifado, nos fundos do clube, e estava bem.

— E então, como ela está, doutor? — ele perguntou ao médico que atendera Louise.

— Ela está bem. Incrivelmente bem.

— Ela pode viajar? Para a nossa lua de mel...

O médico sorriu.

— Pode sim. Pelo que me contaram, ela viveu

um milagre hoje.

— Ela é um milagre, doutor! — Olavo sorriu para a esposa e levou-a para o hotel.

Dalila e o marido estavam em casa, sentados na sala, comentando sobre os últimos acontecimentos.

— Agora só falta sair o CD de Alessandro. Ele ficou muito feliz com a notícia de que terá uma empresária.

— Verdade. Ele só não está mais feliz porque Taís não dá uma chance a ele.

— Mas Alessandro é insistente. Um dia ela acabará cedendo — garantiu a mãe. — Ele me disse que a ama de verdade, ela não resistirá.

— Falando nisso, já é tarde. Passa das dez.

— Alessandro estava esperando que os amigos fossem embora para depois vir para casa. Sabe como são esses jovens, quando se juntam, ninguém

separa. Se bem que eu penso que ele tentaria falar com Taís mais uma vez, hoje, aproveitando que houve o casamento... Ela pode estar amolecida com o clima de amor no ar.

Permaneceram na sala por mais um tempo e já estavam sonolentos quando ouviram que Alessandro chegava. Ele cantava a música de sua autoria que tinha cantado no casamento. Parecia muito entusiasmado, cantando mais alto do que de costume, até além do tom da música, e os pais temeram.

— Ah, meu Deus, de novo, não! — Dalila exclamou.

— Calma, meu amor.

Teria Alessandro bebido de novo?

— Oi, pai, oi, mãe! — ele saudou, entrando na sala. — *Nãnãnã... nãnãnã... Nosso amor, nosso amor... vem de Deus o nosso amor* — ele parou de cantar ao ver a expressão esquisita dos pais. — O

PERIGOSAS NACIONAIS

que houve?

— Tudo bem, Alessandro? — o pai perguntou, cauteloso.

Então ele entendeu.

— Ah, sim... estou cantando e eufórico, né? Mas não bebi, não. Nunca mais beberei. *Estou embriagaaaaaadoooo!* — ele cantarolou abrindo os braços e caminhou sorrindo em direção aos pais. — Estou embriagado de amor — ele os beijou. — Estou feliz e serei o próximo a me casar. Taís me disse sim! — Alessandro contou. — Isso me deu coragem para falar com o *sograo*, que, é claro, concordou com o namoro.

Esdras juntou-se a eles contando que também pedira a pianista Débora em casamento e ela aceitara. A família se abraçou, completamente feliz e agradecida pelos sonhos que começavam a se realizar depois de tanto sofrimento.

PERIGOSAS ACHERON

Olavo reservou uma grande suíte num dos hotéis do grupo do qual era sócio, na capital. Ele saiu do banho primeiro e esperou por Louise na sala principal. Quando ela apareceu, linda, numa camisola branca, ele sorriu para ela, ansioso, como se fosse a primeira vez.

— Eu te amo, Louise — ele falou, puxando-a para si.

— Também amo você, meu amor — Louise recebeu o beijo do marido e ele a tomou nos braços. — Sorria — ela pediu. — Amo seu sorriso. A primeira vez que o vi sorrir, fiquei nas nuvens, e ainda hoje você me arrebatava cada vez que sorri. Sei que será assim para sempre.

Olavo caprichou no sorriso e falou em seguida.

— E eu me apaixonei por você quando a vi entrar naquele bar aquela noite. Estava tão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assustada que cortou meu coração. Tive de me controlar para não agarrá-la mais tarde no hotel — mais uma vez ele a beijou. — Amanhã, a esta hora, estaremos em Paris, mas agora você é toda minha. Vou realizar todos os seus sonhos enquanto viver, se Deus quiser.

— E eu sei que Ele quer — falou Louise.

Eles se beijaram longamente.

— Minha esposa linda! — ele falou baixinho, no ouvido dela.

— Meu amado, dono do meu coração — ela também sussurrou para ele.

Olavo caminhou com a esposa no colo até o quarto, fechou a porta e controlou a luz, deixando-a bem fraquinha.

Seria a primeira das muitas noites de amor que teriam em toda uma vida juntos, e descobririam, dia após dia, que com Deus, a fonte inesgotável de amor, os sonhos nunca têm fim...

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimento...

Sonhos são grandes motivadores para o sonhador e para os que o rodeiam. Com capacidade de mudar perspectivas, comportamentos e convicções, os sonhos que recebem atenção e cuidado, têm mudado vidas e gerações, e, quando colocados nas mãos de Deus, têm o poder de fazer milagres acontecerem, alguns imediatos, outros que serão conhecidos na eternidade, mas, em ambos os casos, há a certeza da plenitude da Vontade Soberana sendo realizada, e isso é o que realmente importa.

Eu tenho sido um sonhador, e junto comigo, há outros que oram, torcem, trabalham e esperam que os sonhos se concretizem, dando-me força e glorificando a Deus em tudo. A estes sou grato e destaco aqui:

Meus pais, por me permitirem o direito de existir e de conhecer a Deus.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha esposa Kelly, sem dúvida a minha maior incentivadora, mesmo em dias nos quais os sonhos parecem morrer, junto com minha filha Joana, me faz ver além dos sonhos e crer num futuro onde eles já são realidade.

Minhas irmãs, cunhados e sobrinhos pela amizade e por sonharem comigo independente das circunstâncias.

Meus sogros e cunhados por me receberem em amor e por me permitirem continuar sonhando.

Meus (poucos) amigos de perto e os (tantos) amigos de longe, escritores, leitores e cantores espalhados pelo Brasil, que me inspiram novos sonhos.

A minha editora Upbooks que tem tido visão dos sonhos de Deus e tem se esforçado para ser um canal de realizações celestiais na terra, nas pessoas de Carla Montebeler, escritora, editora, pastora e amiga que não mede esforços para ser bênção e Pr. Eneas (Chefe) Francisco, diretor da Upbooks, obrigado por me receberem com tanto carinho e dedicação e por darem asas maiores aos meus sonhos.

PERIGOSAS ACHERON

Meu Deus e Senhor Jeová, o Criador de todas as artes e mantenedor de todos os sonhos, o único que merece honras e glórias por tudo o que realizo, agradeço por me chamar e usar para que os Seus sonhos sejam reais através de mim. Hoje posso dizer que somente o Senhor tem o poder de realizar sonhos.

Hezaro Viana

Compre o livro físico no site

www.upbooks.com.br